

SEGREDOS MORTAIS

ROBERT BRYNDZA

AUTOR *BESTSELLER* DE *A RAPARIGA NO GELO*

alma dos livros


PARA COMETER
O HOMICÍDIO
PERFEITO
É PRECISO TER
O ÁLIBI PERFEITO
SEGREDOS MORTAIS
ROBERT BRYNDZA
AUTOR *BESTSELLER* DE *A RAPARIGA NO GELO*
alma livros

ROBERT BRYNDZA

SEGREDOS MORTAIS

Tradução de
Ana Lourenço

alma dos livros

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.come/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
DEADLY SECRETS © Robert Bryndza 2017
© 2018 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros
Título: *Segredos Mortais*
Título original: *Deadly Secrets*
Autor: Robert Bryndza
Tradução: Ana Lourenço
Revisão: Silvina de Sousa
Paginação: Maria João Gomes
Arranjo de capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros
Imagem de capa original: Henry Steadman
Impressão e acabamento: Multitipo — Artes Gráficas, Lda.
ISBN: 978-989-8907-52-3
1.ª edição em papel: outubro de 2018
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Quanto mais o homem fala de si, mais deixa de ser ele mesmo.

Mas deixem-no esconder-se atrás de uma máscara,

e ele contará a verdade.

Oscar Wilde

1

Era véspera de Natal, já tarde, quando Marissa Lewis desceu do comboio para a plataforma em Brockley, movendo-se por entre a multidão bêbeda para a ponte pedonal. Os primeiros flocos de neve giravam preguiçosamente no ar, e a multidão estava cheia de calor e álcool, ansiosa por chegar a casa e começar as festividades.

Marissa era uma mulher deslumbrante, de cabelo preto, olhos cor de violeta e figura de ampulheta. Orgulhava-se de ser o tipo de rapariga sobre a qual as mães advertem os filhos. Regressava a casa do clube em Londres onde se apresentava como bailarina burlesca, e vestia um casaco preto comprido *vintage* com orla de pele, usava bastante maquilhagem, pestanas postiças e batom escarlate. Quando chegou aos degraus da ponte, dois rapazes à sua frente voltaram-se para trás, observando-a com avidez. Ela seguiu os olhares deles e viu que a metade inferior do casaco comprido se abrira, revelando, enquanto subia os degraus, as meias e o cinto de ligas que usara no trabalho. Parou para apertar os grandes botões de metal, e a multidão aglomerou-se em torno dela.

— Espero que seja pele falsa — resmungou uma voz.

Marissa olhou para trás e viu uma jovem escanzelada com o namorado igualmente magro. Ambos usavam anoraques velhos e a mulher tinha cabelo comprido oleoso.

— Sim, é falsa — respondeu, com um sorriso deslumbrante a mascarar a mentira.

— Parece-me verdadeira — disse a jovem.

O namorado ficou a olhar, com a boca ligeiramente aberta, para a renda e o cinto de ligas enquanto Marissa acabava de abotoar o casaco.

— Frank! — exclamou ela, arrastando-o e subindo as escadas.

A pele do casaco de Marissa *era* verdadeira. Adquirira-o por uma pechincha numa loja *vintage* de roupa em segunda mão no Soho. Comprara-o, junto com o *nécessaire* que levava enfiado no braço.

Subiu os restantes degraus e atravessou a ponte. A linha do comboio lá em baixo brilhava ao luar, e uma fina camada de neve começava a cobrir os telhados. Quando se aproximou do fim, viu que dois jovens tinham ficado para trás e a esperavam no cimo da escada. O seu coração começou a bater mais depressa.

— Posso ajudá-la? — perguntou o mais alto, oferecendo-lhe o braço. Era bonito, com cabelo ruivo e rosto rubicundo. Usava fato de três peças, sobretudo e sapatos de couro bem engraxados. O amigo era mais baixo e vestia-se quase de forma idêntica, mas não era tão bem-parecido.

— Não é necessário — respondeu.

— Os degraus estão escorregadios — insistiu ele, pressionando-lhe um braço. Estavam a bloquear metade das escadas. Ela fitou-o por um momento e decidiu que seria mais fácil aceitar ajuda.

— Obrigada — disse, e enfiou o braço no dele. O amigo mais baixo queria levar-lhe o *nécessaire*, mas ela abanou a cabeça e sorriu. O sal rangeu debaixo dos pés quando desceram, mantendo Marissa ensanduichada entre eles. Tresandavam a cerveja e a tabaco.

— A menina é modelo? — perguntou o mais alto.

— Não.

— O que quer dizer M. L.? — perguntou o amigo, indicando as letras impressas no *nécessaire*.

— São as minhas iniciais.

— E como se chama?

— Eu sou o Sid, este é o Paul — disse o mais alto.

Paul sorriu, mostrando dentes grandes amarelos. Chegaram ao fundo das escadas e ela agradeceu-lhes, soltando o braço.

— Apetece-lhe ir beber alguma coisa?

— Obrigada, mas esperam-me em casa — respondeu Marissa.

Os tipos continuavam a bloquear metade das escadas e as pessoas passavam por eles com alguma dificuldade. Ficaram parados por um momento, à espera, a sopesar as possibilidades.

— Vamos lá, é Natal — disse Sid. Marissa afastou-se, pondo os outros transeuntes entre eles. — Ou podemos dar-lhe boleia? — acrescentou, abrindo caminho para se juntar a ela. Paul seguiu-os, empurrando um rapaz para o lado. Os seus olhos redondos brilhavam, parecendo desfocados.

— Não. Preciso de ir para casa, obrigada. Feliz Natal.

— Tem a certeza? — insistiu Paul.

— Sim, obrigada.

— Podemos tirar uma fotografia consigo? — perguntou Sid.

— O quê?!

— Apenas uma *selfie*; gostamos de uma rapariga bonita e assim teremos algo para onde olhar quando estivermos frios e sozinhos na cama à noite.

A forma como a olhavam fez Marissa pensar em lobos. Lobos famintos. Pôs-se um de cada lado e inclinaram-se. Ela sentiu uma mão no traseiro quando Sid estendeu o braço com o *iPhone* e tirou uma *selfie* e depois outra. Os seus dedos começaram a percorrer-lhe as nádegas.

— Ótimo — disse ela, afastando-se. Mostraram-lhe a foto. Ela tinha os olhos arregalados, mas não parecia tão assustada como se sentia por dentro.

— A menina está realmente em forma — comentou Sid. — Tem a certeza de que não quer tomar uma bebida?

— Temos vodca, *Malibu*, vinho — enunciou Paul.

Marissa olhou para a ponte e viu que ainda havia alguns passageiros a atravessá-la. Olhou para eles e forçou outro sorriso.

— Desculpem. Não esta noite.

Olhou para uma das câmaras de vigilância acima deles, envolta na sua esfera de plástico. Eles seguiram o olhar dela. Perceberam a indireta e afastaram-se.

— Que cabra emproada — ouviu ela Paul dizer.

Ficou para trás, aliviada, a vê-los dirigir-se para um carro na berma,

mas disfarçando quando eles olharam para trás. Ouviu gargalhadas, portas a bater, e depois o motor a ser ligado. Marissa só percebeu que estivera a suster a respiração quando o carro se afastou da estação.

Exalou e viu os últimos passageiros a descer as escadas. No cimo estava um homem alto e bonito, na casa dos cinquenta, com a mulher, esta muito pálida.

— Merda — praguejou baixinho. Correu para as máquinas automáticas de venda de bilhetes e entreteve-se a olhar para um dos ecrãs.

— Marissa! Estou a ver-te! — gritou a mulher, com a voz entaramelada da bebida. — Estou a ver-te, puta! — Ouviu-se um estrépito nas escadas enquanto a mulher se apressava na direção dela.

— Jeanette! — gritou o homem.

— Deixa-nos em paz — berrou a mulher, chegando junto de Marissa, mas detendo-se sem lhe tocar. Agitou um dedo comprido, a um centímetro do rosto dela. — Fica longe dele!

Tinha os olhos vermelhos, o rosto corado e inchado, e o batom escarlate escorrera para as comissuras dos lábios.

— Jeanette! — sibilou o homem, alcançando-a e puxando-a para trás. Embora o casal tivesse mais ou menos a mesma idade, o rosto dele continuava bonito. Isso recordou a Marissa que o tempo pode ser mais benevolente com os homens.

— Faço o possível por me manter longe dos dois, mas moramos na mesma rua. É natural que os nossos caminhos se cruzem — disse Marissa com um sorriso doce.

— És uma cabra!

— Estiveste no *pub*, Jeanette?

— Sim! — rosnou ela. — Com o *meu* marido.

— Pareces sóbrio, Don. Pensei que tu é que precisavas da bebida para a aguentar.

Jeanette levantou a mão para esbofetear Marissa, mas Don agarrou-a.

— Já chega. Porque não consegues ficar calada, Marissa? Vês que ela não está bem — protestou ele.

— Não fales como se eu não estivesse aqui — barafustou Jeanette com a fala arrastada.

— Anda, vamos — disse ele. Conduziu-a quase como a uma inválida.

— Puta de merda — murmurou Jeanette.

— Nunca ninguém me pagou por sexo! — gritou Marissa. — Pergunta ao Don!

Ele virou-se e dirigiu-lhe um olhar triste. Marissa não percebeu se ele estava assim pela alcoólica da mulher, ou por si próprio. Ajudou Jeanette a entrar no carro, acomodando-a no banco do passageiro. Enquanto se afastavam, Marissa fechou os olhos à lembrança dele. Às vezes em que ele lhe batera à porta a meio da noite, quando a mãe dela dormia, e subiam para o quarto. A sensação do seu corpo quente contra a pele enquanto faziam amor…

Quando abriu os olhos, viu que os últimos passageiros tinham desaparecido nas ruas circundantes e que estava sozinha. A neve caía pesadamente e refletia as luzes em volta da estação. Marissa saiu para a rua e virou para a Foxberry Road. Nas janelas das casas brilhavam árvores de Natal e o ruído dos seus pés na neve quebrava o silêncio denso.

Ao fundo, a rua virava abruptamente à direita e a partir daí chamava-se Howson Road. Ela hesitou. À sua frente estendia-se a escuridão. Vários candeeiros estavam apagados, deixando apenas dois a iluminar um trecho de quinhentos metros ladeado por casas geminadas. Quisera percorrer aquela rua com outros passageiros do último comboio; havia sempre pelo menos duas pessoas que faziam o mesmo percurso, e assim a caminhada parecia mais segura.

No entanto, Jeanette e os dois idiotas na estação tinham-na atrasado.

Na área de becos sombrios e janelas escuras e vazias, Marissa estugou o passo até às zonas iluminadas. Ficou aliviada quando a Coniston Road saiu da escuridão, bem luminosa graças à escola ao fundo. Virou à esquerda e passou pelo recreio antes de atravessar a

rua frente ao seu portão. Este rangeu quando o abriu. As janelas encontravam-se às escuras e o minúsculo jardim da frente estava cheio de sombras. Ela tinha a chave pronta e estava prestes a enfiá-la na fechadura quando ouviu um baque suave.

— Bolas, assustaste-me, *Beaker*! — exclamou, vendo o corpo esguio e escuro do gato em cima da tampa do caixote do lixo ao lado do portão. Aproximou-se e pegou-lhe. — Anda, está demasiado frio para ficares na rua. — *Beaker* ronronou e olhou para ela com uns olhos verdes enormes. Ela encostou o rosto ao seu pelo quente. O gato pareceu dar-lhe uma trégua, depois contorceu-se nos seus braços. — Tudo bem, pequenote. — Ele saltou para o chão e atravessou a cerca para o jardim do lado.

Marissa levantou a mão para enfiar a chave na fechadura, mas o portão rangeu atrás dela. Estacou. Escutou um leve raspar e, depois, um rangido de pés na neve. Ela virou-se lentamente.

Atrás dela encontrava-se um vulto de casaco preto comprido. Tinha o rosto tapado por uma máscara de gás, e um capuz de couro preto brilhante a envolver-lhe a cabeça. Dois grandes orifícios redondos de vidro olhavam-na fixamente, e a zona do filtro alongava-lhe o rosto, pendendo logo acima do peito. O vulto calçava luvas pretas e segurava na mão esquerda uma faca longa e fina.

Marissa esforçou-se por enfiar a chave na fechadura, mas a figura correu para ela, agarrando-a pelo ombro e empurrando-lhe as costas contra a porta. A faca brilhou com o movimento e os orifícios de vidro da máscara ficaram salpicados de sangue.

O *nécessaire* caiu no chão, e Marissa levou a mão ao pescoço, só então sentindo a dor terrível do corte profundo na garganta. Tentou gritar, mas ouviu apenas um gorgolejar e sentiu a boca cheia de sangue. Levantou as mãos quando a figura cambaleou e brandiu a faca, cortando-lhe dois dedos e o tecido do casaco até aos antebraços. Ela tentou inspirar, gorgolejando e cuspindo sangue. O vulto agarrou-a pela cabeça e arrastou-a, batendo com a cara dela no pilar do portão. A dor explodiu no seu rosto e ela ouviu o osso a estalar.

Marissa tentou inspirar, mas não conseguiu; tinha os pulmões cheios de líquido. Viu, de forma quase desapegada, aquele

desconhecido arrastá-la a custo pelo chão, afastando-a do portão e levando-a para o meio do minúsculo jardim. A figura cambaleou, e pareceu prestes a cair, mas equilibrou-se. Com as duas mãos, baixou de novo a faca, esfaqueando-lhe a garganta e o pescoço. Enquanto o seu sangue era bombeado para o manto de neve e a vida deixava o seu corpo, Marissa pensou ter reconhecido o rosto através dos grandes orifícios de vidro da máscara de gás.

2

O despertador da inspetora-chefe Erika Foster tocou às sete da manhã e, das profundezas das mantas, emergiu um fino braço pálido que o desligou. O quarto estava escuro e frio, e as luzes da rua brilhavam através dos estores finos como papel que ela há três anos queria mudar, mas nunca conseguira falar do assunto com o senhorio. Rolou e destapou-se, depois foi até à casa de banho, tomou duche e lavou os dentes.

Só quando se vestiu, guardou no bolso o telemóvel, a carteira e a identificação é que se lembrou de que era dia de Natal e estava convidada para almoçar em casa do comandante Paul Marsh.

— Merda — praguejou, sentando-se na cama. Passou a mão pelo cabelo loiro curto. — Merda.

A maioria dos agentes consideraria o convite para almoçar no Natal com o comandante e a sua família um privilégio, mas a relação de Erika com Marsh era… complicada.

Acabara de investigar um caso angustiante: um jovem casal que cometera vários homicídios. Como parte do seu jogo doentio, tinham raptado as filhas do comandante Marsh, e a sua mulher, Marcie, fora atacada. Isso originara uma caça ao homem. Erika fora responsável pelo resgate das crianças, e compreendia que Marsh e Marcie a tinham convidado para lhe agradecer, mas ela só queria seguir em frente com a vida.

Levantou-se e abriu o roupeiro, olhando para a sua escassa roupa, quase toda de trabalho. Procurando entre calças pretas, camisolas e blusas brancas bem penduradas, descobriu um vestido azul sem mangas. Virando-se para o espelho por cima da cómoda, segurou o cabide sob o queixo. Descalça, Erika media um metro e oitenta. Tinha maçãs do rosto fortes e salientes, grandes olhos castanhos e cabelo loiro curto espetado.

— Chiça, estou mesmo magra — murmurou, moldando o vestido ao corpo, que antes tivera curvas. Olhou para a fotografia do falecido marido, Mark, na cómoda. — Quem precisa de fazer dieta, hein? Ser

viúva fez maravilhas pela minha cintura… — O seu humor negro chocou-a. — Desculpa — acrescentou.

Mark também era polícia. Erika, Marsh e Mark tinham estudado juntos, mas Mark morrera quatro anos antes, numa rusga à casa de um traficante. A foto de Mark fora tirada na sala de estar da casa que ele e Erika haviam partilhado durante quinze anos em Manchester. O sol entrava pela janela, refletindo-se no seu cabelo loiro curto e criando um halo dourado. O seu rosto era bonito, e o sorriso, caloroso e contagiante.

— Não sei o que dizer ao Marsh e à Marcie… só quero virar a página, sem alarido.

Mark sorria-lhe de volta.

— Azar, hein? Será demasiado tarde para inventar uma desculpa?

Sim, parecia dizer o sorriso dele. *Vá lá, Erika, porta-te bem*.

— Tens razão, não posso cancelar… Feliz Natal. — Levou um dedo aos lábios e encostou-o ao vidro.

Erika foi até à pequena cozinha/sala de estar, mobilada com um pequeno sofá, televisão e uma estante meio vazia. Em cima do micro-ondas havia uma minúscula árvore de Natal de plástico. Estivera em cima da televisão em anos passados, mas desde o advento dos ecrãs planos, o micro-ondas era o único sítio onde podia estar sem parecer ridícula. Ligou a máquina do café e abriu as cortinas. O parque de estacionamento e a estrada estavam cobertos por um tapete de neve, que tinha um brilho alaranjado sob os candeeiros da rua. Não se viam pessoas nem carros, e ela sentiu-se sozinha no mundo. Uma rajada de vento soprou, deslocando alguma neve e amontoando-a junto ao muro do estacionamento.

O telefone fixo tocou enquanto ela se servia de café. Dirigiu-se ao corredor e atendeu, à espera de um milagre e que o almoço tivesse sido cancelado. Era o pai de Mark, Edward.

— Acordei-te, querida? — perguntou ele, com o seu caloroso sotaque do Yorkshire.

— Não, já estava a pé. Feliz Natal!

— Feliz Natal para ti também. Está frio aí em Londres?

— Temos neve — respondeu ela. — Chega apenas aos tornozelos, é certo, mas é o suficiente para ser assunto nas notícias.

— Aqui, temos um metro e vinte. E em Beverley, ainda mais. —

A voz dele soava frágil e tensa.

— Tens-te mantido bem agasalhado?

— Sim, querida. Tenho a lareira acesa e, como me sinto um pouco mãos-largas, mantenho-a acesa o dia todo… É uma pena não te ver.

— Vou aí no Ano Novo. Guardei uns dias de férias.

— Puseram-te a trabalhar hoje?

— Hoje, não. Fui convidada para almoçar em casa do Paul Marsh, com a família… Depois de tudo o que lhe aconteceu, senti que não podia recusar.

— Quem?

— O Paul; Paul Marsh…

Houve uma pausa na linha.

— Sim, claro. O jovem Paul. Sempre conseguiu vender aquele *Ford Cortina*?

— O quê?

— Duvido que receba muito por ele. Está cheio de ferrugem. Consegue-se enfiar o dedo na chapa.

— Edward, do que estás a falar? — perguntou Erika.

Marsh tivera um *Ford Cortina* vermelho, mas isso fora há muito tempo, no início dos anos noventa.

— Oh, claro. Estou a fazer confusão… não dormi bem. Como estão eles, depois do que aconteceu?

Erika não sabia o que responder. Torceu o fio do telefone nos dedos. Edward tinha quase oitenta anos, mas até ali mostrara-se sempre muito lúcido.

— Ainda passou pouco tempo. Não os vejo desde…

Ouviu a chaleira apitar em fundo.

— Dá-lhes os meus cumprimentos, está bem?

— Claro.

— Vou desligar, querida. Só preciso da minha chávena de chá matinal e de acordar. E de abrir as minhas prendas. Fica bem e feliz Natal.

— Edward, de certeza que está tudo bem? — começou Erika, mas ele desligara.

Olhou para o telefone durante um momento, depois foi até à janela. A mansão vitoriana em frente era grande e ornamentada e, como o resto das casas da rua, fora transformada em apartamentos. Havia várias luzes acesas e numa das janelas viu um casal com duas crianças a abrir os presentes em volta de uma grande árvore de Natal. Uma mulher com um casaco grosso avançava a custo pelo passeio, de cabeça baixa por causa da neve, puxando um pequeno cão preto. Erika voltou para junto do telefone e levantou o auscultador, depois pousou-o novamente.

❁

Arranjou-se e saiu de casa pouco antes das onze. Nevava bem, e a rua estava bastante calma, com as lojas fechadas; viu algumas crianças a atirar bolas de neve umas às outras.

Ao passar de carro pelas lojas junto à estação de comboios de Crofton Park, o trânsito fico mais intenso e lento, e depois parou. Os limpa-para-brisas faziam barulho ao limpar a neve seca. Mais à frente, apercebeu-se das luzes azuis da polícia. Isso animou-a um pouco; fê-la pensar em trabalho. O trânsito avançou um pouco, e logo após a Crofton Park School, uma das ruas à esquerda estava cortada por dois carros-patrulha e fita. O detetive John McGorry conversava com dois agentes junto à fita esvoaçante. Quando Erika se aproximou, buzinou e eles olharam.

— O que se passa? — gritou ela, descendo o vidro.

Uma rajada de neve entrou no carro, mas ela não ligou. McGorry levantou as lapelas do sobretudo preto e aproximou-se. Era um jovem bonito de vinte e poucos anos, com cabelo escuro e franja. Tinha pele macia e clara, e as faces ruborizadas do frio. Quando chegou junto da janela dela, afastou o cabelo com uma mão enluvada.

— Feliz Natal, chefe. Vai a algum sítio bonito? — perguntou, vendo que ela aplicara maquilhagem e pusera brincos.

— A um almoço… o que se passa?

— Uma jovem foi encontrada esfaqueada à porta de casa. Quem fez aquilo passou-se, há sangue por todo o lado — respondeu McGorry, abanando a cabeça. O tráfego começou a avançar e ele recuou para o passeio, esperando que Erika arrancasse. — Bom almoço; eu esperava estar de folga agora. Vai amanhã?

— Quem é o inspetor-chefe de prevenção hoje?

— O Peter Farley, mas está num esfaqueamento triplo em Catford. As pessoas parecem não parar de se matar apenas porque é Natal.

O carro à frente afastou-se e uma carrinha atrás apitou. Erika pensou que o cenário de um crime era bem mais apelativo do que o almoço de Natal com Marsh. A carrinha buzinou de novo. Ela meteu a primeira e subiu o passeio, fazendo McGorry dar um salto para trás. Pegou na identificação e no casaco e saiu.

— Mostre-me a cena do crime — pediu.

3

Erika mostrou a identificação, e ela e McGorry passaram sob a fita da polícia. Avançaram pela rua, ladeada por casas decrépitas, os vizinhos a observá-los das respetivas portas, alguns já vestidos, outros de pijama, atentos à barreira montada na extremidade da rua e à outra onde vários agentes fardados se aglomeravam.

Erika teve alguma dificuldade em acompanhar McGorry, pois os sapatos de salto alto que calçara para o almoço de Natal escorregavam no passeio gelado. Desejou que o tempo estivesse quente para poder descalçar-se.

— É o pior dia para fechar a rua; já tivemos de mandar embora pessoas que vinham visitar familiares… — Olhou para trás e viu Erika apoiada a uma parede próxima enquanto avançava cuidadosamente.

— O que foi? — perguntou ela quando alcançou McGorry, que a observava.

— Nada. Trouxe saltos altos — comentou ele.

— Excelente trabalho, detetive.

— Não, está bestial. Quero dizer, elegante, muito bonita…

Erika franziu o sobrolho e fez menção de se afastar da parede, mas escorregou. McGorry agarrou-a quando estava prestes a cair.

— Quer segurar-se no meu braço? — perguntou ele. — A casa fica ali ao fundo.

— Nem por isso, mas pode ser mais rápido. E não quero espalhar-me ao comprido diante dos agentes.

Apoiou-se no braço dele e avançaram mais devagar.

— Eu usei saltos uma vez — disse McGorry.

— Ai sim?!

— Saltos agulha de doze centímetros. Quando estava em Hendon, organizámos um espetáculo de Natal beneficente. Fiz o papel de Lady Bracknell em *A Importância de Se Chamar Ernesto*.

Apesar do constrangimento, Erika sorriu ao avançar pelo gelo.

— Saltos agulha de doze centímetros? Lady Bracknell não era uma senhora vitoriana idosa e emproada?

— Calço o quarenta e sete. Foram os únicos sapatos de salto alto que consegui encontrar que me servissem — disse ele, indicando os seus sapatos grandes.

— Quanto dinheiro conseguiram angariar?

— Quatrocentas e setenta e três libras e cinquenta…

— Então, vá, mostre-me um pouco da sua Lady Bracknell — pediu Erika.

— *Uma mala?* — brincou ele, imitando o *vibrato* de uma idosa da classe alta.

Erika abanou a cabeça e sorriu.

— Ainda bem que não desistiu do trabalho diurno.

Soltou o braço dele quando chegaram à fita seguinte, frente a uma casa geminada perto do fim da rua. Um muro baixo e uma sebe alta e coberta de neve ocultavam o jardim da frente, e através do portão aberto viram um monte de técnicos forenses de macacão de papel azul. A agente junto à fita olhou para a identificação de Erika.

— Já chamámos um inspetor-chefe. Está atrasado, num esfaqueamento triplo em Cat… — começou ela.

— Bem, ele não está aqui, e eu estou — interrompeu Erika. A agente assentiu e levantou a fita. Aproximaram-se da carrinha estacionada rente ao passeio. Outra agente, de meia-idade, sisuda, com um *piercing* no nariz e cabelo grisalho curto, entregou a cada um deles um macacão. Despiram os casacos, pondo-os em cima da carrinha.

— Caramba, está um gelo! — exclamou McGorry, vestindo o macacão por cima do fato.

— Chegou aos doze negativos esta noite — disse a agente. Erika apoiou-se à carrinha, equilibrada num pé, e vestiu o macacão, mas o salto esquerdo prendeu-se e rasgou a perna quando o puxou para cima.

— Merda!

— Eu guardo isso num saco, tem aqui outro — disse a agente. Erika pegou-lhe e vestiu-o, mas a cena repetiu-se. — Devia estar de sapatos rasos, especialmente num dia como este.

Erika fitou-a furiosa, e McGorry desviou educadamente o olhar enquanto ela pegava no terceiro fato e o enfiava com êxito. Subiu o fecho, e ambos cobriram a cabeça com o capuz. Puseram as proteções nos sapatos, Erika, mais uma vez, com alguma dificuldade, mas assim que ficaram prontos, aproximaram-se do portão da frente e entraram no minúsculo jardim.

Isaac Strong, o patologista forense, trabalhava no pequeno espaço com dois assistentes. Era um homem alto e magro com quarenta e poucos anos. O cabelo castanho-escuro ralo espreitava sob o capuz do macacão. Tinha sobrancelhas longas e finas, o que o fazia parecer constantemente intrigado.

Sob a janela, jazia, de barriga para cima e salpicado de sangue, o corpo de uma jovem. Tinha um casaco preto comprido aberto. A temperatura negativa da noite dera ao sangue derramado a consistência de um gelado vermelho-rubi. Tinham-lhe cortado a garganta, e era aí que o sangue estava mais concentrado, espalhando-se numa poça por baixo dela. Ensopara-lhe o vestido caicai verde com uma racha na perna esquerda que revelava meias pretas e cinto de ligas, e salpicara a janela e o peitoril.

— Bom dia, feliz Natal — disse Isaac, abanando a cabeça.

O cumprimento ficou a pairar, incómodo. Erika olhou para o rosto da jovem. Exibia uma expressão de medo. Tinha os lábios arrepanhados e um dos dentes da frente estava partido perto da gengiva. Os olhos, embora já enevoados, eram cor de violeta e lindos, mesmo na morte.

— Sabemos quem é? — perguntou Erika.

— Marissa Lewis, de vinte e dois anos — respondeu Isaac.

— É uma identificação formal?

— A mãe descobriu o corpo esta manhã e há uma carta de condução na carteira dela.

Erika acocorou-se para ver melhor. Havia um *nécessaire* com as iniciais «M. L.» meio enterrado na neve próximo da cerca, e perto um sapato preto de salto alto. Ambos tinham ao lado números de plástico.

— Alguém tocou no corpo?

— Não — respondeu McGorry. — Fui o primeiro a chegar, com um agente fardado. A mãe encontrou-a e disse que não tocou em nada.

— Sabes a hora da morte?

— O frio vai dificultar isso — disse Isaac. — A garganta foi cortada com uma lâmina bem afiada, resultando em cortes profundos nas duas carótidas de cada lado do pescoço. Podes ver que isso originou uma perda de sangue rápida, e ela deve ter-se esvaído depressa. Tem o indicador da mão direita quase decepado e há lacerações no polegar, no dedo médio e nos braços, o que indica que ergueu as mãos para se defender.

— Não há como sair do jardim, a não ser pelo portão ou pela porta da frente — disse McGorry.

Erika viu que, além da janela, a porta também tinha sangue coagulado na tinta azul desbotada.

— São as chaves dela? — perguntou, vendo várias num porta-chaves em forma de coração.

— Sim — respondeu McGorry.

Erika fechou os olhos, imaginando a mulher a ser atacada por um maluco com uma faca naquele pequeno espaço. Abriu-os novamente e olhou para o rosto de Marissa.

— Ela tem o nariz partido — observou.

— Sim. E a face esquerda. Também encontrámos o dente da frente, cravado no poste do portão — disse Isaac.

Erika e McGorry viraram-se para lá, e viram um marcador numerado fixo a meia altura. A neve agarrava-se aos tijolos. Ao lado havia um contentor do lixo com rodas e uma caixa de reciclagem cheia de garrafas vazias de vodca. Erika virou-se e olhou para a casa. As cortinas estavam fechadas, não havia luzes acesas.

— Onde está a mãe?

— Na casa da vizinha — respondeu McGorry, indicando uma casa do outro lado da rua.

— E temos a certeza de que a vítima mora aqui? Não veio visitar a mãe no Natal?

— É preciso verificar isso.

— Vai ser difícil movê-la — disse um dos assistentes de Isaac, que acabara de tirar a neve das pernas salpicadas de sangue.

— Porquê? — perguntou Erika.

Ele olhou para ela — um homem pequeno com grandes olhos castanhos intensos. Apontou para a grande poça de sangue congelado sob o corpo.

— Por causa do sangue. Ela está colada ao chão.

4

Isaac aproximou-se do portão com Erika. Olhou para as nuvens baixas e cinzentas.

— Tenho de a tirar daqui antes que o tempo piore; vem aí mais neve — disse ele.

Ela olhou na direção do corpo; os assistentes de Isaac estavam cuidadosamente a libertá-la do solo gelado e encharcado de sangue. Erika sentiu os habituais horror e excitação perante o local de um crime. Grande parte da sua vida estava fora do seu controlo, mas tinha o poder de descobrir quem fizera aquilo. E iria encontrá-lo.

— Quando achas que podes fazer a autópsia?

Isaac encheu a boca de ar e soprou.

— Desculpa. Daqui a dois dias. Tenho outras à frente; nesta altura do ano, há muitas mortes suspeitas. E já te disse? Mudei de poiso. Agora trabalho na morgue do Lewisham Hospital.

— Desde quando?

— Desde que a morgue em Penge foi vendida a um empreiteiro. Puseram um grande cartaz a anunciar os Parkside Peninsula Apartments há algumas semanas, e mudámo-nos na semana passada. Está a causar todo o tipo de atrasos.

— Parkside Peninsula Apartments, Penge — repetiu Erika, arqueando uma sobrancelha.

Isaac imitou-a.

— Ah, e outra coisa — disse ele. — Os salpicos de sangue. A pessoa que fez isto ficaria coberta de sangue e teria uma arma na mão, mas as gotas terminam abruptamente no portão.

— Achas que limpou a faca? Ou tinha um veículo estacionado perto do portão? — perguntou Erika.

— Isso cabe-te descobrir — respondeu Isaac. — Digo-te qualquer coisa quando fizer a autópsia. — Voltou para junto do corpo.

Erika e McGorry despiram os macacões, entregaram-nos e

passaram por baixo da fita da polícia. A seguir abotoaram os sobretudos. Acabara de chegar uma grande carrinha de apoio que tentava estacionar junto ao passeio. Um dos carros-patrulha avançara para lhe dar espaço, e ficara preso na neve, as rodas a girar em vão.

— Então, estamos à procura de alguém que podia ter um carro — disse Erika. — Chegou e partiu no veículo. Mas de onde? — Erika observou a rua toda. A casa ficava na extremidade, e existia uma viela ao lado. Dava para os jardins das traseiras das casas da Howson Road, paralela à Coniston Road. — Quero começar o porta a porta o mais depressa possível. Deve haver muita gente em casa no dia de Natal. Quero saber se alguém viu alguma coisa, e preciso das informações dos suspeitos da zona: infratores violentos, qualquer pessoa com condenações prévias ou em andamento.

Dois agentes ajudavam a empurar o carro-patrulha. O motor rugiu e as rodas giraram no mesmo sítio.

— No fim da rua paralela a esta existe uma ponte ferroviária que liga ao Fitzwilliam Estate — disse McGorry.

Erika assentiu.

— Vale a pena incluí-lo no porta a porta, mas quem for lá tem de ter cuidado. — Sabia que o Fitzwilliam Estate, como muitos prédios camarários em áreas pobres, era perigoso. Olhou para as vielas nas traseiras das casas geminadas. — E temos de verificar se algum portão dá para as vielas…

Afastaram-se quando o carro-patrulha se libertou da neve. Passou por eles a grande velocidade, virou à direita no fim da rua e estacionou frente à escola. A carrinha de apoio ocupou o lugar vago e desligou o motor. No silêncio súbito ouviram o clique do obturador de uma máquina fotográfica. Erika virou-se para McGorry.

— Ouviu aquilo? — murmurou.

Ele assentiu. Olharam para as janelas em volta, mas não viram nada. Escutaram um restolhar. Erika virou-se e olhou para os ramos de um carvalho alto do outro lado da rua, ao lado do gradeamento da escola. Um jovem na casa dos vinte deslizava por eles. Pousou no gradeamento e desceu para a viela. Tinha um ar desgrenhado, cabelo loiro comprido e uma máquina fotográfica com uma teleobjetiva

pendurada ao pescoço. Olhou para Erika e McGorry, e correu para a viela coberta de neve.

— Ei! Pare! — gritou Erika.

McGorry foi atrás dele, e Erika seguiu-o. O jovem usava um casaco comprido que adejava enquanto corria. Saltou para a tampa de um caixote do lixo e transpôs um muro com árvores altas atrás. Segundos depois, McGorry chegou ao caixote, levantou o casaco e içou-se com dificuldade. Erika avançou a custo, enquanto McGorry se agarrava a um ramo coberto de neve e subia para o muro.

— O que há aí…? — começou ela, mas ele saltou e aterrou do outro lado com um baque e um grito. Os ramos acima do muro balançaram, desalojando a neve, e depois ficaram imóveis. Erika ouviu mais gritos e, instintivamente, estendeu a mão para o rádio no bolso, mas não estava lá. Olhou para a viela, e a rua do crime parecia distante.

— Merda, se ele partiu alguma coisa… — murmurou, pensando na quantidade de papelada que teria de preencher. Afastando o pensamento, descalçou os sapatos e enfiou-os nos bolsos do sobretudo, antes de o levantar para se pôr em cima do caixote do lixo.

A tampa de plástico dobrou-se e inclinou-se com o seu peso. Ela pôs a perna no muro e agarrou-se a um ramo para se firmar, soltando mais neve que lhe caiu na cabeça. No lado oposto, o chão era mais alto, e Erika caiu suavemente numa zona cheia de folhas entre o muro e as árvores. Tornou a calçar-se e saiu do meio das árvores para um grande jardim coberto de neve. Viu dois conjuntos de pegadas e dois barracões, uma estufa e a seguir um longo túnel de polietileno para proteger plantas. Os muros altos do jardim abafavam os sons do trânsito vindo das ruas vizinhas.

McGorry avançava lentamente na direção dos barracões. Virou-se para Erika e levou um dedo aos lábios, apontando para o segundo barracão, mais próximo da casa. Ela assentiu. A casa era grande mas deteriorada. Tinha as janelas de guilhotina sujas e a tinta a lascar. Um portão alto no canto estava bloqueado por caixotes do lixo a transbordar. A porta das traseiras tinha um pequeno alpendre com degraus até ao jardim cheios de vasos de plantas.

Quando Erika parou junto de McGorry, de dentro da casa chegou-

lhes uma cacofonia de relógios a dar as horas. O rapaz loiro apareceu atrás do barracão e correu de novo para o muro. McGorry foi mais rápido, e derrubou-o. Erika correu até eles, mas perdeu um dos sapatos e caiu na neve.

— Acalme-se! — gritou McGorry enquanto o rapaz se debatia, desferindo socos e acertando uma vez no rosto de McGorry.

— Saia de cima de mim! — exclamou o jovem.

Era magro, de rosto esguio e feroz e olhos azuis demasiado afastados. Erika levantou-se, perdendo o outro sapato. McGorry continuava a tentar controlar o jovem, que esperneava, e, em seguida, conseguiu enterrar o rosto de McGorry na neve. Este esbracejou e agarrou a máquina fotográfica, apertando a correia em volta do pescoço do rapaz. Este soltou a nuca de McGorry e agarrou a correia que lhe apertava o pescoço.

— Para trás! — gritou uma voz. — Solte-o!

Uma mulher corpulenta e idosa de macacão cor de laranja surgira nos degraus do alpendre, empunhando uma caçadeira. Tinha cabelo grisalho pelos ombros e usava óculos enormes que lhe ampliavam os olhos. Apontou-lhes a arma e avançou na direção deles através da neve.

Erika levantou as mãos. Os olhos da idosa pareciam enlouquecidos, e ela sentiu que a situação se agravara de súbito. McGorry tossiu e cuspiu neve, ainda a segurar a correia com força. O jovem tentava freneticamente aliviar a pressão sobre a garganta.

— John, solte-o! — gritou Erika. McGorry obedeceu, e o rapaz caiu sobre a neve, tossindo. — Sou a inspetora-chefe Erika Foster, da Polícia Metropolitana de Londres, e este é o inspetor John McGorry. Podemos mostrar-lhe a identificação, mas tem de baixar a arma… agora.

A mulher olhou, ansiosa, entre Erika e McGorry, mas não baixou a caçadeira.

— Estão a atacar o meu filho e invadiram a minha propriedade!

— Somos da polícia e o seu filho entrou sem autorização na cena de um crime e tirou fotografias — disse Erika. Perguntou a si mesma

do que seria capaz a mulher.

— Joseph! Afasta-te deles! — gritou a mulher, ainda a apontar-lhes a arma.

Joseph tossiu e cambaleou para ela, com o casaco coberto de neve.

— Elspeth! — gritou outra voz. Um idoso surgiu atrás dela na porta das traseiras. Parecia um professor universitário excêntrico e usava capa azul e um gorro pontilhado de lantejoulas. Tinha uma lupa presa à cabeça com uma faixa que lhe aumentava um dos olhos. — Elspeth, baixa isso imediatamente!

— Somos polícias e podemos mostrar-lhe a identificação — disse Erika, com o coração a bater acelerado. Sentia-se estúpida por se ter metido naquela situação e estava descalça. Tinha os pés dormentes do frio. O homem tirou delicadamente a espingarda a Elspeth e abriu o cano.

— Não está carregada — disse ele, pousando-a no braço como um guarda-caça. — E temos licença para ela.

— Meu menino, meu menino! — exclamou Elspeth, que puxara Joseph para si e o examinava, passando-lhe as mãos pelo pescoço e olhando-o nos olhos. — Magoaram-te? Estás bem?

Joseph parecia um pouco atordoado e em choque.

— Porque estava a arma tão à mão? — perguntou Erika.

McGorry apoiara-se sem fôlego nos joelhos e cuspia neve.

— Se fizerem o favor de entrar, senhores agentes, podem secar-se e juntos podemos resolver isto — disse o homem.

5

Erika e McGorry limparam os pés no alpendre e sacudiram a neve dos casacos. A seguir entraram numa cozinha quente e aconchegante. Elspeth cuidou de Joseph como se ele fosse criança, guiando-o para uma das cadeiras junto à mesa de madeira comprida. McGorry aproximou-se da lareira acesa ao canto. O aposento estava decorado como uma cozinha rural, com um louceiro e um grande *Aga* verde, do qual emanava um delicioso cheiro a peru.

— Já tens um vergão a aparecer! — gritou Elspeth, inclinando a cabeça de Joseph para um lado. Ele continuou agarrado à máquina fotográfica e franziu o cenho a Erika e a McGorry.

— Sentem-se, senhores agentes — disse o homem, puxando mais cadeiras para a mesa.

— Posso ver a sua licença de porte de arma? — perguntou Erika, ignorando a cadeira.

— Com certeza — respondeu ele, encostando a caçadeira perto da lareira e indo até uma gaveta do louceiro.

— É uma arma de fogo legal — insistiu Elspeth, ajudando Joseph a tirar o casaco molhado e pondo-lhe uma toalha em volta dos ombros. Erika reparou que ele não queria largar a máquina, mesmo quando a mãe tentava tirar-lhe os braços do casaco.

— Qual o seu nome completo?

— O nome de família é Pitkin. Eu sou o David, estes são a Elspeth e o Joseph. Deduzo que não esperava estar de serviço hoje? — comentou ele, levantando os olhos da gaveta. Indicou os sapatos deformados e ensopados de Erika.

— Deduz bem.

— Ia para algum sítio agradável?

Erika lembrou-se de que tinha de informar Marsh de que não iria ao almoço. Ignorou-o e afastou o pensamento.

— Qual é a sua profissão?

— Sou relojoeiro — respondeu, tocando na lupa presa à cabeça. — Reparo relógios, embora, para ser sincero, seja mais um passatempo desde que larguei a advocacia. Ah, aqui está — disse, tirando um papel dobrado.

— O senhor era advogado? — perguntou Erika, abatida.

— Sim. Fui durante trinta anos.

Erika pegou na licença e analisou os pormenores.

— A arma é da Elspeth. Eu tenho a minha. Gostamos de dar tiros. Um passatempo, claro.

— Isto parece estar em ordem — disse Erika, devolvendo-lhe a licença. — Mas se é um passatempo, por que motivo estava a arma tão à mão?

Elspeth levantou os olhos do pescoço de Joseph.

— Tenho-a trancada num armário do escritório! Vi-vos no jardim, com ar suspeito. Esta zona já não é tão agradável como antes. Há drogas e assaltos quase todos os dias… Veja o que lhe fez! Vai ficar com uma equimose feia.

— Também devo lembrar-lhe, inspetora-chefe Foster, a lei inglesa sobre autodefesa, baseada nos princípios da utilização de força aceitável? — perguntou David.

— Ela aponta uma caçadeira de cano duplo, em plena luz do dia, a toda a gente que encontra no jardim? Parece um pouco excessivo — comentou Erika.

— Com licença, não admito ser tratada por «ela» na minha casa — interveio Elspeth. — Ia oferecer-lhe uma fatia do meu bolo de café e noz, para mostrar que não há ressentimentos, mas já não vou.

McGorry virou-se, reprimindo um sorriso, mas Erika não achou graça à situação. O que queria era agarrar na máquina que Joseph ainda segurava com força e voltar para o local do crime.

— O tribunal geralmente leva em conta o facto de que ser-se ameaçado em casa é uma situação assustadora — continuou David. — Segundo a lei, uma pessoa deve ter o direito de se defender, aos seus bens e àqueles pelos quais é responsável…

— Em nenhum momento a vida do seu filho ou a da sua mulher estiveram em perigo — interrompeu McGorry.

— A sério? Como se chama, jovem?

— John McGorry, detetive.

— Detetive John McGorry, porque estava a tentar estrangular o meu filho?

— Eu não estava…

— Por favor, não minta. Usou a correia da máquina do Joseph para o imobilizar pelo pescoço. É ilegal utilizar o estrangulamento em suspeitos ou pessoas do público. No passado, a polícia fazia-o, mas acho que o senhor é um pouco jovem e inexperiente…

— Eu estava apenas… — começou McGorry, corando devido à irritação.

Erika dirigiu-lhe um olhar, indicando-lhe que se calasse.

— E a sua superior também devia saber isso — acrescentou David.

— E sei — disse Erika. — Também posso dizer-lhe que, se um agente usa o estrangulamento, pode apresentar justificação para a utilização da força com base nas circunstâncias. E como o seu filho estava a tentar sufocar o meu agente, empurrando-lhe a cara contra a neve, o estrangulamento em autodefesa poderia ser considerado razoável ou necessário. Verifique na Internet.

David tentou, mas não conseguiu, esconder o aborrecimento.

— Isso ainda não explica por que motivo perseguiam o meu filho.

— O seu filho forçou a entrada na cena de um crime.

— O que não é crime — disse David.

— Estava a tirar fotos do local…

— Mais uma vez, não é crime.

Erika fez uma pausa e dirigiu-lhe um sorriso tenso.

— Fugiu de um agente da polícia.

— Sim, e agora estamos todos aqui, e ele vai colaborar, dentro do razoável.

— O seu filho pode ter informações na máquina fotográfica passíveis de ajudar a nossa investigação — disse Erika. Sentia-se tola por ter ido atrás dele, e agora tinha de se defender e a McGorry perante aquele advogado aposentado que ameaçava levar a melhor sobre ela.

— Onde é o local do crime? — perguntou David.

— Não posso comentar isso.

— Encontraram um corpo na Coniston Road — respondeu Joseph.

Tinha uma voz suave e culta, falando quase como um locutor da BBC.

— Encontraste um corpo? — perguntou Elspeth, que ainda estava a secar o cabelo do filho com a toalha.

— Não, mãe — disse ele, afastando-a. — A *polícia* encontrou o corpo.

— Não podemos falar sobre um caso que está a ser investigado — explicou McGorry.

— Acham que é homicídio? — perguntou David.

— Homicídio? — repetiu Elspeth.

— Era a Marissa Lewis; alguém esfaqueou-a à porta de casa — disse Joseph.

— Isso é especulação… — começou Erika.

— Não. Eu estava lá quando o corpo foi descoberto. — Joseph pousou a máquina no colo de forma protetora.

— Chamou a polícia? — perguntou Erika.

— Não tinha o telemóvel comigo.

— Mas tirou fotografias do local do crime antes da chegada da polícia?

— Não precisas de responder a isso, Joseph. Oferecemos-lhe uma nova objetiva para a máquina este Natal — disse David.

— Se alguém daqui estava destinado a ter azar, era a Marissa Lewis — comentou Elspeth, abanando a cabeça.

— A minha mulher também está a especular — observou David. — O que é legal, não é?

Estava irritantemente calmo, e Erika respirou fundo.

— Claro que é legal, mas será que ela podia… que a senhora podia explicar-se?

Elspeth largou a toalha nas costas de uma cadeira, fez o sinal da cruz e virou-se para Erika.

— A Marissa Lewis tem… tinha… uma certa reputação, se é que me entende. De promíscua. Trabalhava como *stripper*.

— Viu-a no trabalho? — perguntou McGorry.

— Claro que não! Nenhum de nós a viu! — Virou-se para David e Joseph, que abanaram a cabeça e olharam para o chão. — Foi a minha cabeleireira quem me disse.

Os olhos de Erika abarcaram o cabelo solto e oleoso que pendia pelos ombros de Elspeth, e perguntou a si mesma o que lhe fazia a cabeleireira.

— Quem é a sua cabeleireira?

— A melhor amiga da Marissa Lewis, Sharon-Louise Braithwaite. No Goldilocks Hair Studio, junto à estação de Crofton Park. A Marissa pediu à Sharon que afixasse o póster de uma das suas… *atuações* no salão. Era uma fotografia dela apenas com meias, cinto de ligas e sutiã! — Elspeth abanou a cabeça ante a lembrança. — Também soube pela Sharon que a Marissa teve um caso com um homem casado que vivia algumas portas abaixo, e que tinha vários outros namorados.

— Sabe o nome do homem casado?

— Don Walpole. Tem mulher, a Jeanette. Ainda estão juntos, apesar de tudo.

Erika concentrou-se em Joseph.

— Então, o senhor estava na árvore frente à casa da Marissa Lewis esta manhã e tirou fotografias? A quê?

— Ao nascer do Sol — respondeu ele, com um sorriso malicioso.

— Subiu à árvore para fotografar o nascer do Sol, mas permaneceu na árvore depois de ver que havia um cadáver no jardim em frente e que a rua foi cortada pela polícia?

— Só vi o corpo quando ouvi a mãe da Marissa gritar.

— A que horas foi isso?

— Não sei.

— Abrimos as prendas de Natal às dez para as sete — disse David. — Tomámos o pequeno-almoço, e o Joseph saiu por volta das sete e vinte. O nascer do Sol de hoje foi às oito e cinco.

— O dia acabava de nascer, então, foi por essa altura que a mãe da Marissa saiu de casa — disse Joseph. — Não uso relógio.

— Sabe por que motivo a mãe da Marissa foi à porta?

— Não.

— Provavelmente tinha mais garrafas para pôr na reciclagem; a mulher é bêbeda — disse Elspeth. — Não é a rua mais agradável.

— Caiu neve e apareceram nuvens espessas nos últimos dias. Como esperava ver o nascer do Sol? — perguntou McGorry.

— Se todos os fotógrafos pensassem assim, não tiravam fotos — ripostou Joseph.

— O senhor é fotógrafo profissional?

— A palavra *profissional* é bastante redundante. O senhor diria que é um polícia profissional? Agiu profissionalmente quando me estrangulou?

— Ouça, seu… — começou McGorry, dando um passo na direção dele.

Erika levantou a mão.

— Joseph, pare de perder tempo e responda às perguntas.

— Ele não precisa de responder! — exclamou Elspeth.

— Uma jovem foi brutalmente atacada e assassinada à porta de casa. Devia estar com a família esta manhã, mas encontra-se deitada na neve com a garganta aberta. Tem os ossos da cara partidos e pode ou não ter sido agredida sexualmente — disse Erika. — O Joseph não

é obrigado a responder às minhas perguntas, mas pode ter informações que ajudem a nossa investigação.

Pela primeira vez, Joseph pareceu pouco à vontade e agitou-se na cadeira.

— Certo, fiquei a observar durante algum tempo, a polícia chegou depressa. Cortaram a rua. Eu não sabia o que fazer. Quando subi à árvore, não era o local de um crime, mas passou a ser quando desci.

— Fotografou o corpo?

— Não.

— Posso ver as fotos?

— Não. É uma máquina analógica — respondeu ele, levantando-a. Erika aproximou-se e viu que era um modelo *vintage* e não tinha ecrã digital. Ia pegar-lhe, mas Joseph virou-a, abriu a parte detrás e sacou o rolo.

Puxou o negativo e largou-o na mesa.

— Pronto. Já não há fotos para revelar. Desapareceram todas.

Erika olhou para ele. O rapaz tinha um rosto estranho, simultaneamente vulnerável e duro. Observou-a com expressão de desafio.

— Acho que fomos mais do que prestáveis, senhores agentes — disse David. — Se é tudo, gostaríamos de continuar a celebrar o Natal.

❁

Erika e McGorry saíram pela porta da frente. Parara de nevar e havia bastante movimento de carros na rua. Quando se viraram e olharam para trás, a casa parecia estranhamente deslocada: uma estrutura a desmoronar-se, enfiada entre as casas geminadas.

— É como se tivesse sido largada aqui — comentou McGorry.

Erika enfiou as mãos nos bolsos e curvou-se por causa do frio quando começaram a descer para a Coniston Road.

— Vou ter de fazer um relatório sobre isto — informou ela.

— E quanto ao estrangulamento?

— Eles não disseram que iam apresentar queixa, mas podem fazê-lo. Você é um idiota, John. Por que diabo deixou as coisas chegarem tão longe?

— Ele estava a atacar, eu a tentar… acalmá-lo, parar de ser atingido. Foi instintivo. E a chefe disse que posso justificar o estrangulamento.

— Ele ainda pode apresentar queixa e causar problemas. É preciso estar atento. Tem sempre de pensar nas consequências das suas ações.

— Isso é impossível.

— Claro que é, mas faz parte de ser agente. Não pode envolver-se em situações onde vai usar força desnecessária.

— Sinto muito — disse McGorry, corado.

— Tudo bem. Vivemos numa época péssima, John. Toda a gente se ofende com tudo, e somos sempre considerados culpados. Seja esperto. Pense. Farei o possível por desviar o meu relatório do assunto…

Estavam de volta à viela, ao lado do muro alto que dava para o jardim dos Pitkin. Erika viu algo atrás do caixote do lixo e parou.

— O que foi? — perguntou McGorry.

Ela agachou-se e, tirando um saco de provas do bolso, agarrou num pequeno cilindro de plástico preto. Levantou-se e segurou-o contra a luz. Através do saco, conseguiu que a pequena tampa do tubo de plástico se soltasse.

— Um rolo fotográfico — disse, sorrindo para ele.

— Usado?

— Espero que sim. Vi a máquina antes de ele arrancar o rolo. Só tinha tirado uma foto.

— Acha que ele usou um rolo inteiro quando estava na árvore e depois o mudou? — perguntou McGorry, esperançado.

— Saberemos quando o revelarmos e procurarmos impressões digitais no invólucro — respondeu Erika.

6

Quando Erika e McGorry voltaram à Coniston Road, decorria o porta a porta. Agentes fardados subiam e desciam a rua, batendo às portas, e vários conversavam com os vizinhos. Recomeçara a nevar, e apesar de ainda não serem três da tarde, a luz desvanecia-se. A presença policial destoava das luzes de Natal nas janelas.

Pararam junto à carrinha de apoio, onde Erika pediu a McGorry que enviasse o rolo pela polícia científica, a fim de ser revelado o mais depressa possível. Deixou-o a tratar do assunto e, quando se afastou da carrinha, uma maca com um saco preto para cadáveres atravessava o portão. Houve uma breve pausa quando todos pararam a observar. Erika reparou como parecia pequeno. Isaac acenou-lhe com a cabeça quando meteram o saco na carrinha e as portas se fecharam. Ela sentiu uma onda de exaustão e abatimento, mas forçou-se a ignorá-la. Respirou fundo e concentrou-se numa agente de cabelo loiro curto, com sobretudo azul, que acabara de chegar ao local.

— Sou a detetive Tania Hill, a agente de ligação à família — apresentou-se ela, estendendo a mão.

— O que já sabe sobre o caso? — perguntou Erika.

— Acabei de ver o corpo da jovem. Nunca tinha visto tanto sangue congelado — respondeu, levantando as lapelas do sobretudo para proteger o rosto. — A mãe é, aparentemente, muito vulnerável. Rendimentos baixos, sérios problemas de saúde devido ao álcool.

— Foi para casa da vizinha; ainda bem que está aqui. Gostaria de falar com ela — disse Erika.

Atravessaram a rua até uma casa bonita com janelas novas e um pequeno quadrado de cimento à frente. Erika tocou à campainha. A porta foi aberta por uma senhora baixa de meia-idade, que envergava fato de treino de veludo vermelho e calçava ténis dourados. O cabelo, branco como a neve, tinha um corte moderno e curto, que não combinava com o rosto enrugado. Segurava um cigarro na mão esquerda.

Erika fez as apresentações e mostraram a identificação.

— Como se chama?

— Quem pergunta? — retorquiu a mulher, em atitude defensiva quase cómica. A voz tinha a rouquidão de um grande fumador.

— Eu — respondeu Erika.

— Joan Field.

— Podemos entrar, por favor?

Joan afastou-se para o lado. A carpete azul-escura no corredor estava imaculada.

— Descalcem-se — ordenou.

— Posso tratá-la por Joan? — perguntou Tania.

— Não, prefiro senhora Field.

— Sou a agente de ligação à família — explicou Tania, pondo os sapatos junto ao corrimão. — Estou aqui para dar apoio, para preencher a lacuna entre a Mandy e a investigação policial.

Joan olhou-a de cima a baixo.

— Preencher a lacuna? Não é um termo chique para atender o telefone?

Tania ignorou a provocação.

— Onde está a Mandy?

— Na cozinha.

Seguiram-na, passando por uma sala com sofá e dois *maples* de veludo vermelho e uma pequena árvore de Natal prateada, mas que, de resto, não tinha ornamentos ou fotografias e não parecia ser usada. Nas traseiras da casa havia uma pequena cozinha, com vista para o jardim cheio de neve. Estava limpa, mas atafulhada. O teto e as paredes tinham adquirido o tom amarelado da nicotina. Um peru congelado, ainda embrulhado em plástico, flutuava no lava-louça.

A mãe de Marissa Lewis, Mandy, era uma mulher enorme e vestia um fato de treino cor-de-rosa sujo. Estava sentada à mesa, e as suas grandes nádegas derramavam-se de uma cadeira de madeira. Os olhos de Erika desviaram-se para os ténis velhos de Mandy, cortados

no meio para acomodar os pés inchados. Tinha o rosto pálido e os olhos vermelhos e lacrimejantes.

— Mandy Trent? — perguntou.

— A Marissa não foi adotada. Somos do mesmo sangue — respondeu Mandy, apercebendo-se da surpresa de Erika ao ver a sua aparência. — Ficou com o nome do pai, e eu mudei o meu quando ele se pisgou… A Marissa herdou dele a magreza. — O seu tom estava carregado de amargura.

— Deduzo que querem chá? — perguntou Joan, aproximando-se da chaleira.

— Por favor — disse Erika.

Tania assentiu e cada uma puxou uma cadeira.

— Mandy, sou a sua agente de ligação à família — disse Tania, pondo uma mão no braço dela. — Será uma fase muito difícil para si, e estou aqui para ajudar e explicar o que acontece a seguir.

Mandy acendeu um cigarro e soprou o fumo para a cara de Tania.

— O que acontece a seguir? Quer levar-me a ver o corpo dela? Era ela.

— Está pronta para responder a algumas perguntas? — perguntou Erika.

— Encontrei-a do lado de fora da porta esta manhã, quando fui despejar o lixo. Ali deitada, imóvel, coberta de sangue. Havia muito.

— Consegue lembrar-se a que horas foi isso?

— Por volta das oito.

— A Marissa vivia consigo? — perguntou Erika.

— Sim. Pagava-me pela limpeza desde os dezasseis anos.

— Sabe onde esteve a Marissa ontem à noite?

— Ela deu um espetáculo, não me pergunte onde. Tem… tinha… muitos. Era bailarina de burlesco, trabalhava em clubes por todo o West End algumas noites por semana.

— E não escutou nada ontem à noite; não a ouviu chegar a casa?

— Não.

— Esperava-a a determinada hora?

Mandy abanou a cabeça.

— Já acabei de a criar, ela é adulta…

— A que horas se deitou?

— Adormeci pelas dez, acho.

— Não ouviu nada?

— Como por exemplo?

— Gritos, sons do jardim da frente. Um veículo?

— Não.

— A chave da Marissa estava do lado de fora na fechadura quando a encontrou?

— Sim. Eu disse isso à polícia.

— Esteve na sala até às dez?

— Sim, a ver televisão. Só porcaria. Costumavam passar coisas boas na véspera de Natal.

— Há quanto tempo trabalhava a Marissa como bailarina de burlesco? — perguntou Tania.

— Três ou quatro anos. Tem-se saído bem, tem sempre marcações, embora não ganhe muito dinheiro com isso… não ganhasse. Pagava-me pela limpeza e pedia-me emprestado o dinheiro três dias depois.

— O material custa uma pipa de massa — disse Joan, enquanto tirava as chávenas do armário. — Adereços, fantasias que usava para dançar. Leques de penas grandes, toucados. A Mandy mudou-se para o quarto das traseiras, com o fim de a Marissa ter mais espaço para guardar tudo, não foi?

— O quarto das traseiras fica próximo da casa de banho, e eu cobrava-lhe mais pela limpeza — esclareceu Mandy, como se não quisesse admitir que fora um gesto simpático. Erika não percebia o que se passava. Mandy parecia demasiado desprendida da morte da filha. Joan aproximou-se com o chá.

— A Marissa tinha um namorado a sério? — perguntou Erika.

Mandy exalou o fumo, dando uma risada longa e silenciosa.

— Nunca pareciam ficar tempo suficiente para se tornarem isso. Muitos dos rapazes da zona costumavam farejar, e ela tinha admiradores que a viam dançar, lhe compravam prendas… — Erika e Tania trocaram um olhar. — Não quero falar mal dos mortos, mas a minha filha era uma vadia. Dormiu com dois homens desta rua, casados. E passou lá por casa todo o tipo de rapazes, e esses eram apenas os que eu via.

— Quem eram os homens casados? — perguntou Erika.

— O Don Walpole, que vive com a mulher no número quarenta e seis. A Marissa foi para a cama com ele há alguns anos, quando tinha dezasseis…

— Consta que isso começou antes de ela completar os dezasseis anos — interpôs Joan, com um aceno de cabeça.

— O Don Walpole não é pedófilo, Joan. Limitou-se a fazer o que qualquer homem faz quando alguém se lhe oferece de bandeja. A Marissa deitou corpo cedo, com catorze anos já parecia ter vinte —

disse Mandy, acendendo outro cigarro com a beata do anterior.

— E o outro homem casado?

— Ivan… não sei das quantas…

— Stowalski — disse Joan.

— Sim, é polaco. Tem algumas massas no banco, portanto, acho que era por isso que ela gostava dele. Não é um homem bonito. Pálido e desenxabido. Anda por aí há alguns meses.

— Sabe quando ela o viu pela última vez?

— Não. Ele tocou à campainha há umas semanas, mas não entrou.

— A Marissa trabalhava a tempo inteiro como bailarina de burlesco?

Mandy abanou a cabeça.

— Não. Também fazia algumas horas por semana como cuidadora de uma idosa, em Hilly Fields.

— Como se chama ela?

— Elsa Fryatt — respondeu Joan. — Tem noventa e sete anos. Muito finória, apesar de se chamar Elsa. Vive numa das grandes casas com vista para os campos.

— A Marissa tinha ali uma coisa boa — disse Mandy. — Só a levava às compras; tinha seguro para conduzir o carro da velhota. Não era bem o trabalho de cuidadora. Acho que ela gostava de ter a Marissa por perto, tal como a mulher que gosta de um homem algo rude. Deve achar as pessoas comuns muito divertidas.

— E os amigos dela? — perguntou Erika.

— Acho que a maioria está morta; não ouviu? Ela tem noventa e sete.

— Não, referia-me à Marissa — disse Erika.

Mandy exalou fumo e bebeu um grande gole de chá.

— As raparigas com quem ela trabalhava no circuito do burlesco são umas cabras, dizia a Marissa, mas tinha uma amiga desde os tempos da escola. Trabalha no cabeleireiro, chama-se Sharon-Louise Braithwaite.

— No Goldilocks Hair Studio?

— Sim, isso mesmo.

— Posso pedir-lhe que faça uma lista dos clubes onde a Marissa trabalhava?

O lábio inferior de Mandy tremeu e ela limpou os olhos.

— Caramba, não estou em condições de fazer listas, e toda esta coisa no passado: trabalhava, vivia…

— Podemos tratar disso mais tarde — disse Tania, tocando no braço de Mandy.

— Quando posso voltar para minha casa? — perguntou ela, afastando o braço.

— A polícia científica está a investigar tudo a fim de ver se encontra mais provas que possam ajudar. Informamo-la assim que concluirmos — respondeu Erika. — Deseja que a Tania lhe arranje sítio para ficar?

— Não, vou ficar aqui com a Joan — respondeu Mandy.

A vizinha assentiu, mas não pareceu muito satisfeita.

7

— Oque achou? — perguntou Erika, levantando a gola do sobretudo enquanto saíam da casa de Joan.

— O luto manifesta-se de formas diferentes.

Erika franziu a testa.

— Deixe-se de tretas. Vê muitos familiares enlutados. Houve ali verdadeira hostilidade.

— Da parte das duas, embora ache que a Joan estava a ser influenciada pela Mandy. Esta é a controladora e não gostava da filha.

— Nem toda a gente assassinada é amada pela família.

— Considera a mãe suspeita?

— Toda a gente é suspeita. Quero que a polícia científica analise as roupas dela e que recolha amostras debaixo das unhas… — Erika fez sinal a uma jovem agente, que parecia preocupada ao atravessar a rua até ao portão. — Como se chama?

— Kay Hornby, agente Kay Hornby, inspetora.

— Preciso que chame um dos técnicos, embale a roupa e recolha amostras das unhas da mãe da vítima, Mandy Trent.

— Sim, inspetora… Hum, tenho um par de ténis no carro — disse ela, reparando nos sapatos de salto de Erika, encharcados e prestes a desintegrar-se. Erika olhou para os sapatos pretos da jovem.

— Que número calça?

— Trinta e nove. Não são ténis fedorentos do ginásio. Uso-os para conduzir. Foi só uma ideia, inspetora. — Receava ter pisado o risco.

— Obrigada, gostaria muito — respondeu Erika.

— Com certeza. Vou buscá-los.

O telemóvel de Erika tocou no bolso. Ela tirou-o e afastou-se.

— Onde diabo está? — perguntou Marsh. — São quase quatro horas!

— Desculpe. Fui chamada ao local de um crime. Uma jovem morta à porta de casa na Coniston Road, perto de Crofton Park.

— Você não estava de prevenção.

— Estou a ajudar, há muita gente de folga no Natal…

— Eu sei!

— Estou apenas a explicar-lhe porque me encontro aqui.

— Contava consigo para o almoço.

— Eu sei, desculpe. Não vou. Tenho prendas para as meninas, passo aí mais tarde…

— Eu disse que contava consigo para o almoço.

— Isso é uma ordem?

— Não. Queria apenas vê-la; a Marcie e as meninas queriam vê-la…

Marsh fez uma pausa. O silêncio prolongou-se, e então Erika percebeu que ele desligara. Guardou o telemóvel no bolso, sentindo-se culpada. Atravessou a rua até à carrinha de apoio, onde Kay a esperava com um par de ténis de corrida rosa e brancos.

— Obrigada — disse Erika.

— Também há meias aí dentro.

Erika tirou os sapatos estragados e Kay segurou-lhe o braço enquanto ela calçava as meias e os ténis.

— Ah, isto é bem melhor. Obrigada.

McGorry saiu da carrinha. Viu Kay, sorriu e arqueou uma sobrancelha.

— Faço-lhe chegar os ténis ainda hoje — disse Erika.

— Não é preciso, fique com eles o tempo de que precisar — respondeu Kay, e dirigiu-se à carrinha da polícia científica, fazendo um breve aceno de cabeça a McGorry.

— Você não tem namorada? — perguntou Erika, vendo McGorry olhar para ela.

— Tenho — respondeu, parecendo um pouco irritado.

— Sabe, nem todas as agentes têm de se apaixonar por si.

— Não sei do que está a falar.

Erika revirou os olhos.

— Venha daí, vamos despachar isto.

✺

Havia um agente de guarda à porta da casa. O corpo de Marissa Lewis fora retirado do jardim, deixando uma grande poça de sangue congelado. O acesso já não tinha neve e os salpicos estavam assinalados com pequenos números amarelos.

A casa encontrava-se desarrumada, com mobília antiga e um cheiro intenso a humidade e a fritos. Havia uma minúscula árvore de Natal na sala e a cozinha transbordava de louça suja e imundície. Umas escadas conduziam a um pequeno patamar, com o teto abaulado. As portas davam para uma casa de banho e dois quartos. Erika e John calçaram luvas de látex. O quarto da frente tinha uma sacada com vista para a rua. Parecia pintado de fresco, e estava limpo e arrumado com móveis novos e uma bela colcha florida. Havia três manequins de alfaiate junto a uma das paredes, com trajes de penas, um com um espartilho preto. A estante na parede oposta continha sete perucas em cabeças de poliestireno, e uma cómoda sob a janela estava coberta de produtos de maquilhagem. Diante de um roupeiro feito à medida havia uma fila de sapatos de salto com cores diferentes.

— Será que ela torra *marshmallows* na lareira a gás? — perguntou McGorry, aproximando-se da lareira e pegando num dos vários espetos com formas de *marshmallows* na ponta encostados à grade.

— Acho que isso é usado para engolir fogo — disse Erika, olhando para eles.

Havia fotos emolduradas na parede. Na primeira, Marissa estava deitada numa enorme taça de champanhe, usando *lingerie* rosa transparente. Noutra, calçava colãs pretos, cinto de ligas e borlas nos mamilos, e segurava um bastão em chamas perto da boca.

A última foto era um póster publicitário, com Marissa estendida numa espreguiçadeira com um corpete prateado, rodeada de jovens musculosos em roupa interior. Um cabeçalho enorme dizia:

UMA NOITE COM MISS HONEY DIAMOND

14 de julho de 2017

WORKING MEN'S CLUB EM BETHNAL GREEN

— Esse deve ser o nome artístico, Miss Honey Diamond — comentou McGorry.

Erika reparou na forma de um diamante bordado a dourado no corpete preto do segundo manequim.

— Este logótipo do diamante é igual ao do cartaz. Também está bordado nos outros dois figurinos — disse ela, olhando para os manequins.

— Um diamante para Miss Honey Diamond — disse McGorry, aproximando-se e passando o dedo pelo bordado.

— Temos de verificar se é uma marca de roupa ou se foi aplicado depois. E a nossa primeira paragem, juntamente com os registos telefónicos, deve ser nas redes sociais dela.

— Os técnicos disseram que não havia computadores na casa — informou McGorry. — Também nada de telemóveis e não encontraram nenhum junto ao corpo.

— Então, o telemóvel dela desapareceu.

Erika foi até ao roupeiro e abriu-o, vendo mais roupas burlescas de Marissa. Dois sutiãs adicionais tinham o logótipo do diamante. Havia também roupa normal: calças de ganga, camisolas, vestidos «convencionais» e sapatos. Coladas a uma das portas estavam várias fotos de Dita Von Teese numa atuação burlesca, e uma com ela deitada num gigantesco copo de martíni.

Voltaram para o patamar, passando por uma pequena casa de banho encardida, e entraram no quarto das traseiras. Não passava de um cubículo, apenas com cama de solteiro e um roupeiro. A cama estava coberta de sacos de lixo cheios de roupas e toalhas. No peitoril da janela havia uma escova de cabelo e um creme para o rosto. No radiador, um enorme par de cuecas acinzentadas.

— Caramba! — exclamou McGorry, levantando-as. Erika lançou-lhe um olhar, mas não disse nada. — Ela abdicou do melhor quarto para a Marissa e as suas coisas?

— Disse que lhe cobrava mais pela limpeza.

— Parece que ela não dorme aqui.

Erika viu que os sacos de plástico tinham uma película de pó.

— Disse que estava na cama por volta das dez da noite.

— Terá então dormido no sofá? — perguntou McGorry.

Desceram as escadas e entraram na sala. O sofá sob a janela tinha um edredão enrugado e uma almofada. No chão, havia uma garrafa vazia de vodca de marca branca e duas embalagens vazias de *Pringles*.

— Ela não disse que dorme no sofá — comentou Erika.

Foi até à janela. Estava fosca devido à sujidade, à condensação e aos salpicos do sangue de Marissa. Não era de vidro duplo, e uma corrente gelada soprava através da moldura podre da janela. Ouviam claramente o barulho da rua.

— Talvez ela estivesse demasiado bêbeda para se lembrar — sugeriu McGorry, indicando a garrafa vazia.

Erika ouviu a porta da carrinha de apoio a fechar-se e o ranger da neve quando alguém passou atrás da cerca. Perguntou a si mesma se o assassino estivera à espera.

— Será que a Marissa teve tempo de gritar? — Falou mais para si mesma do que para McGorry.

8

Erika e McGorry regressaram à carrinha de apoio, onde um grupo de seis agentes fazia uma pequena pausa. Conversavam, mas ficaram em silêncio quando viram Erika.

— Não se preocupem comigo — disse ela.

— Já chegou a comida, inspetora — informou um dos agentes, indicando a mesa no canto com café e várias sanduíches embaladas.

— Obrigada. Como se chama? — perguntou ela.

— Agente Rich Skevington.

Erika e McGorry pegaram numa sanduíche e encheram copos de papel com café fumegante. O som do café a cair no copo ouviu-se bem no silêncio. Erika olhou em volta. Não reconheceu nenhum deles; pareciam todos muito jovens.

— Alguém pode fazer-me uma atualização do porta a porta? — perguntou, arrancando o plástico da sanduíche e dando uma dentada.

— Não conseguimos falar com o Don Walpole nem com o Ivan Stowalski. Estamos a aguardar o número dos respetivos telemóveis — disse Kay, a agente que emprestara os ténis a Erika.

— E o resto da rua? As pessoas estão a ser prestáveis? — continuou Erika, empurrando a sanduíche seca com um gole de café.

— Metade das casas está vazia, mas as pessoas que conheciam a Marissa Lewis também sabiam do caso dela com o Don Walpole e que ia para a cama com o Ivan Stowalski, nas costas da mulher.

— Ainda não percebemos se a mulher do Ivan Stowalski o deixou ou não — interveio Rich. — A vizinha do lado, uma velhota de olhos pequenos, diz que eles foram ao Norte visitar a família. Também procurámos o telemóvel da vítima nos jardins e caixotes do lixo, para o caso de ter sido abandonado, mas não descobrimos nada até agora.

— Como correm as coisas no prédio camarário?

— Acabo de vir de lá — respondeu outro agente. — Falámos com os suspeitos do costume. Dois rapazes disseram ter ouvido falar da

Marissa Lewis.

— «Ouvido falar» como? — perguntou Erika.

— Disseram que no passado ela tinha fama de ir com todos… palavras deles, não minhas. Um cumpriu três anos por violação. O outro também possui cadastro: agressão. Ambos dizem que têm álibi, estiveram até às seis da manhã numa discoteca em New Cross Gate, a Haitch 20. Sugeriram que víssemos as imagens das câmaras de segurança da discoteca.

Erika revirou os olhos.

— Conheço-a bem. Já perdi a conta às vezes que lhes pedimos imagens. Certo, ponham alguém a tratar disso… — Deu outra dentada na sanduíche. — Que diabo tem isto? — perguntou com a boca cheia.

— «Sanduíches festivas para o jantar de Natal»; era só o que tinham na estação de serviço — respondeu Rich.

Erika cuspiu um bocado para a embalagem.

— Percebo o peru e o molho de arando, até algum recheio, mas quem mete batata assada numa maldita sanduíche?

Erika deitou o resto no lixo. Olhou em volta para a equipa, que desviara o olhar, sem querer arriscar ser alvo da sua fúria. Os agentes da sua idade tinham tirado folga para estar com a família. Ela sentia a falta das pessoas com quem trabalhava regularmente.

Os inspetores Moss e Peterson e o sargento Crane. Será que estavam a ter um bom Natal? Sentia-se contente por ter McGorry com ela, mas ainda era novato… e até ele se oferecera para ficar, arriscando a ira da namorada, que o esperava em casa.

O seu telemóvel tocou. Era um número que não reconhecia, então saiu da carrinha. Já estava escuro e o ar frio entrou-lhe na garganta.

— Olá Erika, é o Lee Graham.

— Olá, feliz Natal.

— Feliz Natal para ti também. Hoje calhou-me estar no laboratório.

Erika gostava de Lee. Era especialista forense e informático na Polícia Metropolitana, e tinham trabalhado juntos em vários casos.

Houvera uma certa tensão erótica entre eles, mas nada mais. Ela interrogou-se naquele momento se ele seria solteiro e se era por isso que decidira trabalhar no dia de Natal.

— A que devo o prazer? — perguntou ela.

— Infelizmente, não é um telefonema pessoal. Vi o teu nome num pedido urgente para revelar um rolo.

— Sim. Quando podes tratar disso?

— Está tratado. Digitalizei-as e estou a enviar as fotos para o teu *e-mail* de trabalho. Faço-te chegar depois as cópias impressas.

— Obrigada. Devia oferecer-te uma bebida um dia destes.

— Fico à espera.

Erika ouviu um bipe no telemóvel.

— Acho que acabei de receber o teu *e-mail*.

— Certo, vou deixar-te ir. Feliz Natal — disse ele e desligou.

Ela abriu o *e-mail* e analisou as fotos. A maior parte fora tirada da árvore frente ao quarto de Marissa. Havia várias tiradas à noite, através da janela do quarto, com Marissa acabada de sair do chuveiro enrolada numa toalha, depois nua e a vestir as cuecas. Havia também três fotos da parte de cima do corpo de Marissa na neve. E mais três num ângulo menor, que pareciam tiradas ao nível do solo, perto ou dentro do jardim da frente.

— Joseph Pitkin, seu merdas mentiroso — resmungou Erika. Caminhou até ao portão de Marissa, e o sangue congelado no chão estava a ser rapidamente coberto por neve fresca. Olhou para a árvore, de ramos grossos nus. — Este era o teu poiso habitual para a espiares, Joseph? — Olhou de novo para as fotos, e viu que Lee incluíra uma mensagem no final do *e-mail*:

«O proprietário desta máquina usou um rolo ILFORD DELTA 100 PROFESSIONAL de 35 mm. Pode ter um laboratório caseiro para revelar as fotos. Lee»

Erika estava prestes a voltar para a carrinha quando sentiu um cheiro acre a plástico queimado. Olhou em volta e viu que, ao fundo da viela que levava à casa de Joseph Pitkin, havia fumo.

Correu nessa direção, e o cheiro ficou mais forte. Assim que chegou ao muro da casa dos Pitkin, viu fumo preto espesso a erguer-se. Içou-se para cima do caixote do lixo, agora com mais facilidade graças aos ténis emprestados, e subiu o muro. Através das árvores, viu Joseph de sobretudo junto a um bidão de óleo em chamas.

Ao lado, no chão, tinha uma caixa com papéis. Pegou num punhado e deitou-os no bidão, desencadeando uma chuva de faíscas e deflagrando chamas na direção do céu. As janelas da casa atrás estavam às escuras e ele era apenas iluminado pelo brilho das chamas.

Erika aterrou suavemente na faixa de terra entre a parede e as árvores e avançou. Joseph ouviu os seus passos na neve quando ela se aproximou.

— Pare já o que está a fazer — ordenou ela.

Joseph agarrou numa pá apoiada ao bidão, mas ela foi mais rápida e arrancou-lha das mãos. Pensou que ele tentaria correr, mas o rapaz acocorou-se na neve com a cabeça entre as mãos enquanto ela ligava a McGorry.

9

— Muitas destas fotos são da Marissa — disse Erika, vasculhando a caixa na neve ao lado do barril. Levantou uma a preto e branco dela a atuar num espetáculo de burlesco. McGorry estava a pegar em várias que tinham caído na neve. O fogo dentro do bidão diminuíra, mas, ainda assim, aquecia a noite fria.

— Isto é que são momentos *Kodak*! — exclamou McGorry, levantando uma foto de Marissa a fazer pose num palco em cuecas e de borlas nos mamilos e a arrancar uma luva preta comprida com os dentes.

— Não preciso de comentários idiotas. Limite-se a guardar isso num saco — disse Erika. Olhou para a casa. As luzes já estavam acesas na cozinha, e havia dois agentes com Joseph, sentado numa cadeira. Um conversava com ele, o outro tomava notas e Joseph chorava. — Acha que são lágrimas verdadeiras?

— Ele é um menino de mamã — respondeu McGorry.

Joseph fora-se abaixo e puxava o cabelo. Levantou-se, gritando aos agentes. Um deles empurrou-o rudemente para a cadeira, que quase caiu, e respondeu também aos gritos. Erika descalçou as luvas de látex e acendeu um cigarro. Não conseguira salvar nada do lume, e dentro do bidão estava tudo carbonizado. Tinha de agir rapidamente e decidir se queria ou não levar Joseph para interrogatório. Ele dissera que os pais tinham ido a casa de uns amigos ao virar da esquina beber um copo. Olhou para as horas. Quase oito da noite. Puxou uma baforada no cigarro e o telemóvel tocou. Foi até à extremidade do jardim e viu que era Marsh. Ao silenciar o telemóvel e guardá-lo no bolso, deixou cair acidentalmente o cigarro aceso. Este rolou pela neve e parou junto das árvores. Tornou a tirar o telemóvel e acendeu a lanterna, apontando-a para o chão. Encontrou o cigarro, debaixo de uns arbustos, ainda aceso. Também viu que um pequeno quadrado de terra fora remexido. Não estava assim no início do dia. Ligou a McGorry, pedindo-lhe que trouxesse a pá encostada ao bidão.

— Olhe — disse Erika quando ele se lhe juntou. — Esta manhã o chão não estava remexido. Comece a cavar.

Apontou a luz para o chão quando McGorry deitou mãos à obra. Só teve de cavar um pouco antes de descobrir algo pequeno envolto em plástico. Erika calçou um novo par de luvas e agachou-se ao lado do buraco. Sacudiu a terra do plástico e começou delicadamente a abrir vários sacos, pensando que ia encontrar canábis. A última camada de plástico revelou um *iPhone* com um estojo rosa cheio de brilhantes. Escrito na parte detrás em cristais *Swarovski* estava o nome «Marissa».

— Caramba — murmurou McGorry.

— Pois. Vamos levá-lo para interrogatório — disse Erika. Confirmou que o *iPhone* estava desligado e enfiou-o num saco de provas.

✺

Voltaram para a casa e entraram na cozinha. David e Elspeth Pitkin tinham acabado de chegar.

— O que significa esta invasão? — perguntou David, ainda de sobretudo e chapéu cinzento. Elspeth aproximou-se de Joseph e examinou o seu rosto em lágrimas.

— O que te fizeram eles? — perguntou.

Ele fitou-a de rosto inexpressivo.

— Senhor e senhora Pitkin, tiveram uma noite agradável? — perguntou Erika, sorrindo docemente.

David virou-se para ela.

— O que é isto?

— O seu filho estava no jardim a queimar fotos da vítima de homicídio.

Elspeth lançou um olhar ao marido, mas ele ignorou-a.

— Não é ilegal tirar fotografias; já falámos disso, inspetora-chefe Foster.

— É ilegal roubar o telemóvel a um cadáver e enterrá-lo no jardim. — Erika ergueu o *iPhone* no saco de provas. — Chama-se ocultação de provas.

— Como sabemos que não foi a senhora a metê-lo lá? — perguntou Elspeth, com a voz embargada.

Erika acenou para os dois agentes.

— Joseph Pitkin, vou prendê-lo por suspeita de ocultação de provas…

— NÃO, NÃO, NÃO O MEU MENINO! — gritou Elspeth, avançando para bloquear os dois agentes.

— … ocultação de provas referentes a uma investigação de homicídio. Não precisa de dizer nada, mas pode prejudicar a sua defesa se não mencionar, quando interrogado, algo que mais tarde refira em tribunal. Tudo o que disser pode ser usado como prova.

— Ontem ele esteve connosco a noite toda! Não saiu! — insistiu Elspeth, tentando agarrar Joseph. Um dos agentes afastou-a e algemou Joseph com as mãos atrás das costas. — Não me toque! Não me agrida! — gritou ela.

David assistia, bastante pálido.

— Por favor, senhores agentes, o meu filho é muito vulnerável — disse ele.

— Dê-me o telemóvel dele — pediu Erika. Um dos agentes enfiou a mão no bolso do sobretudo de Joseph e tirou de lá um *smartphone*. Entregou-o a Erika, que o desligou e guardou num saco de provas. — Quero esta casa revistada de cima a baixo. E como conhece a lei, senhor Pitkin, irá concordar que o seu filho me deu motivos suficientes para a revistar sem mandado.

— Por favor! Não o prendam. Por favor! — exclamou Elspeth.

David teve de a segurar enquanto Joseph era levado.

10

As celas na esquadra de Lewisham Row ficavam na cave, separadas do resto por uma grossa porta de aço. Era uma parte húmida e deprimente da esquadra: um corredor estreito com grandes portas de aço pintadas de verde-ervilha, cada uma com uma janela.

O sargento de serviço, Ray Newton, era um homem pequeno, redondo e careca, com um bigode grosso, e aguardava-os quando Joseph chegou escoltado por dois agentes.

— Já o revistaram — disse Erika. — E aguardamos o advogado.

— Certo, jovem — disse Ray, puxando uma prancheta e entregando-lhe uma caneta presa à secretária com um cordel grosso. — Temos de preencher alguns papéis, a seguir os agentes tiram-lhe as algemas. Não quero brincadeiras. Se me tratar bem, eu trato-o bem.

O humor de Joseph mudou, e ele começou a debater-se, com os braços ainda algemados.

— Seus cabrões de merda! — gritou, tentando virar-se e olhar para Erika e McGorry.

— Basta! — exclamou Ray.

— Eles incriminaram-me! Eu não fiz nada! NADA!

— Deixamo-lo ao seu cuidado — disse Erika, indicando a McGorry que deviam ir.

Subiram as escadas, saíram pelas portas grossas e entraram na parte principal da esquadra, detendo-se nas máquinas de venda automática junto às escadas.

— É uma estreia chamarem-me cabrão no dia de Natal — disse McGorry.

— Fá-lo sentir-se bem, não é? Como se estivesse à lareira com uma bebida quente.

— Quer deixá-lo suar na cela durante a noite?

— Quero esperar até de manhã para o interrogar — corrigiu Erika.

— A Kay está lá em cima a tentar desbloquear os telemóveis.

O telemóvel dela tocou; era um dos agentes em casa dos Pitkin.

— Descobriram um laboratório fotográfico improvisado no andar de cima, num armário do quarto do Joseph, mas não havia fotos — disse ela quando desligou.

— Queimou-as antes de o apanharmos — comentou McGorry.

— A Kay tem treino em dispositivos eletrónicos. Antes de o interrogar, quero saber o que está no telemóvel dele e no da Marissa. Esperemos que haja alguma coisa.

— Eles são um pouco estranhos, não são? Os finos são sempre esquisitos. O tipo é estúpido ao ponto de enterrar aquele telemóvel ainda com o estojo personalizado da Marissa?

— Não subestime a estupidez das pessoas. Também quero comparar as impressões dele com as que encontrámos no rolo fotográfico.

— E aquelas fotos da Marissa Lewis? Acha que ela sabia que ele as tirou? — perguntou McGorry.

— Provavelmente, ele comprou um bilhete para o espetáculo dela.

— Então porquê queimá-las?

Erika abanou a cabeça, exausta.

— Temos de confirmar que o telemóvel estava registado em nome da Marissa e ver se obtemos mais informações sobre o Joseph. Tem cadastro?… — Pressionou o botão do café, e ficaram em silêncio quando o copo caiu e começou a encher-se. — A Mandy Trent foi bastante aberta em relação aos amigos da Marissa, mas não mencionou o Joseph. Vou pedir à Tania, a agente de ligação, que fale com ela novamente. — Tirou o copo do dispensador.

— Não temos o suficiente para o acusar de homicídio. E ele tem álibi — disse McGorry.

— Dado pela mãe.

— Não há nada que o coloque no local do crime a noite passada.

— Ainda. Nada ainda. Falta saber os resultados da autópsia e da

polícia científica.

McGorry bocejou enquanto metia moedas na máquina e selecionava café. Erika observou o seu rosto cansado enquanto o copo enchia.

— Devia ir para casa descansar um pouco. Quero-o aqui quando o interrogar de manhã.

Deram um gole nas bebidas e depois cuspiram para os copos.

— Que diabo é isto?

— Sopa de rabo de boi — respondeu ele com uma careta.

— Carregou no botão do café?

— Sim.

Deitaram os copos no pequeno caixote perto da máquina. Erika meteu mais moedas na máquina e selecionou café com leite. Quando foi servido, encostou o copo ao nariz.

— Isto também é sopa de rabo de boi. Fecham o refeitório e só nos deixam sopa de rabo de boi!

— Devem ter enchido mal a máquina — disse McGorry.

Erika revirou os olhos e deixou cair o segundo copo no lixo.

— O que se passa com este país? Sanduíches de batata e sopa de rabo de boi! Não conheço ninguém que coma essa sopa, mas no mundo das máquinas de venda automática de segunda categoria é a terceira opção depois do chá e do café!

— Pode comprá-la enlatada…

— O quê?!

— A sopa de rabo de boi. A minha avó tem um armário cheio de latas disso. Adora.

Erika olhou para ele e sorriu.

— Vá para casa saborear o jantar de Natal. Vejo-o amanhã — disse ela.

Erika subiu para o seu gabinete no quarto andar. Era minúsculo e

nele mal cabiam uma pequena secretária, uma cadeira e uma estante. Kay estava a trabalhar num portátil com o *smartphone* de Joseph ligado a ele.

— Desculpe, a máquina de café está avariada e não há nada na copa — disse Erika. — Como vai isso?

— O *iPhone* está protegido por uma senha. Terei de o enviar para a Unidade de Crimes Cibernéticos; provavelmente não terão mais sorte. É quase impossível entrar num *iPhone*. Também vi pelo número do IMEI que era recarregável.

— O que tornará mais difícil localizar os registos do telemóvel. Merda.

— Felizmente, o *smartphone* do Joseph Pitkin não está protegido por uma senha. — Kay indicou uma janela no ecrã com todos os ficheiros descarregados. — Encontrei uma série de vídeos.

Erika animou-se e puxou uma cadeira. Kay começou a clicar na lista de ficheiros de imagem e vídeo; alguns eram curtos, como o de um gato malhado num dia de verão a espreguiçar-se no peitoril da janela do quarto de Joseph; outro, de Elspeth, com o rosto vermelho a tirar um pão enorme do *Aga*; outro, do gato malhado no jardim, entre os vasos de flores, a perseguir uma borboleta vermelha daquela forma brincalhona, mas letal, típica dos felinos.

— Tudo encantador — disse Erika.

Quando Kay clicou no vídeo seguinte, o som que saiu do computador fê-las saltar. Ouviram música distorcida, e o vídeo era uma mancha colorida até que a imagem se focou. Marissa Lewis estava num pequeno palco num clube à pinha. Atrás dela havia uma cortina de veludo vermelho. O vídeo fora filmado um pouco distante do palco e via-se a cabeça de algumas pessoas. O cabelo escuro de Marissa estava encaracolado, e ela usava batom vermelho e pestanas postiças. Desabotoou lentamente um casaco preto comprido e deixou-o cair no chão. Por baixo, usava um espartilho de cetim rosa ao estilo da década de 1950, meias, cinto de ligas e saltos altos. O vídeo pareceu tremer enquanto ela continuava a atuação, despindo-se até ficar em roupa interior e com as borlas nos mamilos. Marissa fez uma vénia a agradecer os aplausos e saiu do palco.

— Caramba, ela era boa! — exclamou Kay.

— Pensei que o espetáculo seria rasca, mas isto é… bem, burlesco profissional — observou Erika.

Abriram fotos tiradas na mesma noite de Joseph com Marissa entre as mesas do clube. Posavam para a objetiva; outra pessoa deve ter tirado as fotos.

— Acha que a Marissa o conhecia? — perguntou Erika, enquanto Kay clicava em seis fotografias quase idênticas: Joseph com o braço em volta da cintura de Marissa.

— Ele parece o fã assustador de quem queremos livrar-nos. Porque precisou de seis fotos? Na sexta, ela parece querer fugir — disse Kay.

— Quando foram tiradas?

— Há quase um ano. Janeiro passado.

Kay clicou em mais fotos da mesma noite, de Marissa a conversar com outros espetadores e a posar, depois em duas desfocadas dela a ir ao bar. Então, o fundo mudou. As seguintes estavam escuras, iluminadas com um flache.

— Quando foi isto? — perguntou Erika.

— O carimbo mostra o mesmo dia, a mesma hora.

— Parecem os bastidores. — Viam-se fotos do que parecia ser um camarim. Estava vazio, com um grande espelho rodeado de lâmpadas. Surgiam grandes planos de um bengaleiro com roupa de burlesco; um par de cuecas pretas de renda no chão. Uma mão a aproximá-las da câmara. E um diamante costurado no tecido.

— Honey Diamond — disse Erika. — Esse diamante estava bordado nas roupas burlescas da Marissa.

De repente, as fotos mudaram para um vídeo da casa de Marissa Lewis. Fora filmado de cima, à noite, e captava a janela do quarto dela. Começava trémulo, e ouviram o vento no microfone do telemóvel. Ela apareceu na imagem, a andar pelo quarto embrulhada numa toalha. Foi até à cómoda e pegou numa escova, passando-a pelo cabelo molhado. Então, deixou cair a toalha e ficou nua.

A imagem aproximou-se e desfocou-se. Quando voltou a focar-se, Marissa estava à janela a olhar para a objetiva.

— Merda. — Era a voz de Joseph, acima do vento. Manteve a câmara voltada para ela. Marissa ficou imóvel, a observar. Então envolveu os seios, e passou as mãos pela frente do corpo. Parou acima dos pelos púbicos, abanou um dedo e fechou as cortinas. A câmara manteve-se nas cortinas iluminadas por um momento, depois o vídeo terminou.

— Ela sabia que o Joseph a vigiava? — perguntou Kay.

— Sabia que alguém a espiava — respondeu Erika.

Kay clicou noutro vídeo, que mostrava a mesma vista, à noite. Neste, o quarto de Marissa estava bem iluminado, e ela entrou com um homem alto e mais velho. Marissa certificou-se de que ambos chegavam perto da janela, e a câmara captava o rosto dele. Kay fez avançar as imagens, enquanto o casal se dirigia para a cama, começava a beijar-se e a despir-se. O vídeo era o mais longo do telemóvel, dez minutos, e a câmara aproximou-se enquanto o casal fazia sexo.

— Temos de obter uma imagem clara do rosto desse homem e descobrir quem é. Quando foi isto filmado?

— A catorze de dezembro deste ano. Acha que ela sabia que estavam a ser filmados?

— Ou pediu ao Joseph para os filmar — sugeriu Erika. Esfregou os olhos cansados e recostou-se na cadeira. — O que achou dele?

— No curto tempo em que estive lá? Parecia assustado, mas muito dependente da mãe.

— Encaixa no perfil até agora. Estava obcecado pela Marissa. Seguiu-a e espiou-a. Roubou-lhe o telemóvel e fotografou o cadáver. Mas preciso de provas, de ADN, se quiser realmente acusá-lo e prendê-lo.

❋

Na cave de Lewisham Row reinava o silêncio. As portas da longa fila de celas estavam abertas, à espera de qualquer infrator que a noite de Natal pudesse oferecer. Apenas a porta da cela ao fundo

estava fechada. O sargento Ray levantou-se da secretária e foi fazer a ronda, com os sapatos engraxados a ranger no chão. Abriu a janela de metal na porta fechada e fez incidir a luz da lanterna no interior. Joseph Pitkin estava deitado no catre ao canto.

— Tudo bem, rapaz? — perguntou.

Joseph recuou e virou-se para a parede.

— Sim, ótimo — murmurou. Encolheu-se quando a janela se fechou. Mexeu-se no catre na escuridão, tentando arranjar uma posição confortável, lágrimas silenciosas a correr-lhe pelo rosto.

11

A seis quilómetros dali, em Sydenham, um vento frio soprava pela Walpole Road, empurrando a neve contra as paredes das casas geminadas. Diana Crow saiu de casa da sua amiga Fiona pouco depois das onze, estremecendo com o frio. Ficara mais tempo do que pretendia, mas Fiona insistira para que acabasse de ver o filme de Natal.

Diana baixou a cabeça e estugou o passo pela rua escura e coberta de neve até à estrada principal. Apesar do frio, o seu rosto estava quente depois de quatro copos de xerez. Antes de atravessar, esperou que um pequeno *Fiat* passasse. A neve caíra com abundância o dia todo, e o passeio e a estrada haviam-se fundido num só. Ela atravessou com cuidado e diminuiu a velocidade, tentando sentir com os pés onde começava o passeio do outro lado. Estava tudo tão silencioso. As janelas encontravam-se iluminadas, mas com as cortinas fechadas. A caminhada até casa era apenas de alguns minutos. Fiona dissera-lhe que chamasse um táxi, mas Diana achava uma extravagância pagar uma pipa de massa por uma viagem de trinta segundos, a três ruas de distância.

Ao passar pela estação de comboios, viu que o candeeiro de rua estava apagado e a zona se encontrava envolta em escuridão. Não havia carros àquela hora, e ela acelerou ao aproximar-se da passagem subterrânea. O ar era húmido e tinha um cheiro desagradável a urina. Cobriu a boca com as lapelas do casaco. Ali, o passeio estava seco e os passos dela ecoaram, quebrando o silêncio.

O passeio do outro lado, iluminado pela luz alaranjada do candeeiro, parecia distante. Ela continuou e, já perto do candeeiro, uma das paredes pareceu ganhar vida. Um vulto alto saiu das sombras e bloqueou-lhe o caminho.

Ela parou e não conseguiu mover-se. Depois, perguntar-se-ia porque não dera meia volta e correra — estava a menos de sessenta segundos da porta de casa — e porque não reagira ou gritara a pedir ajuda? Em vez disso, paralisou de medo quando a figura alta se aproximou. Era enorme. Movia-se com um rangido suave, e quando

os olhos dela se ajustaram um pouco ao escuro, viu que usava uma máscara de gás. Os dois grandes buracos para os olhos pareciam vazios, e a borracha estendia-se sobre a cabeça como um capuz. Saía vapor do grande filtro pendente. Tinha quadrados brancos pintados, a imitar uma boca sorridente e grotesca. O vulto emanava um leve cheiro químico enquanto a sua respiração acelerava, e ela viu que ele tinha o casaco aberto e se exibia, masturbando-se com uma mão enluvada.

Diana abriu a boca para gritar, mas foi interrompida quando ele a agarrou pelo pescoço e a encostou aos tijolos frios, a sua forte mão enluvada a apertar-lhe o pescoço. Reinava o silêncio, e ela sentiu-se sufocar, e desejou perder os sentidos. Assim que a sua visão periférica começou a ficar preta, ele soltou-a o suficiente para ela respirar e apertou-a de novo.

Fora da passagem subterrânea, a rua continuava vazia. A neve caía. Tudo estava imóvel e silencioso.

12

Erika chegou tarde ao seu apartamento frio. Vivia ali há dois anos e ainda não descobrira como funcionava o temporizador da caldeira. A primeira coisa que fez foi ligar o aquecimento, e manteve o casaco vestido até a casa começar a aquecer.

A seguir preparou um banho de imersão, com a água quase a ferver. Isso ajudou-a a bloquear certos pensamentos e a esquecer o trabalho, mas nem assim conseguiu libertar-se da imagem do corpo de Marissa Lewis deitada na neve. O local de um crime conta sempre uma história, e o pequeno jardim na Coniston Road falava de uma luta violenta. A grande quantidade de sangue que cobria o corpo de Marissa e a neve em redor. O sapato dela ali perto; o *nécessaire* partido de lado, o conteúdo a derramar-se na neve.

As chaves ainda a balançar na fechadura. Se Marissa tivesse chegado à porta segundos antes, teria sido capaz de girar a chave e entrar em segurança?

Erika achava difícil encontrar o equilíbrio entre sentir pena de uma vítima de homicídio e afastar o crime para um canto da mente. Para permanecer sã, era mais fácil desumanizar um cadáver e pensar na pessoa como um objeto: uma coisa ou uma prova. No entanto, nunca era capaz de fazer isso, tal como não conseguia voltar para casa e levar uma vida normal. Ninguém a esperava. Desde a morte de Mark, envolvera-se numa relação com um colega, o detetive James Peterson, e durante algum tempo era ele quem a esperava — ou, melhor, Erika ia para casa dele, viam televisão, encomendavam comida e riam-se. Depois, Peterson ficara gravemente ferido no cumprimento do dever: levara um tiro no estômago diante de Erika, durante um caso de rapto e homicídio. A batalha subsequente dele para recuperar e voltar ao trabalho causara uma rotura entre eles. Fora um fim complicado para um relacionamento promissor. E ela ficou sozinha de novo, durante noites sem fim com os pensamentos.

Assomou-lhe a imagem do dente de Marissa Lewis cravado na parede junto ao portão. Fechou os olhos, mas ele continuou lá: partido rente à gengiva, e com uma mancha de batom vermelho. Erika abriu

os olhos e acrescentou água quente ao banho. As suas pernas geralmente pálidas estavam vermelhas do calor. Na sua mente, surgiram as pernas manchadas de sangue de Marissa na foto tirada do cimo da árvore. As dobras do casaco comprido aberto na neve. Então visualizou o cenário do crime e Isaac agachado ao lado do corpo. O tecido fino do vestido levantado para expor a roupa interior, que estava imaculada. Não havia sangue, e via-se uma faixa de pelos púbicos através do tecido semitransparente.

Erika tirou a borracha do ralo e saiu da banheira, enrolando-se numa toalha. Foi para a sala de estar, onde tinha o portátil e a pasta do caso na pequena mesa de centro. As luzes estavam apagadas e as cortinas abertas. A neve caía de novo com um ruído seco ao bater no vidro. Ela foi até ao computador e analisou as fotos tiradas por Joseph. Primeiro, as do cimo da árvore e depois os grandes planos.

— Seu tarado de merda — murmurou, alternando entre duas perspetivas diferentes e ampliando-as. — Levantaste-lhe a saia quando desceste da árvore…

O telemóvel de Erika tocou, fazendo-a saltar. Olhou para as horas e viu que passava pouco depois das onze da noite. Era Edward, a perguntar se ela gostara do almoço.

— Acabei por não ir. Fui chamada para a cena de um crime — respondeu. — Muito triste. Uma jovem assassinada à porta de casa.

— Oh. Queres falar do assunto?

— Nem por isso. É demasiado tenebroso para o Natal. Tiveste um bom dia?

— Tive uma festa, por acaso. — Ele riu-se. — A Kelly, que mora algumas portas abaixo, apareceu com a mãe, Shirley. Trouxeram uma grande lasanha e o *Monopólio*. Era o *Monopólio* de Manchester. Adivinha qual é a rua mais cara?

— Coronation Street?

— Não. Também pensei o mesmo. É a Lowry, em Salford Quays. Custa o mesmo que Park Lane na versão de Londres. Não se pode ganhar ao *Monopólio* a menos que tenhamos os melhores imóveis.

— Olha para ti, a dizeres coisas como «imóveis».

— E foi por isso que ganhei. Fui um verdadeiro magnata!

Soava normal, muito diferente do velhote confuso daquela manhã. Ela conseguia ouvir a televisão em fundo.

— Ainda bem que tiveste um bom dia — disse Erika.

— Acabei de chegar do cemitério. Nevava, mas nas colinas o céu estava limpo e a Lua brilhava. Achas bem eu ter pensado que aquilo era lindo?

— Acho.

— Não quis que o Mark ficasse sozinho no dia de Natal… — A sua voz tremeu e calou-se. — É tão difícil não o ter aqui.

— Eu sei — disse ela, limpando os olhos.

— Nada podemos fazer acerca disso, pois não?

— Não.

Fez-se um longo silêncio, interrompido pelas gargalhadas na televisão de Edward.

— Bem, só queria saber como estavas e desejar-te as boas-noites.

— Obrigada.

— Feliz Natal. Ligo-te em breve.

— Feliz Natal.

As gargalhadas na televisão calaram-se e Erika voltou ao silêncio do apartamento, a neve a bater nas janelas. Fechou as cortinas e acendeu as luzes. O telemóvel voltou a tocar. Desta vez era Kay.

— Desculpe ligar tão tarde, inspetora, mas encontrei algo no telemóvel do Joseph Pitkin.

— Não há problema. Ainda a trabalhar? — perguntou Erika, impressionada.

— Estava a rever os ficheiros descarregados, e encontrei alguns na memória que tinham sido apagados. Recuperei uns quantos. São perturbadores.

— Pornografia?

— Não. Fotografias e vídeos de Joseph. Vou mandar-lhos agora.

Erika desligou e abriu o *e-mail*. Havia seis fotos. Joseph estava nu, deitado de barriga para cima, e amarrado com tiras de couro a uma mesa de madeira pelo pescoço, braços e coxas. Tinha os olhos vermelhos e arregalados de medo. A mão de um homem desconhecido agarrava-o pela garganta, fazendo os tendões do pescoço retesar-se. Erika clicou no ficheiro de vídeo. Mostrava a mesma cena das fotos e parecia ter sido filmada com um telemóvel.

— Por favor, por favor! Deixe-me ir. Não vou dizer nada. Não vou contar! — implorou Joseph, semicerrando os olhos por causa da luz intensa do telemóvel.

— Pois não. Queres que este vídeo seja enviado a todas as pessoas que conheces? — perguntou uma voz eletronicamente distorcida. A mão apareceu e agarrou os genitais de Joseph, e ele gritou quando a mão os torceu. — Sei onde moras — disse a voz. — Sei o teu número de telemóvel. Se disseres alguma coisa, mando isto a todos os teus contactos… Amigos. Família. Toda a gente.

A imagem passou para uma mesa com uma fila de brinquedos sexuais. A mão sem corpo pegou no maior e voltou para junto de Joseph, que tentou fechar as pernas, mas elas estavam abertas e amarradas à mesa.

— NÃO! — gritou ele. — NÃO!

Erika tirou o som e teve de se forçar a ver o resto do vídeo.

13

Erika chegou à esquadra de Lewisham Row pouco depois das oito da manhã. As obras em volta do centro de Lewisham, que tinham começado quando Erika fora transferida para o sul de Londres, estavam quase terminadas. Vários prédios altos de apartamentos de luxo rodeavam a esquadra de oito andares. Os guindastes encontravam-se imóveis na manhã cheia de neve, e num deles havia uma árvore de Natal iluminada.

Dormira mal. As imagens de Joseph tinham assombrado os seus sonhos. Nas fotos, ele parecia ser uma vítima, mas ela precisava de o interrogar sobre o seu papel no homicídio de Marissa Lewis, e ainda lhe faltavam muitas informações: os resultados da autópsia; ADN; a arma do crime não fora encontrada. Não lhe agradava, mas poderia usar as fotos de Joseph como moeda de troca.

❁

Às nove da manhã, Joseph foi levado para a Sala de Interrogatórios 1 por dois agentes. Não estava algemado. Tinha o rosto pálido e olheiras. Um advogado de olhos lacrimejantes num fato caro às riscas entrou com ele. Não parecia contente por ter de trabalhar no dia 26 de dezembro. Apresentou-se como Henry Chevalier e sentou-se ao lado de Joseph.

Erika instalou-se do outro lado da mesa com McGorry (com um ar igualmente cansado), para quem Joseph olhou com ódio.

— São nove e quatro do dia vinte e seis de dezembro de dois mil e dezassete — disse Erika. — Presentes estão a inspetora-chefe Erika Foster, o inspetor John McGorry, Joseph Pitkin e o seu representante legal, Henry Chevalier.

Henry inclinou-se e sussurrou algo ao ouvido de Joseph. Ele não reagiu, mas assentiu. Erika abriu uma das pastas que empilhara na mesa e tirou as fotos entretanto reveladas.

— Joseph, pode dizer-me se tirou estas fotografias?

Espalhou-as sobre a mesa. Por uma fração de segundo, os olhos de Joseph revelaram choque, depois ele recostou-se e cruzou os

braços.

— O meu cliente optou por não responder — disse Henry.

Erika prosseguiu:

— Isto veio de um rolo não revelado que estava num pequeno tubo de plástico encontrado no beco atrás do jardim dos seus pais. Creio que caiu do seu bolso quando trepou o muro. — Joseph franziu o rosto, carrancudo. — Encontrámos nele impressões digitais. Um polegar e um indicador, e correspondem aos seus. Vou voltar a perguntar: tirou estas fotos?

Joseph olhou para Henry, que assentiu.

— Sim, tirei.

— Fotos de um cadáver.

— Estamos a ver — disse Henry. Erika pegou num grande plano do rosto manchado de sangue de Marissa, os olhos arregalados de medo.

— Esta foto foi tirada da árvore frente à casa da Marissa. — Erika estendeu-a na direção de Joseph, e ele desviou o olhar. — A saia dela cobre as coxas. — Pegou noutra. — Mas nesta foto, tirada de perto, a saia foi levantada para expor a roupa interior. Tocou no corpo, Joseph? — Ele abanou a cabeça. — Também recuperámos vídeos do seu telemóvel que mostram que tinha uma obsessão doentia pela Marissa Lewis. Filmou-a secretamente quando ela estava no quarto e, numa ocasião, quando fez sexo com outro homem.

Joseph estava a tremer e sem pinga de sangue no rosto.

— Não a matei.

— Então o que fez? — perguntou McGorry, recostando-se e cruzando os braços. — Divertiu-se com ela depois de morta? Aproveitou para lhe enfiar os dedos nas cuecas quando ela não podia objetar?

— Senhora agente, agradeço que usem um tom mais respeitoso — interveio Henry.

Erika juntou as fotos e guardou-as. Abriu outra pasta.

— Tenho o seu registo criminal. Cumpriu seis semanas num centro

de detenção juvenil aos catorze anos. Atacou um rapaz na escola com uma garrafa partida. O cirurgião conseguiu salvar-lhe o olho.

Erika pegou na foto de um jovem de cabelo escuro com uma feia linha roxa de pontos que ia da sobrancelha esquerda à pálpebra.

— Estava a defender-me. Ele bateu-me — respondeu Joseph.

— Então porque não lhe bateu também? Em vez disso, partiu uma garrafa e espetou-lha na cara. É coisa de psicopata — disse McGorry.

— Posso perguntar se tenciona acusar o meu cliente? — interveio Henry. — E se sim, de quê? Ele cumpriu pena pelo que fez. Também tem álibi para a hora em que Marissa Lewis foi morta.

— Fornecido pelos pais — retorquiu Erika.

— O pai do meu cliente é um antigo advogado com uma reputação intocável. Ele afirma que o Joseph esteve em casa a noite toda e não saiu até à manhã seguinte.

— Dormem todos no mesmo quarto?

— Que pergunta ridícula.

— Ai é? O local do crime fica a menos de dois minutos da casa do Joseph. Ele já demonstrou que gosta de saltar o muro. Poderia ter ido lá e voltado num curto espaço de tempo.

— Podia, disse bem. Detetives, têm alguma prova concreta?

— Recolhemos amostras de ADN do corpo da vítima. Também tenho agentes a revistar a casa dos Pitkin. É uma questão de tempo — respondeu Erika.

— Já passaram onze horas desde a detenção.

— Tenho o direito de a prolongar por mais dois dias.

— Aconselho-a a não fazer isso — disse Henry em voz baixa e firme. Os seus olhos pareceram perfurá-la do outro lado da mesa.

— Isso é uma ameaça?

— Claro que não — disse ele, com um sorriso falso. — Acha que iria ameaçá-la numa sala cheia de câmaras, onde a nossa conversa é gravada? Está a sentir-se paranoica, inspetora-chefe Foster?

— Não. Provavelmente é apenas falta de cafeína. — Ela sorriu.

— A nossa máquina de café está avariada — explicou McGorry. — Carregamos num botão qualquer, e só sai sopa de rabo de boi.

Henry revirou os olhos.

— O que interessa isso?

Ignoraram-no. McGorry olhou para Erika. Ela pegou na terceira e última pasta e tirou as fotos de Joseph nu e amarrado à mesa, e uma imagem estática do vídeo. Pousou-as sobre a mesa e recostaram-se ambos.

Não estavam preparados para a reação. A pouca cor que restava a Joseph abandonou-o, e as suas mãos começaram a tremer de forma descontrolada.

— Espere lá. Por que motivo não me mostraram essas fotos? — perguntou Henry.

— Recuperámos estas fotos e um vídeo explícito do seu telemóvel, Joseph — disse Erika. — Quem é o homem que lhe fez isso? Ele mandou-lhe os ficheiros?

Joseph abanou a cabeça e levantou-se, tombando a cadeira, e vomitou de forma aparatosa na mesa. Erika conseguiu pegar em duas pastas e todos saltaram para trás.

— Santo Deus! — bradou Henry, olhando com nojo para a pilha de papéis encharcados que segurava, antes de a atirar ao chão.

Joseph ficou quieto e curvou-se para a frente, com um fio de baba pendurado na boca. Reinou um silêncio chocante. De repente, ele lançou-se a Erika, gritando com os dentes arreganhados.

— Sua puta de merda! — berrou, enquanto McGorry o segurava pelos braços. — Onde as arranjou? Como? Como as arranjou? Ele não tem nada que ver com isto! NADA! Vai matar-me!

— Quem? Quem vai matá-lo? — perguntou Erika, afastando-se quando Joseph lhe quis dar um pontapé. — Precisamos de ajuda aqui! — gritou, voltando-se para a câmara instalada num canto da sala. Segundos depois, dois agentes entraram a correr e ajudaram a puxar Joseph para a porta. — Quem? Quem vai matá-lo? Dê-me o nome dele, e tudo isto acaba. — Joseph foi arrastado da sala, a espernear e aos gritos. — Dê-me o nome, posso protegê-lo! — A

porta fechou-se com estrondo.

— Chefe — disse McGorry, pousando a mão no braço dela. — O interrogatório acabou.

Erika olhou para McGorry, para o advogado e para o chiqueiro na mesa, e acalmou-se.

— Sim.

— Santo Deus — murmurou Henry, indo buscar a sua pasta ao canto da sala e reparando que tinha uma nódoa de vomitado na manga do casaco. — Que porra! — E saiu.

Erika e McGorry olharam um para o outro.

— Uma coisa sabemos: ele teve um belo almoço de Natal — disse McGorry, franzindo o nariz.

14

Erika e McGorry saíram da sala e depararam-se com Kay, que assistira ao interrogatório na sala de observação. Tinha na mão uma pilha de toalhetes de papel.

— Que raio aconteceu ali? — perguntou McGorry, pegando numa e limpando a manga do fato. — Era só o que me faltava hoje. — Despiu o casaco com cuidado.

— Abalei-o. Atingi-o num nervo — disse Erika. Distraída, aceitou os toalhetes e viu que escapara incólume.

— Não sabemos se essas fotos e o vídeo têm algo que ver com o caso da Marissa. Parece pornografia de vingança — comentou Kay.

— Tenho de me livrar deste casaco, volto já, chefe — disse McGorry, segurando na peça de roupa com o polegar e o indicador e afastando-se.

— Pornografia de vingança tem que ver com amantes abandonados e expor o outro. Não. O tipo naquele vídeo está a chantageá-lo para não falar — disse Erika.

— Não podemos usar traumas do passado como alavancagem.

— Estive tão perto.

— Como? Como podemos estar perto de algo que desconhecemos, minha senhora?

Erika virou-se para ela.

— Certifique-se de que a sala de interrogatórios é limpa como deve ser — disse ela, devolvendo o toalhete. — E não me chame senhora.

❁

Erika voltou para o seu gabinete. Ligou a Isaac e à polícia científica, mas ambos disseram-lhe que só no dia seguinte teriam novidades. Então telefonou para o agente encarregado do porta a porta na Coniston Road, e ele informou-a de que os dois homens que haviam estado envolvidos com Marissa, Don Walpole e Ivan Stowalski, ainda não tinham sido localizados. No entanto, já conseguira os contactos

da amiga de Marissa, Sharon-Louise Braithwaite, que trabalhava no cabeleireiro. Erika agradeceu-lhe e anotou o número. Ia ligar-lhe quando bateram à porta.

— O que foi?

McGorry espreitou lá para dentro.

— Tudo bem, chefe. O médico examinou o Pitkin. Fisicamente, não tem nada. A tensão arterial está boa, não tem febre, não tem infeções, mas recomendou ao sargento que o deixasse descansar umas duas horas, para que possa acalmar-se, antes de tentarmos interrogá-lo novamente. Ainda está bastante abalado.

Erika olhou para o relógio. Era quase meio-dia.

— Disponho de cinco horas para decidir se devo ou não mantê-lo detido mais alguns dias. Não estou mais perto de o poder acusar… Sabe que pode entrar no meu gabinete; não precisa de ficar à porta! — exclamou ela. McGorry entrou e fechou a porta. — Certo, uma pergunta direta. Acha que ele fez aquilo?

McGorry encolheu os ombros.

— Não sei se teria coragem. O assassino passou-se. Esfaqueou-a. Deve ter ficado coberto de sangue. E o rasto de sangue na cena do crime? Ele não tem carro. Não encontrámos a arma do crime.

— Quem acha que está a chantageá-lo com as fotos?

— Pode ser homem ou mulher. A julgar pela reação dele, acho que é um homem. Viu nas fotos que não é um participante voluntário, ou se foi no início, já não o era no momento em que estava amarrado e nu. Foi dominado fisicamente. Parece apavorado.

E claro, vomitou a sala toda quando viu que tínhamos as fotos e o vídeo.

— Podia ter trabalhado como prostituto — disse Erika. — Não, a família tem dinheiro.

— Ele estava inscrito no centro de emprego.

— Há muitas perguntas em torno dele, e tem razão, ele parecia assustado no vídeo. Devemos ir com cuidado. Essa pessoa tem o poder de o aterrorizar.

15

Quatro andares abaixo, Joseph estava deitado no catre sob a luz intensa da cela, a olhar para a pequena janela. Tinha o rosto pálido e encontrava-se num estado quase catatónico. Fora examinado por um médico, limpo e enfiado de novo na cela. Usava calças de ganga escuras, rasgadas nos joelhos, e uma camisola grossa e também escura. Tinham-lhe tirado o cinto e os sapatos.

Ouviu vozes a ecoar no corredor. Fora detido um grupo de rapazes que gritava e insultava o sargento.

Como conseguiram as fotografias?, interrogou-se. *Apaguei-as. Ele disse-me que se ficasse calado ninguém as veria.*

Joseph viu o rosto do homem que conhecia como «T»: um rosto largo e bonito com testa alta. Olhos penetrantes. Pensara que eram amigos, e T confiara nele o suficiente para lhe mostrar o que tinha na cave.

— É aqui que eu brinco — dissera.

A cave era escura, com teto baixo e chão de cimento nu e manchado. O ar era quente e fedia a suor. Havia um instrumento de tortura chamado tronco, uma jaula e algemas de couro. As paredes estavam cobertas de pornografia recortada de revistas. Joseph não ficara chocado com a nudez ou o sexo. O que o gelara foram os rostos das mulheres e dos homens nas fotos que estavam a ser dominados. Havia um medo genuíno nos seus olhos e alguns sangravam.

— São verdadeiras? — perguntara.

T assentira com a cabeça, passando as mãos sobre o sexo e indo na direção de Joseph.

— Tenho de ir — dissera Joseph, correndo para a porta.

— Fica para mais uma bebida — sugerira T, estendendo a mão e agarrando com força na parte detrás da camisa de Joseph. Este, não querendo parecer assustado e desejando aliviar a tensão, dissera que sim. A última bebida fora drogada, e ele acordara nu e amarrado, incapaz de se mover.

Não sabia quanto tempo durara. O medo de morrer fora mau, mas ver os olhos de uma pessoa que ignorava os nossos gritos, que parecia excitada com a nossa dor, era apavorante. A imagem final que se instalou na sua mente foi a da máscara de gás. Ainda sentia o cheiro, o suor sujo misturado com a borracha e o nitrato de amilo.

Fora asfixiado várias vezes até ficar inconsciente e acordara com T a reanimá-lo com respiração boca a boca. Não se lembrava de as fotografias serem tiradas, mas recordava-se do vídeo… A luz intensa da câmara do telemóvel. Recebera-os por *e-mail* no dia seguinte, com uma nota:

> *Tenho estas fotos e o vídeo guardados. Se ficares calado, continuarão assim.*
>
> *T.*

Agora, os polícias sabiam, e se sabiam, iam investigar. Também teriam a nota? Contariam aos pais, e quem mais descobriria? Joseph enfiou as mãos entre as coxas e começou a soluçar e a balançar. Sentiu-se de novo dominado pelo pavor e teve ânsias de vómito, mas não tinha nada para deitar fora, apenas bílis. Levantou a mão para limpar a boca, e os seus dedos prenderam-se no rasgão do joelho esquerdo das calças.

Deu um salto quando a janela da porta se abriu e o barulho no corredor se tornou mais alto. Os rapazes ainda gritavam, mas agora dentro das celas.

— Estás bem, rapaz? — perguntou o sargento.

Joseph virou-se e olhou para ele, obrigando-se a assentir. A janela fechou-se novamente e os gritos diminuíram um pouco. Joseph começou a alargar o rasgão no joelho das calças e arrancou uma longa tira de tecido.

✺

A comoção esmorecera fora das celas, e todos estavam trancados quando o sargento foi verificar de novo Joseph Pitkin, quinze minutos depois. Quando abriu a janela, não o viu, pois o catre estava vazio.

— Estás bem, rapaz? — perguntou ele, virando a lanterna para a sanita e o lavatório de aço no canto mais distante.

A janela ficava na parte de cima da porta, então, quando viu o bocado de tecido preso na dobradiça, entrou em pânico. Enfiou a mão

lá dentro e sentiu o tecido esticado e depois a parte de cima da cabeça de Joseph Pitkin.

— Merda! Merda! — gritou.

Correu pelo corredor até à mesa e carregou no alarme. O som ecoou pelo corredor enquanto ele pegava nas chaves e corria de novo para a porta da cela. Assim que a destrancou, teve de fazer força contra o peso do corpo. A colega, uma mulher na casa dos cinquenta, veio a correr ajudá-lo. Joseph pendia na parte detrás da porta, a poucos centímetros do chão, suspenso pelo pescoço com uma tira de ganga. Tinha a cara roxa, e os olhos abertos e vermelhos.

— Ponha-o no chão, depressa, solte-o! — gritou ele. A agente lembrara-se de trazer numa tesoura e cortou o laço improvisado. O sargento deitou Joseph e alargou a tira de tecido. A colega não disse nada quando começou a fazer reanimação cardiorrespiratória, continuando por vários minutos, pressionando o peito de Joseph e soprando na sua boca.

Sabia que ele estava morto. Já vira aquilo muitas vezes.

16

A superintendente Melanie Hudson tinha pouco mais de um metro e cinquenta, cabelo loiro curto e olhos cinzentos meigos, mas os olhos e a silhueta esguia ocultavam uma determinação de aço.

Preparava-se para uma tarde de televisão e uma caixa de chocolates com o marido e o filho quando recebeu o telefonema a informá-la da morte de um jovem numa cela da sua esquadra.

Foi logo para Lewisham Row e ainda viu o corpo de Joseph Pitkin ser levado. Ouviu as declarações dos dois agentes envolvidos e, em seguida, subiu ao seu gabinete. Quando dobrou a esquina para o corredor, encontrou Erika à espera numa cadeira.

— Tem estado sentada no escuro? — perguntou, levantando o braço e acendendo as luzes com o cotovelo.

— Ajuda-me a pensar.

Ela pousou a mala e destrancou a porta. Erika seguiu-a para dentro.

— Comece pelo princípio e conte-me tudo — disse ela, indicando a cadeira frente à secretária.

Erika resumiu o que acontecera com Joseph, desde que chegara à Coniston Road, e o descobrira a observar o local do crime, até à subsequente detenção, quando encontraram as fotos e o vídeo.

— Preciso de ver o vídeo da entrevista. Também quero um relatório completo seu e do McGorry. Há alguma coisa que queira dizer-me?

Erika olhou para o chão.

— O pai de Joseph é um advogado aposentado… Quando fomos atrás do rapaz, no final da perseguição, o McGorry envolveu-se numa altercação… bem, uma luta… com ele. Estava a tentar impedi-lo de fugir… segurou-o pela alça da máquina que ele tinha ao pescoço.

— Defina *segurou* — pediu Melanie.

— O pai, David Pitkin, disse achar que foi um estrangulamento.

— E foi?

— Aconteceu muito depressa. O Joseph estava a dar socos sentado em cima do McGorry. O John agiu em autodefesa.

— Mas foi um estrangulamento?

Erika coçou a cabeça.

— Sim. Raios, sim.

— Por quanto tempo?

— Não sei. Alguns segundos; dez, talvez.

— Compreende que haverá uma investigação sobre o motivo por que o Joseph Pitkin se enforcou. Estava a ser vigiado por possível tentativa de suicídio.

— Porque são as verificações feitas apenas a cada quinze minutos? Muito pode acontecer entretanto. Ele rasgou as calças de ganga, pelo amor de Deus! — Erika limpou as lágrimas. Endireitou-se e pegou num lenço de papel. — Quero informar os pais.

— Não. Não é boa ideia.

— Ele estava detido por minha causa.

— Estava detido porque a Erika tinha provas convincentes para o deter e interrogar. Também teve conflitos com a família; precisam de alguém imparcial. Vou informá-los acompanhada de um agente de ligação.

— Não sabia que ele tinha problemas mentais. Não tive acesso ao seu historial médico, mas foi examinado por um médico depois da nossa primeira conversa explosiva, e o médico disse que ele podia ser interrogado de novo, após um intervalo. Não chegámos tão longe. Ele era uma parte fundamental da minha investigação…

— Certo. Meta folga o resto do dia — disse Melanie.

— Estou fora do caso?

— Não. Preciso de ver as imagens da entrevista e de conversar com o sargento e os agentes responsáveis pela detenção. Também necessito de uma declaração escrita sua com todos os pormenores. E quero falar com o McGorry.

Erika levantou-se.

— Muito bem.

— Espere e sente-se.

Erika sentou-se na cadeira.

— O que foi?

— Vou dizer uma coisa de que não vai gostar, mas quero que me ouça.

— Sim?

— Sofreu muito este ano, Erika. Mal passou uma semana desde que encerrou o caso dos raptos e homicídios.

— Dez dias… — Erika fechou os olhos.

Fora um caso angustiante; um jovem casal, Nina Hargreaves e Max Hastings, cometera uma série de homicídios e roubos por toda a cidade de Londres. A imprensa, inevitavelmente, transformara aquilo numa história ao estilo de Bonnie e Clyde, e o comandante Marsh fizera uma declaração fatídica à imprensa, denunciando os dois assassinos.

Marsh julgara que fora inteligente ao fazer-lhes um ultimato, mas, ao invés, dera-lhes um rosto e um nome. Não demorou muito para Nina e Max investigarem a sua vida pessoal e descobrirem que a mulher de Marsh vinha de uma família rica e que tinham duas filhas pequenas gémeas.

Atacaram Marcie quando ela estava sozinha em casa, e Nina Hargreaves enganara as pessoas da creche, fazendo-se passar pela nova ama das meninas. Foi quando as raptaram. Contra todos os conselhos, Marsh e Marcie pagaram um resgate de duzentas mil libras — mas o caso só terminou quando Erika conseguiu localizar Nina e Max e o local onde as gémeas estavam em Dartmoor, no Sul da Inglaterra.

O banho de sangue subsequente, resultante do facto de os raptores se voltarem um contra o outro, ainda estava gravado na mente de Erika. Ela salvara as gémeas, que escaparam fisicamente ilesas, mas as cicatrizes emocionais levariam tempo a sarar.

— Erika! Erika!

Abriu os olhos. Melanie olhava para ela com preocupação.

— O que aconteceu lá?

— Desculpe. Estou cansada e ainda um pouco em choque. É trágico ver alguém tão jovem tirar a própria vida… e ele era uma testemunha importante.

Melanie pegou na carteira e retirou um cartão, entregando-o a Erika.

— Doutor G. Priestley. Psicólogo clínico — leu ela, olhando para Melanie. — Isto é para mim?

— Sim.

— Acha que estou maluca? Desequilibrada?

Melanie levantou a mão.

— Não, nada disso. E antes de avançarmos, quero acrescentar que o doutor Priestley é meu médico. Vejo-o uma vez por semana.

— Terapia?

— Sim.

Erika não sabia o que dizer e olhou para o cartão de novo.

— O que é isto? Concluo mais um caso bem-sucedido em que paro dois assassinos múltiplos e resgato as filhas do comandante, e não sou felicitada, mas sim posta a fazer terapia?

— Erika. Não. Isto sou eu a conversar consigo como amiga ou colega, em particular. Não tem nada que ver com a Polícia Metropolitana, nem com qualquer processo, tão-pouco com o suicídio do Joseph Pitkin. Você é uma das minhas melhores agentes e tenho a certeza de que voltará em breve e continuará a trabalhar nesta investigação, mas é isto que quero de si. É meu dever informar os nossos superiores se algum dos meus agentes não consegue lidar com as pressões do trabalho.

— Vai fazer queixa de mim?

— Não! Ouça o que estou a dizer, sua idiota!

Erika olhou para ela e sorriu.

— Desculpe… — começou Melanie.

— Não, tudo bem. Prefiro que me chamem idiota a que me venham com balelas… — Levantou o cartão. — É o seu terapeuta?

— Sim.

— Importa-se que pergunte porquê?

Melanie respirou fundo e recostou-se.

— Fiquei grávida pela primeira vez de gémeos. Levei a gravidez a termo, fiz a festa, tinha a família e o marido muito excitados na maternidade para pegar nos nossos bebés… ambos nados-mortos. — Respirou fundo e limpou uma lágrima. — Os médicos não souberam porquê. Não tenho histórico familiar de nados-mortos. Foi uma gravidez normal. A falta de motivos acabou comigo. Perdi a fé e quase perdi tudo o resto. Quase me destruiu.

— Sinto muito. Quando foi isso?

— Há dez anos, mas foi uma longa viagem para voltar à normalidade. Claro, acho que nunca irei recuperar completamente, mas agora a vida é boa. Então, estou a conversar consigo como amiga, sem fazer juízos. Não se vá abaixo, Erika. O trabalho não vale isso. Não quero dizer-lhe como viver a vida, mas não estou contra si. Conforme disse, é uma das minhas melhores agentes, e quero que continue assim, a fazer o que faz, mas precisa de se certificar de que tem o estado de espírito certo.

Erika voltou a olhar para o cartão.

— Posso pensar no assunto?

— Claro, só não pense muito tempo. Enquanto isso, vá para casa e durma um pouco. Eu ligo-lhe. E chame o McGorry.

Erika saiu do escritório e fechou a porta. McGorry e o sargento aguardavam sentados no corredor. Olharam para ela.

— Como correu? — perguntou McGorry.

— Bem. Conte a verdade, tal como aconteceu. Tive de mencionar o estrangulamento ao Joseph, e frisei que foi em legítima defesa. Vou incluir tudo no relatório.

— As calças, as calças de ganga — murmurou o sargento, abanando a cabeça, descrente.

— Fez o seu trabalho — disse Erika.

— Mas não foi o suficiente — respondeu ele.

Erika pousou a mão no braço dele e, despedindo-se, saiu da esquadra. Quando entrou no carro, viu que ainda tinha as prendas de Natal das gémeas no banco detrás. Ligou o motor e dirigiu-se a casa do comandante Marsh.

17

Marsh vivia numa rua elegante com grandes vivendas perto de Hilly Fields, que tinha uma vista deslumbrante do horizonte de Londres. O Sol pôs-se assim que Erika encontrou lugar para estacionar do lado de fora e tingiu as ruas cheias de neve de um tom dourado. Ela esperava que os Marsh estivessem fora, para poder deixar as prendas no alpendre, mas quando chegou à porta ouviu o som da televisão. Respirou fundo e pegou na grande aldraba de ferro, batendo com ela na madeira.

Pouco depois, Marsh abriu a porta. Era um homem bonito na casa dos quarenta com cabelo loiro curto. Estava pálido e abatido, e parecia ter perdido bastante peso.

— Erika — disse ele, surpreendido.

Ela levantou as prendas.

— Sei que estou um dia atrasada, mas queria dar isto às meninas e pedir desculpa pelo meu não comparecimento.

Marsh ia dizer alguma coisa, mas Marcie apareceu no corredor.

— Conseguiu vir. Feliz Natal — disse ela, dando um abraço a Erika. — Como está?

Marcie era uma mulher bonita, mas também perdera muito peso. O seu cabelo preto geralmente brilhante estava comprido e com aspeto baço, e usava uma forte camada de maquilhagem, que não disfarçava os dois olhos negros e o inchaço do nariz partido, ainda sequelas do ataque.

— Bem — respondeu Erika, pouco à vontade. Ela e Marcie conheciam-se há muito tempo. Nunca haviam tido um relacionamento fácil, até que Erika salvara as suas filhas.

— Vamos lá para dentro, aqui está frio — disse Marcie, esfregando os ombros de Erika. — Esse casaco não é muito grosso. Com este tempo, precisa de mais do que de um casaco de cabedal!

Levaram-na para a sala de estar, que se encontrava demasiado aquecida. Na lareira havia uma chama forte e ao lado uma enorme

árvore de Natal. O pai de Marcie, Leonard, dormitava numa poltrona ao canto, e o pai de Marsh, Alan, dormia noutra poltrona ao lado da árvore.

— Sente-se — disse Marcie. — Estou a preparar um almoço volante. Tenho carnes frias e queijos, e sopa de brócolos com *stilton*.

— Que bom — respondeu Erika.

— Podemos servir-lhe uma bebida? Champanhe? — perguntou Marsh.

— Paul, fala baixo. Eles estão a dormir! — repreendeu Marcie num sussurro alto.

— A minha voz está ao nível da tua — sibilou ele.

— Não, falaste muito alto… Anda ajudar-me com a comida. Com licença, Erika.

Saíram da sala. Erika olhou para os dois idosos adormecidos, bastante corados. O pai de Marcie, Leonard, estava bronzeado e bem vestido, com calças azuis e camisa axadrezada com gravata. Alan tinha um ar mais desmazelado, com calças de ganga velhas e camisola amarela de lã. Leonard mexeu-se na poltrona, tossiu e endireitou-se, tentando orientar-se. Com um sobressalto quase cómico, reparou na presença de Erika.

— Olá.

— Olá.

— Eu conheço-a, não é verdade? É aquela agente — disse ele. Falava num tom elegante e afetado. — Ulrika, não é?

— Erika Foster, inspetora-chefe.

Leonard levantou-se desajeitadamente e aproximou-se de mão estendida, sorrindo. Os seus dentes postiços pareciam demasiado brancos em contraste com a pele bronzeada. Ela apertou-a, e então ele beijou-a nas duas faces.

— Estamos muito gratos pelo que fez, pelo Paul e pela Marcie e pelas gémeas. Obrigado — disse ele, continuando a apertar-lhe a mão.

— Fiz apenas o meu trabalho.

— Que coisa mais desagradável. Vi a reportagem; tiveram de desfocar as imagens do corpo do Max Hastings.

— Sim…

Leonard continuava a apertar-lhe a mão.

— O Paul disse-me que a rapariga disparou um foguete de sinalização na direção dele… rebentou-lhe com a cabeça, havia miolos por todo o lado. Acha que as gémeas viram isso?

— Sim, acho que sim.

— O meu avô sobreviveu às trincheiras durante a Primeira Guerra Mundial. Teve stresse pós-traumático, claro. Lembrava-se de ver rapazes com as nucas arrancadas por estilhaços… Claro, hoje em dia somos encorajados a fazer terapia; naquela altura eles sofriam em silêncio…

Alan acordou. Levou um momento a despertar completamente, depois fez estalar os lábios e esfregou os olhos. Era uma versão mais velha de Marsh, com um rosto rude e cabelo grisalho curto.

— Alan, esta é a Ulrika, a agente que apanhou aqueles malditos assassinos!

— Olá, é Erika — emendou ela, soltando a mão do aperto de Leonard.

— Ulrika… é um nome sueco. Costumava apresentar o boletim meteorológico? — perguntou Alan, muito sério.

— O boletim meteorológico?

— O pobre velhote está a perder o juízo — murmurou Leonard, batendo de lado na cabeça.

— Eu ouvi isso! — exclamou Alan. — Ela é a enfermeira?

Felizmente, Marsh voltou para a sala com uma bandeja com champanhe.

— Pai, esta é a Erika. Erika Foster. Estudámos juntos em Manchester — disse ele.

Alan assentiu, mas não pareceu mais esclarecido.

— Esteve no almoço? Ela esteve no almoço, Paul?

— Não, pai, a Erika acaba de chegar — continuou Marsh, falando devagar e em voz alta.

Fez-se um silêncio constrangedor. Leonard pegou no comando e ligou a televisão. Estava a dar *Música no Coração*. As crianças Von Trapp desciam as escadas a marchar.

— Vamos até à cozinha — acrescentou Marsh em voz baixa.

Erika sorriu aos dois idosos, agora absortos no filme.

— Desculpe lá aquilo. O meu pai está a ficar um pouco confuso. Tem sido um Natal muito frustrante. Passo a vida a repetir tudo — disse Marsh enquanto seguiam pelo corredor até à cozinha. — O Leonard está bem, simplesmente não ouve. Vive no seu mundo.

— Quem não ouve? — perguntou Marcie quando eles entraram na cozinha. Estava a pôr a comida na mesa comprida da cozinha.

— O teu pai.

— Pelo menos o meu pai sabe que dia é.

— Isso é um pouco duro — retorquiu Marsh.

— É uma observação. Ele devia estar num lar. Tem sido muito stressante tê-lo aqui. Não há nada de errado com o meu pai. Se bem te lembras, ontem, ele ganhou no *Trivial Pursuit*.

Erika olhou para o seu champanhe, querendo sair da linha de fogo.

— Não estou a dizer que ele vai pelo mesmo caminho do meu, apenas que é teimoso, e a forma como fala com a tua mãe…

— A minha mãe consegue ser tão má como ele.

— Por que motivo saiu ela hoje? Quem me dera ter saído!

Marcie olhou para ele. Tinha lágrimas nos olhos.

— É melhor eu ir andando — interveio Erika.

— Não, por favor, fique — pediu Marcie, limpando os olhos.

Marsh estava ao lado dela, a tentar controlar a fúria.

Sophie e Mia entraram na cozinha, desanuviando o ambiente. Eram duas crianças de quatro anos idênticas, com vestidos de veludo roxo iguais, colãs grossos cor de creme e fitas cor-de-rosa no cabelo

escuro comprido. Viram Erika e, sem dizerem nada, aproximaram-se e deram-lhe um abraço. Erika pousou o copo e baixou-se para abraçar as meninas, sentindo o cheiro do seu cabelo. Na cozinha quente e iluminada, tudo o que acontecera parecia surreal e distante.

— Gostamos muito de te ver — disse Sophie, tomando a liderança.

— Eu também gosto muito de vos ver — respondeu Erika.

Entreolharam-se. Mia assentiu com ar solene; os seus grandes olhos castanhos eram bem expressivos. Erika sentiu-se mal por não ter vindo almoçar no dia anterior.

— Trouxe-vos prendas. Vêm um pouco atrasadas, mas, feliz Natal. — Deu os dois sacos às meninas, e elas tiraram as prendas embrulhadas e rasgaram o papel animadamente. O primeiro era um *Blingles Glimmer Studio Sticker Maker*, para criar autocolantes com purpurinas, e o segundo um *Fashion Headbands*, com opções para fazer fitas de cabelo de cores diferentes, com flores e purpurinas.

— Comprei duas coisas diferentes, lembrei-me de que gostam de partilhar — explicou Erika.

A expressão das gémeas era de espanto e excitação.

— Oh! Meninas, o que dizem à Erika? — perguntou Marcie.

— Obrigada, Erika! — exclamaram.

— Ainda não tinham recebido isto? Os meus sobrinhos são mais ou menos da vossa idade, e disseram que eram prendas boas.

— Não, ainda não, e são as melhores prendas de SEMPRE! — exclamou Mia, dando-lhe outro abraço.

As meninas olharam para Marcie.

— Mamã, vai buscar a coisa — pediu Sophie.

Marcie foi até à bancada da cozinha e pegou numa pequena caixa embrulhada. Entregou-a a Sophie, então Mia segurou-lhe num canto e as duas entregaram-na a Erika.

— Comprámos-te isto — disse Mia.

Erika tirou o papel de uma pequena caixa de joias. Quando a abriu, encontrou no interior um fio com uma pequena cruz de prata. Marcie

pegou na caixa e abriu o fio, e Mia levantou o cabelo curto na parte detrás da cabeça de Erika para que pudessem pôr-lho.

— É muito bonito — disse Erika às meninas, depois olhou para Marcie e Marsh. Eles sorriram. As gémeas tiraram dois *iPhones* novos dos bolsos dos vestidos e, com as suas minúsculas mãos, desbloquearam habilidosamente os ecrãs.

— Isto foi a prenda dos pais — disse Sophie. — Querem que fiquemos em contacto com eles, sempre, por causa do que aconteceu.

Mostraram os ecrãs a Erika e a foto que lhe tinham tirado com o colar. Ela estava magra e quase translúcida; muito pálida contra o frigorífico branco.

— Estás bonita — comentou Sophie.

— Mas precisas de comer alguma coisa — disse Mia. Felizmente, isso desanuviou o ambiente, e todos se riram.

— Meninas, vão lavar as mãos — ordenou Marcie.

Erika esperou que as crianças saíssem.

— Como estão elas? — perguntou.

Marcie e Marsh entreolharam-se.

— Surpreendentemente bem, considerando tudo — respondeu Marcie. — A Sophie é mais forte. É ela quem cuida da Mia.

— Continuam a enfiar-se nos cantos para falarem uma com a outra na sua linguagem inventada — acrescentou Marsh.

— Não há um manual que nos diga o que fazer. Vou levá-las a um psicólogo no ano novo — disse Marcie.

— E como estão vocês? — perguntou Erika.

Entreolharam-se, como se pela primeira vez tivessem visto que eram um casal. Hesitaram.

— A levar um dia de cada vez — respondeu Marsh, e deu uma palmada na perna de Marcie, que se desviou dele.

— Vá, vamos comer — disse ela.

Mais tarde, Erika voltou para casa. Gostara muito da prenda das meninas, e estava sempre a tocar-lhe. Pela primeira vez, soube-lhe bem regressar a um apartamento vazio. O ambiente no lar dos Marsh fora um pouco hostil e, apesar do tamanho, a casa parecia claustrofóbica com todos os convidados.

Erika estava a servir-se de vodca com gelo quando o telefone tocou. Era Melanie.

— Já revi tudo sobre o Joseph Pitkin e, neste momento, só posso dizer que foi um trágico acidente.

— Certo. Contou aos pais dele?

— Sim. Como esperado, ficaram de rastos.

— Culpam-me?

Melanie suspirou.

— Não vou responder a isso. Mas obviamente veem toda a situação de forma muito diferente.

— Fez-lhes perguntas sobre as fotos e o bilhete do tal T?

— Não, Erika. Não fiz… — Melanie ficou em silêncio por um momento. — Mas preciso de si de volta ao trabalho amanhã. Vou dar-lhe uma equipa maior para o caso da Marissa Lewis. Durma bem.

Quando Melanie desligou, Erika foi até à janela da sala. As luzes estavam apagadas e ela olhou para a rua escura e coberta de neve. Uma raposa surgiu no clarão da luz alaranjada do candeeiro, parando com as patas na neve, o corpo elegante a ondular sob a luz. Estava à espera, para ver se podia ir vasculhar os caixotes do lixo. Erika observou-a das sombras.

— Vá. É seguro, dá uma corrida — disse ela. A raposa avançou lentamente até ao estacionamento, passando pelos carros cobertos de neve, em direção aos caixotes, que sem dúvida estavam repletos de restos de comida. — Isso mesmo.

Houve um rangido no andar de cima e uma luz acendeu-se na janela, iluminando um grande quadrado do parque de estacionamento escuro. A raposa virou-se e desatou a correr, desaparecendo nas sombras.

18

As noites escuras de inverno nos subúrbios de Londres eram sempre excitantes para o homem que gostava de se chamar «T». Saía de casa a coberto da escuridão, vestido de preto, com a máscara de gás guardada num dos grandes bolsos do casaco comprido.

A zona sul de Londres estendia-se por quilómetros e, de cada vez, ele sentia-se com sorte por encontrar uma zona que nunca vira antes, entre sucessivas filas de casas geminadas, becos escuros, pequenos parques escondidos e zonas com arbustos. Nas áreas suburbanas do sul de Londres quase não havia câmaras de vigilância. As estações de comboio só as tinham nas áreas iluminadas.

Ele acreditava que o seu rosto era a verdadeira máscara. Era um rosto comum, não exatamente banal, mas aceitável. Já fazia aquilo há meses, e a única imagem que a polícia tinha era a da máscara de gás.

Sempre lhe pareceu estranho o pouco em que as pessoas reparavam. Eram especialistas em não ver. Só queriam chegar ao trabalho e ansiavam por regressar a casa. Raramente conversavam. Olhos míopes. Quase com medo de terem de se envolver no mundo em redor. Era com os desempregados, os bêbedos e os sem-abrigo que se precisava de fazer cuidado. Estavam atentos ao que os rodeava, não apenas a deslocar-se de A para B. Eram forçados a estar à vista de todos, a retirar ferramentas para a sua sobrevivência numa paisagem árida. Eram os observadores especialistas, e sabiam a quem pedir uma moeda ou um cigarro, e quem queria droga.

Felizmente para T, ninguém reparava nos sem-abrigo. Ninguém que importasse. Seria mais fácil apanhar um sem-abrigo. Oferecer-lhe algumas libras para que o seguisse até um canto escuro. Por uma nota de cinco, ele podia fazer quase tudo o que quisesse, dependendo do grau de desespero da pessoa.

Mas isso não seria divertido. Era do medo que ele gostava, de encontrar alguém limpo e normal. Descobrir um bom pilar da sociedade, bem vestido, que pagasse os impostos, e arrancá-lo da sua pequena bolha. Havia sempre uma expressão nos rostos quando

os encurralava que parecia dizer: *Este tipo de coisa não me acontece. Acontece às outras pessoas. Às pessoas más. Eu sou bom*.

A máscara de gás tinha o seu propósito prático, mas também acrescentava um prazer sensorial. A sensação do capuz de couro apertado, o odor intenso ao seu suor rançoso, misturado com o cheiro do couro. A forma como os vidros grossos distorciam a sua visão e aumentavam ligeiramente o rosto das vítimas.

Naquela noite, ele seria apenas um espetador. A neve acrescentava uma camada extra de proteção. Abafava os sons. Ele iria observar e esperar. Nunca sabia os nomes deles, mas gostava de conhecer as suas rotinas. Essa era outra emoção. Saber quando saíam de casa. A que horas iam para o trabalho, a que horas chegavam a casa.

As pessoas eram criaturas de rotina. Até no Natal.

Se aprendesse as suas rotinas, o resto era fácil.

19

Na manhã seguinte, Erika chegou cedo a Lewisham Row e foi à minúscula copa no rés do chão, ao lado do vestiário usado pelos agentes fardados. Olhava para um armário aberto cheio de chávenas quando dois jovens agentes entraram ainda com os coletes.

— Bom dia, inspetora — disseram em uníssono. Pareceram surpreendidos ao vê-la.

— Bom dia. Estas chávenas pertencem a alguém?

O jovem, que era mais baixo do que Erika, estendeu a mão e tirou duas chávenas, entregando uma à colega, que parecia ter vergonha de estabelecer o contacto visual.

— Ninguém usa as das flores, inspetora — respondeu ele.

Erika tirou uma do armário e gerou-se um silêncio constrangedor enquanto a chaleira aquecia e depois se desligava. Ninguém se mexeu.

— Sirvam-se primeiro; merecem — disse ela. O jovem tirou algumas colheres de café de uma lata grande e encheu as chávenas com água. — Foi uma noite difícil?

Ele assentiu.

— O pesadelo habitual quando os *pubs* fecharam. Os adolescentes parecem ficar mais bêbedos e violentos nas quadras festivas.

— E fomos chamados três vezes por pessoas que pensaram ter visto o agressor da máscara de gás — acrescentou a mulher.

— Agressor da máscara de gás? — perguntou Erika.

— Sim. Tem estado nos noticiários nas últimas semanas. Não ouviu?

— Não, andei ocupada com outro caso.

— Um homem com uma máscara de gás tem atacado mulheres e homens. Gosta de visar as estações de comboio ao início da manhã ou à noite, depois de o último comboio passar.

— Quantas vítimas?

— Cinco, desde meados de novembro.

— Ele viola-as?

— Não a todas. As duas primeiras vítimas foram estranguladas até desmaiarem e, quando acordaram, ele tinha desaparecido. O noticiário local pediu informações ontem de manhã, depois de uma mulher ter sido atacada no dia de Natal, junto à estação de Sydenham.

— Estava a menos de um minuto da porta de casa — disse o homem.

— Então, fomos chamados toda a noite por pessoas que pensaram ter visto ou ouvido alguma coisa. Alarme falso — acrescentou a mulher.

Foram-se embora com as chávenas. A detetive Moss entrou na copa com um enorme casaco de inverno. Era uma mulher baixa e compacta. O seu cabelo vermelho flamejante estava pontilhado de neve derretida, e o rosto pálido coberto por um mar de sardas.

— Bom dia, chefe. Como foi o seu Natal? — Moss abriu os botões do casaco e pegou numa chávena.

— Foi…

— Esteve a trabalhar, não é verdade?

Erika assentiu.

— No homicídio de que vos vou falar a seguir.

— Teve um bom almoço?

Erika abanou a cabeça.

— Comi a minha primeira, e última, «sanduíche de jantar de Natal».

Moss fez uma careta.

— Eu provei o meu primeiro, e último, *smoothie* do bolo de Natal. E o meu irmão Gary ficou lá em casa com a mulher e as crianças.

— Quantas?

— Só tem aquela mulher.

— Que engraçadinha.

— Três crianças.

— Dão-se bem com o Jacob?

Moss esfregou os olhos e encheu a chávena com água a ferver.

— Sim, eles não se dão é bem uns com os outros, e estão naquela idade: sete, oito e nove anos. Foi um pandemónio. A nossa casa é muito pequena. E durante o almoço de Natal, as crianças fizeram perguntas sobre a palavra começada por L.

— Lapónia?

Moss sorriu e juntou leite ao café.

— Ah, ah. Não. Lésbicas. Ou seja, eu e a Celia, porque somos casadas, como somos casadas e como conseguimos dar à luz o Jacob. A Celia respondeu a tudo, claro, mas houve um milhão de perguntas. Nem sequer chegámos a contar as piadas dentro dos biscoitos de Natal. Correu tudo bem, mas não foi a conversa que eu esperava ter.

Erika abriu a boca para falar, quando um agente negro alto e bonito entrou na copa. Parou quando viu Erika e Moss.

— Bem. Bom dia — disse, recuperando a compostura. Era o inspetor Peterson.

Moss olhou para Erika e Peterson, tentando perceber o que dizer.

— Caramba, ele voltou finalmente ao trabalho!

Peterson assentiu e mostrou a identificação, esboçando um grande sorriso.

— Está com muito melhor aspeto — disse Erika. Era uma surpresa vê-lo. Uma surpresa agradável, percebeu ela. — Teve umas boas férias de Natal?

— Não foram realmente férias; mais uma contagem decrescente até poder voltar ao trabalho… Acabou por ser… Bem, foi um dos melhores Natais de todos os tempos.

— Quer contar-nos? — perguntou Erika, questionando-se a si mesma se ele teria conhecido outra pessoa e depois desejando não

ter perguntado.

— Este é oficialmente o meu primeiro dia de regresso ao trabalho — disse ele, mudando de assunto. Houve um silêncio constrangedor.

— Escolheu um bom dia. Vou começar uma reunião daqui a cinco minutos na sala de operações principal. Não se atrasem. — Erika pegou na chávena e saiu.

❋

Moss e Peterson ficaram em silêncio por um momento. Moss foi até à porta e confirmou que Erika não os podia ouvir.

— Estiveste com ela no Natal? — perguntou.

— Não.

— As coisas vão estar bem entre vocês? Não posso ficar presa no meio de duas das minhas pessoas favoritas.

— Sou uma das tuas pessoas favoritas? — Ele sorriu.

— Às vezes. Depende. Devias ter-lhe ligado no dia de Natal. Sei que acabaram tudo, mas ela passou o dia a trabalhar. Era para estar de folga… Sabes que é uma criatura solitária. Convidei-a para minha casa, mas não quis ir.

— Eu tencionava ir até lá, mas então algo… aconteceu — disse Peterson. — Ainda estou a tentar processar tudo. — Ele sorriu e abanou a cabeça.

— Pela tua expressão, calculo que foi uma coisa boa — disse Moss.

Ele foi até à porta e fechou-a.

— Faz-me um café que eu conto-te.

20

A reunião decorreu na sala de operações maior, no rés do chão.

Erika encontrava-se diante de um enorme mapa de Londres, com três metros quadrados, o labirinto de estradas que se fundia nas Circulares Norte e Sul e na M25 a formar círculos crescentes em volta do centro de Londres, e as espessas linhas azuis do rio Tamisa a serpentear pelo centro. Tinham sido chamados vinte agentes e pessoal civil de apoio para trabalhar no caso de Marissa Lewis, e era a primeira vez que se reuniam desde o dia de Natal.

A equipa incluía agentes com os quais Erika já trabalhara: o sargento Crane, um homem de rosto agradável com cabelo claro a rarear; Moss e Peterson, que, reparou ela, ainda estavam a tomar café; McGorry e Kay, que arrumavam as secretárias — ambos assentiram e sorriram a Erika quando ela passou. Os detetives Knight e Temple ajudavam a agente Singh, uma mulher pequena e muito inteligente, a fixar no quadro as informações sobre o caso.

A superintendente Hudson entrou na sala e fechou a porta, empoleirando-se numa secretária ao fundo. Assentiu e sorriu a todos.

— Bom dia — começou Erika. — Espero que tenham tido um bom Natal, mas, infelizmente, acabou depressa… — Foi até uma foto tipo passe de Marissa. — Marissa Lewis, de vinte e dois anos, foi assassinada à porta de casa na Coniston Road, no sul de Londres. Ainda estou à espera dos resultados da autópsia, mas calculamos que a hora da morte foi tarde na noite de Natal… — A porta abriu-se e Moss e Peterson entraram com as chávenas de café. Moss pediu desculpa a Erika com os lábios, assim como Peterson, e sentaram-se ao lado de uma fotocopiadora próximo das janelas que davam para o corredor. — Obrigada por se juntarem a nós. Não sabia que o café instantâneo levava tanto tempo a fazer.

— Desculpe, chefe — disse Moss, parecendo mortificada.

Peterson olhou com ar culpado para a chávena.

Erika continuou:

— A Marissa Lewis foi esfaqueada repetidamente com uma lâmina

serrilhada afiada. — Erika indicou as fotos no quadro, os grandes planos dos ferimentos do cadáver. — Nesta fase, não temos a arma do crime. Mas sabemos pelos primeiros relatórios da polícia científica sobre o interior da casa que o cenário do crime esteve confinado ao pequeno jardim da frente. Não há salpicos nem sangue da Marissa dentro da casa. Também aguardamos mais resultados…

— Isso exclui o envolvimento da mãe da Marissa? — perguntou McGorry.

— Não. Significa apenas que, se ela matou a filha, se terá limpado e deitado fora o que vestia antes de voltar a entrar em casa. Ninguém é excluído nesta fase da investigação. Todos são suspeitos.

Erika passou a explicar o que acontecera com Joseph Pitkin e o seu suicídio no dia anterior na cela. Houve um momento de silêncio. Os suicídios na esquadra eram um terrível lembrete da vulnerabilidade dos prisioneiros.

— Nesta fase, ainda estamos a tratar o Joseph Pitkin como um suspeito. Precisamos de reunir mais provas antes de pedirmos novas informações à família. Temos um vídeo e fotografias tiradas do seu telemóvel que provam que ele conhecia a vítima. Em várias ocasiões, sobretudo à noite, filmou-a em segredo quando ela estava em casa, no quarto. Acredito que, a certa altura, ela se apercebeu. Precisamos de saber se o encorajava, ou se o deixava filmá-la por alguma razão em particular. Há um vídeo de Marissa a ter relações sexuais com um homem que corresponde à descrição de um vizinho chamado Don Walpole.

Erika indicou alguns fotogramas retirados do vídeo, que estavam a ser afixados no quadro.

— Don Walpole é casado, tem cinquenta e poucos anos, e acredita-se que teve uma relação com Marissa quando ela era adolescente. Também mora na Coniston Road. Outro vizinho, da mesma rua, é Ivan Stowalski. Também esteve envolvido sexualmente com Marissa. Tem trinta e poucos anos, é polaco, mas vive no Reino Unido com a mulher. Marissa era bailarina de burlesco e atuava em clubes londrinos. Também cuidava de uma idosa que mora em Hilly Fields, ao virar da esquina…

Enquanto Erika falava, os detetives Knight e Temple ajudavam a

agente Singh a afixar fotos do caso.

— Também quero a mãe da Marissa investigada. Ela disse-nos que dorme no quarto das traseiras do primeiro andar, e que foi aí que ficou na véspera de Natal. Mas quando inspecionámos a casa, vimos que esse quarto não era habitado há algum tempo. A cama estava coberta de sacos e de uma película de pó. Encontrámos roupa de cama no sofá da sala de estar, que fica junto da janela, mal isolada, diante da qual a Marissa foi esfaqueada e morta.

Erika fez uma pausa e deixou a equipa digerir aquilo. Prosseguiu:

— O Natal e o dia vinte e seis abrandaram as coisas, dificultando a nossa capacidade de fazer um porta a porta. Obrigada a todos os presentes que falaram com os vizinhos, mas vamos ter de voltar e repetir tudo. Quero saber mais sobre a Marissa Lewis e os vizinhos que mencionei, ou qualquer outra pessoa que descubram que tenha feito parte da sua vida. Amigos, familiares, colegas, clubes burlescos. Ainda estamos a tentar aceder ao seu *iPhone* para ler os *e-mails* e entrar nas redes sociais. Já pedimos os registos do telemóvel, bem como imagens das câmaras em redor da Coniston Road e da estação de comboios de Brockley. Precisamos de saber se depois do espetáculo na véspera de Natal ela apanhou o comboio para casa, que era o seu meio de transporte habitual. O sargento Crane irá agora delegar tarefas. Temos de voltar ao início e recuperar das férias de Natal.

A sala ganhou vida e Erika aproximou-se de Moss e Peterson.

— Desculpe mais uma vez, chefe — disse Moss.

— Bem-vindo, James — disse Erika. Parecia apanhá-lo desprevenido.

— Obrigado — disse ele, levantando-se.

Vários outros agentes e pessoal de apoio vieram cumprimentá-lo e dar-lhe as boas-vindas antes de se dispersarem pela sala de operações.

— Está com bom ar. Quero dizer, recuperou bastante peso — disse Erika, corrigindo-se. — Parece ter voltado ao normal.

— Ainda tenho de engordar mais alguns quilos — respondeu ele,

abrindo o casaco e levantando as calças. — Mas já me sinto normal. — Deu uma palmada no ventre liso.

— Esconde isso, estás a envergonhar-nos! — exclamou Crane com um sorriso, dando uma palmada na sua barriga de cerveja.

— Fala por ti! — ripostou Moss, agarrando na sua grande barriga. — Eu só tenho ossos largos.

— Certo, muito bem, vamos concentrar-nos. Como acabou de voltar ao trabalho, calculo que gostaria de ficar à secretária para se ir ambientando.

Peterson assentiu.

— Preciso de um novo *login* para o Holmes; disseram-me que o meu já não está ativo, porque estive fora tanto tempo.

— Certo. Peça ao Crane que trate disso. — Erika sorriu-lhe e ele retribuiu o sorriso, prendendo o seu olhar por um momento. Então ele desviou o seu. — Moss, venha comigo; James, quero que elabore um perfil da Marissa Lewis e investigue a sua vida.

Ele assentiu e afastou-se, deixando Erika com Moss, que estivera a observá-la.

— O que foi?

— Nada. As coisas parecem bem entre vocês, o que é… bom. Aonde vamos?

— Quero falar com a melhor amiga da Marissa.

21

Erika combinou encontrar-se com Sharon-Louise no *pub* Brockley Jack, perto do cabeleireiro onde trabalhava — ainda fechado no dia 27 de dezembro. Nevava outra vez quando atravessavam Crofton Park, mas a temperatura subira um pouco, transformando-a em lama na estrada. Passaram pela estação de comboios, um supermercado e algumas lojas, antes de ver a placa do Goldilocks Hair Salon.

— Por que motivo os cabeleireiros escolhem sempre nomes com trocadilhos? — perguntou Moss, olhando para o interior branco e dourado quando passaram. — Em miúda, costumava ir ao Herr Kutz, mas o dono não era alemão. E durante o meu treino em Hendon, havia um Curl up and Dye.

— Isso é relevante?

— Não têm isso na Eslováquia? Nomes de cabeleireiros com trocadilhos?

— Não.

— A clientela é da classe trabalhadora (não há mal nenhum nisso, claro), mas são mulheres que gostam de cuidar de si. Aposto que tem muitas clientes habituais que gostam de mexericos, ao contrário de um cabeleireiro fino em Londres.

— Acha que essa Sharon-Louise gosta de mexericos?

— As cabeleireiras ouvem tudo — disse Moss. — Não acaba por falar demais quando corta o cabelo? Eu sei que me sinto obrigada a conversar.

— Quando corto o cabelo, o que não é frequente, peço-lhes que não falem comigo — respondeu Erika.

— Aposto que sim — resmungou Moss com um sorriso.

Erika só viu uma idosa sair do passeio no último minuto e teve de carregar no travão, lançando-as para a frente. O carro parou bruscamente, a menos de trinta centímetros da idosa, que, imperturbável, continuou a empurrar o velho saco de compras com rodas até ao outro lado da rua. Tinha cabelo comprido grisalho, e por

um momento o coração de Erika acelerou, pensando tratar-se de Elspeth Pitkin, mas quando a velha senhora se virou, viu que era bem mais velha, uma boca comprimida de alguém sem dentes.

— Caramba, foi por pouco — disse Moss.

A idosa chegou ao passeio do outro lado e subiu. Por um instante, Erika viu Joseph, deitado na cela, o nó corrediço apertado em volta do pescoço. O seu rosto parecia feito de cera e estava inchado. Alguém buzinou atrás.

— Sente-se bem?

Erika assentiu. Entraram no parque de estacionamento do Brockley Jack. Passava pouco das dez da manhã e estava vazio, com exceção de alguns carros.

❋

No interior quente reinava o silêncio, e havia um velho instalado ao balcão, a ver televisão e a beber cerveja. Uma jovem corpulenta estava sentada a uma mesa de canto. Acenou-lhes e foram até lá.

— Olá. Sou a Sharon-Louise, mas podem tratar-me por Sharon — disse ela, levantando-se e cumprimentando-as. Tinha cabelo comprido cor de mel com madeixas cor-de-rosa, e envergava um vestido coleante às flores. O seu rosto era redondo e largo, e usava um par de pequenos óculos redondos. Tinha um sumo de laranja na mesa.

— Quer beber mais alguma coisa? — perguntou Moss.

— Não, mas era capaz de matar por batatas fritas… matar, não! Oh, merda!

— Não faz mal — disse Moss. — Qual o sabor?

— Molho de tomate ou *cocktail* de camarão — disse ela.

Erika pediu um sumo e Moss afastou-se.

— Não dormi a noite passada, depois de saber da Marissa. — Sharon tirou um lenço de papel e levantou os óculos, limpando delicadamente os olhos.

Erika ocupou a cadeira em frente. Moss voltou minutos depois com sumos de laranja e batatas fritas, e sentou-se ao lado de Sharon.

— Quem lhe falou da Marissa? — perguntou Erika.

— A minha mãe recebeu um telefonema de alguém que conhece na Coniston Road… Já é mau o suficiente ter tido de me despedir dela, mas pensei que voltaria a vê-la um dia…

Foi-se abaixo, agarrando numa bola de lenços de papel usados, e levantando os óculos de novo para limpar os olhos.

— Desculpem. Custa-me a acreditar… E olhem, tudo decorre normalmente. As decorações de Natal ainda não foram retiradas, toca música alegre. Faz-nos pensar que ninguém se importa… Mas é a vida.

— Porque teve de se despedir da Marissa?

Sharon estendeu a mão e abriu o pacote de batatas fritas, depositando-o no centro da mesa para o poderem partilhar.

— Ela ia para os Estados Unidos.

Erika e Moss trocaram um olhar.

— Quando?

— Amanhã. — Os seus olhos voltaram a encher-se de lágrimas e limpou-os com o lenço de papel.

— Onde nos Estados Unidos? — perguntou Moss.

— Nova Iorque.

— Porquê?

— Ela estava cansada disto. O clima. A forma como as coisas funcionam. «Serei sempre escória», costumava dizer. Achava que as probabilidades estavam contra ela, pois não frequentara a escola certa, nem tinha dinheiro. Sonhava ser a próxima Dita Von Teese, e a cena burlesca em Nova Iorque é muito importante. Há mais oportunidades nos Estados Unidos. Lá, o trabalho árduo pode levar-nos a algum lado. Ela queria recomeçar.

— Tinha visto de trabalho? — perguntou Erika.

— Não, conseguiu um de turista de seis meses. Claro que planeava trabalhar lá, mas os espetáculos costumam ser pagos a dinheiro. E ela tinha o Ivan.

— O Ivan Stowalski?

Sharon assentiu.

— O que ia o Ivan fazer?

— Ia com ela. Ele trabalha numa farmacêutica e conseguiu emprego nos EUA.

— Falamos do Ivan Stowalski que é casado e mora na Coniston Road? — perguntou Moss.

— O casamento deles acabou há anos. A Ezra levava uma vida separada dele.

— A Ezra sabia?

— Ele escondia muita coisa dela, segundo a Marissa. É um pouco fraco. Cobarde. Não sei como consegue ter um trabalho tão bem remunerado a gerir uma data de pessoas, porque na vida pessoal é uma nódoa. Foi de carro ao Norte, no final da véspera de Natal, para ver os pais da Ezra, que agora vivem cá. Segundo a Marissa, ele ia contar à Ezra nessa altura, e depois voltava… Bem, hoje.

Erika franziu a testa.

— Eu sei. É lixado, não é?

— Há quanto tempo estava a Marissa envolvida com o Ivan?

— Um ano. Ele pagava-lhe muitas coisas: fantasias, adereços. Gastou muito dinheiro. Tornou-se obcecado por ela e era carente.

— Carente e obcecado como? — perguntou Erika.

— Tinha muitos ciúmes do espetáculo. Queria sempre saber se algum tipo falara com ela depois, e ia vê-la com frequência, sentado na fila da frente, a vigiar o local… A Marissa ia largá-lo, e então ele falou-lhe de Nova Iorque, e ela viu isso como uma oportunidade. Ele pagou tudo.

— O que achou a mãe dela? — perguntou Erika.

— A Mandy. Não sei se a Marissa lhe contou. Elas não se dão. Davam. A Mandy é uma complicação. Nunca teve um bom emprego, e quando a Marissa era pequena metia lá em casa tipos desconhecidos, embebedava-se e consumia drogas. A Marissa teve uma infância horrível. Esteve duas vezes em casas de acolhimento, quando tinha dez anos e aos doze.

— Por que motivo vivia a Marissa agora com ela?

Sharon encolheu os ombros.

— É complicado. Elas tinham uma ligação. E ambas aproveitavam todos os subsídios que podiam. A Mandy, por ter uma incapacidade; a Marissa era paga como sua cuidadora, e recebia o subsídio de desemprego, outro para ajudar a pagar a casa e os impostos municipais… — Sharon franziu a testa. — Merda. Acabei de denunciar a Mandy.

Erika fez um gesto com a mão.

— Não nos interessam as fraudes. Mas como conseguiam elas isso? Vivendo sob o mesmo teto, mãe e filha?

— A Marissa tem o apelido do pai. A mãe chama-se Mandy Trent.

— Sim. Onde está o pai da Marissa?

— Foi-se embora quando ela era pequena. Trabalhava na construção civil. — Os olhos de Sharon começaram a lacrimejar e ela voltou a limpá-los com o lenço. — Vou sentir muita a falta dela.

Já comera todas as batatas fritas e agora apanhava as migalhas. Moss foi buscar mais bebidas e batatas fritas, e Erika esperou até que ela voltasse para Sharon se recompor.

— O que sabe sobre Joseph Pitkin? — perguntou Erika.

Sharon abanou a cabeça com desdém.

— A vida foi-lhe entregue de bandeja, e ele é apenas um desperdício de espaço.

— Porquê?

— Os pais são ricos. Mandaram-no para as melhores escolas e foi expulso. Podia ser qualquer coisa, e escolhe ser um fracassado assustador. Andava obcecado por ela, aparecia nos espetáculos. — Sharon abanou a cabeça, mostrando desagrado. — Magricela, com uma estranha pancada pela mãe. Ela corta o cabelo lá no salão de vez em quando. Tem-no sempre imundo e cheira mal. Não é o tipo de cliente que gostamos de incentivar, mas dá boas gorjetas.

— Alguma vez a Marissa pediu ao Joseph que lhe tirasse fotos?

— Que tipo de fotos?

— Ele era fotógrafo amador.

— Ai sim? Deduzo que os pais lhe compraram todo o equipamento. A Marissa nunca mencionou que ele o fizesse… Espere, o que quer dizer com era?

Erika contou-lhe, sem entrar em muitos pormenores.

— Caramba! — exclamou Sharon, enfiando mais batatas fritas na boca. — Não estou admirada. Eram uma família estranha, e ele parecia sempre um miúdo perturbado. Há rumores de que a Elspeth o amamentou até aos nove anos. A Marissa costumava dizer a brincar que a única pessoa com quem a mãe queria que ele perdesse a virgindade era ela.

Moss franziu a testa.

— O rapaz matou-se.

— Eu sei. Muito triste, mas e então? Quer que minta e finja estar triste? Não gostava dele.

— O que lhe fez ele?

— Nada, mas não deixava a Marissa em paz. Era estranho e assustador. Ela contou-me que algumas vezes chegou a casa tarde e o Joseph estava à espera dela à porta para conversar.

— Fez queixa dele?

— Não. Não creio que se sentisse… tipo… ameaçada. Acho que ele pesava menos do que ela, que não era muito.

Erika recostou-se e passou as mãos pelos cabelos.

— Certo. O que sabe sobre o Don Walpole?

Sharon suspirou.

— Só quer falar disso? Dos homens da vida dela? Estamos em dois mil e dezassete. As pessoas têm vários parceiros. Ela gostava dele. Tinha queda por homens mais velhos. A Marissa falava sempre da grande pila dele, e que sabia usá-la… — Franziu o rosto com desdém.

— A Marissa dormia com outros homens mais velhos? Homens ao

acaso?

— Sim. Ela não tinha escrúpulos em entrar em pormenores. Tipos que engatava no comboio para casa. Dois de Fitzwilliam Estate. O Don, o Ivan. Tratava-se apenas de sexo. Era só o que a Marissa queria dos homens. Eu era a sua única amiga verdadeira. Conhecia a verdadeira Marissa.

— E quem era a verdadeira Marissa?

— Sob toda aquela armadura, era bondosa. Conhecemo-nos na escola. Fui vítima de *bullying* e ela era a única que conversava comigo.

— Apoiou-a? — perguntou Moss.

— Sim, e explicou-me como fazer dieta e ofereceu-se para me mudar o visual, para não me chatearem na escola. Incentivou-me a estudar para cabeleireira. Também disse que iria comigo se eu fosse operada aos olhos. Sabem, segurar-me na mão e levar-me da clínica para casa.

— Tencionava fazer isso?

— Sim, um dia destes. Mas agora quem vai segurar-me na mão?

Deram-lhe um momento para se recompor.

— O Ivan era o único homem que ela considerava namorado?

— Já vos disse que ela não estava apaixonada por ele! Ele tinha dinheiro. Podia proporcionar-lhe muita coisa.

— E a idosa de quem a Marissa cuidava? — perguntou Erika.

— A Elsa Fryatt? Foi mais um golpe de sorte para a Marissa. O filho da senhora Fryatt não queria que ela morasse sozinha, podia cair, ou coisa do género, e pretendia mandá-la para um lar. A condição era ela arranjar um cuidador. Ela recusou todos os cuidadores oficiais, os que têm treino. Afixou um anúncio no café em Brockley High Road, o finório. Pagava quinze libras por hora! Julgo que achou a Marissa interessante. E a Marissa tencionava sacar-lhe tudo o que pudesse. Tinha direito ao almoço e iam as duas a centros de jardinagem. A senhora Fryatt até fez um seguro para a Marissa conduzir o seu *Porsche*. A Marissa ia pedir-lho emprestado aquando da minha operação à vista.

— Quantas horas por semana trabalhava ela para a senhora Fryatt?

— Dez. Quinze. Era um ótimo trabalho. Ao virar da esquina. A velha pagava em dinheiro.

— Parece que a Marissa era uma pessoa muito complexa — observou Erika. Sharon olhou para ela. — Desculpe, devia ter sido mais uma pergunta do que uma observação.

— Não. Tudo bem. Estou apenas a tentar pensar como devo comentar isso. Não acho que ela fosse complexa. Exercia um certo efeito nas pessoas. Não era intelectual, mas era inteligente e muito bonita.

Sharon recomeçou a chorar e cobriu o rosto com um lenço de papel para abafar os soluços.

— Ela… mexia com as pessoas — disse, entre soluços. — Mas quem iria querer matá-la? Sempre foi franca acerca de quem era. E por isso eu… eu gostava muito dela. Posso ver o corpo? Vou perguntar à Mandy se posso penteá-la. Não quero que a façam parecer uma velhinha na agência funerária…

✺

— Caramba. O que acha daquilo tudo? — perguntou Erika quando ela e Moss voltaram ao carro. Viram Sharon descer Crofton Park Road. Tinha um andar lento e ainda limpava o rosto.

— Contou-nos muita coisa — disse Erika. — Acha que contou tudo?

— Não sei. Não pareceu estar a esconder nada. Mas se a Marissa usava as pessoas, usaria a Sharon para quê?

— Um corte de cabelo grátis?

Moss fez uma careta.

— A sério? Londres está cheia de ótimos cabeleireiros, e podemos facilmente pedir a um estagiário que treine em nós. Não, tem de haver outra coisa.

O telemóvel de Erika tocou.

— Ah, é o McGorry — disse, antes de atender. — Sim? — Ouviu

durante um momento, agradeceu e desligou. — O Ivan Stowalski voltou para Londres a noite passada. Sozinho. Vamos lá ouvir o seu lado da história.

22

A casa de Ivan Stowalski ficava no cimo da Coniston Road, perto de Crofton Park Road, ensanduichada entre uma casa à esquerda, cheia de andaimes e em obras, e outra à direita, que estava a cair e a precisar de obras.

Ninguém abriu a porta, mas as cortinas estavam fechadas. Erika tocou novamente, e a campainha ecoou pela casa.

— As cortinas não estavam fechadas no dia de Natal. O relatório do porta a porta diz que há uma árvore na sala — disse Erika.

Moss espreitou pela caixa do correio.

— Caramba! — exclamou, desatando a tossir. — Cheire isto.

Erika aproximou-se da caixa, encostou o nariz à abertura e recuou, também a tossir.

— Merda. Isso é gás.

Voltaram para o portão da frente e olharam para a casa. Todas as janelas estavam fechadas e as cortinas corridas. Parecia que os cantos das janelas de uma assoalhada estavam cheias de cobertores. Ela pegou no rádio e pediu reforços. Então voltou para junto da porta, inclinou-se e gritou através da caixa do correio.

— É a polícia. Está aí alguém? — Tossiu. — O cheiro é intenso.

— Se a concentração de gás for assim tão forte no interior, todas as moradias da rua podem ir pelos ares. E há muitas pessoas em casa — disse Moss, indicando as luzes acesas em muitas das janelas em volta.

Erika assentiu. Lançou-se contra a porta, fazendo ricochete da primeira vez. À segunda tentativa, a porta cedeu e abriu-se com estrondo, e ela caiu na carpete do corredor. O forte cheiro a gás saiu e ela cobriu o nariz com a manga.

— Temos de abrir as janelas e as portas e encontrar a origem… — disse ela, voltando para a porta a fim de inspirar ar fresco.

Moss respirou fundo, cobriu a boca e o nariz e correram para

dentro da casa. Estava elegantemente mobilada, mas às escuras. As cortinas encontravam-se corridas na sala de estar. Erika abriu-as e viu que as janelas de guilhotina com vidros duplos pareciam fortes: eram de madeira grossa e estavam todas isoladas com fita. Em baixo, ao longo do peitoril, havia cobertores. Erika fez sinal a Moss, sentindo os pulmões começarem a explodir. Correram de novo para a rua. Tinham os olhos a lacrimejar e fartaram-se de tossir.

— Temos… de abrir as janelas e as portas — arquejou Erika.

Moss assentiu. Respiraram fundo e voltaram para dentro, para a sala de estar.

Erika pegou numa cadeira pesada junto a uma estante, e Moss olhou em volta, encontrando uma tesoura na secretária sob a janela. Chorava copiosamente e limpou os olhos com a manga; depois, segurando a tesoura como uma adaga, bateu no canto de um dos vidros duplos. Foram precisas várias tentativas, mas perfurou o vidro. Então fez o mesmo com os outros dois vidros. Recuou e acenou a Erika, que bateu na janela com as pernas da cadeira. O vidro estilhaçou-se, caindo na rua, e o ar fresco começou a entrar.

Voltaram para a entrada, a fim de inspirar mais ar puro.

— Ei, vocês! O que estão a fazer? — gritou um homem de idade do outro lado da rua. Tinha óculos pendurados ao pescoço e segurava um jornal.

— Volte para dentro! — gritou Moss.

— Não até me dizerem o que estão a fazer!

— Polícia, volte para dentro! — gritaram ambas.

— Cozinha, nas traseiras — disse Erika. Respiraram fundo e correram para dentro, pelo corredor, passando pelas escadas, onde o cheiro a gás se intensificou. Viram uma cozinha moderna que dava para um jardim. A porta do forno estava aberta e os bicos silvavam. Moss desligou tudo. Havia uma enorme porta de correr de vidro, mas nenhuma chave. Erika não via ali qualquer tesoura, mas descobriu um grande calço de pedra. Pegou-lhe e atirou-o contra o vidro. Fez ricochete e ela teve de saltar para trás.

Ficaram a tossir e com falta de ar. Erika pegou de novo no calço e

voltou a lançá-lo, o que provocou uma teia de rachas, quase tornando o vidro opaco, mas este continuou a resistir. Os pulmões de Erika pareciam prestes a explodir e Moss caíra de joelhos. À terceira tentativa, o calço atravessou o enorme painel de vidro. Cambalearam até ao jardim coberto de neve e respiraram fundo, saboreando o ar frio e limpo.

— Primeiro andar; temos de ir lá — disse Erika a tossir.

Respiraram fundo e voltaram a entrar pela cozinha, sentindo que o gás começava a dispersar.

Ouviram o som de uma sirene quando um carro de bombeiros parou na rua. O primeiro andar tinha a mesma disposição do de Marissa, com um quarto à frente e outro atrás, e casa de banho diante das escadas. As portas do pequeno quarto e da casa de banho estavam abertas. Abriram as janelas e correram para a porta do quarto principal, que estava trancada. Sentiram a brisa quando o ar foi sugado do andar de baixo e o gás começou a dissipar-se. Escutaram passos nas escadas e vozes.

— Aqui em cima! — gritou Erika. Três bombeiros apareceram no patamar. — Temos de abrir esta porta.

Os bombeiros bateram com um machado na porta e esta partiu-se e abriu-se. O gás saiu e os bombeiros entraram e abriram as cortinas e as janelas.

Na cama bem feita jazia um homem alto e magro, de pele clara, com cabelo cor de areia a rarear. Erika reconheceu-o pelas fotos que tinham dele na sala de operações: era Ivan. Dois paramédicos entraram com equipamento médico. Erika e Moss recuaram enquanto o examinavam.

— Ele tem o pulso fraco — disse a paramédica. Com a ajuda do colega, deitou-o na maca que trouxera e amarrou-o, e a seguir ergueram-na do chão.

— Chama-se Ivan Stowalski — disse Erika.

— Ivan, consegue ouvir-me? — perguntou a mulher. Deu-lhe uma bofetada e ele gemeu baixo, as pálpebras a tremer. — O sangue dele está cheio de monóxido de carbono. Vamos buscar um saco de solução intravenosa e oxigená-lo. — Abriu a caixa de primeiros

socorros.

Erika viu então o que estava na cama. Julgara de início tratar-se de uma colcha estampada, mas concluiu que estava coberta com fotografias de Marissa Lewis. Algumas dela em espetáculos de burlesco, várias em que aparecia nua na cama e molhada no chuveiro. Havia dezenas de fotos de Marissa e Ivan nos jardins e locais famosos de Londres, a sorrir para a câmara. E também um espartilho preto e um sutiã de seda vermelho, que ela vestia para os espetáculos de burlesco.

Erika olhou para os paramédicos, que tinham enfiado a agulha do soro no braço de Ivan e estavam a bombear ar para o seu rosto através da máscara.

— O que é isso na mão dele? — perguntou um dos bombeiros.

Erika aproximou-se e puxou delicadamente.

— Roupa interior — respondeu, vendo um pequeno par de cuecas vermelhas com um diamante dourado bordado a um canto. — Eram da Marissa. Esta é a marca dela.

23

Ivan Stowalski foi estabilizado pelos paramédicos. Respirava, mas não recuperara a consciência.

No passeio, Erika e Moss observaram a ambulância a arrancar na direção do hospital.

— Mais um suspeito que morre — comentou Moss.

— Ele ainda não morreu — respondeu Erika.

Os bombeiros deram uma vista de olhos à casa, verificando as ligações do gás e indo ao sótão. Quando disseram que estava tudo bem, a polícia científica chegou para analisar o local.

Erika passou por baixo da fita da polícia para se juntar a Moss, que estava sentada no carro, a beber água de uma garrafa.

— Sente-se bem? — perguntou ela.

— Sim. Só me dói um pouco a garganta.

— A mim também, e fumo vinte cigarros por dia.

— Levaram o Ivan Stowalski para o University College Hospital. Assim que ele acordar, vamos interrogá-lo. Temos o carro dele a sair do centro e a ir para norte às onze e meia da noite na véspera de Natal.

— Isso não é tarde para ir ver a família?

— Teriam chegado muito tarde se fossem para o Norte.

— Quatro ou cinco da manhã. Porquê sair tão tarde? Temos de determinar a que horas a Marissa voltou do espetáculo. Se foi mais cedo, ele poderia ter tido tempo.

Erika tossiu, ainda com os pulmões afetados, e olhou para as nuvens cinzentas. Vários vizinhos observavam das janelas ou das portas, incluindo o homem de óculos que ainda tinha o jornal na mão. Erika olhou para os estilhaços de vidro no jardim da frente da casa de Ivan, e a seguir para Moss, que bebia mais água.

— Sente-se em condições de continuar?

— Claro.

— Quero falar com o Don Walpole e com a mãe da Marissa.

Moss saiu do carro e começaram a subir a rua. Duas portas abaixo da casa de Ivan, viram um negro idoso e corpulento, de cabelo grisalho, a fumar um cigarro.

— O Ivan tentou matar-se? — perguntou. Falava com um agradável sotaque jamaicano e usava calças cinzentas largas e um polar alaranjado cheio de queimadelas de cigarro. Inclinou a cabeça para trás e olhou para Erika e Moss, como se estivessem prestes a fazer algo inesperado. Pararam junto ao seu portão.

— Não podemos falar do caso — respondeu Erika.

— A morte da rapariga foi demasiado desagradável. Há muito tempo que vejo o Ivan fazer figura de tolo com ela. Nunca seria suficientemente bom para uma mulher daquelas. Vi-o ser levado na maca. Tentou matar-se, não foi? — Aproximou-se e pousou a mão no ombro de Erika, a ponta do cigarro a brilhar. — Está a ver aquele carro? — perguntou, apontando para um *Alfa Romeo* branco com uma amolgadela no para-choques. As luzes traseiras do lado direito estavam partidas e havia bocados de plástico na neve suja. Erika sentiu a mão do homem apertar-lhe o ombro. O hálito dele cheirava a rebuçados para a tosse e a tabaco. Soltou-se delicadamente e afastou-se.

— Sim.

— É o carro dele. Chegou cedo esta manhã, chocou com aquele carro e partiu-lhe os faróis. Não se demorou, não bateu à porta para dar os dados do seguro. — Colocou o cigarro na boca e cruzou os braços sobre o peito.

— A que horas foi isso? — perguntou Moss.

— Sete da manhã, ou por aí.

— Porque estava levantado?

— Sou velho — disse ele com uma risada, expelindo fumo. — E a minha mulher não me deixa fumar em casa.

— Tem a certeza de que era o Ivan Stowalski?

— Não sei o apelido dele, mas não sou cego! Era o polaco. — Erika e Moss meditaram naquilo por um momento. O homem continuou: — Deve ter sabido que ela morreu, a rapariga com quem andava.

— Como sabe que ele tinha um caso com ela? — perguntou Erika.

— A senhora considera-se detetive? Sei porque estou aqui fora a maior parte do dia. Vejo muito, embora as pessoas não reparem num velho… Ela costumava entrar e sair bastante da casa dele. Depois de a mulher ir trabalhar.

— Quando?

— Durante o verão. Desde que o tempo arrefeceu, aparecia menos. A última vez que a vi foi na véspera de Natal… — De repente, virou-se, aproximou-se da casa e abriu a porta.

— Ei! — começou Erika, mas ele limitou-se a estender a mão para dentro e a regressar com um cinzeiro.

— A minha mulher nunca volta a pô-lo aqui depois de o esvaziar — justificou-se, equilibrando-o no pilar do portão. Apagou o cigarro e acendeu outro.

— A que horas viu a Marissa?

— Vi-a duas vezes na véspera de Natal. Uma à tarde, estava a escurecer, faltava pouco para as quatro. Ela saiu da casa do Ivan com uma expressão furiosa. Ele foi atrás dela, implorando-lhe que voltasse… Meu Deus, que figura triste, de calças de ganga, *T-shirt* e descalço. Ajoelhou-se, chorou e implorou, e o chão estava coberto de neve. A rapariga era mesmo bonita. Sabiam que era *stripper*? Uma *stripper* com coisas aqui em cima — disse ele, batendo na cabeça com o dedo. — Uma combinação explosiva.

— Sabe porque discutiam? — perguntou Moss.

— Não. Ela gritou-lhe que se fosse embora e a deixasse sozinha. Ele seguiu-a pela rua como um cão, mas ela mandou-o manter-se longe, ou chamaria a polícia.

— Ela disse isso, que chamaria a polícia? — questionou Erika.

— Não sou surdo, mulher. Foi o que ouvi.

— Ele voltou para casa?

— Sim, um pouco mais tarde, com o rabo entre as pernas.

— Quando a viu pela segunda vez?

— Por volta das dez, ela passou por aqui a caminho de casa.

— Ia sozinha?

— Sim.

— Sabe se o Ivan estava em casa?

O velho pensou por um momento.

— As luzes estavam acesas, acho.

Erika e Moss digeriram aquilo.

— Já alguém falou consigo? — perguntou Erika.

— Como, por exemplo?

— A polícia. Houve um porta a porta no Natal, e era de esperar que tivesse contado isso a um dos meus agentes.

O homem levantou a mão e abanou um dedo para Erika.

— Aguente os cavalos, Juliet Bravo. No Natal, eu não estava cá, mas sim em casa da minha filha e dos meus netos… ela vive em Brent Cross. Fomos para lá na manhã do dia de Natal.

— A que horas?

— Partimos por volta das sete. As estradas estavam terríveis.

— Viu mais alguma coisa na manhã de Natal?

Ele abanou a cabeça.

— Certo, obrigada. Posso enviar um dos meus agentes para recolher o seu depoimento?

— Se eu cá estiver, terei todo o gosto. — Dirigiu-lhe um largo sorriso com dentes amarelos.

Eles continuaram a subir a rua.

— Então ela discutiu com o Ivan no dia em que foi morta — disse Moss. — Ele estava em casa quando ela voltou do espetáculo às dez da noite.

— O enredo complica-se — comentou Erika.

24

A casa de Don Walpole ficava um pouco mais abaixo, seis portas acima da casa de Marissa. Era bonita e banal. Erika apercebeu-se de que existiam imensas casas geminadas no sul de Londres e que todas se fundiam numa. Na sua Eslováquia natal, havia pouquíssimas, se é que alguma. Prédios prefabricados eram o equivalente, e igualmente claustrofóbicos.

O jardim da frente dos Walpole era aberto, com apenas um muro baixo e sem sebe. Da neve espreitavam os gorros vermelhos de dois gnomos de jardim, e não havia número na casa. Ao lado da porta, no tijolo, uma placa dizia *Summerdown* em letras pretas de ferro. A televisão estava acesa na sala.

Erika tocou à campainha e, um momento depois, a porta foi aberta por uma mulher corpulenta com um polar vermelho imundo. Tinha os olhos raiados de sangue.

— Sim? — perguntou ela, pousando uma mão na parede para se equilibrar.

— A senhora é Jeanette Walpole?

— Quem pergunta? — retorquiu ela, cambaleando um pouco. Erika percebeu que estava bêbeda.

Elas apresentaram-se e mostraram a identificação.

— O seu marido está em casa?

Ela inclinou a cabeça para trás e gritou:

— Don! A polícia quer falar contigo sobre a tua puta!

Ouviram passos nas escadas e Don apareceu, com calças de ganga e camisola de gola alta. Parecia mais jovem e mais enérgico do que a mulher e era atraente, com ar intelectual.

A mulher ficou satisfeita com o embaraço dele.

— Ele está todo borradinho, não veem? — Olhou-o de cima a baixo com um sorriso de escárnio. — Não tem tomates para ter matado aquela cabra… não tem muitos tomates. — Estendeu a mão para lhe

agarrar os testículos, mas Don travou-a.

— Já chega, Jeanette — interrompeu ele.

— Ai! Ele está a magoar-me — choramingou ela.

Don soltou-a de imediato.

— Eu não estava a magoá-la — disse, desculpando-se.

— Gostaríamos de falar consigo, senhor Walpole — pediu Erika. — Talvez seja melhor fazê-lo fora de casa?

— Não é necessário. Vão até à cozinha; já lá vou ter.

Avançaram pelo corredor, que estava imaculado, passaram pelas escadas e chegaram à cozinha na parte detrás. Era confortável, com móveis antigos de madeira. A televisão na parede encontrava-se ligada, o som baixo, e passava um velho filme a preto e branco. Havia uma chávena de café na mesa, ao lado de uma cópia do *Guardian* aberta na página do desporto.

Não viram fotos no frigorífico, apenas um pequeno íman de Barcelona. A um canto havia um computador de ecrã plano num móvel. Erika aproximou-se e moveu o rato. O protetor de ecrã era uma fotografia de Don e Jeanette no jardim de uma mansão. Ele tinha o braço desajeitadamente sobre os ombros da mulher, mas ela estava afastada dele. Nenhum sorria.

Ao lado do frigorífico estavam várias caixas de *Pinot Grigio*. Moss foi até à janela com vista para o jardim.

— Caramba, olhe para aquilo — disse ela. Erika juntou-se a ela e viu mais caixas de reciclagem empilhadas e a transbordar.

— Acha que é de uma semana? — perguntou Erika.

— De pouco mais de uma semana — disse uma voz. Viraram-se e depararam com Don à porta. Ele fechou-a sem fazer barulho. — Consegui metê-la na cama — acrescentou, no tom de quem acabou de pôr um bebé a dormir a sesta. — A minha mulher tem problemas com o álcool há muitos anos… Mas calculo que não estão aqui por isso.

— Estamos aqui por causa do seu relacionamento com a Marissa Lewis — respondeu Erika.

Don assentiu. Era um homem grande e imponente, em forma e com braços largos e musculosos.

— Querem café?

— Não, obrigada.

Sentaram-se à mesa e ele dobrou o jornal.

— Ouvimos dizer que o senhor e a Marissa tinham uma relação. É verdade? — perguntou Erika.

— Muitas pessoas sabiam disso. Há cerca de seis anos, ela bateu-nos à porta a perguntar se precisávamos de alguém para fazer a limpeza. Andava a tentar arranjar trabalho. A mãe ficara sem o subsídio, e tinham pouco dinheiro. Dei-lhe trabalho, pois sabia que a mãe bebia. A Jeanette também estava a piorar nesse aspeto. Pensei que pelo menos era um adulto com emprego, e podia lidar melhor com isso. Ela tinha apenas dezasseis anos.

— Como começou? — perguntou Moss.

— Não sei, acho que bastou tê-la por perto. Ela olhava para mim e, um dia, acabámos na cama enquanto a Jeanette dormia.

— Quanto tempo durou?

— Dois anos. Um dia, a Jeanette encontrou cabelos da Marissa na sua escova, depois de ela tomar duche aqui.

— E o que aconteceu?

— Passou-se, ameaçou divorciar-se. Bateu na Marissa, deixou-a a sangrar do nariz. A Marissa foi para casa e depois a Mandy apareceu e teve uma grande discussão com a Jeanette. Puseram-se aos gritos na rua. Parti o nariz e perdi um dente a tentar separá-las…

— E tudo terminou então entre si e a Marissa?

— Sim — respondeu, recostando-se e cruzando os braços.

— Não voltou a vê-la?

— Não. Bem, via-a, ela morava na rua, mas não tive mais nada com ela.

— Não se encontrou com ela nem voltaram a ir para a cama? — perguntou Moss.

— Não, já lhe disse. Não.

Houve uma pausa. Erika tirou o telemóvel do bolso. Abriu um vídeo e pousou o aparelho entre eles na mesa. No ecrã começou a passar o vídeo filmado com o telemóvel de Joseph Pitkin. Marissa no quarto, o homem que parecia Don a entrar no quarto e a olhar em volta, pouco à vontade. Beijaram-se à janela. Marissa começou a desabotoar-lhe as calças.

— Pare, não preciso de ver mais — pediu. Levantou-se da mesa, foi até à janela e olhou para o jardim. Erika parou o vídeo e enfiou o telemóvel de novo no bolso.

— Caramba, alguma vez se perguntaram como acabei aqui?

Erika e Moss permaneceram em silêncio.

— Eu queria fazer tanta coisa. Treinei-me com os subcatorze no clube de futebol Millwall. Disseram que podia ter-me tornado profissional, e pensei que sim, mas parti a perna num acidente de viação.

— O que tem isso que ver com o facto de nos ter mentido sobre a Marissa? — perguntou Erika.

— Ela era excitante, sensual e… fazia-me sentir vivo.

— Elogiava-o?

Ele hesitou e assentiu, limpando as lágrimas dos olhos.

— Quis voltar para mim há alguns meses.

— Este vídeo é de setembro passado.

Ele assentiu.

— Fizemos sexo, como provavelmente já viu. Foi ótimo.

— Foi ela quem tomou a iniciativa ou o senhor?

— Ela. Uma noite, mandou-me uma mensagem de texto. A Jeanette dormia. Está pior, bebe o dia todo, é violenta e depois vomita pela casa toda. É como ter um filho adolescente. Percebi há alguns meses que sou praticamente o seu cuidador, e quando não estou a trabalhar, é o que faço. Aguento as merdas, cozinho e limpo, alimento-a, limpo o chiqueiro. Então, quando recebi aquela mensagem de uma

bela jovem que queria ir para a cama comigo, fui.

Não me envergonho disso.

— Porque foi só dessa vez? — perguntou Erika.

— Ela disse-me depois que, quando dormimos juntos pela primeira vez, só tinha quinze anos… — Ele colocou a cabeça entre as mãos.

— E, deixe-me adivinhar, ia fazer queixa de si?

Ele assentiu.

— Disse que os casos de abuso recebem muita atenção da imprensa, e que acreditariam nela.

— O senhor abusou dela?

— Não! Foi consensual, têm de acreditar em mim, e pensei que ela tinha dezasseis anos. Era uma mulher. Tinha corpo de mulher. Não gosto… nunca… — Começou a soluçar; grandes lágrimas grossas a rolar pelas faces. Erika tirou um pacote de lenços do bolso e passou-lhe um. Ele aceitou e limpou o rosto, envergonhado. — Ela disse-me que queria cinco mil libras, ou iria à polícia fazer queixa de mim.

— Acreditou nela?

— Sim.

— Como reagiu? — perguntou Moss.

— Foi esperta. Pediu-me que fosse ter com ela ao centro de Londres, a um café. Estava cheio e disse-me o que ia fazer.

— Deu-lhe o dinheiro? — perguntou Erika.

Ele assentiu e esfregou o rosto.

— Pensei que ficaria por ali, mas ela chantageou-me para lhe dar mais cinco mil.

— Como o fez?

— Por transferência bancária.

— Ela tinha quinze anos quando fizeram sexo pela primeira vez?

— Isto é uma conversa informal ou…

— Ela tinha quinze anos? — repetiu Erika, erguendo a voz.

— Sim! Está bem. SIM! Estava a dois dias de fazer dezasseis. Eu não sabia na altura, ela disse-me em setembro, mas foram apenas dois dias! — exclamou, levantando dois dedos. — Se tivesse sido depois do fim de semana, seria legal. Como funciona isso? Na sexta-feira, sou pedófilo, mas, na segunda-feira seguinte, não sou? Se fosse acusado de ofensas sexuais, sabe o que fariam? Perderia o emprego. Temos uma hipoteca. A minha mulher não pode ficar sozinha. Sabe como são essas coisas agora. Encheria as primeiras páginas dos jornais.

Erika esfregou o rosto e Moss abanou a cabeça.

— Quando viu a Marissa pela última vez, Don? — perguntou Erika.

— Na véspera de Natal, na estação de comboios.

— A que horas?

— Por volta das vinte e uma e quarenta. A Jeanette viu-a junto às máquinas de bilhetes e disse-lhe umas coisas.

— O quê?

— O mesmo de todas as vezes: vadia, puta.

— A Jeanette sabe da chantagem?

— Não.

— E onde esteve durante o resto da consoada? — perguntou Erika.

— Aqui — disse ele, olhando-a diretamente nos olhos. — A trabalhar.

— O que faz?

— Sou *designer* gráfico. Trabalho em casa.

— Tem escritório? — perguntou Moss.

— Uso a mesa da cozinha.

— Não usa o quarto de hóspedes?

Ele suspirou.

— Não. É onde durmo.

— E a Jeanette?

— No quarto da frente. É necessário fazer estas perguntas? O que têm que ver com o resto?

— A sua mulher é o seu álibi para a véspera de Natal, mas dormem em quartos separados, e ela está muitas vezes bêbeda à noite — explicou Erika.

— Não matei a Marissa — disse ele, e as suas mãos começaram a tremer.

— Porque não estava em casa no dia de Natal quando os meus agentes bateram à porta?

— Fomos ver a irmã da Jeanette na manhã de Natal; ela mora em Greenwich e convidou-nos para o almoço. Ela pode confirmar isso.

— A que horas saíram?

— Por volta das oito. Queríamos estar lá quando eles abrissem as prendas. Ela tem filhos e netos.

— Vocês têm filhos?

— Não. Tentámos, mas a Jeanette não conseguiu. Levou duas gravidezes a termo, mas não sobreviveram… Quem dera que as pessoas soubessem disso quando a veem. Há uma razão para ela beber. Suponho que vão prender-me?

— Não. Gostaria de mandar cá um agente para recolher o seu depoimento. Também quero que nos forneça uma amostra de ADN. Isso é voluntário, obviamente, mas se recusar será levado em conta.

— Posso pensar no assunto?

Erika e Moss trocaram um olhar.

— Tem vinte e quatro horas. Também gostaria de revistar a sua casa; arranjo um mandado, se for necessário.

— Revistem-na. Não me resta muita dignidade. Sou franco em relação ao que sou. Não tenho nada a esconder.

25

— Bolas, a Marissa teve uma grande lata para lhe espremer dinheiro daquela forma — comentou Moss quando saíram da casa de Don Walpole.

— A polícia teria levado a acusação dela a sério — disse Erika. — Também estou preocupada por ele não querer dar-nos uma amostra de ADN.

— O que vai fazer?

— Precisamos de o investigar um pouco mais. Não vejo a utilidade de o acusar por ter tido sexo com uma menor, agora que a Marissa está morta, mas podíamos ameaçá-lo com isso se ele não nos quiser ajudar. Também quero verificar com a mãe da Marissa se ela sabia alguma coisa sobre os Estados Unidos.

Erika ligou rapidamente a Tania, a agente de ligação.

— A Mandy ainda está na casa da vizinha — disse quando desligou.

Atravessaram a estrada e bateram à porta de Joan. Ela abriu, vestia outro fato de treino de veludo, desta vez azul. Parecia cansada e agitada.

— Viemos falar com a Mandy — disse Erika.

Joan obrigou-as a tirar os sapatos e levou-as para a sala. Mandy estava sentada numa das cadeiras de costas altas, ao lado de Tania, que se encontrava no sofá. Tania baixou o volume da televisão, onde passava o programa *This Morning*. Havia chávenas na grande mesa de centro e um pacote meio comido de bolos *French Fancies*. Mandy olhou para elas; tinha um ar abatido e olheiras.

— Alguma novidade? — perguntou, esperançada.

— Ainda estamos a investigar — respondeu Erika. — Podemos sentar-nos consigo?

— Sim.

— A Mandy queria que vos perguntasse quando pode organizar o

funeral — disse Tania.

— Posso dizer-lhe algo mais concreto amanhã ou depois — respondeu Erika, sentando-se perto da janela. Moss instalou-se no sofá, ao lado de Tania. — Ainda há umas coisas que precisamos de averiguar.

— Que coisas?

— É preciso ter a certeza de que dispomos de todas as informações sobre a causa da morte. Os restos mortais da sua filha estão em boas mãos.

Houve um longo silêncio. Joan estava à porta, ansiosa.

— Já não precisam dessas chávenas? — perguntou.

— Não, obrigada — respondeu Tania.

Joan começou a empilhar a louça no tabuleiro e viu uma marca na mesa.

— O que é isto? — perguntou em tom acusador. Olharam para uma pequena gota de chá que caíra na mesa polida. Ela esfregou-a com o dedo e depois tirou um lenço de papel do bolso. — É uma nódoa de chá! Esta mesa acaba de ser polida!

Mandy olhou para Joan.

— Não fui eu. Usei uma base!

— Desculpe, devo ter sido eu — disse Tania.

Joan pegou na bandeja e foi para a cozinha. Momentos depois, ouviram a louça ser posta na máquina.

— Acho que ela está a ficar farta de me ter aqui — confidenciou Mandy. — Mas não me imagino a voltar para casa. Continuo a vê-la deitada no chão, de olhos abertos.

— Tania, importa-se de ir ajudar a Joan na cozinha? — perguntou Erika.

— Claro que não — respondeu ela, dirigindo a Erika um olhar divertido. Saiu, fechando a porta.

Mandy pareceu descontrair-se, agora que o som de Joan zangada na cozinha fora abafado.

— É boa rapariga, aquela Tania — comentou Mandy. Tirou o telemóvel do bolso do casaco. — Estou sempre a olhar para as fotos da Marissa. Tenho medo de me esquecer da cara dela. — Mostrou-lhes uma da filha, vestida com a roupa do espetáculo de burlesco, mas na cozinha, frente ao caixote do lixo e à porta de um armário onde estava o aspirador.

— Ela era muito bonita — disse Moss.

— Sim. Não sei onde foi buscar isso. Olhem para mim. Não sou nenhum quadro a óleo, e o pai dela, bem, era um pau de virar tripas. — Riu-se e depois o riso transformou-se em lágrimas. — Nunca mais voltaremos a ser uma família. Não fomos uma muito boa, para começar.

— Mandy, há uma coisa crucial na nossa investigação: a hora a que Marissa foi atacada no jardim. A que horas disse que foi para a cama?

— Não sei, o que respondi antes? Pouco antes das dez?

— Certo. Temos duas testemunhas que viram a Marissa sair do comboio em Brockley e outra que a viu passar na Coniston Road.

— Quem?

— O Don Walpole e a mulher, Jeanette, estavam na estação de comboios; viram-na junto às máquinas de venda de bilhetes por volta das nove e quarenta e cinco, e um homem no número trinta e sete estava a fumar um cigarro quando ela passou, cerca das dez da noite.

Mandy semicerrou os olhos.

— Ele não vê muito bem.

— Essa hora bateria certo com a saída de Marissa da estação, que fica a menos de dez minutos a pé. Se estivesse acordada por volta das dez ou a preparar-se para dormir, teria ouvido alguma coisa?

Mandy ia dizer qualquer coisa, mas foi interrompida por Joan, que entrou com um pano e óleo para móveis, seguida por Tania.

— Por favor, estou a tentar falar com a Mandy! — exclamou Erika.

— Temos de atacar depressa as nódoas de água, ou não saem!

— Joan, por favor, pode fazer isso mais tarde — disse Tania.

— Estou na minha casa! Posso fazer o que diabo quiser! — gritou Joan. O lábio dela franziu-se devido à fúria. Fez lembrar um cão pequeno.

— Desculpa, Joan — disse Mandy. — Acho que vou tentar passar a noite em minha casa. As agentes só querem alguns minutos, depois podes ajudar-me?

O humor de Joan mudou e ela mostrou-se logo excessivamente simpática.

— Oh, tens a certeza, querida? Podes ficar aqui o tempo que quiseres, não há problema…

— Não. É melhor eu ir para casa.

— Talvez seja o melhor. Vou preparar o teu saco — ofereceu-se Joan, já meio fora da sala e a subir as escadas.

Tania saiu com ela, fechando a porta.

— Mandy, estava a perguntar-lhe pela véspera de Natal. Ouviu alguma coisa quando a Marissa chegou a casa?

— É melhor saberem que tenho problemas com a bebida — disse Mandy, esfregando as mãos no colo. — Tive vergonha de o dizer antes, mas desmaiei. Bebi mais do que o normal na véspera de Natal. É a época do ano, está frio e escuro e… lembro-me de fazer uma torrada com queijo ao início da noite, e de mais nada até acordar na manhã seguinte.

— A que horas?

— Cedo. Precisei de ir à casa de banho.

— E dormiu lá em baixo no sofá?

— Sim.

— Disse antes que não tinha dormido aí…

— Estava inconsciente; acho que dormi no andar de baixo. Só me lembro de estar lá em cima na casa de banho, e de ouvir o gato.

— Tem um gato?

— Sim, o *Beaker*. Bem, ele era um vadio que ia lá comer. Eu estava na casa de banho quando ele começou a arranhar a porta, então

desci e encontrei-a. — Mandy levou uma grande mão gorducha ao rosto e começou a chorar. — Sinto muito, realmente não consigo lembrar-me de nada. Não consigo.

— Sabia que a Marissa planeava ir viver para Nova Iorque?

— Sozinha?

— Não, com o Ivan. A empresa onde trabalha convidou-o a mudar-se para lá e ele ia levar a Marissa.

— No lugar da mulher? — perguntou Mandy.

— Sim.

Erika e Moss viram o seu rosto enrugar-se, confuso.

— Ela sabia que eu precisava do dinheiro dela… — Bateu na mesa com um dedo curto, os olhos marejados. — É típico. Ia-se embora sem me avisar. — Limpou o rosto com as costas da mão. — Sei que não se deve dizer mal dos mortos, mas ela era uma cabra egoísta.

— Lamento que tenha de saber isto, mas queremos mantê-la a par de todas as informações — disse Erika.

— Ainda quero que apanhem quem fez isto, lembre-se. A Marissa pode ter sido uma cabra, mas era do meu sangue — disse Mandy, olhando diretamente para Erika com frieza.

26

Erika e Moss foram até casa da senhora Fryatt.

— Já falámos com três pessoas com experiências divergentes da Marissa — comentou Erika. — Seria uma pessoa diferente para cada um? Era simpática? Era uma cabra? Era honesta? Era mentirosa? Deu a muita gente razão para a quererem morta.

— Acha que foi a Mandy?

— Julgo que todos são suspeitos, embora não haja nada que o confirme. Não foram encontrados vestígios do sangue da Marissa dentro da casa. A Mandy teria de voltar para dentro, coberta de sangue, e limpar-se sem deixar vestígios. E a casa está desarrumada, ela não fez nenhuma limpeza à pressa. Aliás, parece que não é limpa há semanas.

— E que motivo teria? O dinheiro que recebia da Marissa todas as semanas era bastante. Com a Marissa morta, isso parou — comentou Moss.

❁

A senhora Fryatt vivia frente ao grande Cemitério de Crofton Park, em Newton Avenue, Hilly Fields — próximo de Marsh. As casas da avenida eram grandes e imponentes, e afastadas da rua, com enormes jardins. A avenida ficava perto da Coniston Road, mas, ao mesmo tempo, era outro mundo distante das casas geminadas e imundas.

— Ela deve ser fina: tem um limpa-pés — disse Moss quando chegaram à porta, indicando o elaborado objeto de ferro embutido no degrau de mármore branco junto à entrada. Erika puxou um cabo de ferro e a campainha tocou no interior da casa. Pouco depois, a porta foi aberta por um homem alto e entroncado, de cabelo escuro fino e ralo. Olhou-as com frieza. Elas mostraram a identificação e apresentaram-se.

— A senhora Elsa Fryatt, que vive aqui, tinha como cuidadora a Marissa Lewis? — perguntou Erika.

— Já sabemos o que aconteceu — disse ele, com o olhar a

percorrer Erika e Moss. O suor brilhava no cimo da sua cabeça. — Sou Charles Fryatt, filho da Elsa Fryatt.

— Como soube? — perguntou Moss.

— A mãe dela telefonou. Disse que a Melissa foi brutalmente assassinada, e portanto não viria mais trabalhar.

Parecia velho, perto dos setenta.

— Podemos conversar com a sua mãe?

Ele afastou-se para o lado e convidou-as a entrar. O corredor abria-se para uma grande escadaria e um teto muito alto.

— Ela está na sala — indicou ele.

Passaram por um grande relógio de pêndulo na base das escadas, sob um enorme lustre de cristal. Charles Fryatt tinha um andar estranho e o pescoço curvado. Passaram pela sala da frente, cheia de estantes e com uma enorme árvore de Natal, decorada com bom gosto e luzes brancas. Nas traseiras havia uma grande sala, que dava para o jardim coberto de neve. Este aposento parecia mais atrativo, com uma grande televisão, várias poltronas e uma mesa cheia de revistas e livros. No sofá maior encontrava-se uma senhora de idade. Erika esperava uma inválida engelhada; ao invés, uma mulher pequena, de maxilar forte e olhos de aço, sentava-se direita na beira do sofá. Vestia saia de lã e casaco de *tweed*, e a única concessão ao frio era um par de chinelos forrados de pele de carneiro. O seu cabelo loiro tinha um corte moderno e curto. O rosto, no entanto, mostrava a idade, cheio de rugas fundas.

— Bom dia, senhoras agentes, sou a Elsa Fryatt — disse ela, levantando-se e apertando-lhes as mãos. — O aparelho auditivo capta tudo — acrescentou, apontando para os ouvidos. Movia-se com fluidez, mais do que o filho. O seu sotaque também revelava uma certa frieza metálica, que Erika não conseguiu identificar.

Elas apresentaram-se novamente.

— Querem café e talvez uma tarte doce? — perguntou Elsa. — Charles, sabes usar a máquina do café?

— Sim, claro.

— Aquece as tartes do Marks and Spencer… E deita fora as que

comprámos na feira de Natal.

Charles assentiu. Erika observou-o a sair da sala e perguntou aos seus botões se estaria doente. Suava com abundância.

— Prefiro as compradas às caseiras, não concordam? — perguntou Elsa.

— Eu gosto sempre delas, independentemente da origem — disse Moss.

A lareira estava acesa. Sentaram-se no sofá frente à idosa. Ela juntou as mãos no colo e fixou-as com surpreendentes olhos azuis.

— Pediram para falar connosco sobre a Marissa? — Fez estalar a língua e abanou a cabeça. — Que coisa terrível. Quem faria aquilo, e a alguém tão jovem? — Levou uma mão retorcida à boca, mas conseguiu impedir-se de chorar.

— Posso confirmar que a Marissa era sua cuidadora? — perguntou Erika.

A senhora Fryatt fez um ademane, parecendo não gostar da expressão.

— Ela era mais uma companhia. Fazia-me as compras, geria a minha agenda. Confiava nela para executar as coisas que não se pedem a uma empregada doméstica.

— Tem muita gente a trabalhar para si?

Ela riu-se.

— Não, soa mais glamoroso do que sou. Tenho uma mulher que faz diariamente algumas horas, também me cozinha uma refeição; um jardineiro que é também uma espécie de faz-tudo. O Charles vem cá com frequência. A Marissa estava encarregada de tratar da minha roupa e de me ajudar nos assuntos pessoais.

— Quanto tempo trabalhou para si?

— Pouco mais de um ano. Eu tinha posto um anúncio no café local, bem como na Internet… bem, o Charles fez isso tudo. Eu queria alguém que morasse perto.

— Sabia que a Marissa também era bailarina de burlesco? — perguntou Erika.

— Claro. Fui vê-la atuar em várias ocasiões.

— Nos clubes de *strip*? — quis saber Moss.

A senhora Fryatt voltou a atenção para Moss, quase pela primeira vez.

— Clubes de *strip*!? Nunca fui a um lugar desses. Vi a Marissa atuar no Café de Paris, perto de Leicester Square, e ela tinha um espetáculo semanal regular no Soho… já me esqueci do nome do clube, mas era mais pequeno, e bem divertido… não era de *strip*. O burlesco é uma forma de arte, e ela era muito boa naquilo… — Mordeu o lábio e pareceu prestes a ir-se abaixo novamente. — Desculpem. Ela era tão animada. Tornava as coisas bastante divertidas por aqui.

— Posso perguntar quanto ganhava a Marissa consigo?

— Não falo sobre dinheiro — respondeu, arrebitando o nariz. — Pagava-lhe muito bem e ela trabalhava três ou quatro horas todos os dias durante a semana.

— Senhora Fryatt, estou a tentar localizar o seu sotaque — disse Erika.

— Ai sim?!

Erika fez uma pausa e, quando a idosa não disse nada, continuou:

— Posso perguntar de onde é?

— Da Áustria. Que relevância tem isso?

Erika pareceu admirada.

— Nenhuma. Eu sou da Eslováquia.

— Sim, também já tinha notado que fala com sotaque.

— Aprendi inglês em Manchester, onde vivi quando vim para o Reino Unido.

— Coitada! — exclamou a senhora Fryatt. Inclinou a cabeça para um lado e dirigiu a Erika um sorriso gelado.

— Então, onde aprendeu a senhora a falar inglês? — perguntou Erika friamente.

— A minha família veio para Inglaterra quando a guerra começou; o

meu pai era diplomata.

Charles voltou para a sala com um elegante conjunto de chá de porcelana numa bandeja: chávenas, pires, um jarro de leite e um açucareiro. A senhora Fryatt observou-o enquanto ele tentava descobrir onde pousar a bandeja, equilibrando-a sobre o joelho, mas não o ajudou a deslocar as pilhas de livros e revistas. Então as chávenas e o bule de café começaram a escorregar. Felizmente, Moss levantou-se e tirou-lhe a bandeja.

— Céus! Primeiro pousa a bandeja, depois desloca as coisas — instruiu a senhora Fryatt. — Os homens são incapazes de pensar mais do que um passo à frente…

Charles dirigiu-lhe um olhar assassino, pegando numa pilha de livros e revistas para arranjar espaço para a bandeja.

— O Charles é joalheiro, tem um conhecimento enciclopédico de pedras preciosas, metais preciosos e joias antigas, mas não tem jeito para as tarefas diárias.

Charles pegou na bandeja e pousou-a na mesa.

— Pronto, mãe. — Saiu da sala, e a senhora Fryatt inclinou-se para a frente e serviu o café.

— Ele não sabe o que fazer quando a loja está fechada.

— Loja? — perguntou Erika.

— Tem uma joalharia em Hatton Garden — explicou ela com orgulho. — Casou-se com uma judia adorável e herdaram a loja. Claro, tornou-se o funcionário mais importante. O seu conhecimento é tão vasto! Foi aceite por aquela comunidade, e não é fácil, se me faço entender.

Recostaram-se e bebericaram o café.

— Têm algum suspeito? — perguntou Fryatt.

— Descobrimos que a Marissa tinha uma vida muito animada. Ela falava consigo sobre isso?

— Muito pouco. Fiquei com a impressão de que era bastante profissional. Parecia estar a receber imensos elogios pelo trabalho burlesco, e tinha aspirações. Conheci algumas das raparigas com

quem dançava. Demonstravam uma grande cumplicidade. Fiquei mal impressionada com aquela criatura horrível e balofa com quem ela andava, de óculos grossos. Tinha um nome igual aos que aparecem nas telenovela…

— Sharon — disse Moss.

— Sim. Isso. A Marissa dizia que era chata, nunca a largava. Andava a importuná-la para ser a «cara» do cabeleireiro dela… — A senhora Fryatt fez uma careta.

— Deduzo que não seja cliente — observou Erika.

— Pois não. Vou ao Charles and Charles, em Chelsea, e vale cada centavo.

— Então não ficou com a impressão de que a Marissa tinha inimigos? — perguntou Moss.

— Bem, eu conhecia-a pouco. Não se esqueça, ela era… Bem, sei que já não é elegante dizer isto, mas era uma *empregada*. Achava-a encantadora, mas o abismo quanto às idades e a diferença social impediam-nos de sermos muito chegadas. Bem, mantinha-me reservada; já ela parecia não ter escrúpulos em contar-me tudo sobre aquela mãe terrível. Alcoólica, obesa e bastante desagradável em todos os aspetos.

A senhora Fryatt inclinou-se e ofereceu-lhes mais café, que Erika aceitou.

— Mas a Marissa contou-me uma coisa perturbadora… Isso foi há algumas semanas. Voltava para casa de um espetáculo e saiu do comboio na estação de Crofton Park. Já era tarde e bastante escuro. Quando passou pelo cemitério, foi abordada por um homem muito alto com uma máscara de gás.

Erika pousou a chávena.

— O quê?!

— Sim, ela voltava sozinha para casa tardíssimo… o que, para mim, era uma loucura… e ele apareceu vindo do cemitério e empurrou-a para as sombras junto aos portões de ferro. Felizmente, ela lutou e conseguiu libertar-se.

Erika e Moss trocaram um olhar.

— Ela contou à polícia?

— Não sei. Não me pareceu preocupada, dizia que era só mais um maluco. Mas acho uma coisa bastante mais séria. Vi as notícias. Um homem com uma máscara de gás anda a atacar pessoas à noite perto das estações de comboio. Atacou uma mulher e uma jovem algumas semanas atrás, e depois aquela pobre mulher na noite de Natal. Têm ideia de quem possa ser?

Erika ignorou a pergunta. Pensou na conversa dessa manhã com os dois agentes na esquadra. De repente, o caso saiu da sua visão periférica e teve toda a sua atenção.

— Sabe quando e onde foi o ataque? — perguntou Erika.

— Não sei a data exata, talvez no início de novembro. A Marissa disse-me que tinha apanhado o último comboio; portanto, a estação estava quase vazia. Já passava da meia-noite. Ela dirigia-se para casa e um vulto alto e escuro surgiu do nada à entrada do cemitério na Brockley Road. Todo de preto: casaco comprido, luvas, e usava uma máscara de gás. Medonho, disse ela. O homem tentou puxá-la para o cemitério.

— Atacou-a? — perguntou Moss.

— Sim. Tentou, mas ela conseguiu escapar. Apareceu um carro e os faróis assustaram-no. Ela correu para casa. Teve muita sorte, mas a Marissa era assim. Sempre achei que ela tinha um anjo da guarda — disse a senhora Fryatt. — Bem — acrescentou, com a expressão a toldar-se —, até agora.

27

Erika e Moss compraram qualquer coisa para o almoço a caminho da esquadra. Tinha sido uma manhã de revelações: Sharon a dizer-lhes que Marissa planeara deixar o país, a tentativa de suicídio de Ivan, Marissa a chantagear Don e agora a senhora Fryatt a dizer que Marissa fora atacada por um homem com uma máscara de gás.

Juntamente com todos aqueles pensamentos e perguntas a atravessar a sua mente, Erika sentia uma dor de cabeça ameaçadora a formar-se-lhe na nuca. Quando chegaram a Lewisham Row, desceram para a sala de operações. Um grande póster de Marissa Lewis em roupa burlesca fora acrescentado ao quadro branco. McGorry, Peterson e dois outros agentes do sexo masculino tinham-se agrupado em frente dele, junto a uma mesa.

— Apetece-me um pouco disso — dizia Peterson.

— O que se passa? — perguntou Erika, furiosa. Peterson ia falar, mas ela interrompeu-o: — Percebo que a Marissa era uma bailarina sensual, mas é uma vítima de homicídio. Precisam de ficar especados diante de fotos provocadoras dela em roupa interior?

Houve um silêncio constrangedor.

— A razão de o póster estar ali é porque mostra a marca do fato e o bordado que foi acrescentado — respondeu Peterson. — Vê o espartilho rosa com o diamante bordado?

— Sim. Já sei disso. O nome artístico dela era Honey Diamond — respondeu Erika. As luzes intensas na sala tinham intensificado a dor na sua nuca.

— Contactámos a loja onde a fantasia foi comprada. Chama-se Stand Up and Tease e fica no Soho. Descobri que também oferecem serviços de costura e bordados, e deram-nos o nome do homem que fez aquele bordado…

— Certo, então porque estão aí em pé a fazer comentários?

— Estamos aqui porque o almoço acabou de chegar — respondeu McGorry, indicando uma caixa de sanduíches *Pret* na mesa frente ao

quadro branco.

— Eu estava a dizer que me apetece um pouco de queijo e picles — acrescentou Peterson, olhando para ela. Os outros agentes afastaram o olhar e Moss pareceu pouco à vontade.

— Muito bem. Bom trabalho. Gostava de uma lista de todos os espetáculos que a Marissa deu no mês passado. E mande-me o contacto dessa pessoa que faz os bordados.

— Claro — disse Peterson.

— Moss, pode informar todos sobre o que aconteceu esta manhã e atualizar o quadro?

— Com certeza, chefe.

Erika saiu da sala. Moss aproximou-se e pegou numa sanduíche.

— O que tem ela? — perguntou McGorry.

— Foi uma manhã agitada.

— Não há necessidade de descarregar em nós — comentou Peterson.

Moss lançou-lhe um olhar e então começou a contar o que acontecera.

✺

Erika deixou a sala de operações sentindo-se tola. Vira como os outros agentes tinham olhado para ela quando repreendera Peterson. Saberiam que tinham namorado?

Parou junto à máquina de café, vendo que já estava reparada, e tirou um expresso. Pensou no regresso de Peterson e que teriam de trabalhar juntos. Ele era um bom agente e parte valiosa da equipa, mas se as coisas fossem correr assim, talvez tivesse de o transferir.

— Nunca se deve ter casos com colegas, sua estúpida — murmurou enquanto esperava que a máquina enchesse o copo.

Subiu as escadas para o gabinete. Sentada à secretária, ligou o computador e entrou no Holmes. Inseriu a frase «ataque com máscara de gás» e apareceu uma lista de resultados.

Nos últimos três meses tinham-se registado quatro casos, duas

mulheres e dois homens, de pessoas agredidas por um homem grande com uma máscara de gás. As agressões haviam acontecido perto das estações de comboio bastante tarde ou ao início da manhã. A primeira vítima era uma mulher de vinte anos chamada Rachel Elder, que se dirigia para a estação de Gipsy Hill a fim de chegar ao Hospital Lewisham, onde trabalhava como enfermeira. Fora puxada para um beco, onde um homem se exibira e depois a agarrara pela garganta. O ataque durara bastante tempo, ela fora asfixiada até quase desmaiar, reanimada por um momento e asfixiada de novo. Desmaiara e, quando recuperara os sentidos, o agressor desaparecera.

O segundo incidente sucedera perto da estação de East Dulwich. A vítima chamava-se Kelvin Price, de vinte e três anos — um ator que entrava numa peça do West End. Tinha ido beber um copo após o espetáculo e apanhara o último comboio para casa. Pouco depois da meia-noite, fora puxado para um beco perto da estação por um homem de casaco preto comprido e máscara de gás com olhos de vidro. Também fora asfixiado até à inconsciência várias vezes. Dissera que o homem se masturbara e se exibira.

— Meu Deus — murmurou Erika enquanto lia as palavras no ecrã. O terceiro ataque sucedera a Jenny Thorndike, perto da estação Penge East. Uma manhã bem cedo, ia apanhar o comboio quando uma pessoa de preto com uma máscara de gás «surgira do nada». Tentara resistir, mas ele dera-lhe um soco no rosto e puxara-a para um pequeno parque perto da estação, onde fora espancada e asfixiada.

O caso mais recente ocorrera no dia de Natal em Sydenham. Uma mulher de cinquenta e poucos anos chamada Diana Crow voltava de casa de uma amiga quando fora agarrada na passagem subterrânea ao lado da estação de comboios. Mais uma vez, fora asfixiada e esmurrada, o que resultara numa fratura no rosto. Só comunicara o incidente no dia seguinte.

— Marissa, tiveste sorte em escapar, mas porque não o denunciaste? — murmurou Erika, bebendo um gole do expresso. Encontrou o nome do responsável pelo processo do atacante da máscara de gás, o inspetor-chefe Peter Farley, e enviou-lhe um *e-mail* a pedir cópia do dossiê do caso e informando-o de que aquelas

investigações podiam ter algo em comum. A caixa de entrada emitiu um bipe com um novo *e-mail*:

Olá Erika, a Unidade de Crimes Cibernéticos recuperou esta imagem apagada do telemóvel do Joseph Pitkin.

KAY

Erika abriu o anexo.

Tenho estas fotos e o vídeo guardados. Se ficares calado, continuarão assim.

T.



— Meu Deus… — murmurou ela, recostando-se. Era um desenho sinistro, feito com o que parecia ser uma caneta preta em papel amarelado.

Bateram à porta, fazendo-a saltar.

— O que foi?

Era Peterson. Espreitou lá para dentro.

— É boa altura?

— Porquê?

— Acabei de falar com o Isaac Strong pelo telefone. Ele já terminou a autópsia da Marissa Lewis e quer saber se tens tempo para te encontrares com ele.

— Está bem, obrigada. Posso ligar-lhe — disse ela, esfregando as têmporas.

Peterson entrou no escritório e fechou a porta.

— Que diabo é isso? — perguntou.

— Outra imagem recuperada do telemóvel do Joseph Pitkin. Ele apagou-a, juntamente com as fotos e o vídeo pornográficos.

— Uma máscara de gás? Achas que é a assinatura desse tipo, mandar bilhetes com um desenho?

— Não sei. Acabei de receber a maldita coisa. Preciso que mostres isto à malta lá em baixo, e o afixes no quadro. Vê se alguma das outras vítimas recebeu algo do género, quer através do correio ou via *e-mail*. Vê também se podemos comparar este desenho de máscara de gás com qualquer um dos retratos-robô das vítimas.

— Sim… — Peterson parecia atrapalhado. — Posso falar contigo?

— Disponho de um minuto — disse ela, tirando o casaco das costas da cadeira. — Porquê?

— Preciso de te contar uma coisa.

— Relacionada com trabalho?

— Hum, bem…

— Pode esperar? Pomos a conversa em dia quando eu voltar?

Ele assentiu. Erika pegou no telemóvel e nas chaves do carro e saiu.

Peterson desceu as escadas e encontrou Moss na máquina do café.

— Foi rápido. Como reagiu ela?

Ele abanou a cabeça.

— Foi para a morgue. Não tive oportunidade de lhe contar.

— James! Tens de lhe dizer.

— Eu sei. É muito difícil quando estamos no meio de um caso.

— Tens de arranjar tomates e tempo — respondeu Moss, bebendo o café e voltando para a sala de operações.

28

O estacionamento estava cheio quando Erika chegou ao Hospital Lewisham, e teve de esperar para retirar o bilhete antes que as barreiras a deixassem entrar. Perdeu-se, virando duas vezes na direção errada, e teve de perguntar a um porteiro onde ficava o estacionamento da morgue. Finalmente, encontrou-o e deixou o carro ao lado de um edifício baixo, com uma enorme chaminé a libertar fumo negro para o céu cinzento.

Teve de assinar um papel na receção, depois passou por uma porta para o incinerador do hospital, antes de encontrar a morgue ao fundo de um longo corredor, onde Isaac a deixou entrar.

— Encontraste-nos — comentou ele.

— Sim, não é tão fácil como em Penge…

— E temos de pagar pelo privilégio de vir trabalhar.

Isaac levou-a para a grande sala das autópsias, e ela semicerrou os olhos por causa das luzes intensas. Havia ali seis mesas de aço.

— No teu lugar, eu não tirava o casaco — disse ele. — Tenho um polar por baixo da bata… Desculpa ter demorado mais do que o habitual.

O corpo de Marissa estava na primeira mesa, coberto até ao pescoço com um lençol branco. Isaac baixou-o, expondo a pele amarelada. Havia uma longa linha de pontos grossos a começar no umbigo, estendendo-se em forma de Y entre os seios e através do esterno. O sangue fora lavado, e os repetidos cortes na garganta fizeram Erika pensar em guelras de peixe. Os seus olhos moveram-se.

— Ela tem a tatuagem de um diamante — comentou, apontando para a zona acima da linha fina de pelos púbicos. — Também está bordada em toda a sua roupa… a roupa que usava para atuar.

Isaac assentiu.

— Tinha uma pequena quantidade de álcool no sangue quando morreu, mas seria de esperar se esteve numa festa. Não havia

vestígio de outras drogas.

Erika olhou para a cicatriz no esterno de Marissa e depois para o rosto, que, sem maquilhagem, era muito jovem. Não parecia mais velha do que uma criança. Erika respirou fundo e sentiu a dor de cabeça martelar-lhe na frente do crânio; além disso, parecia estar a ser pressionada e levantada ao mesmo tempo.

— Era saudável. Todos os órgãos funcionavam bem. — Isaac aproximou-se da cabeça. — A lâmina usada tinha cerca de vinte centímetros. Há três fendas longas na garganta, uma delas cortou-lhe as artérias principais, o que significa que se esvaiu muito depressa. A faca tinha um rebordo serrilhado. Algumas facas antigas para descascar fruta têm as lâminas assim.

— Então pode ter sido uma faca que alguém possuía há algum tempo?

Ele assentiu.

— Não conseguimos encontrar amostras de ADN no corpo.

— Nada?

— Não. Não há fluidos corporais, amostras de cabelo. Ela não foi agredida sexualmente.

Uma colega de Isaac entrou e foi até uma das grandes portas de aço inoxidável na parede ao fundo. Abriu-a com um clique e a gaveta deslizou suavemente. Erika ficou espantada. Era o corpo de Joseph Pitkin.

— O que foi? — perguntou Isaac.

— Este jovem matou-se na esquadra no dia vinte e seis… Posso?

A colega assentiu e Erika e Isaac aproximaram-se. Joseph parecia mais pequeno na morte, e o seu corpo era muito magro. Tinha vergões vermelhos no pescoço, e uma linha roxa mostrava onde o nó penetrara na pele sob o queixo, esmagando a maçã de Adão.

— Queria verificar de novo o corpo — disse a colega, uma mulher pequena de olhos cinzentos. — E mostrar-te uma coisa, Isaac. — Ele deu a volta à maca e ela levantou as mãos de Joseph. — Ele tem esta pigmentação na pele, pontos muito brancos nas costas das mãos até aos pulsos. Analisei os registos médicos e não há menção de

doenças da pele, como vitiligo, na família.

Isaac olhou para a mão do cadáver.

— Não acho que isto esteja relacionado com uma doença. Parece ser uma descoloração química, em vez de pigmentação natural.

— Ele era fotógrafo amador e tinha um laboratório de revelação em casa — interveio Erika.

— Certo, isso responde à minha pergunta — disse a mulher.

— Os produtos químicos utilizados na revelação de fotografias podem causar pigmentação da pele se não se usar luvas. Havia cicatrizes nos pulmões?

— Não — respondeu a mulher. — Muito saudáveis, como o resto dos órgãos.

As palavras da mulher começaram a ecoar na cabeça de Erika: Muito saudáveis, como o resto dos órgãos. Viu o desenho da máscara de gás e, em seguida, o vídeo de Joseph, a mão sem corpo a agarrar-lhe a garganta. O rosto a ficar vermelho, depois roxo; os tendões do pescoço a retesar-se… Recordou o bilhete; os buracos vazios nos olhos da máscara de gás.

A dor fraca intensificou-se e espalhou-se pelo seu crânio. A sala começou a girar, e ela teve de se apoiar na maca.

— Erika! — exclamou Isaac, quando ela sentiu o aposento começar a desaparecer, e a sua visão se encheu de estrelas. Então tudo ficou preto.

29

Quando Erika abriu os olhos, estava deitada num pequeno sofá num gabinete quente e cheio de caixas. Isaac encontrava-se ajoelhado ao lado dela, preocupado.

— Vá, bebe um pouco de água — disse ele. Ela pegou no copo e bebeu. Estava deliciosamente fresca e fez desaparecer o desagradável gosto seco da sua boca. — Posso medir-te a tensão? — perguntou Isaac, pegando no aparelho. Ela assentiu e ele levantou-lhe a manga, fazendo deslizá-lo sobre o seu braço.

— O que há nas caixas? — perguntou ela.

— Livros.

Ela viu-o bombear ar na braçadeira e sentiu-a apertar-lhe o braço.

— Comeste alguma coisa hoje?

— Sim, cereais ao pequeno-almoço.

Ele não insistiu, colocou o estetoscópio sob a braçadeira e ouviu atentamente. Então libertou a pressão.

— A tensão está um pouco baixa: dez, seis. — Pegou numa pequena lanterna, acendeu-a e fê-la incidir nos seus olhos. Ela semicerrou-os.

— Desde quando tens uma lanterna para fazer isso? Com certeza que os olhos dos teus pacientes não dilatam.

— Ganhei-a no Natal. Troquei-a por um gancho de cabelo cor-de-rosa.

Erika sorriu. A sua cabeça ainda latejava, mas a dor diminuíra um pouco.

— Estiveste inconsciente vários minutos. Posso recolher uma amostra de sangue?

— Se tiver de ser — respondeu ela.

Isaac saiu do gabinete e voltou momentos depois com uma seringa e um tubo envolto em plástico. Calçou um novo par de luvas de látex.

Erika virou o rosto enquanto ele lhe tirava sangue, fazendo uma careta ao sentir a picada.

— Muito bem, isto foi uma amostra — disse ele, retirando o pequeno tubo e enroscando outro na ponta da agulha. — Tiveste outros desmaios ultimamente?

— Não.

— Foste ao médico?

— Não… fui a uma casa hoje. Um tipo tentou matar-se, ligou o gás e selou as portas e janelas.

— Não foste examinada pelos paramédicos?

— Não.

— Credo, Erika. Estiveste exposta a níveis elevados de gás natural. O que bebeste hoje?

— Um expresso.

— Tens de expelir as toxinas; devias estar a beber litros de água.

— Está bem, está bem.

Ele saiu e voltou com um copo enorme de água e um *Mars*; viu-a beber um gole e dar uma dentada no chocolate.

— Acaba o que estavas a dizer-me sobre a autópsia.

— Já disse tudo. Ah, havia outra coisa. Ela tinha resíduos de parafina no interior da boca. Não imagino porquê. Só vi isso em pessoas que suicidaram, ou em alcoólicos desesperados que tentam beber nos lugares mais estranhos.

— Ela engolia fogo no espetáculo — explicou Erika.

— Ah! Mistério resolvido.

— Esta noite vou ao Matrix Club, onde a Marissa trabalhava. Quero conversar com algumas das colegas dela. Queres ir comigo?

— Que programa estranho — comentou ele, sorrindo. — Infelizmente, tenho de trabalhar.

— Está bem.

— Mas precisas de abrandar.

— Tenciono descansar uma hora em casa e comer qualquer coisa. — Bebeu o resto da água e levantou-se.

— Vou fazer os testes habituais ao teu sangue. Poupo-te uma visita ao médico — disse ele.

— Obrigada.

— Lamento que aquele rapaz se tenha suicidado na esquadra.

— Eu também.

✺

Erika saiu da morgue para a escuridão. O parque de estacionamento estava movimentado, e havia uma longa fila à espera nas barreiras para sair. Ela procurou a carteira nas dobras do casaco e foi validar o bilhete. Como de costume, empurrou para um canto os sentimentos sobre Joseph e Marissa e todos os mortos que vira durante a sua longa carreira, como fazia há anos.

30

Erika voltou ao seu apartamento, tomou duche e comeu, diante do portátil, uma dose de *fish and chips* que comprara no caminho. Peterson enviara-lhe um *e-mail* com os contactos do alfaiate que arranjara os trajes de Marissa, acrescentando que ele estaria a trabalhar naquela noite no Matrix Club, em Wardour Street, no Soho.

Erika acabara de se vestir com elegância para uma noite de burlesco, e estava ao espelho a perguntar-se se tinha um ar muito severo quando a campainha tocou.

— Boa noite — disse Peterson quando ela abriu a porta.

Vestia um fato preto com gravata azul-escura e sobretudo preto.

— O que fazes aqui? — perguntou ela.

— Vou contigo ao Matrix Club — respondeu ele com um sorriso.

— Porque não me ligaste? Ou disseste isso no *e-mail*?

— Porque provavelmente mandar-me-ias bugiar.

— Diria algo mais profissional, já que tinha que ver com trabalho.

Ambos sorriram.

— Estás com ótimo aspeto — disse ele.

— Não pareço uma agente infiltrada armada em elegante? — perguntou, olhando para as calças azuis e a blusa branca sem mangas. Tocou no cabelo, que estava duro. Secara-o e depois enchera-o de laca, tentando copiar o que lhe tinham feito da última vez que fora ao cabeleireiro, mas o penteado ficara um pouco severo.

— Não, nada disso.

— Ainda bem. E tu estás ótimo; quero dizer, elegante.

— Obrigado. Não te importas que te acompanhe? É trabalho, e fui eu quem encontrou a informação sobre o alfaiate que trabalhava para a Marissa.

— Não; dá sempre jeito mais um par de olhos.

Apesar da neve, o Soho fervilhava, com gente a descer Old Compton Street, aproveitando as minifférias entre o Natal e o Ano Novo. A neve caía preguiçosamente e os passeios brancos estavam salpicados de luz colorida proveniente dos bares. Erika e Peterson juntaram-se à multidão que andava no meio da estrada. Tinham conversado sobre o caso durante a viagem de comboio de Forest Hill até Charing Cross. Erika falara-lhe da visita à morgue, onde vira o corpo de Joseph Pitkin. Ignorara a parte de ter desmaiado. Peterson disse-lhe que Ivan Stowalski ainda estava no hospital, e não recuperara os sentidos. A mulher aparecera lá no final da tarde.

— Ainda não sabem se ele tem danos cerebrais devido à privação de oxigénio — disse Peterson. — Também investigámos o Don Walpole. Contraiu outra hipoteca de onze mil libras no outono e transferiu dez mil para a conta bancária da Marissa… Não tem cadastro, nem uma multa de estacionamento, pobre coitado.

— Não significa que não a matou — respondeu Erika.

Não haviam falado de outra coisa além de trabalho quando saíram do metro e caminharam até ao Soho, através da multidão, em Leicester Square. As decorações de Natal eram mágicas, e Erika sentiu-se triste pela forma como as coisas tinham corrido entre ela e Peterson. Albergava a esperança de poderem salvar o relacionamento, mas afastou isso para um canto da mente.

O Matrix Club ficava na esquina de Wardour Street com Old Compton Street. A entrada era uma pequena porta preta com um letreiro de néon por cima. Havia uma parte do passeio isolada por uma corda de veludo e postes, e à porta encontrava-se um negro alto e magro, atrás de um pódio. Vestia sobretudo, usava sombra azul e tinha um pequeno *fascinator* rosa preso de lado na cabeça rapada.

— Dois bilhetes, por favor — pediu Erika quando se aproximaram.

— Em que nome? — perguntou ele, dando-lhes uma olhadela.

— Erika e James — respondeu ela, olhando para Peterson. De alguma forma, dizer os nomes próprios fazia aquilo parecer uma saída romântica.

— Os vossos nomes *completos*? Não estou apenas a fazer conversa — retorquiu, revirando os olhos e apontando para uma

prancheta. Tinha as unhas pintadas de cor-de-rosa.

— Não reservei — disse Erika, sentindo-se estúpida.

— Então lamento. Você é o elo mais fraco, adeus. — Fez um gesto a dispensá-los e chamou outro casal que estava atrás deles.

— Filho da mãe insolente — disse Peterson, pegando na identificação.

— Merda. Queria que continuássemos anónimos, sem que eles soubessem que somos da polícia. — Mostrou também a identificação, sentindo-se incompetente. Não era normal cometer erros daqueles. O casal atrás deles estava na lista de convidados, e a corda foi-lhes aberta com um floreado.

Voltaram ao pódio. O homem à porta olhou para Peterson.

— Tem algum caribenho dentro de si?

— Não.

— Gostaria de ter?

Erika teve de reprimir um sorriso.

— Não preciso disto — murmurou Peterson.

— Do que precisa? — perguntou o homem, inclinando-se sugestivamente com ar sedutor.

Erika interveio.

— Sou a inspetora-chefe Erika Foster; este é o meu colega, o inspetor James Peterson. Trata-se de uma visita informal, mas agradeço a sua colaboração. Uma mulher que trabalhava aqui morreu há alguns dias. Chamava-se…

— Honey Diamond — terminou o porteiro. O tom jocoso desaparecera. — Uma tragédia. Estamos a organizar um espetáculo beneficente. Acha que foi alguém daqui que fez aquilo?

— Não, gostaríamos apenas de falar com algumas das pessoas com quem ela trabalhou. Martin Fisher está aqui?

— Sim. É responsável pelo guarda-roupa.

— Ele trabalhou com a Honey Diamond, a Marissa. Gostaríamos de conversar com ele.

— Tudo bem, sigam-me.

Soltou a corda e deixou-os entrar. O interior do clube era lindo, com mesas e cadeiras pretas em volta de um pequeno palco com uma cortina vermelha. Ele levou-os para uma mesa à frente.

— Como se chama? — perguntou Erika.

— Mistress Ebony. De dia, sou o Dwayne Morris — disse ele, puxando uma cadeira para Erika e usando um isqueiro para acender a pequena vela sobre a mesa. — Há serviço de mesas e podem fumar.

Afastou-se e uma empregada veio recolher o pedido. Ficaram-se por sumo de laranja e *Coca-Cola*.

O clube encheu-se rapidamente, e então o espetáculo começou. Embora não houvesse nudez total, Erika sentiu-se desconfortável ali com Peterson. As atuações eram de mulheres e homens de todas as formas e tamanhos. Alguns faziam *striptease* tradicional, mas havia um Adolf Hitler, um *stormtrooper* da Guerra das Estrelas, e uma mulher que entrou vestida como bombista suicida. Tirou lentamente a roupa enquanto o tiquetaque ia ficando mais alto, revelando fios e barras de dinamite a cobrir as partes pudendas. Então as luzes apagaram-se, ouviu-se o som de uma enorme explosão e, quando voltaram a acender-se, ela estava nua.

E foi o fim do espetáculo.

— Caramba! — exclamou Peterson. — O último espetáculo que vi foi o *Riverdance* com a minha mãe antes do Natal.

— Sim, aquilo foi mais do que uma jiga irlandesa — disse Erika.

Dwayne apareceu no meio das pessoas que se dirigiam ao bar.

— O Martin quer falar convosco — informou ele.

Pegaram nos casacos e seguiram-no até ao palco e através da cortina de veludo. Depararam-se com uma pequena área cheia de cadeiras empilhadas, cabides com fantasias e embalagens vazias de comida. Havia uma porta aberta que dava para um pequeno escritório, e aí encontrava-se um homem de meia-idade, calvo e de óculos, atrás de uma máquina de costura. Havia cabides com roupa ao longo de uma parede e uma secretária com telefone e computador. Na parede atrás dele, via-se um cartaz enorme da produção original de *Mame*,

da Broadway. O resto da parede estava ocupada com um espelho.

— Esta é a inspetora-chefe Erika Foster e o seu colega, o inspetor James Peterson — apresentou Dwayne, e saiu, fechando a porta.

— Viram o espetáculo? — perguntou Martin, carregando no pedal da máquina de costura e empurrando um grande bocado de tecido azul por baixo da agulha.

— Sim — respondeu Erika.

— O que achou da bombista suicida?

— Muito inteligente.

Ele sorriu e ajeitou os óculos. Levantou a agulha do tecido e examinou a costura.

— Quer falar da Honey Diamond? Também conhecida como Marissa Lewis?

— O senhor fez arranjos à roupa dela e criou o emblema do diamante que ela tinha nos trajes?— perguntou Peterson.

— Sim. Embora ela se atrasasse sempre a pagar… não vou dourar a pílula. Era uma cabra. Lamento que tenha morrido, mas isso não muda as coisas para mim.

— Porque não gostava dela?

Martin pousou o tecido e dedicou-lhes toda a atenção.

— Era desprovida de graciosidade e afeto, e tinha uma ambição desmedida. Era capaz de pisar toda a gente para chegar onde queria.

— E onde queria ela chegar? — perguntou Erika.

— Deus sabe, ambicionava ser famosa. Almejava ser a próxima Dita Von Teese. O que não percebeu é que também precisava de trabalhar no ofício. Qualquer pessoa pode ser uma Kardashian, ou pelo menos tentar. No verão passado, tivemos cá um jogador de futebol americano, não me perguntem quem. Ela não escondeu que queria ir para a cama com ele; até disse que tentaria gravar isso.

— E conseguiu? — perguntou Erika.

— Não. Ele saiu com uma das loiras, Jenna Minx, que tem um pouco mais de classe do que a Marissa. Embora isso não queira dizer

muito.

— Há quanto tempo atuava Marissa aqui? — perguntou Erika.

— Desde janeiro. — Ele pegou numa tesoura e começou a cortar um tecido amarelo. — Para ser justo, apesar de todas as suas falhas, ela tinha boa presença em palco e tornou-se uma das bailarinas mais populares. Mas houve rumores de que fez mais do que dançar para alguns dos clientes.

— Prostituição?

Ele assentiu.

— Algumas vezes saiu depois do espetáculo com tipos ricos, e não teve vergonha de dizer o que fez e quanto ganhou com isso.

— Disse-lhe a si?

— A mim e a quem estivesse no aposento.

— Alguma vez falou de vizinhos, de amigos, de relacionamentos perto de casa?

— Havia um polaco pindérico, o Ivan, que ela esmifrava há muito tempo. Pobre coitado. Costumava vir muitas vezes ver o espetáculo. Sentava-se na primeira fila e não despia o anoraque. Ficava de olhos arregalados, cruzando as pernas para esconder a ereção. Havia cá uma rapariga cujo namorado trabalha na televisão, nos *reality shows*. A Marissa andou atrás dele, mas ele não estava interessado. As duas raparigas lutaram momentos antes de a cortina subir. Tive de remendar os trajes delas à pressa durante o espetáculo.

— A Marissa contava muita coisa sobre a sua relação com o Ivan?

— Costumava dizer que o mantinha no roupeiro… por ele ser tão pálido. E telefonava-lhe muitas vezes a pedir dinheiro, ou um novo vestido, e colocava-o em alta voz, para todos nos rirmos. Pobre coitado.

— A Marissa alguma vez comentou se ele lhe batia ou se tinha medo dele? — perguntou Peterson.

— Não. Na relação, era a Marissa quem usava calças. Controlava-o e à carteira dele.

— Ela alguma vez falou sobre o seu outro trabalho? — perguntou

Erika.

Martin empurrou os óculos no nariz e bufou.

— Sim. Parece que tinha muitos talentos. Também era cuidadora. Embora, para mim, isso fosse um pouco como se o rei Herodes arranjasse emprego na unidade pré-natal… Ela roubou a velhota. Primeiro, comida e artigos de higiene. A velhota…

— A senhora Fryatt — disse Erika.

— Sim, ela veio cá uma noite ver a Marissa como Honey Diamond. Toda produzida como a Joan Collins, cheia de peles e diamantes. Foi quando percebemos por que motivo a Marissa era sua cuidadora…

— O que quis dizer com «primeiro» em relação aos furtos?

— A Marissa roubou-lhe uns brincos de diamante.

— Quando foi isso? — perguntou Peterson.

Martin pousou o tecido.

— Deve ter sido duas semanas antes do Natal. Julguei que era treta, e que ela inventara uma história para tornar especiais uns brincos de bijutaria (era típico da Marissa, ela gostava de mentir), mas levou uma das raparigas a Hatton Garden para os mandar avaliar. Eram verdadeiros, valiam dez mil.

Erika olhou para Peterson. A senhora Fryatt não dissera nada sobre os brincos.

— A Marissa mencionou alguma coisa sobre um ataque? — perguntou Peterson.

Martin pareceu admirado.

— Ela atacou alguém?

— Não, foi atacada há cerca de um mês, a caminho de casa. Um homem agarrou-a.

Martin abanou a cabeça.

— Não que eu tenha ouvido. E eu costumava ouvir tudo sobre a vida daquela rapariga, quer quisesse quer não.

— Compreende que isto é uma investigação de homicídio e que não está a falar da Marissa Lewis em termos favoráveis? — perguntou

Peterson.

— Quer que minta?

— Não — respondeu Erika.

— Sei que não é correto falar mal dos mortos, e ninguém merece ser assassinado à porta de casa. É horrível — disse ele, tirando os óculos e benzendo-se. Deixou-os pendurados sobre a barriga grande numa corrente dourada.

— Sabia que ela planeava ir para Nova Iorque?

— Sim. Ela falou nisso.

— Algum pormenor?

— Não, mas perguntei-lhe do que iria viver. Não é uma cidade barata, e há os custos do visto. Ela disse uma coisa que me ficou na cabeça: que o diamante lhe daria boa sorte e um novo começo na vida.

— O diamante nos trajes dela?

— Não, estava a pensar mudar isso, e o seu nome burlesco.

— Ia vender os brincos? — perguntou Peterson.

— Sei que ela não era a estrela mais brilhante do firmamento, mas sabia a diferença entre singular e plural. Referia-se a um diamante, e isso foi antes de os brincos aparecerem — respondeu Martin. — Ou estava a ser enigmática ou a dizer disparates. Infelizmente, com a Marissa, era muitas vezes a segunda.

— O senhor estava aqui quando ela deu o último espetáculo na véspera de Natal?

— Sim. E usou os brincos de diamante nessa noite.

— Tem a certeza? — perguntou Peterson.

— Sim, porque entrou aqui nua, a pedir-me que lhe prendesse o cinto de ligas. Mantive os olhos acima do pescoço dela. Não estou muito interessado na anatomia feminina — disse, franzindo os lábios. — Especialmente quando é empurrada para a minha cara sem aviso.

— Com quem foi a Marissa ao joalheiro em Hatton Garden? — perguntou Peterson.

— Ela atuou esta noite, vou chamá-la… — Pegou num telemóvel, tirou um dos brincos e ligou. — Rapariga, ainda cá estás? A polícia quer falar contigo… Nada de especial, apenas algumas perguntas.

Uma porta rangeu e apareceu uma mulher pequena de calças de ganga e camisola de lã roxa. Erika reconheceu-a como a *stormtrooper.*

— Queriam falar comigo?

— Entra, Ella, não fiques à porta — disse Martin, pondo o brinco na orelha. — Esta é a Ella Bartlett.

Ela sorriu a Erika e lançou um olhar examinador a Peterson.

— Foi com a Marissa avaliar os brincos? — perguntou Erika.

— Sim. O homem calculou que valiam dez mil e quinhentas. Ofereceu-se para os comprar, pois eram de uma pureza excecional, disse ele.

— E a Marissa não aceitou isso?

— Não enquanto eu estava com ela; parecia muito animada por ter uns brincos tão valiosos. Como se não quisesse separar-se deles.

— Quando foi com ela?

— Há cerca de uma semana.

— Você e a Marissa eram amigas?

— Nem por isso. Estava tão intrigada como toda a gente para ver se eram verdadeiros, e o meu ginásio fica naquela direção; portanto, acompanhei-a.

— Lembra-se da joalharia?

— Não. Fica perto do Gym Box que frequento, o de Farringdon, a duas ruas de distância…

Erika olhou para Peterson. Aquilo apenas diminuía as hipóteses, entre as centenas de joalharias em Hatton Garden.

— Posso dar-lhe o meu número, e se se lembrar, avisa-me? É muito importante — pediu Erika, entregando-lhe o cartão.

A rapariga guardou-o e estava prestes a sair.

— Oh, Ella, já agora; comprei-te um *spray* para eliminar odores para usares no capacete de *stormtrooper*. Sei que aquece bastante — disse Martin, entregando-lhe uma embalagem. Ella olhou para Peterson, envergonhada, e pegou-lhe. — E deves-me cinco noventa e nove! — gritou. — Meus senhores, têm mais alguma pergunta? Tenho de fazer seis fios dentais do zero e não posso perder o último comboio para casa.

— Obrigada — disse Erika.

31

—Santo Deus, que caso este! — exclamou Erika, enquanto ela e Peterson voltavam para a estação de Charing Cross. Seguiram pelas ruas mais calmas de modo a poderem conversar sobre o que haviam descoberto.

— E o que é essa coisa dos diamantes? — perguntou Peterson.

— A marca registada da Marissa. Talvez pensasse que ela, Honey Diamond, iria fazer fortuna com a carreira. A Dita Von Teese ganhou milhões, e ela queria ser a próxima Dita.

— Parece que há cada vez mais camadas de…

— Intriga? Logro? — perguntou Erika.

— Merda. A palavra é merda. Este caso é um atoleiro. Toda a gente a detestava.

Erika assentiu.

— A Marissa era linguaruda e indiscreta, mas tanto quanto sei, só contou à senhora Fryatt que fora atacada pelo homem da máscara de gás.

— Só porque a Marissa tinha uma grande imaginação e não era muito querida, não significa que não tivesse medos e segredos. Muitas pessoas temem dizer quando são atacadas ou agredidas. E as mais confiantes podem fazer *bluff* e fingir confiança — disse Peterson.

Erika assentiu. Estavam tão absortos na conversa que não repararam onde estavam e saíram de uma rua lateral para a Regent Street. Começara a cair granizo.

— Apetece-te um café? — perguntou Peterson, vendo um Starbucks ainda aberto na esquina. — Pelo menos até este granizo parar.

— Está bem.

Esperaram que alguns autocarros passassem e atravessaram a rua, saindo a correr da neve e entrando no café bem iluminado. Erika encontrou um lugar perto da janela e Peterson voltou com dois cafés.

Podiam ver as montras de Natal nas lojas em frente, e o dossel de luzes pendurado sobre a Regent Street. Beberam um gole do café quente e observaram a rua movimentada.

— Então, temos o Joseph Pitkin, que seguia e fotografou a Marissa em várias ocasiões e depois a filmou, pensamos que a seu pedido, para chantagear o Don Walpole — começou Erika.

— Temos o Ivan Stowalski, que era obcecado por ela, estava disposto a deixar a mulher no Natal e a segui-la para Nova Iorque, e tentou matar-se — acrescentou Peterson.

— Temos o Don Walpole, com quem ela foi para a cama aos quinze anos, e depois o chantageou, ameaçando denunciá-lo… Também terá roubado um par de brincos de diamante à senhora Fryatt, mas esta não o mencionou, e parecia lúcida quando falámos com ela.

— Achas que o filho sabia disso? Ele não é joalheiro em Hatton Garden? — perguntou Peterson.

— Possivelmente… mas a Marissa só contou à velhota que foi atacada.

— Por um homem com uma máscara de gás, que parece estar, de alguma forma, ligado ao Joseph Pitkin. Ele matou-se devido às fotos que lhe mostraste durante o interrogatório… Bem, o que quero dizer é que ficou com medo.

— Isso empurrou-o para o limite — afirmou ela, cansada. — Se pelo menos tivéssemos recuperado o bilhete com o desenho da máscara de gás ao mesmo tempo. Podia ter-lhe sacado mais informações antes de ele morrer… ou impedi-lo… não sei.

— Não sabias — disse Peterson, pousando a mão no braço dela.

Erika esboçou-lhe um sorriso fraco.

— E a Mandy foi evasiva sobre a noite em que a Marissa morreu. Deve ter ouvido alguma coisa.

— Ela não é alcoólica?

— Sim. Podia estar inconsciente no sofá enquanto a Marissa era esfaqueada no outro lado da janela. Amanhã, precisamos de estabelecer quem tem álibis e quem não tem. Fazer também outra visita à senhora Fryatt e questioná-la sobre os brincos.

Beberam outro gole de café e ficaram em silêncio por um momento. Peterson agitou-se pouco à vontade no banco.

— Erika, preciso de te contar uma coisa… — começou ele.

O telemóvel dela apitou e ela tirou-o da mala.

Olhou para o relógio e viu que eram quase onze e meia.

— Merda. Vou perder o último comboio, e tenho de terminar um relatório esta noite.

Bebeu o resto do café e pegou novamente no telemóvel.

— Vou apanhar um *Uber* — disse, abrindo a aplicação. — Ah, há um carro aqui perto. Ótimo. Queres partilhá-lo?

— Não, vou de comboio — disse ele.

— Achas que consegues?

— Sim. Apetece-me caminhar. As luzes de Natal são bonitas.

Erika olhou para ele por um momento.

— Estás bem? O que ias dizer há pouco?

— Não sei se há tempo.

O telemóvel dela apitou e um carro parou à porta.

— Não. É o meu carro. Estava perto.

— Não era nada, vai andando.

— Está bem. Obrigada pelo café. Vejo-te amanhã, cedinho. — Ela pegou no casaco e atirou-o para cima do ombro. Com um aceno, saiu porta fora, correndo pelo granizo até ao carro.

✺

Peterson viu-a entrar e arrancar. Bebeu outro gole de café e ouviu o som da chegada de uma sms. Pegou no telemóvel e fez uma chamada.

— Eu sei, desculpa. Pensei que já estaria despachado… Sim, estive com ela, mas trabalhamos num caso de homicídio… Sim, é um trabalho muito absorvente… Não, não lhe disse, mas vou dizer. Prometo… também te amo.

Desligou e olhou pela janela por um momento. Sentiu culpa e

pesar. Culpa por estar feliz, e pesar por Erika não fazer parte disso. Acabou o café e voltou para a estação de Charing Cross, caminhando sob as luzes de Natal e refletindo que a vida pode, muitas vezes, dar uma grande volta e surpreender-nos. Pela positiva.

32

Estava calor dentro do *Uber* quando Erika atravessou Piccadilly Circus. A condutora olhou para ela pelo espelho retrovisor.

— Quer um exemplar do *Evening Standard*? — perguntou.

Erika disse que sim, e a mulher passou-lho.

Recostou-se e começou a ler, preferindo concentrar-se nos mexericos enquanto o folheava. Atravessavam o rio em Vauxhall quando Erika virou a página e soltou um *porra* alto.

— Tudo bem? — perguntou a condutora.

— Desculpe. Esqueci-me de uma coisa — mentiu. O periódico trazia um artigo de página inteira sobre o processo anterior em que trabalhara: os homicídios e o rapto das gémeas de Marsh por Max Hastings e Nina Hargreaves. O jornal publicara vários artigos sensacionalistas sobre o caso, comparando Nina e Max a Bonnie e Clyde, ou a Myra Hindley e Ian Brady. O artigo dizia que ninguém reclamara o corpo de Max Hastings, mesmo várias semanas após a morte. O *Evening Standard* contactara a mãe, que disse não querer ter nada que ver com ele, e que declarara: «Levem-no para o aterro, ele não é meu filho.» A mesma mulher fora acusada de obstrução à justiça.

Havia uma foto de Erika no final do artigo. Ela estava habituada a que os jornais a retratassem como uma detetive problemática.

O que a irritou naquele momento foi terem usado uma foto sua a sair de casa. A placa com o nome da rua, «Manor Mount SE23», via-se com nitidez no canto da foto, e não tinham pixelizado a matrícula do carro.

Pegou no telemóvel e procurou um número. Tocou algumas vezes, e então uma voz ensonada atendeu.

— Estou! — disse Colleen Scanlan, a assessora de imprensa da Polícia Metropolitana.

— Colleen, é a Erika Foster.

— Erika. É muito tarde.

— Acabei de ver um artigo no *Evening Standard* sobre o caso do Max Hastings e da Nina Hargreaves. Publicaram uma fotografia minha a sair de casa, ao lado da placa com o nome da rua, e vê-se a matrícula do meu carro.

Houve uma longa pausa.

— Não consigo controlar o que eles publicam.

Erika tapou o telemóvel e respirou fundo várias vezes. Detestava Colleen, que, na sua opinião, era uma preguiçosa que fazia o suficiente para manter o emprego, mas nunca se esforçava o necessário para ajudar.

— Sei que não pode fazer nada sobre a edição impressa, mas pode, por favor, verificar se a edição *online* tem essa foto e, em caso afirmativo, mandá-la retirar. AGORA.

Colleen suspirou.

— Duvido que o escritório esteja aberto, mas posso deixar recado. Faço isso por si — disse, num tom emproado.

— Obrigada — disse Erika e desligou.

Fizeram o resto da viagem em silêncio. Erika continuou a verificar o telemóvel para ver se Colleen enviara mensagem ou *e-mail*, em vão. Pouco antes da meia-noite, aproximaram-se de Forest Hill, e o *Uber* deixou-a à porta de casa.

Quando Erika entrou, ligou o aquecimento, tomou um duche e voltou para a sala de pijama. Serviu-se de um grande copo de vodca e instalou-se no sofá com o portátil, abrindo o relatório que começara a escrever para Melanie. As tábuas do andar de cima rangeram quando Allison, a vizinha, andou pela casa. Abriu o Internet Explorer e entrou no *site* do *Evening Standard*. O mesmo artigo estava *online* com a sua foto.

— Merda — praguejou.

Levantou-se e fechou as cortinas, sentindo-se de repente paranoica pelo facto de a informação sobre ela e onde morava estar *online*. Disse a si mesma para não ser ridícula. Não tinham publicado a morada completa. Verificou o telemóvel, mas não havia qualquer *e-*

mail de Colleen. Tentou ligar-lhe de novo, mas foi parar ao *voicemail*. Bebeu um grande gole de vodca e começou a trabalhar no relatório.

❁

Erika acordou com um sobressalto. O portátil estava virado ao lado dela no sofá e o telefone tocava. Olhou para o relógio na cozinha. Faltava pouco para as duas da manhã. Sentou-se enquanto o telefone continuava a tocar. Pousou o portátil na mesa de centro e levantou-se, julgando que era Colleen. Em seguida, o atendedor de chamadas começou a funcionar. Depois da mensagem gravada, uma voz rouca e ofegante disse:

— Erika… Erika… Erikaaaaaa…

Ela estacou à porta do corredor. Ouviu o som de alguém a respirar a custo, e então um estranho som arranhado. A mensagem continuou, com uma respiração dissonante e irregular.

— Erikaaaaaa… Erikaaaaaa…

A voz era rouca e grave, com um tom malévolo. Houve um som distorcido, um chiado áspero e uma ânsia de vómito quase inumana que a fez gritar de medo.

Erika agarrou no cabo do atendedor de chamadas e puxou-o da parede. Fez o mesmo com o telefone. Correu para a porta de casa e verificou que estava trancada, e então percorreu o apartamento, acendendo todas as luzes e verificando as janelas. Sentou-se no sofá, a tremer, e tentou controlar a respiração.

Pela primeira vez na sua longa carreira, desejou ter uma arma.

33

O despertador de Jason Bates acordou-o às seis. Pouco depois, bateram suavemente à porta. Era uma das cuidadoras da câmara, que vinha substituí-lo para ele ir trabalhar.

— Como está ela? — perguntou a bondosa mulher com o rosto enrugado. No seu atordoamento, ele levou um momento a lembrar-se de qual delas era… Dawn… chamava-se Dawn.

— Teve uma boa noite — respondeu. Uma boa noite para a mãe significava que ele só fora acordado três vezes.

Dawn tirou o casaco e aqueceu as mãos sobre o radiador, enquanto Jason fazia o pequeno-almoço e se preparava para ir trabalhar.

A fábrica de plásticos ficava a quinze minutos de comboio. Ainda estava escuro quando saiu de casa. Olhou para a mãe na cadeira de rodas junto à janela para o ver sair. Acenou-lhe, e ela levantou a mão. A fúria e a frustração que sentia por ela dissiparam-se. Perguntou a si mesmo se as cuidadoras fariam aquilo todas as manhãs para o lembrar de que ela era uma pessoa. Ele só percebia isso se se distanciasse.

As ruas estavam escuras com uma névoa gelada, o que lhe deu a sensação de andar no meio de lençóis molhados. O pequeno café junto à estação de comboios de Gipsy Hill estava fechado àquela hora, e ele passou apressado pelas barreiras abertas, conseguindo entrar no comboio antes de as portas se fecharem. A única coisa boa de trabalhar fora de Londres era que os comboios matutinos que circulavam na direção oposta à cidade iam menos cheios, sobretudo entre o Natal e o Ano Novo. A carruagem encontrava-se quase vazia e ele sentou-se à janela, o aquecedor junto às pernas a libertar ar quente. Enfiou os auriculares e começou a ouvir um audiolivro, o que tencionava continuar a fazer durante a manhã enquanto conduzia a empilhadora — apenas com um auricular enfiado, a outra orelha estaria desobstruída, por segurança.

Saiu do comboio em West Norwood. Era o único na plataforma.

Tinha uma caminhada de quinze minutos até ao armazém, e havia uma longa estrada que partia da estação, ladeada por edifícios abandonados e sebes. Ele levantou o capuz e caminhou pela neve, os passos a ranger no silêncio. As luzes dos candeeiros não conseguiam penetrar no nevoeiro, criando um túnel de luz. O céu ao longe começava a mudar de preto para azul-escuro. Ao passar pelos portões de um antigo edifício de escritórios, uma forma escura projetou-se das sombras e uma figura alta surgiu na luz. Vestia um casaco comprido preto e, sobre a cabeça, tinha o capuz escuro e brilhante de uma máscara de gás. Saía vapor do grande filtro que pendia até ao peito, e havia uma linha de quadrados brancos pequenos no filtro que davam a impressão de dentes a sorrir.

Jason parou, e de início não sentiu medo. Era tão inesperado. Ouviu o som de um comboio na linha ao passar. A figura observou-o por um momento e depois avançou em direção a ele.

— Ei, ei! — gritou Jason quando a figura se aproximou, curvada, e depois o esmurrou com força no rosto.

✺

Jason recuperou os sentidos pouco depois. Sentia neve sob as costas. Via o céu, agora uma paleta de azuis-claros. Tinha as mãos presas atrás das costas e o seu peso fazia-lhe doer os pulsos. Sentia as pernas frias, e então percebeu que estava nu da cintura para baixo. Tinha qualquer coisa na boca, talvez um trapo. Olhou em volta, gemendo, ouvindo o som a sair num murmúrio fraco. Um comboio passou pela linha atrás de um muro alto à sua esquerda; à direita, ficava a entrada principal do velho edifício de escritórios. Filas e filas de janelas partidas observavam-no e, em algumas, havia pássaros. Sentiu-se maldisposto quando viu que à porta do edifício, a uns cinco metros, a figura da máscara de gás o observava. Tinha o casaco aberto e masturbava-se, a mão enluvada e preta a mover-se rapidamente para a frente e para trás, o vapor da sua respiração a subir da máscara.

Parecia ao mesmo tempo algo louco e assustador. Jason viu algumas formas na neve derretida: um carro queimado e botijas de gás abandonadas. De repente, ouviu vozes na estrada da estação e olhou para as sebes altas. Não via a rua.

Pessoas a passar. Gente a ir para o trabalho!, pensou. Gritou, mas ouviu-se apenas um gemido abafado. As vozes passaram e afastaram-se. A figura parou abruptamente, apertou as calças e dirigiu-se a ele. Pegou-lhe nos pés e arrastou-o pela neve. Jason tentou espernear, mas sentiu pedras e uma dor aguda quando foi arrastado por três degraus, até ao cimento junto à porta. Não havia muito espaço no degrau de cima. A figura estava junto dele, observando-o pelos buracos vazios dos olhos. Então ajoelhou-se.

Jason esperneou, e o seu pé bateu na máscara de gás, entortando-a. O homem deu um grito abafado e embateu na porta de vidro partida. Um fragmento arranhou-lhe o pescoço, e ele cambaleou, aterrando de costas no outro lado da porta. A máscara quase se soltou, deslizando num ângulo torto para lhe revelar a boca e o nariz.

Jason entrou em pânico e limitou-se a olhar. A perda de controlo da figura foi de alguma forma mais assustadora. Jason tentou levantar-se, mas tinha as calças em volta dos tornozelos e os pés prenderam-se nelas. A figura sentou-se lentamente e descalçou uma luva, levando a mão ao arranhão, que sangrava. Virou-se e levantou a máscara para inspecionar a mão. Aparentemente satisfeito por não ter um corte profundo, baixou de novo a máscara e virou-se, calçando a luva.

Então dirigiu-se a Jason e arrastou-o de novo para o cimo dos degraus.

34

Erika ligou a televisão às seis da manhã, depois de ter passado a noite no sofá, sem dormir. Orgulhava-se do seu estoicismo e, embora o telefonema a tivesse apavorado, recusou-se a deixar que o terror a dominasse. O som dos vizinhos a mexer-se e a água a correr pelos canos trouxeram-na de volta à normalidade. Às sete e meia, fez café e tomou banho, e então abriu as cortinas, e sentiu os medos desvanecerem-se com o amanhecer azul-claro.

Pouco antes de sair de casa, ligou o telefone de novo e reproduziu a mensagem da voz áspera. A pessoa que ligara não tinha o número oculto. Era de um telemóvel que não reconheceu, mas que anotou. Enrolou o cabo e levou o *voicemail* com ela.

Assim que entrou no carro, e se enfiou no trânsito da manhã para se dirigir à esquadra, sentiu a realidade dominá-la. Ainda não havia qualquer contacto de Colleen Scanlan, nenhuma mensagem de voz ou no seu telemóvel.

Pensara muito no caso durante a noite, e a pergunta sobre os brincos de diamante atormentava-a. Por que motivo a senhora Fryatt não os mencionara? Viu as horas: passava das oito. Fez um desvio no trajeto habitual, atravessou Honor Oak Park e desceu para Hilly Fields. Ao aproximar-se da casa da senhora Fryatt, viu a velha senhora, agasalhada, à porta de casa, apoiada a uma bengala. Quando Erika estacionou na berma, a senhora Fryatt começou a gritar e a agitar a bengala.

— Siga, não pode estacionar aí, estou a reservar este espaço!

Erika baixou a janela.

— Bom dia. Posso dar-lhe boleia para algum lado? — perguntou.

— Estou à espera do meu filho; ele vai levar-me ao médico. Disse que estaria aqui… — Olhou para a rua vazia, apoiando-se dolorosamente na bengala.

— Está tudo bem?

— É a minha perna. Há quatro dias que espero ver alguém; sabe

como é tentar marcar uma consulta… Onde está ele? Vou perder a consulta! Por favor, tire o carro daí.

O seu nariz pingava do frio, e ela fez um malabarismo com a bengala para tirar um lenço e limpá-lo.

— Tenho mais algumas perguntas — disse Erika.

— Mais? Já me fez uma infinidade delas ontem.

— A Marissa roubou-lhe um par de brincos de diamante?

— Não.

Erika manteve os olhos na senhora Fryatt enquanto ela olhava distraidamente para trás de si.

— Tem a certeza?

— Claro que tenho. Estou de perfeita saúde física e mental.

— Sim, disse isso ontem, mas agora está aqui fora para ir ao médico.

— O que é isto? Não fiz nada de mal. Vou colaborar consigo, mas não gosto do tom.

Surgiu um carro no cimo da rua, e a senhora Fryatt pareceu esperançada até ver que não era o filho.

— Falei com um colega da Marissa; ele fazia-lhe os arranjos nas fantasias. Disse que a Marissa andava a exibir um par de brincos de diamante e a gabar-se de lhos ter roubado.

A senhora Fryatt virou-se para Erika, já com a compostura recuperada.

— Ai sim?! Que estranho. Isso não é verdade.

— Não sei por que motivo iria ele inventar isso — insistiu Erika, analisando o rosto da idosa, mas ela continuava atenta ao cimo da rua.

— Bem, se não sabe, como diabo hei de eu saber? Encontrou um par de brincos de diamante na pessoa de Marissa, ou na casa dela?

— Não posso partilhar isso consigo.

— Então é um «não» — disse a senhora Fryatt com desdém.

— A Marissa foi com uma colega mandar avaliá-los a um joalheiro em Hatton Garden.

— Ah, aqui está ele! Já não era sem tempo! — exclamou ela, fazendo girar a bengala em volta da cabeça. Um carro branco e elegante parou ao lado do de Erika. — É tudo, inspetora? Não sei do que poderia a Marissa falar. Devia querer enganar essa pessoa. Ela era assim.

O filho da senhora Fryatt, Charles, saiu do carro e foi até ao passeio.

— Estás atrasado! — gritou ela.

Ele parecia agitado e olhou para Erika.

— Havia muito trânsito — justificou-se. — Olá, inspetora. Está tudo bem?

— A Marissa nunca disse nada sobre ter roubado um par de brincos à sua mãe? — perguntou Erika.

A senhora Fryatt revirou os olhos e dirigiu-se ao carro.

— Ele não iria saber. Sou eu quem abre o meu cofre, e todas as minhas joias estão lá! Agora vamos! Não posso perder a consulta!

Charles dirigiu a Erika um sorriso desajeitado. Ela notou que ele tinha um grande penso no pescoço, onde se via um pouco de sangue.

— Como se cortou?

— A fazer a barba, a navalha escorregou… por não querer fazer esperar a minha mãe — respondeu, sorrindo. Era um sorriso estranho, que mostrava dentes largos e tortos, mas não chegava aos olhos. Foi ajudar a mãe, que estava à porta do passageiro. Outro carro parou e buzinou. A senhora Fryatt agitou a bengala na direção dele.

— Importa-se de esperar UM MINUTO? — gritou ela. Charles ajudou-a a entrar e prendeu-lhe o cinto. Assentiu na direção de Erika, a expressão séria de volta ao rosto, e arrancou.

Havia ali algo que não batia certo, mas Erika não percebia o quê.

— Bem, embosquei-a — murmurou ao voltar para o carro. Pegou no telemóvel e ligou a McGorry.

— Tudo bem, chefe — disse ele. — Chego daqui a nada, acabei de sair do DLR em Lewisham.

— Não há problema. Só uma pergunta. Examinou tudo na casa da Marissa Lewis, todos os seus pertences. Não viu uns brincos de diamante?

— Hum, havia joias… Mas não sei. Acho que não sei distinguir um diamante verdadeiro de uma bijutaria. Posso voltar a olhar para as fotos tiradas pela polícia técnica. Lembra-se de ver alguma coisa quando estivemos no quarto dela?

— Não. Importa-se de procurar?

— Claro que não.

Erika desligou. Pensou em todas as pessoas que podiam ter levado os brincos. Joseph Pitkin tocara no corpo de Marissa antes da chegada da polícia… Mandy encontrara o corpo da filha. Poderia Ivan tê-los levado? Quando fora a última vez que Don Walpole a vira com vida?

— Ele viu-a na véspera de Natal, na estação! — exclamou ela, triunfante.

Ligou o motor e deu meia volta, dirigindo-se à Coniston Road.

35

Don Walpole abriu a porta de casa e não gostou de ver Erika de novo.

— É boa altura? — perguntou a inspetora.

Ele estava de avental, e Erika sentia o cheiro a *bacon* frito, o que fez o seu estômago roncar.

— Importa se não for? — retorquiu ele.

— Só preciso de alguns minutos do seu tempo.

Ele afastou-se para a deixar entrar e levou-a até à cozinha. Erika viu Jeanette a cambalear escadas abaixo, embrulhada num enorme roupão roxo e com uma toalha em volta do cabelo molhado. Estava com péssimo aspeto.

— Quem é? — perguntou Jeanette, de olhos semicerrados.

Erika apresentou-se, mas Jeanette não parecia lembrar-se dela do dia anterior. Seguiram para a cozinha.

— Preciso de lhe fazer uma pergunta sobre a Marissa — disse Erika em voz baixa.

Don aproximou-se do fogão e virou os ovos na frigideira. Usava calças de ganga escuras e camisola grossa de gola alta castanha. Jeanette entrou a arrastar-se, alheia a Erika, e tirou uma grande garrafa de sumo de laranja do frigorífico.

— Precisa de mim? — perguntou ela.

— Não. Isto é só… — começou Erika, mas Jeanette já estava a sair.

— Queres ovos? — perguntou Don.

— Não! — gritou ela.

Erika viu-a arrastar-se pelo corredor e entrar na sala de estar. Fechou a porta e, momentos depois, ligou a televisão. Don suspirou e ficou junto dos ovos, empurrando-os no óleo. O pão saltou na torradeira e ele tirou-o para os pratos.

— Quer os ovos dela? — perguntou ele.

Erika hesitou. De repente, sentiu-se esfomeada, mas forçou-se a recusar.

— Não, obrigada. Só vim fazer-lhe algumas perguntas…

— Tento que coma, mas ela ingere a maior parte das calorias através do álcool. Ganhou aquela barriga enorme e duas pernas fininhas.

— A minha mãe era alcoólica — disse Erika.

— Ai é?

— Não, era. Morreu há muito tempo. Nunca foi violenta, mas era beligerante e tornava a vida difícil.

Don assentiu. Os seus olhos estavam sombrios, e tinha olheiras profundas. Começou a barrar manteiga na torrada.

— O que quer perguntar-me?

— Disse que viu a Marissa na véspera de Natal, na estação de Brockley?

— Sim. Quando a Jeanette… trocou algumas palavras com ela, digamos assim.

— Lembra-se se a Marissa usava brincos? Dariam nas vistas, eram de diamante.

Don tirou os ovos da frigideira e colocou dois na torrada.

— Diamantes a sério? Onde arranjaria ela brincos de diamante?

— Não posso entrar em pormenores. Ela usava brincos na véspera de Natal?

— Ela não tinha falta de admiradores. Talvez tenha convencido um pobre desgraçado a comprar-lhe joias caras.

— Don. Por favor, pense bem. O que vestia ela quando a viu na estação?

— Só consigo lembrar-me de que usava um casaco preto comprido.

— E o cabelo e a maquilhagem?

— Estava toda produzida. Hum, tinha aquelas pestanas postiças… não me lembro se usava brincos.

— Posso perguntar à Jeanette?

— Duvido que ela se lembre.

— É importante para o meu caso.

Dom pousou o prato na mesa. Erika seguiu-o até à sala de estar. Jeanette estava deitada no sofá, o cabelo molhado a cobrir-lhe o rosto, a ver televisão em altos berros.

— Jeanette, ela quer falar contigo — disse Don, erguendo a voz. Voltou para a cozinha e deixou-as sozinhas.

Jeanette olhou Erika através do cabelo molhado.

— O quê?

— Preciso de lhe fazer uma pergunta.

— Então faça.

— Importa-se de baixar a televisão? — Jeanette acedeu, carrancuda. — Obrigada. A senhora e o Don viram a Marissa Lewis na véspera de Natal.

— Essa puta — cuspiu ela.

— Lembra-se se ela usava alguma joia?

— Não lhe vi as tetas, para variar; tinha um casaco grosso abotoado sobre o decote. Mas usava brincos.

— De que tipo?

Ela encolheu os ombros.

— Pedras brancas, pequenos solitários.

— Tem a certeza?

— Absoluta — respondeu, sem desviar os olhos da televisão.

— Como pode ter tanta certeza? — insistiu Erika.

Jeanette virou-se para ela.

— Porque pensei em arrancar-lhos das orelhas e que isso iria doer-lhe — respondeu.

Erika desejou ter uma foto dos brincos de diamante para lhe mostrar.

— Diria que os brincos eram diamantes verdadeiros?

— Duvido.

— Mas conheceria diamantes verdadeiros se os visse?

— Pareço-lhe o tipo de mulher que conhece diamantes verdadeiros? — retorquiu num tom amargo.

Erika não precisou de responder. Olhou em volta da sala e viu um casaco preto comprido a arejar. Estava frente à lareira a gás e fumegava ligeiramente.

— Aquele é o casaco do Don?

— De quem mais podia ser?

— Ele saiu hoje?

— Não sei. Provavelmente foi comprar leite. Já acabou as perguntas?

— Sim, obrigada.

Jeanette levantou de novo o som da televisão, que ressoou pela casa.

❁

Quando Erika saiu dali, ficou sentada no carro alguns minutos, a tentar organizar as peças do caso. Conduziu até ao cimo da rua e parou frente à casa de Marissa. O jardim estava coberto por uma nova camada de neve a derreter. Havia duas vielas: uma paralela à casa e outra no lado oposto da rua. Também existia um cruzamento, logo depois da escola, no fim da estrada, que levava a uma ponte ferroviária e a habitações camarárias.

O assassino usara um carro, segundo a análise dos salpicos de sangue. Teria de estar coberto de sangue e com a arma do crime a pingar no carreiro e no passeio, mas o rasto parara ali. Erika aproximou o carro do beco e, muito devagar, virou-o para lá e olhou para o capô. O beco era demasiado estreito para o carro caber.

O telemóvel tocou, fazendo-a saltar. Era McGorry.

— Chefe, tem de voltar rapidamente para a esquadra, fizemos uma grande descoberta — disse ele.

36

Erika estacionou junto à esquadra, agarrou na mala e no atendedor de chamadas e dirigiu-se à sala de operações. Moss, Peterson, Kay e o resto da equipa estavam reunidos em torno da secretária de McGorry.

— O que foi? — perguntou Erika, vendo os rostos animados a olhar para ela.

— Analisei todos os depoimentos relacionados com a morte da Marissa Lewis, e estou a elaborar uma cronologia dos acontecimentos da véspera de Natal — disse McGorry. — Ela esteve a trabalhar no Matrix Club até às oito e meia. Tiveram um espetáculo cedo. Ninguém ficou para tomar uma bebida, foram todos para casa. Ela apanhou o comboio das nove e dez em Charing Cross. — Abriu uma janela no monitor. — Aqui está ela, a correr para o comboio, e a entrar mesmo antes de as portas se fecharem. — Passou o pequeno vídeo de Marissa Lewis a correr nos saltos altos, o casaco comprido a agitar-se atrás dela. — Estava sozinha quando entrou no comboio.

— Tudo bem — disse Erika. — Isto tem algum objetivo?

— Oh, sim — respondeu McGorry, sorrindo.

Peterson sorriu e assentiu.

— Bem, então desembuche!

— Também tenho imagens do comboio, quando ela mudou em London Bridge. É uma carruagem mais nova e equipada com câmaras. — Viram uma carruagem cheia filmada pela câmara montada no teto por cima das portas. — Ali está ela, esmagada entre aqueles dois tipos. Suponho que eram homossexuais, já que não parecem prestar-lhe atenção.

— Menos comentários pessoais, por favor.

— Estou apenas a dizer que não há tipos esquisitos que pareçam interessados nela — esclareceu McGorry, enquanto passava à frente as imagens no ecrã, mostrando a viagem de comboio de dez minutos. — Muito bem, aqui estamos às nove e quarenta e dois e a carruagem

fica vazia em Forest Hill.

— Há imagens da estação? — perguntou Erika.

— Não. Só da plataforma, e da Marissa a sair com o resto das pessoas — disse ele, avançando para outro pequeno clipe.

— Certo, que mais tem para mim?

— Isto é o melhor. A escola frente à casa da Marissa Lewis na Coniston Road tem câmaras nos dois lados do recreio. Uma delas mostra o portão da frente da Marissa.

No último vídeo surgia metade da casa de Marissa, do portão, da viela e da parte da rua até ao cruzamento.

— A que horas foi isso? — perguntou Erika.

— Este vídeo é das vinte e uma e quarenta.

Ele avançou o vídeo a preto e branco, mostrando a rua vazia coberta de neve e o portão.

— O que era aquilo? — perguntou Erika, quando viram uma mancha escura às 21h51.

— Um gato a saltar para o portão — respondeu McGorry.

— A Marissa tinha um gato — disse Kay. — Chama-se *Beaker*.

— Interrogaste-o? — perguntou um dos agentes fardados.

— Vai-te lixar — disse Kay.

— Silêncio! — ordenou Erika.

— Aqui vamos nós — continuou McGorry. Uma figura de preto, usando uma máscara de gás, passou junto ao portão, movendo-se com cuidado e determinação na neve, quase a cambalear na superfície escorregadia. Chegou ao portão e olhou para a casa. Depois continuou e entrou nas sombras da viela.

— Meu Deus — disse Erika.

— Certo, agora avançamos sete minutos — disse McGorry. — Ali, podem ver a Marissa Lewis a chegar a casa.

Marissa apareceu no portão. A sala ficou em silêncio. A maioria já vira o vídeo, mas o impacto era igualmente impressionante da

segunda vez. Marissa abriu o portão e entrou, desaparecendo nas sombras do jardim. Dez segundos depois, a figura na máscara de gás aproximou-se do portão, com uma faca comprida na mão. Entrou e foi engolida pela escuridão.

— A câmara não captou nada do que aconteceu no jardim — disse McGorry. — Quatro minutos depois, ele sai.

— Tem a certeza de que não há nada? — perguntou Erika.

— Vi-o várias vezes, até em câmara lenta. Não há nada; a câmara não capta nada.

Fez avançar o vídeo, quando a figura saiu com a faca a pingar. Parou no portão e olhou para as sombras.

— Limpa-a com um pano, convenientemente tirado do bolso. Enfia a faca no bolso com o pano e, ato contínuo, vira à direita, saindo da imagem. — A equipa à volta de Erika ficou em silêncio. — Perdi-o depois disso; não há câmaras na área residencial. Ele pode ter entrado num carro ou numa casa; não sabemos.

— Volte para trás — pediu Erika.

Parou o vídeo quando o homem saía pelo portão, e por um momento tiveram uma imagem clara da máscara. Ela levantou-se e foi até à sua secretária, onde tinha uma cópia da nota enviada a Joseph Pitkin. Pô-la ao lado do ecrã, olhando para a máscara desenhada a esferográfica preta.

— Isto parece-vos um tipo semelhante de máscara? — perguntou.

— Não sei, talvez seja uma velha máscara de gás militar — respondeu McGorry.

— Precisamos de voltar a ver os retratos-robô feitos com a ajuda das pessoas atacadas. E se não os houver, temos de falar com elas de novo e pedir-lhes que os ajudem a fazê-los. Além disso, agora que temos estas imagens com a data e a hora, podemos concentrar-nos num novo porta a porta nas casas voltadas para a da Marissa, para a hipótese de alguém ter visto alguma coisa. Ótimo trabalho!

— Trabalhei com a Kay — disse ele, sorrindo-lhe.

Um dos telefones começou a tocar e Moss foi atendê-lo.

— Fizeram ambos um bom trabalho.

— Chefe — disse Moss, cobrindo o bocal. — Esta manhã houve outro ataque do homem da máscara de gás em West Norwood. Um jovem a caminho do trabalho.

37

Jason Bates fora levado pela polícia ao CRAS (Centro de Referência de Agressões Sexuais) em Camberwell. Erika foi sozinha de carro para o centro e chegou lá ao fim da tarde. Era um edifício pequeno junto à rua principal. Foi recebida numa porta lateral por um agente corpulento com barba espessa.

— Conseguiram recolher alguma prova? — perguntou Erika.

— Sim, ele já foi examinado.

— Alguma coisa útil?

— Sangue.

Erika assentiu; não podia mostrar entusiasmo.

— Posso falar com ele?

— O responsável pelo caso encontra-se com ele agora. O rapaz passou por uma provação terrível. Ficou profundamente traumatizado.

— Eu sei, mas o homicídio que investigo está relacionado com isto.

Ele assentiu.

— Aguarde um momento, por favor.

Erika sentou-se num pequeno banco no corredor. O agente passou por uma porta onde se lia «Sala Preliminar», que era um gabinete de exames: um espaço estéril com superfícies de plástico para que não houvesse possibilidade de contaminação de provas.

Erika olhou em volta. Havia fotografias de um prado ensolarado e de alguns sacos de especiarias orientais de cores vivas que haviam sido ali pendurados numa tentativa de desanuviar o ambiente.

A porta abriu-se e o agente apareceu com o inspetor-chefe Peter Farley, um homem de meia-idade com cabelo grisalho. Erika mostrou a identificação.

— Olá Erika, prazer em vê-la — disse ele.

Ela seguiu-o até ao pequeno gabinete, decorado com cartazes e vasos de plantas.

Havia uma enfermeira sentada ao lado de um rapaz que tinha um cobertor em volta dos ombros. Os seus pés descalços apareciam sob a bainha de uma bata comprida de papel. Estava uma chávena de chá intocada junto dele. Era magro, com cabelo louro e sobrancelhas pálidas. Tinha o olho esquerdo vermelho devido à rotura de um vaso sanguíneo, o lábio cortado e o nariz coberto de sangue. Em volta dos olhos havia hematomas escuros. Ele mexeu-se no assento dolorosamente.

— Esta é a Erika, uma colega minha — apresentou Peter.

Jason olhou para frente e assentiu.

— O que pode dizer-me sobre a pessoa que lhe fez isso? — perguntou Erika.

Jason engoliu com dificuldade e estremeceu.

— Era alto. Tenho um metro e setenta e cinco. Acho que ele era mais alto do que eu. Usava uma máscara de gás.

— Pode descrevê-la?

Erika esperava que ele mencionasse os quadrados brancos pintados no filtro. Ele mencionou-os. Continuou a descrever o que acontecera, que a máscara do atacante quase saíra da cabeça e que ele se cortara no vidro da porta.

— Foi aí que recolhemos uma amostra de sangue — explicou Peter.

Jason continuou:

— Ele, ele forçou-me… Ele… — Uma lágrima formou-se nos olhos vermelhos e escorreu pelo rosto. Erika ia pegar-lhe na mão, mas ele afastou-a. — Aproximou a máscara da minha cara. Vi os seus olhos, eram escuros e pequenos, e a parte branca… consegui ver a parte branca em volta das pupilas. Então ele… violou-me. — Teve ânsias de vómito, curvou-se e agarrou-se à barriga. A enfermeira deu-lhe um lenço de papel para limpar a boca.

— Devíamos parar por aqui — pediu ela a Erika.

— Não — interveio Jason, limpando a boca e amarfanhando o lenço numa bola. — Quero falar com ela.

A enfermeira assentiu.

— Obrigada, Jason. Sei que isto é difícil para si — disse Erika.

— Não está a perceber… O estupor usou um preservativo. — Ele limpou os olhos. — Era bem constituído, forte. — Ergueu o olhar para o teto e abanou a cabeça, parecendo não acreditar que aquilo estava a acontecer.

Erika olhou para Peter. Queria saber se tinham conseguido recolher sémen, mas ele abanou a cabeça.

— Mais alguma coisa, por insignificante que pareça? — perguntou Erika.

— Estava todo vestido de preto e tinha um sobretudo comprido. Usava botas pretas, a máscara. Luvas grossas de cabedal… Quando tirou uma das luvas, tocou-me.

— Onde?

— Na garganta. No pescoço, para sentir a minha pulsação…

— E a máscara de gás, como a descreveria? — perguntou Erika.

— Era uma máscara de gás. Não sei, como as que as pessoas usavam na guerra. Tinha aqueles quadrados brancos na parte por onde se respira, o bocado redondo por onde a respiração dele saía… — Jason abanou a cabeça e semicerrou os olhos. — O dia estava a nascer. Mas senti um cheiro, a respiração dele quando se aproximou. Parecia a químico, qualquer coisa industrial ou verniz de unhas. Não sei.

— Muito bem. Obrigada, Jason.

❁

Quando Erika saiu, ligou para Moss, que estava na sala de operações. Transmitiu-lhe o que soubera e que tinham uma amostra de ADN através do sangue encontrado num vidro.

— Quero que recolham uma amostra de ADN ao Don Walpole. Mande lá alguém tratar disso.

— Foi ao Clube Matrix com o Peterson a noite passada. Como correu? — perguntou Moss.

Erika resumiu o que acontecera e que falara com a senhora Fryatt

e Don sobre os brincos.

— Acabei de verificar tudo com a polícia científica, e o que os agentes levaram da casa da Marissa Lewis, e não há brincos. Também pedi à Tania que perguntasse à Mandy Trent, mas ela não sabia que a Marissa tinha uns brincos de diamante caríssimos — disse Moss.

— *Okay*. Ah, se for à minha secretária, está lá o meu atendedor de chamadas.

— Sim? Porque o trouxe para o trabalho?

Erika explicou o que acontecera com o *Evening Standard* e depois o estranho telefonema à noite.

— Deve haver muitos tarados no mundo com o meu número, e querem assustar-me. Importa-se de verificar o número? É de um telemóvel; deixei-o na secretária.

— Certo. Mais uma coisa, chefe. Ligaram do University College Hospital. O Ivan Stowalski continua inconsciente. A mulher, Ezra, chegou esta manhã e está lá com ele.

— Muito bem, estou a meio caminho de lá. Vou ver o que consigo saber por ela. Será interessante ouvir o seu lado das coisas. Mantenha-me a par das novidades.

38

Ezra Stowalski era uma mulher pequena, de cabelo louro curto e rosto meigo e preocupado. Ivan estava num quarto do último andar do hospital e, quando Erika chegou, viu uma enfermeira tirar-lhe sangue do braço. Erika esperou até que ela terminasse e, em seguida, mostrou a identificação e apresentou-se.

— Lamento muito o que aconteceu — disse ela.

— Porque não o deixou lá? — perguntou Ezra, zangada. — Porque teve de arrombar a porta e salvá-lo? — Tinha um ligeiro sotaque, mas pronunciava cada palavra corretamente.

— Fui treinada para salvar vidas.

Ezra olhou para Ivan. Tinha a pele cinzenta e estava ligado a muitas máquinas, tubos e fios. O seu peito subia e descia ao ritmo do silvo do ventilador. Ezra desviou o olhar e fechou os olhos, com uma expressão de dor.

— Eu não sabia que ele tencionava partir com ela. Que grande idiota sou!

— A senhora não é idiota.

— Também foi treinada para dizer às pessoas o que querem ouvir?

— Geralmente não sou boa nisso; devo estar com algum problema.

Ezra sorriu.

— Sabia que ele tinha um caso?

— Sim.

— Como começou tudo?

— Ela pôs um cartão na nossa caixa do correio a propor-se para fazer a limpeza ou engomar. A mãe nunca lhe ligou. Tive pena dela. Achei louvável querer trabalhar para melhorar a vida. Perguntei-lhe se gostaria de ir passar a ferro alguma roupa… — Olhou para Ivan. — Nunca pensei que ele se embeiçaria por uma criança.

— Quando foi isso?

— Há um ano, talvez mais.

— Confrontou-os?

— Não. Tive receio, e não me importava que ele não… que ele não me procurasse. Dormíamos em quartos separados há algum tempo. Enterrei a cabeça na areia. No entanto, nunca pensei que me deixaria, ou planeasse fazê-lo daquela forma insensível. Conseguia lidar com a traição; as mentiras e a falta de respeito pela nossa vida em comum é que me magoam.

— Porque voltou?

— Por causa dos votos de casamento — respondeu, olhando para o marido, embora não parecesse muito convencida.

— O que fez o seu marido na véspera de Natal, depois das oito da noite?

— Foi para o escritório tratar de papéis. Eu estava a fazer as malas.

— Porque saíram tão tarde, se iam para o Norte ver os seus pais? Deviam ser umas onze da noite.

— Como sabe a que horas saímos?

— Temos o vosso carro nas câmaras, às onze e meia, a sair da zona de portagem urbana e a seguir para norte.

— Acha que ele a matou? — perguntou Ezra, de olhos arregalados.

Erika não respondeu.

— Onde estava o Ivan entre as oito e as dez e meia da noite?

— Disse que tinha de trabalhar.

— Na véspera de Natal?

— O trabalho dele nunca para. Passa a vida a trabalhar à noite e aos fins de semana.

— Onde fez as malas?

— Lá em cima, no nosso quarto.

— E onde trabalha o Ivan quando está em casa?

— Na cozinha.

— A senhora subiu e desceu as escadas enquanto fazia as malas? — perguntou Erika.

— Não. Terminei o que tinha a fazer às nove. Fiquei no andar de cima a ver televisão no quarto.

— Viu o Ivan a trabalhar na cozinha entre as nove e as dez e meia?

— Não. Esperei lá em cima… posso ter adormecido. Ela foi morta por essa altura, não foi?

— Sim, achamos que sim. O Ivan pareceu-lhe estranho nessa noite? E há mais alguma coisa que queira dizer-me? Ele era ciumento? Controlava os seus amigos, as pessoas com quem falava?

— Não. Pelo menos não comigo, de qualquer maneira… pensei que era apenas um caso sem importância. Não sabia que era tão sério, que ele queria um futuro com ela. Que a amava. Talvez a tenha matado. Isso só prova que não conhecemos as pessoas com quem partilhamos a vida.

Estendeu a mão e puxou os cobertores para junto do queixo de Ivan.

— Ele não merece acordar. É mau eu pensar isso? — perguntou.

Mais uma vez, Erika não respondeu.

39

McGorry tocou à campainha da casa de Don Walpole logo após as cinco da tarde. Ia acompanhado de dois agentes fardados, um dos quais levava o *kit* de ADN. A rua estava silenciosa e a neve começava a derreter, cobrindo a estrada com lama cinzenta. Ele inclinou-se e tocou de novo à campainha, ouvindo o som dentro da casa. Recuou e foi até à janela, onde espreitou pela cortina.

— Não está ninguém — disse.

Os dois agentes bateram com os pés para se aquecerem. McGorry pegou no telemóvel e ligou para o número de Don. Foi parar ao *voicemail*. Reparou num idoso parado diante de casa algumas portas abaixo, a fumar, com um cinzeiro equilibrado no pilar do portão. McGorry saiu do jardim de Don Walpole e aproximou-se dele.

— Conhece a pessoa que vive ali? — perguntou.

O idoso puxou uma baforada no cigarro, os lábios a formar um pequeno *O*, e então exalou, assentindo.

— O Don e a Jeanette.

— Viu-os hoje?

— Saíram há cerca de uma hora. Pareciam ter pressa.

— Como pode saber se alguém está com pressa? O que quer dizer?

— Mexiam-se rapidamente… Já viu a Jeanette? Ela é uma mulher grande. Não se mexe depressa.

— Disseram quando voltavam?

— Julga que estamos onde? As pessoas não falam umas com as outras. Vi-os sair.

— Foram de carro?

Ele assentiu.

— Levavam bagagem?

— Não.

— Merda — praguejou McGorry. — Obrigado.

Quando se afastou, o velho acendeu outro cigarro, e McGorry ouviu-o murmurar:

— Malditos polícias inúteis… são precisos três para bater a uma porta.

40

Passava das seis quando Erika saiu do hospital e percebeu, novamente, que não comera nem bebera nada o dia todo. Foi até ao Starbucks do outro lado da rua e entrou na fila para comprar uma sanduíche e um *cappuccino*. Havia muita gente, e ela pensou em levar a comida para o carro, mas sentia-se exausta e estava muito frio lá fora. Precisava apenas de dez minutos sentada para pensar sobre o caso e sobre os desenvolvimentos. Ivan tinha motivo para matar Marissa? Com certeza sentira-se suficientemente culpado para tentar matar-se.

As mesas estavam ocupadas, a maioria com jovens de vinte e poucos anos a conversar ao telemóvel ou a trabalhar no computador. Viu na parte detrás uma pequena mesa, com três grandes poltronas em volta. Um casal de adolescentes ocupava duas delas, e estavam de mãos dadas e inclinados a beijar-se. Havia sacos de compras empilhados na terceira poltrona.

— Desculpem — disse Erika. — Posso sentar-me aqui?

O jovem beijava a rapariga. Abriu ligeiramente um olho, mas continuou.

— Ei. Estou a falar convosco! Importam-se de mudar os sacos? — pediu Erika, mostrando que tinha as mãos ocupadas.

O casal separou-se e a rapariga disse, num tom irritantemente irónico:

— Hum, desculpe, mas esperamos um amigo. — Virou-se para beijar o jovem.

— Quando vem o vosso amigo?

— Não sei. Em breve.

— Bem, até ele aparecer, posso sentar-me aqui?

A garota recostou-se e os seus olhos arregalaram-se devido ao choque.

— Olhe, acabei de dizer que o meu amigo deve estar a chegar,

okay? Está a deixar-me desconfortável.

O seu tom condescendente fez Erika perder a paciência. Pousou bruscamente o café e a sanduíche na mesa. Pegou nos sacos de compras e largou-os no chão.

— Ei! Isso é falta de educação. E há coisas caras nesses sacos. Não vê que são da Apple! — exclamou o rapaz.

Erika sentou-se, rasgou o embrulho da sanduíche e deu uma dentada.

— Com licença — disse a rapariga, atraindo a atenção de um empregado com um alguidar de plástico cheio de chávenas de café sujas. — Esta mulher foi muito grosseira e abusiva e danificou as minhas compras. Largou os meus sacos no chão!

O jovem empregado pareceu encantado com o ar doce da rapariga e virou-se para Erika, que tinha o cabelo desgrenhado e o casaco e os sapatos sujos, e enfiava a sanduíche na boca.

— Desculpe, minha senhora. Se foi assim, vou ter de lhe pedir que saia.

Erika mastigou a sanduíche e olhou para o jovem, que a fitava com um sorriso firme e condescendente. Engoliu.

— Não.

— Desculpe?

— Não. Não saio.

— Ele acabou de lhe dizer, tipo, para sair — interveio a rapariga, indignada. — Não percebe que os cafés nos convidam a estar neles até alguém dizer o contrário? É… tipo… a lei.

O namorado assentiu solenemente.

Erika deu outra dentada na sanduíche e depois bebeu um gole de café.

— Tenho de ir chamar o gerente? — perguntou o empregado.

Erika enfiou a mão no bolso e tirou a identificação.

— Sou a inspetora-chefe Erika Foster. Sugiro que continue a lavar chávenas. Já viu o chiqueiro que aqui está? E vocês? Precisam de

aprender boas maneiras.

— O quê? Não pode falar assim comigo! — exclamou a rapariga.

— Todos podemos falar uns com os outros como quisermos. Vivemos numa democracia. Claro que, como agente da polícia, tenho o poder de vos deter e revistar. Posso deter-vos se me apetecer. Ora, podiam ter prescindido da terceira poltrona, mas não, fazem parte da geração que acredita que lhes é permitido fazer tudo o que quer. Colhem o que plantam. Foram mal-educados comigo, e, em troca, posso tornar a vossa vida difícil. Ou podem pôr-se na alheta, deixando-me estar nesta poltrona dez minutos e comer a minha sanduíche em paz.

A jovem e o rapaz levantaram-se e pegaram nos sacos das compras, observados pelos ocupantes das mesas em volta. O empregado olhou para ela, mas parecia não saber se ela tinha a razão do seu lado como agente da polícia. Voltou para a caixa.

Erika comeu o resto da sanduíche rapidamente, sob o olhar dos outros clientes, depois pegou no café e saiu, antes que o gerente viesse falar com ela.

41

Erika voltou para o carro, ainda furiosa por causa do encontro no café. Ligou o motor e o aquecimento, esfregando as mãos. A neve caía lá fora, e o ar quente e o assento confortável fizeram com que o cansaço a dominasse ainda mais. Recostou-se e fechou os olhos.

Parecia que tinham passado segundos quando o telemóvel tocou. Adormecera e estava encharcada em suor sob o casaco. Eram quase oito da noite. Pegou no telemóvel e atendeu ensonada.

— Chefe, sente-se bem? — perguntou Moss.

— Sim — disse ela, aclarando a garganta.

— Acabámos de receber um telefonema do hospital. O Ivan Stowalski morreu há meia hora.

— Merda… acabei de sair de lá.

— Acha que ele era um suspeito viável? Por aquilo que ouvimos, parecia um pouco inexperiente e dominado pela Marissa.

— Estava obcecado por ela — disse Erika. — E os calados e tímidos podem passar-se tanto como os exaltados.

Houve silêncio por um momento.

— Ainda aí está? — perguntou Moss.

— Sim. O dia foi longo e saber que um dos nossos suspeitos bateu a bota nunca é uma boa notícia.

— Sim, é menos satisfatório quando se tem de provar que o morto foi o culpado — disse Moss.

Erika baixou a janela e deixou entrar um pouco de ar fresco no carro abafado.

— Certo, obrigada por me avisar. Falamos amanhã.

Erika desligou, e ainda olhava para o telemóvel quando ele tocou novamente.

— Estou a falar com Erika Foster? — perguntou a voz de uma mulher.

— Sim. Quem fala?

— Estou a ligar do Hospital Saint Thomas. Para proteção de dados, posso perguntar a sua data de nascimento?

Erika ainda recuperava da notícia da morte de Ivan.

— Espere, porque está a ligar-me?

— Preciso da sua data de nascimento antes de poder dizer mais sobre os seus registos médicos.

— Catorze de agosto de mil novecentos e setenta e dois.

— E o seu código postal?

— SE23 3PZ.

— Obrigada. Estou a ligar com os resultados das suas análises ao sangue. O doutor Isaac Strong enviou amostras ontem e pediu-nos que a contactássemos com os resultados…

O tom da voz da enfermeira provocou um certo pânico em Erika. Perguntou a si mesma quando fizera análises ao sangue pela última vez. Houvera um incidente durante a investigação do homicídio de Andrea Douglas-Brown: uma criança mordera-lhe. Fizera análises três meses depois, que felizmente não revelaram nada desagradável. Desligou o aquecimento.

— Ainda está aí, Erika?

— Sim.

— Ficará satisfeita em saber que não detetámos nada no seu sangue depois de ter sido exposta aos altos níveis de monóxido de carbono. Todos os testes deram negativos. No entanto, os níveis de estrogénio no seu sangue são muito baixos. Posso perguntar se ainda tem períodos regulares?

Erika desligou o motor do carro e tentou lembrar-se de quando tivera o último período.

— Seis, oito semanas atrás?

— Certo. Teve sexo no último mês?

— Não.

— Muito bem. Recomendo um *check-up* com o seu médico. Pode

estar na pré-menopausa, mas tudo indica que pode ter entrado na menopausa.

— Menopausa?

— Sim — respondeu a enfermeira num tom mais amável. — Está na faixa etária correta. É de esperar que os seus níveis de estrogénio diminuam à medida que avança para os cinquenta. Já teve algum outro sintoma? Cabelos a enfraquecer, secura da pele e da vagina, afrontamentos, suores noturnos, mudanças irregulares de humor… Falou em períodos irregulares?

Erika levou a mão à cabeça e abriu um pouco a porta do carro, deixando entrar ar frio.

— Olhe, estou no trabalho. Posso ligar-lhe mais tarde?

— Não há motivo para alarme, Erika. Só queria informá-la do seguinte: as suas análises mostram que está saudável, e tem bons níveis de ferro. Infelizmente, a menopausa chega a todas nós.

Erika agradeceu e desligou. O choque do que ouvira atingiu-a com força. Passara tanto tempo a trabalhar, concentrada na carreira e a sobreviver a cada dia, e agora vinha o ponto final, um beco sem saída. O seu corpo já não seria capaz de lhe dar filhos.

Ligou o motor e voltou para o sul de Londres. Pensou muito na vida e na noite que tivera com Peterson. Não queria um filho com ele, mas sentira-se feliz, e apesar de a saída na noite anterior ter estado relacionada com o trabalho, gostara da sua companhia. Tentou ligar-lhe, mas o telefone tocou e foi para o *voicemail*. Então tentou a esquadra e apanhou Crane, que lhe disse que Peterson tinha ido para casa. De repente, pareceu imperativo resolver as coisas com ele, pôr um fim àquele estranho limbo — talvez até retomar o relacionamento.

Bateu à porta de Peterson pouco antes das nove da noite. Ele vivia num pequeno bloco de apartamentos em Ladywell, a pouca distância do seu apartamento em Forest Hill. Um momento depois, ele abriu a porta. Vestia calças de ganga e *T-shirt* e tinha ao colo um menino mulato, que devia ter seis ou sete anos.

— Olá — disse Erika, olhando confusa para ele e o menino, que lhe dirigiu um sorriso. Era amoroso e usava um pijama do Homem-Aranha.

— Erika, olá — disse Peterson. Pareceu chocado ao vê-la, mas então os seus olhos semicerraram-se de preocupação quando viu como estava pálida e transtornada.

— Papá, a água do banho vai entornar-se — disse o menino.

Uma loira na casa dos trinta anos apareceu atrás deles.

— James, quem é? — perguntou a mulher, olhando para Erika com desconfiança.

— Porque te chamou ele papá? — perguntou Erika, apoiando-se na ombreira da porta.

— Porque ele é o meu papá — respondeu o menino.

Houve uma pausa terrível.

— Fran, podes levar o Kyle e fechar a água na casa de banho? — perguntou Peterson.

Fran olhou nervosamente para ele e pegou no menino.

— Esta é…? — começou.

— «Esta»? O que queres dizer com «esta»? — perguntou Erika.

— *Okay*, *okay*, vamos falar sobre isto lá fora — disse Peterson.

Calçou os sapatos e conduziu-a para o corredor. Erika olhou para ele.

— Tens um filho?

Ele assentiu.

— Quantos anos tem?

— Seis. Faz sete em abril.

— Como? O quê? — Ficou sem palavras.

— Erika. Só descobri há duas semanas.

— E aquela mulher é a mãe dele? Quem é ela?

— A Fran foi minha namorada; terminámos em dois mil e doze, dois meses antes dos Jogos Olímpicos.

— O que têm a porra dos Jogos Olímpicos que ver com isto? — gritou ela.

— Estou a dizer que foi há muito tempo! Terminámos, e ela foi trabalhar para a Alemanha. É *designer* gráfica e descobriu que estava grávida numa fase já adiantada.

— Não te contou?

— Não.

— E agora vive em tua casa e estás a dar banho ao filho dela? E trouxeste-me para a porra do corredor para me dizer!

— Erika, não sabia como reagirias.

— Isto não está a ajudar! — exclamou ela. Olhou para ele e os seus olhos começaram a encher-se de lágrimas.

— Tenho procurado contar-te. Tentei no trabalho e também na outra noite quando fui a tua casa e depois saímos para trabalhar, e depois quando bebemos café, mas tiveste de te ir embora.

— Devias ter-te esforçado mais, seu palhaço! E agora tenho de descobrir assim, ao passar por tua casa!

— Quem passa pela casa dos outros nos dias de hoje? O que esperavas?

— Liguei-te para o telemóvel, James.

— E para o meu telefone fixo?

— Não sei o teu número.

— Se nunca te deste ao trabalho de o saber, o problema não é meu.

Erika deu-lhe uma bofetada. Ambos ficaram imóveis. Uma porta no corredor abriu-se, e uma idosa espreitou pela abertura com a corrente.

— James, está tudo bem?

Ele virou-se para ela.

— Sim, desculpe, Doris, está tudo bem. Estamos apenas…

Ouviu a porta da rua fechar-se e viu Erika ir em direção ao carro. Correu atrás dela.

— Erika!

Mas ela ligou o motor e arrancou, guinando perigosamente na neve. Peterson ficou a ver o carro desaparecer no cimo da colina.

— Merda — praguejou.

42

Isaac Strong gostava de fazer pão. Havia algo profundamente reconfortante em arregaçar as mangas e amassar a farinha. Adorava a sua cozinha, decorada com bom gosto toda de branco: armários, chão, paredes e superfícies. O melhor era o grande lava-louça de porcelana, que custara uma fortuna. Não teria suportado um de aço inoxidável; já lhe bastava no trabalho. Enquanto amassava, ouvia o programa *Gardeners' Question Time* e uma jovem muito séria que estava com graves problemas nas suas plantas de interior, infestadas de cochonilhas-algodão. Ouvia o rádio através da aplicação BBC iPlayer no telemóvel, e o programa foi interrompido abruptamente quando o telemóvel começou a tocar. Viu que era Erika e tocou no ecrã com o cotovelo, continuando a amassar.

— Estás em casa? — perguntou ela, com voz nasalada e estranha.

— Sim, claro.

— Estou cá fora.

Quando ele abriu a porta, viu uma Erika inconsolável. Tinha os olhos vermelhos e a escorrer lágrimas. Parecia de rastos. Ele não disse nada e deu-lhe um abraço. Ela entrou e foi até à cozinha.

— Queres beber alguma coisa? — perguntou Isaac, pegando numa garrafa de uísque.

— Por favor.

Ela sentou-se à mesa.

— É o James Peterson. Ele tem um filho…

— O quê?!

Contou-lhe a história. Isaac ouviu, serviu-lhe outra bebida e escutou mais um pouco.

— Nunca pensei que teríamos filhos — terminou ela. — E sabia por ele, e pelas vezes que estive com a mãe, que ele queria filhos… Mas uma parte egoísta de mim achava que poderíamos acabar como um casal sem filhos… sabes, felizes…

Isaac arqueou uma sobrancelha.

— Para alguém tão inteligente, Erika, essa é a coisa mais idiota que já te ouvi dizer.

Ela começou a rir-se e limpou os olhos.

— Quando ele abriu a porta, parecia tão feliz. Era pai. Isso assenta-lhe bem. E agora há um menino que tem um pai. Eu nunca poderia tirar-lhe isso.

— Nem devias.

Erika assentiu e bebeu outro gole de uísque. Fez uma careta.

— Isto é horrível.

— Não disseste isso nos dois primeiros copos. É um *Chivas Regal* de vinte e cinco anos.

— Sabe a elixir.

— Queres uma cerveja?

— Sim, por favor.

Ele foi até ao frigorífico, tirou uma garrafa e abriu-a.

— Obrigada — disse Erika, quando ele a pousou à sua frente. Bebeu um longo trago e limpou a boca. — Meu Deus, isto é uma confusão. Tenho de trabalhar com o James. Ele deve ter contado à Moss, porque ela perguntou se tínhamos conseguido conversar na outra noite. Há quanto tempo saberá ela? E o resto da equipa? Será que sabiam, e eu sou a única às apalpadelas?

— Vamos, estás a falar da Moss, não acho que ela iria esconder isso de ti por mal. É uma amiga leal… Como se chama o filho do Peterson?

— Kyle. Era muito querido.

— E a namorada, ou mãe?

— Esqueci-me do nome… — Erika engoliu outro trago de cerveja. — Ela é bonita e parece bem na vida.

— Como é que alguém parece bem na vida?

— Tinha um pulôver sobre os ombros, daqueles bons, dos

catálogos, e o cabelo esticado.

— E se ela for modelo de catálogos?

Erika olhou para ele.

— E se estivesse a ensaiar para um trabalho?

— Uma cabra de catálogo — disse Erika sombriamente, começando a descolar a etiqueta da garrafa de cerveja.

— Não vás por aí, Erika. És melhor do que isso. E o nome cabra de catálogo ficar-te-á na cabeça e acabarás por lhe chamar isso no momento errado.

Erika olhou tristemente para a garrafa e esfregou os olhos.

— Tens razão.

Isaac voltou para a sua massa e despejou-a no lixo, então começou a limpar a bancada.

— Como vai o caso?

— Impenetrável — respondeu ela, bebendo o resto da cerveja.

Isaac foi ao frigorífico buscar outra.

— Não me fazes companhia? — perguntou Erika.

— Estou a antibiótico. Tive uma infeção respiratória.

— Dois casos fundiram-se. O de homicídio, e agora outro relacionado com um homem que usa uma máscara de gás e ataca as vítimas à noite, ou ao início da manhã. Não descobri nada. — O seu telemóvel começou a tocar e viu que era Crane. — Desculpa, tenho de atender. Estou?

— Chefe, desculpe ligar tão tarde. Tenho informações sobre o número que ligou para sua casa de madrugada. É de um telemóvel recarregável, registado em nome de Edward Foster. É alguém que conheça?

Erika sentiu o sangue gelar.

— Meu Deus, sim. É o meu sogro.

43

Erika fez alguns telefonemas e descobriu que Edward fora internado no Royal Infirmary Hospital de Manchester nessa manhã. Dera uma queda e tivera de ser operado de urgência para substituir o osso da anca. Houvera complicações e estava nos cuidados intensivos.

Era tarde, mas Isaac ofereceu-se para a levar a Manchester, lembrando-lhe que já bebera bastante. Ele enfiara algumas coisas num saco de viagem, mas ela não queria perder mais tempo a passar por casa, então partiram de imediato.

A neve caía constantemente e Erika seguia em silêncio. A certa altura apareceu na M25 uma enorme placa a dizer NORTE. Quando passaram por ela na estrada escura, Erika sentiu medo. Há muito tempo que não ia a Manchester.

— O que vamos fazer quando chegarmos ao hospital? — perguntou Isaac, olhando para o GPS no tabliê.

— Vou pedir para ver o Edward, claro.

— Segundo o GPS, chegaremos lá depois das três da manhã. Não te vão deixar entrar para o ver.

— O que achas que devemos fazer?

— Onde vive o Edward? — perguntou Isaac, ligando os limpa-para-brisas.

— Slaithwaite; é uma pequena povoação no Yorkshire, a uma hora de Manchester.

Isaac introduziu a informação e esperou que o GPS recalculasse o percurso.

— Está a indicar que podemos chegar a Slaithwaite um pouco mais cedo do que chegaríamos a Manchester…

— Mas é perto das Dales, e o Edward falou em neve — disse Erika, olhando para a neve lá fora iluminada pelos faróis.

— Então queres ficar num hotel perto do hospital?

Erika recordou que o hospital ficava próximo da sua casa — a casa onde vivera com Mark e que agora estava alugada. Localizava-se a menos de cinco quilómetros. Não ia lá desde o dia em que Mark morrera. Amigos deles ainda moravam perto, pessoas que ela não via desde então. Os limpa-para-brisas arrastavam-se ritmicamente e os assentos aquecidos de couro do *Jeep Cherokee* de Isaac faziam-na sentir-se ensonada.

— Não, vamos para Slaithwaite — disse ela.

Isaac ligou o rádio baixinho e um jornalista começou a murmurar. Erika pensou na sua casa. Saíra naquela manhã, na manhã da rusga à casa do traficante nos arredores de Manchester. Um tiroteio matara Mark e quatro outros agentes da sua equipa — amigos. Conhecera as mulheres deles. Uma delas dava apoio como civil na mesma equipa.

O noticiário deu lugar a uma reportagem sobre os confrontos no Médio Oriente, e ouviram-se tiros fracos. Isaac estendeu a mão e mudou para uma estação de música.

Erika fora atingida durante a rusga: uma bala atravessara-lhe o pescoço, falhando por pouco uma artéria. Fora levada de helicóptero para o hospital e passara duas semanas nos cuidados intensivos, saindo apenas para o funeral de Mark. Nunca voltara à casa de ambos. Pedira a uma empresa de mudanças que retirasse todas as suas coisas e as guardasse num armazém.

A facilidade com que arrumara a vida anterior chocara Erika. Graças a alguns telefonemas e bastante dinheiro, não precisara de lidar com nada daquilo. A casa agora estava alugada a pessoas que nunca vira.

O carro avançou na neve, embalando-a e mergulhando-a num sono exausto.

✺

Era cedo quando saíra de casa no dia da rusga — antes das sete —, mas estavam no verão e o sol entrava pelas janelas da cozinha. Ela pegara no telemóvel que se encontrava em cima da mesa. Houvera fruta na fruteira, uma maçã e uma banana, e dois bilhetes na bancada para irem ver um filme de Woody Allen naquela noite: Magia ao Luar*.*

Erika tivera a oportunidade de passar o caso a outra equipa, mas agarrara-se a ele, como um cão a um osso. Andara a seguir o traficante Jerome Goodman nos últimos dois anos, e queria apanhar o estupor.

Mas onde é que isso a levara? Correra o risco e perdera o marido, quatro colegas, e quase perdera a vida. No entanto, a vida com que ficara não era nada de especial. E para completar, Jerome Goodman desaparecera. Ainda estava à solta.

No sono agitado, os seus pensamentos passaram para Edward. Porque não fora ela mais vigilante? Porque não passara mais tempo com ele ou se esforçara mais para o ver? Porque não sabia o número do telemóvel dele? Viu-o deitado no chão ao fundo das escadas. Um osso a sair da perna, a furar o tecido do velho pijama de algodão que ele usava… Mas no seu sonho nevava dentro de casa… E atrás das escadas não havia parede… Ela avançou para ajudar Edward, mas ele mudara. Era Marissa ali deitada, mas não havia escadas, ela jazia no carreiro diante de casa, meio coberta de neve e sangue congelado… Erika agachou-se e Marissa abriu os olhos; começou a sair sangue da sua boca e ela estendeu a mão para agarrar Erika…

— Erika? Erika?

Os olhos dela abriram-se e o interior escuro do carro voltou. Estava quente e no rádio tocava «Do They Know It's Christmas». Isaac olhava para ela.

— Estás bem?

— Quanto tempo dormi?

— Uns minutos… estavas a gritar nomes: Edward, Mark e Marissa.

Erika esfregou os olhos.

— Foi só um sonho — disse.

— Queres ficar em casa do Edward? Dormimos um pouco e depois vamos ao hospital visitá-lo?

— Sim. Ainda estás bem para conduzir? — Olhou lá para fora, mas à volta estava tudo escuro. Apenas a autoestrada coberta de neve era visível.

Isaac assentiu.

— Temos mais duas horas de viagem, pelo menos. Dorme um pouco, se quiseres.

— Não. Vamos conversar sobre qualquer coisa. Tudo menos trabalho.

44

Moss e a mulher, Celia, estavam a tomar o pequeno-almoço na cozinha na manhã seguinte, quando o telemóvel de Moss tocou. Era Erika, a explicar que Edward sofrera um acidente e que ela ia tirar uns dias de folga.

— Estou em Manchester — disse Erika. — Slaithwaite, a aldeia onde o Edward vive. O Isaac está comigo.

— Isaac Strong? — perguntou Moss, engolindo os cereais.

— Sim…

Erika claramente não queria explicar. Então, Moss não a pressionou.

— A chefe está bem? — perguntou ela.

— Sim.

— E o Edward?

— Ele caiu e partiu a anca. Operaram-no, mas está nos cuidados intensivos.

O filho de Moss e Celia, Jacob, entrou a correr na cozinha com a guitarra elétrica de brinquedo. Deslizou pelo chão de joelhos, a guitarra a emitir um som metálico. Moss acenou com a mão livre para Celia, que se levantou da mesa e agarrou em Jacob, desligando-lhe a guitarra.

— A mamã está ao telefone — sussurrou.

Jacob parou e observou a outra mãe; o rosto dela franziu-se.

— Como está a neve aí em cima? — perguntou Moss.

— Trinta centímetros ou mais — respondeu Erika. — Por sorte, as estradas foram limpas e viemos no jipe de tração às quatro rodas do Isaac. Vou ficar aqui pelo menos dois dias. Acabei de ligar à superintendente Hudson e pu-la a par da situação.

— Certo, posso informar a pessoa que a vier substituir…

— Gostaria que fosse você a substituir-me. Já falei disso com a

Melanie, e ela concorda que seja inspetora-chefe interina e responsável pelo caso.

Por um segundo, Moss ficou sem palavras.

— Mas… é um caso complexo; temos muitas pontas soltas e agora também os ataques do tipo da máscara de gás…

— Não quer aceitar?

— Sim! Claro que quero — respondeu rapidamente. Celia observava-a, mortinha por saber o que estava a acontecer e o que deixara Moss tão corada de excitação. — Então é só por alguns dias?

— Podem ser mais. Preciso de algum tempo para ter a certeza de que o Edward fica bem. A minha vida parece um pouco desequilibrada; já está assim há algum tempo.

— Tudo bem — disse Moss.

— Agora a investigação é sua. Não confiaria em mais ninguém para a dirigir. Estou aqui se precisar de mim. A Melanie está a tratar de lhe dar autorização como inspetora-chefe. Sabe que neste posto não há horas extraordinárias. Estamos sempre de prevenção.

— Claro — disse Moss, olhando para Celia e Jacob.

— Telefone-me se precisar de alguma coisa — disse Erika, e desligou.

— O que foi? Parece que alguém morreu! — exclamou Celia. Então, vendo o rosto sério de Moss, acrescentou: — Morreu alguém?

— Não. A Erika teve uma emergência familiar, o sogro está doente. Promoveu-me a inspetora-chefe interina neste caso.

Moss sentou-se pesadamente. Afastou a tigela dos cereais, já sem fome.

— Mas isso é ótimo, querida… não a parte do sogro, mas a de ela confiar em ti — disse Celia.

— Sim, isso é ótimo, querida — disse Jacob, imitando a voz dela.

Moss agarrou-lhe nos pés e fez-lhe cócegas. Ele gritou e contorceu-se.

— Para com as cócegas; sabes que detesto cócegas!

— Ele *detesta* cócegas. Bom vocabulário para uma criança de cinco anos — disse Celia, com um sorriso. — Espero que te paguem mais. — Pousou Jacob no chão.

— Claro… Há muito para resolver. Vou ter de fazer o *briefing* esta manhã. Talvez deva levar cafés para todos.

— Vais sair-te lindamente. Toda a gente gosta de ti — disse Celia, agarrando no ombro de Moss e dando-lhe um beijo. — Só não fiques tão obcecada como a Erika.

— Ela não é obcecada; é muito boa no que faz. E o gostarem de mim não importa. Agora tenho de liderar a equipa.

— Acho que as duas coisas estão relacionadas. Sê tu própria. Como está o Peterson? Deduzo que ela não o tenha posto no comando por causa da história deles. Ele já lhe contou do filho há muito perdido?

Moss encolheu os ombros.

— Não sei. Disse-lhe para o fazer depressa, mas ele acobardou-se.

— Não achas estranho aquela mulher telefonar-lhe de repente, pouco antes do Natal, a anunciar que ele tem um filho?

— Sim.

— Qual achas que foi a motivação dela? — perguntou Celia.

— Queria que ele fizesse parte da vida do Kyle… Talvez desejasse alguma segurança. Ele disse-me que ela esteve a viver na Alemanha e foi despedida.

— Mas ocultou a informação dele durante seis anos.

— Ele quase morreu no início deste ano. E há muito que queria filhos.

— Achas que ela queria filhos? A Erika? — perguntou Celia, prendendo uma madeixa do cabelo loiro comprido atrás da orelha e começando a levantar a louça do pequeno-almoço.

— Provavelmente ainda quer.

— Não quero ser cruel, mas não é já tarde para ela?

— Não sei, e não gosto de falar disso.

— O quê?! Ela não está aqui.

— Parece desleal. Ela é uma pessoa reservada e uma boa amiga.

— Eu sei, mas podes falar comigo. Não sai daqui.

Moss inclinou-se e deu-lhe um beijo. Pelo canto do olho, viu Jacob a olhar para elas.

— Temos um pequeno espião — disse. — Parece que precisa de mais cócegas.

Jacob gritou de alegria e fugiu enquanto Moss e Celia o perseguiam em volta da mesa da cozinha e entravam na sala, onde desabaram no sofá e lhe fizeram cócegas até ele gritar novamente.

❁

Quando Erika desligou o telefone depois da conversa com Moss, olhou em volta no escuro no quarto de Edward, no primeiro andar da casa. O dia começava a nascer e, pela janela, a vista das Yorkshire Dales cheias de neve surgia na névoa azul do amanhecer. O quarto estava um caos, com lençóis sujos na cama. A janela de guilhotina partida deixava entrar rajadas de ar gelado. O chão estava imundo, e havia comprimidos espalhados na carpete ao lado da cama. Também não havia eletricidade. Ela voltou para o patamar, onde Isaac saía da casa de banho.

— Isto está um chiqueiro — queixou-se ele. — Humidade nas paredes, bolor, e não é limpa há muito tempo. — Levantou um saco de plástico transparente com comprimidos. — Ele tem um armário cheio de antibióticos fora de prazo, comprimidos para o coração, anticoagulantes, estatinas e antidepressivos. Parece que não os acaba, ou não os toma regularmente, porque há várias embalagens a meio.

Erika cingiu o casaco ao corpo e tentou ignorar o cheiro a mofo. A casa sempre fora tão quente e aconchegante. O que acontecera?

Tinham chegado a meio da noite, acendido o fogão a lenha e cada um instalara-se num sofá para uma noite de sono agitada.

— O aquecimento é a gás — disse Erika. — Tenho de perceber se a conta não foi paga, ou se é a caldeira. — Desceram o pequeno lanço de escadas até à sala de estar. Encontrava-se um pouco mais

limpa, mas ainda tinha pratos sujos na mesa de centro. Havia uma pequena árvore de Natal na sala, mas apenas meio decorada. Foram até à cozinha e descobriram o lava-louça a transbordar de louça suja e a bancada cheia de migalhas e restos de comida. O frigorífico encontrava-se quase vazio, com meio pão branco cheio de bolor e algumas cenouras enegrecidas na gaveta dos legumes. Deram um salto quando uma barata saiu de baixo de um tacho virado no escorredor e correu ao longo da bancada.

— Santo Deus! — gritou Erika, pegando num jornal velho e batendo na barata.

Olharam para o corpo esmagado.

— Se há uma, pode haver mais — disse Isaac em voz baixa. Franziu as sobrancelhas finas com preocupação.

Erika atirou o jornal para o chão, foi até ao telefone na parede e levantou o auscultador.

— Desligado — comentou, olhando para a ficha. Baixou a cabeça e limpou os olhos. — Ele telefonou-me no Natal; disse que o ia passar com os vizinhos, e julguei que eles estivessem aqui. Não sabia que tinha telemóvel. Não sabia mesmo. Quando falei com ele, estava confuso sobre algumas coisas, mas de resto parecia bem. Eu deveria ter perguntado se ele conseguia cuidar de si mesmo.

Isaac apertou-lhe a mão.

— Estás aqui agora. Estamos aqui agora. Concentra-te nisso.

Ela assentiu.

— Estás tão gelado como eu?

— Mais gelado. Vamos comer qualquer coisa e beber um chá quente. Poderemos fazer planos com comida quente dentro de nós… — Olhou para o relógio. — São oito horas; as visitas só começam dentro de algumas horas. Há tempo.

— Temos de limpar a casa, e preciso de ver se há contas por pagar… e…

— Comida e chá quente — disse Isaac. — Então esboçamos um plano.

45

Através do vidro, Moss viu que a sala de operações estava movimentada e respirou fundo antes de entrar. A superintendente Hudson acompanhava-a e, quando os agentes viram Hudson entrar com Moss, a sala ficou em silêncio.

— Bom dia a todos — disse Melanie.

— Bom dia, superintendente — responderam quase em uníssono.

— A Erika, a inspetora-chefe Foster, foi forçada a ausentar-se. O sogro adoeceu e ela teve de ir a Manchester para ficar com ele. A inspetora Moss assumirá o comando do caso; será inspetora-chefe interina. Peço que a tratem com o mesmo respeito e cortesia com que tratam a Erika. É só, mas alguém tem alguma pergunta?

Todos os agentes olharam para Moss, ao lado de Hudson, pouco à vontade, e ninguém disse nada.

— Muito bem. Então vou deixá-la trabalhar, Moss.

Assim que Melanie saiu da sala e se afastou, todos começaram a fazer perguntas a Moss sobre Erika e quando voltaria ela.

— Sei tanto como a superintendente — respondeu, levantando as mãos para os silenciar. — Nada mudou desde ontem. Ainda andamos à procura daquele estupor. — Foi até ao quadro e apontou para o retrato-robô da máscara de gás e, em seguida, para o desenho da máscara enviado a Joseph Pitkin. — Há que começar a encontrar ligações. Já não podemos interrogar o Joseph Pitkin, mas quero falar com os pais dele para ver se descobrimos mais sobre o bilhete com o desenho. Também é preciso desbloquear o *iPhone* da Marissa. Ela não tinha computador, então, toda a sua atividade *online* no *iPhone* pode ser crucial.

Avançou para junto das fotos das outras vítimas que tinham sido atacadas pelo homem da máscara de gás.

— Temos de procurar uma ligação entre as vítimas, se a houver. O que atrai o agressor. Essa ligação tem de ser mais do que física. As vítimas tinham idades e sexo diferentes, variando entre os vinte e os

cinquenta e muitos anos. Dos dois homens atacados, um era hétero e o outro *gay*. Há apenas um homicídio; a Marissa Lewis. Ela também foi a vítima atacada mais perto de casa. As outras foram atacadas próximo de casa ou do local de trabalho, junto a estações de comboio. A Marissa voltara no último comboio e foi a vítima que mais se afastou da estação. O atacante cometeu um deslize? No ataque mais recente, a vítima esperneou e quase fez cair a máscara de gás do rosto do agressor. A Marissa foi morta porque lhe viu a cara? Ou porque o conhecia?

Moss apontou para as fotos de Marissa no local do crime.

— Isaac Strong diz no relatório da autópsia que a arma foi uma faca comprida com gume serrilhado. Ainda não temos a arma do crime, e o tempo está a passar. Talvez esteja na altura de tomar medidas extremas: bater a todas as portas da Coniston Road e verificar as gavetas dos talheres.

Houve alguns sorrisos e gargalhadas. Moss levantou a mão.

— Está bem, está bem. Sei que gosto de rir, mas falo a sério. O que costuma dizer a chefe? Não há perguntas estúpidas. Bem, quero acrescentar uma coisa: não há linhas de investigação estúpidas.

— Mas a Moss é agora a chefe — disse Kay.

— Sim, sou.

Moss continuou, passando para as fotos dos suspeitos e pessoas de interesse.

— A nossa lista de suspeitos está a diminuir. O Joseph Pitkin morreu… mas houve um novo ataque ontem, o que parece pô-lo de parte. O mesmo se aplica ao Ivan Stowalski, que morreu no hospital ontem à noite depois de ter sido exposto ao gás em sua casa. Consideramos a sua morte suicídio. No entanto, temos Don Walpole: sem cadastro, cuida da mulher alcoólica, mas traiu-a com a Marissa quando ela era menor. A Marissa chantageou-o, dizendo que contaria à polícia que ele tivera sexo com uma menor. Tentámos recolher o ADN dele ontem, mas não estava em casa, e não atendeu o telefone. Vou voltar a tentar hoje. Além disso, a Marissa dizia ter roubado um par de brincos de diamante à senhora Fryatt. Outra bailarina do Matrix Club afirma que foi a Hatton Garden com a Marissa para avaliarem os

brincos, mas a senhora Fryatt nega que lhe roubaram joias, e não encontrámos os brincos. O Charles Fryatt tem uma joalharia em Hatton Garden. É preciso analisar isto.

— A Marissa pode ter recebido os brincos de um admirador? — perguntou McGorry. — A chefe… quero dizer, a outra chefe, diz que as raparigas nos clubes tinham muitos admiradores… homens ricos que ficavam por lá depois dos espetáculos na esperança de receberem um pouco mais do que uma dança?

— Sim, mas é preciso eliminar o que não interessa. Quero que um de vocês volte a entrar em contacto com a rapariga que foi com a Marissa à joalharia e, se necessário, levá-la a Hatton Garden para ver se ela consegue lembrar-se de onde fica a joalharia.

Houve uma pausa e Moss olhou para os rostos desanimados. Sentia o mesmo por dentro, mas estava determinada a não o mostrar.

— Muito bem. Vamos trabalhar e reunimo-nos novamente às quatro da tarde.

Quando a equipa dispersou, Peterson aproximou-se de Moss e perguntou se poderiam falar em particular.

— Tens de ser rápido.

— Bom trabalho, a propósito.

— Obrigada. Mas pensei que ela iria pedir-te que fizesses isto.

Ele abanou a cabeça e puxou-a para o fundo da sala, junto às fotocopiadoras.

— Ela descobriu ontem à noite a existência do Kyle e da Fran — disse em voz baixa.

— Descobriu?

— Apareceu lá em casa tarde, à hora do banho. À hora do banho do Kyle, quero dizer.

— Obviamente…

— Abri a porta com o Kyle ao colo; ele chamou-me papá. A Fran também estava lá.

— Merda.

— Tentei falar com a Erika, mas ela arrancou no carro, aos esses. Não sabia se devia ir atrás, mas não fui, e agora ela meteu baixa.

Moss viu a preocupação dele.

— James, não tem nada que ver contigo. É verdade que o pai do Mark caiu e foi internado. Teve de ser operado à anca de urgência e houve complicações. É por isso que ela meteu baixa.

— Ah, merda. Ela não te disse nada sobre mim?

— Estava preocupada com outras coisas… como eu.

Ele assentiu.

— Certo. E bom trabalho, fico contente por ti.

— Obrigada. Preciso que tu e o Crane trabalhem em equipa.

— Com certeza.

Moss aproximou-se de Kay, que estava sentada ao computador.

— A Kay hoje vem comigo; quero ir ver a família Pitkin e fazer algumas perguntas sobre o Joseph.

46

A neve começava a derreter quando Moss e Kay chegaram à Coniston Road e bateram à porta da frente de Don Walpole. Kay levava o *kit* para recolha de ADN, mas não havia ninguém em casa.

— Merda — praguejou Moss. Pegou no rádio e contactou a esquadra. — Crane, preciso que procure o Don Walpole… — Moss olhou para cima e viu o velhote no poiso habitual, a fumar um cigarro. — Espere, já volto a falar consigo.

Saíram pelo portão e aproximaram-se do homem.

— Estão à procura do Don?

— Sim, estamos — respondeu Moss, mostrando-lhe a identificação. — O meu colega disse que o senhor o viu sair ontem à tarde com a mulher. Já os viu hoje?

O homem abanou a cabeça.

— Passo muito tempo aqui fora; a mulher não me deixa fumar em casa. Vim até aqui antes das seis e às sete e meia e às oito… E às nove.

— Então, é um fumador inveterado? — perguntou Kay.

— Irá longe como detetive — comentou, apontando o cigarro para ela e mostrando os dentes amarelos num sorriso.

— Não viu a luz acesa, nenhum movimento? — perguntou Moss.

— Não.

Voltaram para o carro e Moss ligou a Crane, dizendo-lhe que continuasse a tentar o telemóvel de Don e procurasse a matrícula do veículo dele. Depois percorreram a curta distância até à casa de David e Elspeth Pitkin.

David Pitkin abriu a porta; vestia de preto e tinha olheiras profundas. Identificaram-se e perguntaram se podiam entrar para conversar.

— Não fizeram já o suficiente? — retorquiu ele num tom imperioso.

— Temos mais algumas perguntas acerca do Joseph, sobre a amizade dele com a Marissa Lewis — respondeu Moss, tentando ser diplomática.

— Lamento, mas não. A minha mulher está muito abalada. Não sai da cama desde…

— Sinto muito pelo que aconteceu ao seu filho — interveio Kay.

— Apenas não queremos que a sua morte tenha sido em vão. Achamos que ele podia saber coisas sobre este caso. Podia ter-nos ajudado na investigação.

David olhou para elas da porta, pensativo.

— Onde está ela?

— Quem? — perguntou Moss.

— Aquela maldita detetive loira.

— Está de licença. Agora dirijo eu o caso — respondeu Moss.

— Foi por causa da minha queixa formal? Escrevi à subcomissária a pedir um inquérito e que ela fosse afastada.

— Sim, está em andamento. É por isso que estou agora à frente do caso — respondeu Moss. Tinha a certeza de que Erika entenderia a necessidade de apaziguar David Pitkin.

Ele levou-as até à cozinha.

— Querem um chá?

Kay olhou para Moss em busca de orientação.

— Não queremos dar trabalho — disse Moss. — Só precisamos de fazer algumas perguntas.

— Bebam o raio do chá! — ripostou ele. — Tenho de me manter ocupado.

Assentiram e sentaram-se à mesa comprida. Moss reparou que todos os relógios, e havia muitos nas paredes, tinham parado às 13h25. O aposento estava silencioso.

— É uma coisa que eu queria fazer — disse ele, vendo o olhar dela. — Foi a hora em que o médico declarou o Joseph… — Não terminou a frase.

Esperaram em silêncio enquanto ele preparava três chávenas de chá; então, juntou-se a elas.

— Há quanto tempo se dedicava o Joseph à fotografia? — perguntou Moss.

David Pitkin pareceu admirado com a pergunta.

— Não sei, quatro ou cinco anos.

— E comprava-lhe o material?

— Na escola, o professor de arte mandou-os fazer uma câmara estenopeica com rolos de papel higiénico, folha de alumínio e papel fotográfico. Ele achou fascinante, e chateou-me para lhe comprar material para montar a sua própria câmara.

— E precisava de um laboratório caseiro para relevar as fotos?

— Sim.

— Onde lhe comprava os químicos?

— Numa loja de máquinas fotográficas em Greenwich. Detetives, não sei qual a relevância destas perguntas, a menos que tencionem fazer fotografia como passatempo?

— Estamos a tentar perceber o que fazia o Joseph com o passatempo dele.

— Não era um passatempo, ele queria fazer daquilo carreira.

— Quando adquiriu o Joseph a sua própria máquina e começou a comprar os materiais?

— Não sei. Como disse, há alguns anos. Eu ainda trabalhava e negligenciava a vida pessoal. Não via a família dias a fio… — David olhou com ar melancólico pela janela e bebeu um gole de chá.

— Agora penso que o trabalho não valeu a pena. O direito… é apenas um grande jogo de xadrez.

Moss não insistiu.

— O Joseph pertencia a algum clube de fotografia?

— Mais uma vez, não sei.

— Podemos falar com a sua mulher? — perguntou Kay.

— Não. O médico teve de vir cá esta manhã dar-lhe alguma coisa para dormir.

— O Joseph era pago pelas fotos?

David esboçou um sorriso perplexo.

— Não. Ele recebia subsídio de desemprego. Devem saber isso.

— A Marissa Lewis alguma vez veio a sua casa? — perguntou Moss. — No ano passado, por exemplo?

— Que eu saiba, não. Estávamos preocupados com ele; nunca pareceu interessar-se por nenhum dos sexos.

Moss olhou para Kay. Tinham esgotado as perguntas, mas havia uma que precisavam de fazer.

— Senhor Pitkin, tenho de lhe mostrar algumas fotos que encontrámos no telemóvel do Joseph. Podem ser perturbadoras, mas só lhe peço que olhe para elas porque são importantes para a investigação.

Os olhos de David semicerraram-se quando Moss tirou uma pasta da mala. Abriu-a na mesa e tirou as fotos de Joseph amarrado. Também tirou o bilhete com o desenho da máscara de gás.

David observou as fotos, tentando ocultar as emoções. Por fim, olhou para cima e parecia furioso.

— Quem pensa que é para entrar na minha casa e mostrar-me isto?

— Senhor Pitkin, o Joseph alguma vez mencionou um amigo, ou que temia pela vida?

— Alguém lhe disse que o Joseph parecia estar em risco de tirar a própria vida? — retorquiu ele.

— Não.

— Mas deve ter visto que ele estava perturbado durante o interrogatório. Ninguém na sua esquadra pensou em chamar um médico nem achou que ele não devia ter sido enfiado de novo naquela cela, SOZINHO? — David atirou as fotografias para o chão. — SAIAM JÁ DA MINHA CASA!

Kay apressou-se a apanhá-las e a guardá-las na pasta.

— Senhor Pitkin, por favor, sabe quem pode ter enviado um bilhete destes ao Joseph?

— NÃO OUVIRAM? — berrou.

Agarrou em Moss pelas costas do casaco, içou-a da cadeira e arrastou-a para o corredor.

— Senhor Pitkin, por favor, pare com isso — disse Kay, indo atrás deles enquanto David arrastava Moss até à porta.

David soltou Moss, estendeu o braço, rodou a maçaneta e abriu-a. Moss levantou a mão quando ele tentou agarrá-la de novo.

— Já chega — disse, saindo.

Assim que Kay se juntou a ela, a porta foi fechada. Dirigiram-se ao carro.

— A senhora sente-se bem?

— Sim e, por favor, não me trate por senhora. Não sou membro da família real — respondeu Moss. Endireitou a camisola sob o casaco. — Que mais havíamos de esperar? Só pensei que valia a pena tentar, caso ele soubesse alguma coisa.

— E acha que sabe?

— Não. Mas o meu instinto não é de fiar. O da Erika é que é.

47

McGorry fora encarregado de localizar Ella Bartlett, a bailarina que fora à joalharia com Marissa. No início da manhã, falara com um homem chamado Martin, que lhe dera o número de Ella. Ela concordou em encontrar-se depois do treino no ginásio, mas estava atrasada. McGorry esperava-a diante do ginásio em Farringdon há vinte minutos. Parara de nevar, mas o ar estava húmido e os seus pés começavam a ficar dormentes. O Gym Box situava-se numa rua movimentada junto à zona das joalharias em Hatton Garden, no centro de Londres e, enquanto tomava café ao lado de uma cabina telefónica vermelha antiga, viu passar seis carrinhas de segurança.

— Olá, você é o John? — perguntou uma voz. Ele virou-se e viu uma mulher loira pequena na casa dos vinte. Era incrivelmente bonita, com cabelo comprido cor de mel e grandes olhos azuis.

— Sim, sou o inspetor John McGorry. Presumo que seja a senhora Bartlett? — Ele percebeu que soava ridiculamente formal.

— Trate-me por Ella. Posso tratá-lo por John? E mostra-me a identificação? Sabe que não se pode confiar em ninguém hoje em dia.

Ele tirou-a do bolso e passou-lha.

— É mais bonito ao vivo — comentou, devolvendo-lha.

— Vamos começar — disse McGorry.

— Tem alguma arma?

— Não. Os detetives não andam armados.

— Algemas? *Spray* de pimenta? — perguntou, de olhos arregalados e inocentes.

— Às vezes. No carro.

— Como chegou aqui? — perguntou, olhando em volta.

— De metro… — McGorry sentiu-se de repente confuso e idiota.

— Então está desarmado? Vulnerável? Desculpe, estou a brincar.

— Preciso que me ajude a encontrar a tal joalharia. É importante

para a nossa investigação. Não tem graça.

— Desculpe. Eu simpatizava com a Marissa. Pensei em mandar tudo às urtigas e ir para Los Angeles ou Nova Iorque, mas não tenho coragem. Ela tinha.

Começaram a descer a rua e viraram à direita, para Hatton Garden, onde as primeiras montras das joalharias davam para a rua. Brilhavam intensamente no frio dia cinzento, mostrando fabulosas peças de ouro e prata. Caminharam durante alguns minutos. Ella parava de vez em quando a olhar para as montras e para a rua.

— Vínhamos entretidas a conversar, e da outra direção. Eu não prestava atenção — disse ela. — Todas as lojas parecem semelhantes ao fim de algum tempo.

Andaram um pouco mais, e então ela parou junto a um marco do correio.

— Acho que foi aqui — disse, apontando para uma porta.

— O que a faz pensar isso? — perguntou McGorry.

— O marco do correio. É muito antigo.

McGorry levantou os olhos para a fachada. O letreiro dizia: «R. D. LITMAN & SONS FINE JEWELLERS EST. 1884.»

Entraram, e um sino antigo tocou por cima da porta. Havia uma elegância silenciosa no interior e um longo balcão de vidro, que brilhava. Um homem careca e idoso, de costas ligeiramente curvadas, saiu de uma porta nas traseiras. Avaliou-os com um olhar experiente, mas esperou que falassem primeiro.

McGorry mostrou a identificação e explicou por que motivo estavam ali. Ella não pareceu lembrar-se do homem, mas ele reconheceu-a.

— Sim. A menina veio com outra jovem de cabelo escuro. Brincos de diamante, talhe princesa: um quilate e sessenta e dois de pureza excecional, de ouro de vinte e quatro quilates.

— Consegue ter a certeza disso tudo? — perguntou McGorry.

— É o meu trabalho lembrar-me das coisas — respondeu o homem, fungando. — E, claro, lembro-me sempre de mulheres bonitas. A sua amiga reconsiderou a venda? Como se chama ela?

— A Marissa? Não. Ela morreu — respondeu Ella.

— Ah, lamento — disse. — Os senhores desejam vender?

— Não, não queremos vender — declarou McGorry. — Preciso de confirmar se eles existiram. Há alguma hipótese de o senhor se ter enganado a respeito do valor deles?

A expressão do idoso disse-lhe que não.

— Avaliei-os em… O número exato escapa-me… Dez…

— Dez mil e quinhentas libras — terminou Ella.

— Sim.

— Como se chama? — perguntou McGorry.

— Peter Litman.

— Tem muitos contactos com as outras joalharias da zona?

— Contactos?

— Sim.

— Somos uma comunidade muito unida de comerciantes, que vem de longe. Empresas familiares… mas continuamos a ser empresas, com relações comerciais.

— Posso dar-lhe o meu cartão, caso se lembre de mais alguma coisa? — perguntou McGorry.

— Sim. — Ele pegou no cartão.

McGorry agradeceu e saíram.

Da janela, Peter Litman observou McGorry e Ella, com as mãos atrás das costas. Quando eles desapareceram, voltou para o escritório, onde havia um enorme cofre.

— Charles, esteve aqui um polícia, o inspetor McGorry. Perguntou pelos brincos pertencentes à rapariga morta.

Charles Fryatt levantou os olhos do computador na secretária cheia de papelada.

— Eu ouvi tudo.

— Também *ouviste* que disse a verdade. Não vou mentir à polícia. Vou perguntar de novo. Estás envolvido na morte da rapariga?

— Não — respondeu Charles, mudando de posição. — Tem que ver com os brincos. Nada mais.

— Eram da tua mãe?

— Sim. — Charles continuou a trabalhar no computador e não olhou para cima.

— Charles, como teu sogro, tens a minha lealdade, mas só até certo ponto. Se por tua causa alguma coisa me envergonhar ou à minha filha…

— Não é nada! — exclamou Charles, levantando a voz. — E não mentiste, e está tudo bem.

Peter olhou para o genro por um longo momento e depois voltou para a frente da loja, a fim de reorganizar as montras, com uma sensação profunda de mal-estar.

48

Era início da tarde quando o homem que se chamava «T» saiu do trabalho. A sua loja não tivera quase movimento o dia todo, tirando um casal que fora fazer algumas perguntas.

Sentia-se com sorte por trabalhar numa empresa familiar; podia sair e entrar quando houvesse pouco movimento. Fez a curta viagem de comboio para o centro de Londres.

Ao subir a Rupert Street e ao entrar no Soho, a fachada em ruínas do Raymond Revue Bar surgiu diante dele. O coração começou a martelar-lhe no peito, e sentiu o pénis duro. Havia sempre um *frisson* de excitação quando entrava no bairro do sexo, com bares de corres garridas e *sex shops*. Era um lugar onde se podia ser anónimo e cobiçado e, naquele pequeno quadrante de ruas, todos os vestígios da educada reserva de classe alta britânica desapareciam.

Os *gays* sentiam que podiam andar de mão dada; as pessoas podiam expressar-se. Ao passar pela loja Prowler, dois tipos novos saíram e estacaram, a admirar a sua altura. Ele esperou que a máquina que varria a estrada passasse, as escovas a lavar o pavimento sujo. Atravessou a rua, passando pela *sex shop* na esquina e avançando por Walker's Court. Era uma rua estreita e pedonal, escurecida pelos edifícios altos que se erguiam dos dois lados. Havia *sex shops* e clubes de danças em cada esquina, com luzes de néon berrantes a iluminar a penumbra.

A água derretida dos telhados desembocava numa calha partida e pingava no chão ao lado de uma *sex shop* com janelas escuras. A bengala de um professor em néon com a palavra SPANKING a piscar anunciava os acessórios sexuais especializados e os vídeos pornográficos da loja. T sentiu a excitação aumentar e, quase sem perceber, pousou a mão nas virilhas, sentindo o couro através do tecido fino das calças escuras. Sempre imaginara que a rua se mantivera igual nos últimos duzentos anos, tirando as luzes berrantes e as janelas pintadas de preto. Naquela altura, podiam desaparecer homens ou mulheres jovens, que pouco se falaria disso. A vida valia pouco.

T viu uma rapariga pequena, de blusão prateado volumoso, à porta de um dos clubes de dança, de onde saía música. Sentiu o retumbar do baixo nos dentes e no peito. Abrandou quando a rapariga olhou para ele e abriu o blusão. Usava minissaia justa e *top* preto que mostrava a sua caixa torácica emaciada. Tinha olhos de um verde penetrante, mas mortos, e os seus lábios carnudos estavam cheios de feridas.

— Queres divertir-te? — perguntou ela, levantando a voz o suficiente para ser ouvida a curta distância.

— Quero alguém que faça trabalho de modelo para mim — respondeu T, inclinando-se, os seus lábios quase a tocar-lhe na orelha. A rapariga afastou-se, olhando para um lado e para o outro, os olhos verdes a examinar a rua estreita em busca de polícias. Um homem baixo, de pele escura, com o princípio de uma barba cerrada, observou-os do seu poiso junto à *sex shop* no fim da rua.

— Sim? Quanto? — perguntou ela.

— Trabalho privado. Muito privado.

— Cem libras por uma hora. Tens hotel? — perguntou a rapariga, ainda com os mesmos olhos mortiços. Fazia lembrar um cadáver animado. A música alta foi interrompida e, em seguida, outra faixa começou, música *trance*, com uma batida baixa. O homem ao fundo da rua inclinava a cabeça para a rapariga. T sentiu um certo nervosismo: aquilo era ao mesmo tempo emocionante e preocupante. A rapariga iria dar-lhe o consentimento, mas ele queria ir longe, e não queria que muitas pessoas a vissem com ele. O baixote era o chulo, ele tinha a certeza.

— Vou comprar umas coisas — disse T, inclinando a cabeça em direção a uma *sex shop* mais abaixo. — Preciso de uma rapariga que não tenha medo de sangrar, mas compensava-te. Também precisarias de viajar. A minha casa fica um pouco longe.

— São cento e cinquenta por hora, se tiver de viajar, no mínimo três horas adiantadas… — A garota parecia tão indiferente. Não havia medo nem excitação. Tinha ar de toxicodependente.

De repente, ela afastou-se na direção de Rupert Street. T procurou o chulo, mas ele desaparecera. Dois agentes da polícia tinham

entrado em Walker’s Court vindos do outro lado. Conversavam, mas os seus olhos examinavam a rua, que começava a ficar vazia. As sombras desapareciam nas portas.

T sentiu alívio e estugou o passo, movendo-se como um empregado de escritório. Passou pelos dois agentes e saiu para o ar fresco do outro lado, num mercado de frutas e longe da tentação e da excitação.

49

Erika e Isaac não conseguiram entrar e ver Edward antes do início da tarde. Isaac disse que esperaria na cafetaria enquanto ela ia vê-lo.

A enfermaria ficava no quinto andar. Erika entrou por uma porta dupla e foi encaminhada para uma fila de camas ao fundo. Quando se aproximou, não percebeu qual dos idosos era Edward. Vários dormiam, deitados de lado, com cabelo grisalho igual.

Encontrou-o ao fundo da enfermaria, junto a uma janela que dava para o estacionamento, embrulhado em cobertores. O seu rosto iluminou-se quando a viu.

— Erika, minha querida — disse ele, levantando uma mão com uma agulha espetada e ligada ao soro. A mesa de cabeceira ao lado estava vazia. Ela reparou que muitos dos outros homens tinham postais e fruta, e desejou ter levado alguma coisa para ele.

— Olá — disse, pegando-lhe na mão. Estava muito seca. Puxou uma cadeira e sentou-se perto da cama. — O que aconteceu?

— Dei uma queda. Levantei-me durante a noite e não me lembro de mais nada. O carteiro ouviu-me gritar na manhã seguinte.

— Tentaste ligar-me, não foi?

— Não me recordo.

— Não sabia que tinhas telemóvel.

— Normalmente não o uso, mas cortaram-me o telefone depois do Natal e não descobri o motivo. Pago sempre as contas… — Ele endireitou-se agitado.

— Eu sei que pagas.

— E o aquecimento avariou-se. Tentei desenrascar-me com o fogão a lenha. Fiquei sem eletricidade. Pago sempre as contas, Erika. Sabes disso, não sabes?

Ela assentiu.

— Agora estou aqui e vou certificar-me de que volta a funcionar — garantiu ela.

— És uma boa rapariga.

Ela abanou a cabeça.

— Substituíste a anca?

— Sim. Também puseram uns ferros, disse o médico… — Engoliu em seco e começou a tossir. Erika tirou um copo da mesa de cabeceira e serviu-lhe um pouco de água de um jarro. — Obrigado, querida. — Ele bebeu o copo inteiro e devolveu-lho. — Vou ficar bom num instante, mas não sei se não vou ter problemas nas lojas.

— Porquê nas lojas?

— Os alarmes não dispararão quando passar por eles? É constrangedor quando isso acontece no Tesco.

— Não, aquelas coisas nas lojas não são detetores de metais, só os dos aeroportos.

— Oh! — riu-se ele. — Não tenciono ir a lado nenhum, portanto, não importa. É tão bom ver-te. Vais ficar muito tempo?

— Ficarei enquanto precisares de mim.

Ele fez um gesto com a mão. Isaac apareceu à entrada da enfermaria, e Erika chamou-o.

— Este é o meu amigo, e colega, Isaac Strong — disse Erika.

Edward olhou para cima e apertaram as mãos.

— Prazer em conhecê-lo, senhor Foster. A Erika falou-me muito de si.

— Aposto que acha que sou um idiota.

Isaac abanou a cabeça e sorriu.

— Você é grande… alto.

— Hum, sim. Mas não sou bom a desporto.

Edward olhou para ele.

— Que pena, aposto que seria um excelente saltador à vara.

— O Isaac é médico, patologista forense.

— Isso é gente morta?

Isaac sorriu.

— Sim.

Edward riu-se.

— Quase precisei dos seus serviços. Felizmente o carteiro viu-me.

— Não! — exclamou Isaac, erguendo as sobrancelhas, alarmado.

— Estou a brincar, rapaz, é um prazer conhecê-lo. Qualquer amigo da Erika é meu amigo.

Um médico apareceu e pediu para falar com Erika. Ela deixou Isaac com Edward e seguiu o médico até ao balcão de enfermagem.

— Foi uma operação simples — disse ele. — Já fizemos o levante e pusemo-lo a andar. O tempo de recuperação é rápido.

— Ótimo.

A expressão do médico toldou-se.

— Estamos, no entanto, preocupados com a situação em casa. O Edward está abaixo do peso ideal e tem carência de vitaminas. Também chegou com uma desagradável infeção urinária. Por norma, não corremos o risco de operar um homem na situação dele, mas a fratura era grave. Felizmente, a infeção começa a responder aos antibióticos. Não podemos dar-lhe alta até sabermos se terá um cuidador. A senhora vive perto?

Erika explicou que vivia em Londres. Contou-lhe a conversa que tivera com Edward no dia de Natal e como ele parecera confuso. O médico assentiu enquanto ouvia.

— Muitas vezes, um dos sintomas da infeção urinária é a confusão… ou alucinações — esclareceu, olhando sério para Erika. — No entanto, isso não resolve o problema de morar sozinho e estar vulnerável. Vou recomendar aos serviços sociais que visitem a casa dele, para ver as condições em que vive.

Deixou Erika e foi fazer a ronda, e ela ficou por um momento no corredor, a tentar perceber como aquilo acontecera. A rapidez com que o tempo passara. Nunca esperara ver-se já na meia-idade com um sogro idoso a cargo.

Por isso se dedicara tanto ao trabalho. Fazia-a sentir-se viva e

jovem. Era constante. Havia sempre criminosos para apanhar. O mal não tinha limite de idade. Afastou o pensamento.

— Isto é lixado — disse para si mesma. Alisou o cabelo e voltou para a enfermaria.

50

Moss apercebia-se de que o caso do homicídio de Marissa Lewis, complicado pelos ataques do homem da máscara de gás, se descontrolava — e, como responsável interina pela investigação, ainda se sentia algo perdida. Estava habituada a ser uma peça na máquina; na verdade, orgulhava-se disso: mantinha a engrenagem lubrificada, dava apoio e contava piadas quando as coisas pareciam tensas.

Agora era a chefe, sofria a pressão do escrutínio e, apesar de ser apenas chefe interina, sentia a mudança na equipa e a forma como se comportavam em relação a ela. Chamavam-lhe «minha senhora». Da primeira vez que o sargento Crane a tratara assim, ela lembrara-se de uma anedota, mas contivera-se, percebendo que precisava de levar aquilo a sério.

A outra coisa que impedia o seu progresso era a forma de Erika dirigir uma operação; não escrevia muito, preferindo ter tudo na cabeça; então, Moss passou a maior parte do dia a tentar perceber em que pé estavam as coisas. A superintendente perguntara-lhe se alguém voltara a interrogar a mãe de Marissa, Mandy, sobre o local onde dormira, e Moss não soubera responder, tentando recordar os relatórios que lera: a superintendente queria saber se Mandy dormira acompanhada e o local exato? Moss lembrou-se no último minuto que Mandy dormia no andar de baixo quando Marissa fora assassinada, mas ver-se incapaz de responder por momentos abalara-a. Não suportava a ideia de ser despromovida a inspetora antes de o caso ser desvendado, mas não fazia ideia de como iria solucioná-lo, e até se conseguiria. Erika resolvia os processos, e ela estava sempre pronta para executar as ordens. Moss percebeu naquele momento o quanto gostava de seguir ordens.

Depois de conversar com a superintendente, Moss foi até às casas de banho raramente usadas no último andar junto às salas de reuniões, trancou-se num cubículo e telefonou a Celia, reprimindo as lágrimas enquanto desabafava.

— É a primeira vez que te entregam um processo — disse Celia. —

Tens de ter paciência contigo… E assumiste o comando a meio de um caso complexo. És um elemento popular da equipa. Devias contar algumas piadas para aliviar o ambiente; há alguém novo que não saiba que o teu primeiro nome é Kate?

Moss riu-se e limpou o rosto com uma bola de papel higiénico amarfanhado.

— Agora sou a chefe; não posso fazer piadas sobre a Kate Moss, as pessoas esperam que lhes forneça orientação, sabedoria e estratégia. E tenho de resolver o caso enquanto analiso os dossiês e… —

Calou-se.

— Listas — disse Celia. — És muito boa a fazer listas. Tens sempre uma pilha de *Post-its* no frigorífico, e olhamos para eles, resolvemos os problemas e fazemos as coisas. Deves desmontar os problemas e as tarefas, em vez de tentar enfrentá-los inteiros.

— Tens razão — respondeu Moss. — Não é um caso de homicídio, é uma série de listas de tarefas.

❁

Já era fim da tarde, Moss voltara à sala de operações e trabalhava à secretária desordenada no canto. Tinham-lhe oferecido um gabinete, mas não houvera tempo para transferir o computador e a grande quantidade de papelada na sua mesa. Seguindo o conselho de Celia, ela agora tinha uma lista de tarefas terrivelmente longa, mas sentia-se melhor com isso. Uma coisa boa de ser chefe é que se podia delegar.

— Alguma novidade sobre o paradeiro do Don Walpole? — gritou.

— Ainda esperamos o telefonema dos tipos do reconhecimento automático de matrículas. Se ele passou pela zona de portagem urbana, há de aparecer.

— Podem espicaçá-los e dizer-lhes que temos pressa — respondeu, verificando a sua lista. — Nesta fase, também devíamos localizar o seu passaporte e os cartões de crédito. Ele é o mais próximo que temos de um suspeito.

Crane assentiu e pegou no telefone.

— E os brincos de diamante? Onde está o McGorry? — Assim que Moss perguntou, McGorry entrou na sala. — Foste esta manhã falar com o joalheiro em Hatton Garden, não é verdade?

— Sim, Moss, quero dizer, chefe.

— Fica-te pelo Moss.

— Está bem. O joalheiro, o senhor Litman, lembrava-se que a Ella fora com a Marissa mandar avaliar os brincos. Disse que eram genuínos e valiam dez mil e quinhentas libras. A seguir fui visitar a senhora Fryatt, para lhe perguntar de novo pelos brincos… até tinha uma descrição. Eram diamantes com talhe princesa sobre ouro de vinte e quatro quilates. — Ele soprou. — A mulher é uma megera desagradável, acusou-me de estar errado, e disse que todas as suas joias estavam no cofre.

— Pediste para ver o cofre?

— Sim, e ela respondeu que estava no quarto, e que não convidava jovens para o quarto dela sem mandado.

Peterson e Crane riram-se, e Moss teve de se esforçar por manter uma cara séria. Estava-lhe na ponta da língua dizer que ninguém precisava de um mandado para saltar para cima da maioria das mulheres, que bastava uma refeição no Nando’s, mas lembrou-se de que agora chefiava o caso.

— Achas que a senhora Fryatt mentiu?

— Estou confuso, porque também lhe pedi que confirmasse o nome da joalharia onde o filho trabalha — disse McGorry. — É a mesma, R. D. Litman & Sons. O Charles Fryatt é casado com a filha do senhor Litman, a Lara… Ela é professora aposentada e têm três filhos adultos. É um grande negócio familiar. Os outros dois filhos do senhor Litman também trabalham lá. — Fez uma pausa para que todos pudessem absorver a notícia. — Não vimos o Charles Fryatt, apenas o senhor Litman. Perguntei à Ella se havia mais alguém na loja quando ela e a Marissa lá foram e ela disse que só tinham visto o senhor Litman.

— Há alguma possibilidade de o Charles Fryatt não saber? — perguntou Crane.

— Há sim, mas a senhora Fryatt disse onde Charles trabalhava, não foi? — perguntou Moss.

— Sim, sem qualquer problema, não parecia preocupada, mas sim orgulhosa por ele ter um bom emprego — disse McGorry.

— Falaste com o Charles Fryatt?

— Não. Não consegui contactá-lo. Quando tornei a ligar para a loja, o senhor Litman disse que o Charles não estava no trabalho. Também não atendeu o telemóvel e a mulher não sabia onde se encontrava.

— E se a Marissa mentiu sobre a origem dos brincos? — perguntou Peterson.

— Porquê mentir sobre tê-los roubado? Não seria mais fácil dizer que os recebeu de um admirador que foi vê-la dançar no clube? — observou Moss.

— E se foi algo mais sinistro? — perguntou McGorry. — Não imagino o quê, mas a Marissa Lewis era uma mulher com muitos segredos.

— Era só o que nos faltava, este caso ficar mais sinistro — resmungou Moss, olhando para a sua lista e, mais uma vez, sentindo-se encurralada.

51

Erika e Isaac ficaram no hospital até ao final da tarde.

— Ele parece muito estoico — comentou Isaac, enquanto voltavam para Slaithwaite.

— É típico do Norte. As pessoas são mais simpáticas do que em Londres e têm uma forma mais sensata de encarar a vida.

— O que disse o médico?

— Não deixam o Edward voltar para casa até concluírem que ele é capaz de cuidar de si mesmo, ou então vai para um lar.

— Que pena!

— Tenho de limpar a casa dele e pôr as coisas de novo a funcionar. Quando tiver alta, não pode voltar para aquele chiqueiro; o que diriam os serviços sociais?

Pararam no supermercado a caminho de casa e compraram comida e produtos de limpeza. O sol estava a pôr-se quando se aproximaram da aldeia, e esta parecia acolhedora, com a luz dourada a cintilar na neve.

— Vou ver se consigo acender o fogão a lenha — disse Isaac quando entraram. — Acho que está mais calor na rua.

Deitou mãos à obra.

— Resolvido o mistério do gás — comentou Erika, encontrando uma pilha de correspondência. — O Edward mudou de fornecedor, e eles não têm os dados bancários certos…

Isaac encostou um fósforo a uma pilha de papel e troncos, mas nada aconteceu.

— E o mesmo com o telefone. Parece que uma daquelas empresas que fazem comparações de preços o persuadiu a trocar todos os serviços, mas têm o endereço errado, os dados bancários errados… Filhos da mãe — praguejou ela, pegando no telemóvel.

Isaac observou, divertido, Erika a ligar para as diversas empresas, apresentar queixas e restabelecer os serviços cortados.

Passaram o resto do dia a esfregar e a limpar a casa de Edward. O homem do gás apareceu rapidamente, e o serviço foi reposto por volta das oito da noite; puseram o aquecimento central a funcionar e, mais importante, puderam lavar-se. Isaac tomou duche e, em seguida, Erika tomou um banho de imersão na casa de banho recém-limpa. Quando entrou na água quente, sentiu o corpo dorido descontrair-se, e o frio que a atormentara nos últimos dias começou a diminuir. Acendera velas que davam ao aposento um ar acolhedor. A casa de banho de Edward era a mesma há anos, com os azulejos cor de alfazema. Havia prateleiras sobre a sanita, com uma pilha de sabonetes *Pears*, um porta-rolos de papel higiénico em croché, caixas de pó de talco e tinta castanha para o cabelo, a cor que a mãe de Mark usava. Erika não se atrevera a deitar nada fora das prateleiras quando as limpara. Pareciam sagradas; eram os remanescentes da vida de Edward com a mãe de Mark, Kath. Erika pensou na sogra, na sua simpatia e inocência. Vivera no seu pequeno mundo, envolvida na proteção de Edward e Mark, naquela aconchegante e pequena aldeia das Dales.

Quando se mexeu na água quente, ao olhar para a prateleira, algo despertou no fundo da sua mente, mas não conseguiu aceder-lhe.

O vapor subiu para o teto e fez as velas bruxulear e crepitar. Ela inclinou a cabeça para trás contra os azulejos frescos e fechou os olhos.

> *Erika viu-se de novo em Forest Hill, Foxberry Road. Era tarde, e a rua, que geralmente tinha carros estacionados dos dois lados, estava vazia. A neve caía, mas o ar era quente, como se ela inspirasse vapor. Agachou-se e raspou a neve: não havia alcatrão por baixo, mas sim azulejos. Azulejos de casa de banho cor de alfazema com reboco branco. Raspou mais neve e viu a estrada coberta de azulejos até onde a vista alcançava. O silêncio foi quebrado por um rangido, passos na neve. Ela virou-se. Um homem alto vestido de preto caminhava na sua direção. Usava uma máscara de gás. O couro liso e brilhante do capuz refletia as luzes dos candeeiros de rua. Ele abrandou e parou a poucos metros dela. Levantou a cabeça e farejou o ar, o longo filtro da máscara de gás a recordar-lhe o focinho de um cão. Ele pareceu olhar em volta dela, mas não a ver, como se ela fosse invisível. Erika aproximou-se ao ponto de conseguir ouvir a respiração dele e ver o reflexo da luz da rua no capuz enquanto a sua cabeça se movia. Contemplou os olhos de vidro, mas não distinguia um rosto, era tudo uma mancha preta. Quando o vapor saiu do filtro, ela sentiu um forte cheiro químico, inebriante e metálico…*

Erika acordou quando a boca e o nariz atingiram a água fria. O vapor desaparecera e os dedos tinham engelhado. Saiu do banho e

enrolou-se numa toalha fina. De pé no tapete, olhou para a prateleira sobre a sanita. O sabonete *Pears* e a tinta para o cabelo…

Pouco depois de ela e Mark se casarem, vieram visitar Edward e Kath, e Mark fora à casa de banho. Estavam a beber chá na sala quando Mark voltara com um pequeno frasco preto com as palavras RELAX-FUN escritas a vermelho.

— Mãe, porque tens *poppers* na casa de banho? — perguntara Mark.

Kath levantara os olhos do prato com os bolos.

— O que é isso, querido?

— Tens um frasco aberto de *poppers* na casa de banho. Comecei a ficar pedrado só por estar ali um bocadinho.

— Isso é ambientador — respondera Kath. — Comprei-o no mercado. É para manter as assoalhadas perfumadas. Custa apenas uma libra. Estavam lá alguns rapazes e um deles mencionou que ia dar uma festa… suponho que queria que a casa cheirasse bem para os convidados. Mas não sei se gosto do cheiro.

Erika engasgara-se com o chá, a rir.

— Mãe, isto não é um ambientador. É o nitrito de amilo — respondera Mark.

— O quê? — perguntara ela, pondo os óculos de leitura e aproximando-se. — Não, olha. Diz no rótulo que é ambientador.

Mark explicara à mãe que as pessoas inalavam os *poppers* pela pedrada que poderia provocar.

— Isto é verdade, querida Erika? — questionara Kath, virando-se para ela.

Erika tentara manter uma expressão séria.

— Sim. Está classificada como droga, apesar de não ser ilegal… Algumas pessoas usam-na para descontrair. É popular na comunidade *gay*, pois relaxa…

Mark lançara-lhe um olhar para a fazer parar.

— Oh, meu Deus, o que devem ter pensado de mim?! — exclamara

Kath, levando as mãos ao peito.

— A senhora não podia saber — afirmara Erika.

— Mas eu disse-lhes que ia comprá-lo para o meu marido, para quando ele vai à casa de banho — afirmara, horrorizada.

❋

Erika sorriu com a lembrança, mas depois fez-se-lhe luz. Correu para o andar de baixo embrulhada na toalha e pegou no telemóvel. Ligou para Moss, mas foi parar ao *voicemail*.

— Moss, sou eu. Disse à equipa para se concentrar no tipo da máscara de gás e procurar alguém que pudesse colecionar velhas máscaras da guerra. Releia os depoimentos de todas as pessoas atacadas.

O Jason disse que sentiu o cheiro de algo estranho e metálico; veja se alguma das outras vítimas mencionou isso. Quem quer que seja, poderia ter na máscara um lenço de papel ou um algodão embebido em nitrito de amilo, para aumentar o prazer sexual. Também deve procurar equipamento sadomasoquista. Se puder ter uma ideia clara do *design* exato da máscara, então pode começar a investigar os fornecedores… Não sei como é que isso se encaixa no caso da Marissa Lewis, mas pode revelar quem é essa pessoa… Enfim… Espero que as coisas estejam a correr bem.

Erika desligou o telefone, sentindo-se muito distante da investigação.

52

Na manhã seguinte, Moss estava sentada à mesa da cozinha com ar ensonado a comer cereais. Jacob entrou com a sua guitarra e começou a tocar uma música inventada por ele. Quando dedilhou as cordas e desatou a cantar, Moss gritou-lhe para que parasse. Jacob olhou para ela chocado, e os seus olhos encheram-se de lágrimas. Ela nunca gritava.

— A mamã está com dores de cabeça esta manhã. Porque não vais guardar a guitarra e vestir-te, enquanto te preparo um chocolate quente? — sugeriu Celia.

— Pensei que querias que eu fizesse uma música para ti. Foi o que disseste ontem, disseste para eu inventar uma música e agora que a fiz…

— Só preciso de um pouco de paz e tranquilidade esta manhã — interrompeu Moss. Celia levou Jacob da cozinha e voltou alguns minutos depois. — Não hás de querer que ele ganhe o hábito de beber chocolate quente todas as manhãs — acrescentou Moss.

— Só o bebe no Natal… — respondeu Celia.

— Sim, bem, amanhã é véspera de Ano Novo; ele bebeu-o todas as manhãs nos últimos dez dias!

— O problema está em o Jacob beber chocolate quente? Ou estás a descarregar nele e em mim porque as coisas te correm mal no trabalho?

— As coisas não me correm mal no trabalho! — exclamou Moss, levantando-se e despejando a tigela meio cheia de cereais no lava-louça. — Só preciso de tempo para pensar! Não fazes ideia de como este caso é complicado… E aqui há tanto barulho.

— Isso é normal quando se tem uma criança de cinco anos. Fizeste um grande alarido ontem à noite a pedir que ele te compusesse uma música, quando o que estavas a fazer era a mandá-lo embora!

O telefone de Moss começou a tocar e ela pegou-lhe. Era Peterson.

— Localizámos o Don Walpole. A mulher dele adoeceu no outro dia

e ele tem dormido ao lado da cama dela no hospital, o University College London. O carro atravessou a zona de portagem urbana.

— Bom trabalho. Podes levar-me até lá?

Ela desligou e saiu da cozinha. Segundos depois, Celia ouviu a porta da rua a bater.

— Bestial. Ela torna-se inspetora-chefe interina e eu sou apenas a criada… sem direito a um beijo na cara ou a um adeus.

— Eu beijo-te, mamã — disse Jacob, aparecendo à porta ainda com a guitarra na mão.

❋

Moss e Peterson chegaram ao hospital da UCL pouco depois das nove. Jeanette Walpole fora admitida em nefrologia e tiveram de pedir informações na receção.

— Nefrologia tem que ver com rins, certo? — perguntou Peterson, enquanto viajavam no elevador.

Moss assentiu.

— Tens tudo pronto, a papelada, o *kit* do cuspo?

Ele anuiu, levantando uma pasta grossa. Aquele era o nome que davam ao *kit* para recolha de ADN.

— Estás bem? — perguntou ele, vendo a expressão tensa dela.

— Discuti com a Celia esta manhã, e gritei com o Jacob por fazer barulho.

— Eu estou a gostar do barulho, de ter uma criança por perto… — Peterson tirou o telemóvel do bolso e abriu-o nas fotografias, voltando-o para Moss. Era um vídeo de Kyle a tocar em tachos e panelas. Estava agachado no chão da cozinha com um lençol sobre os ombros em estilo de capa de super-herói, e batia numa fila de tachos com uma colher de pau.

— Muito melodioso — comentou Moss, olhando rapidamente para o ecrã. O elevador parou e um auxiliar saiu a empurrar uma longa caixa de metal, que ela e Peterson sabiam conter um cadáver. — Como correm as coisas?

— Bem, muito bem. Eles estão a viver comigo temporariamente,

até decidirmos o que fazer — respondeu ele.

— Percebo que queres que eles fiquem.

— Sim.

— Falaste com a Erika?

— Já percebi que ela tem muita coisa de que tratar por causa do sogro, e prefiro dizer-lho quando ela voltar.

— Não te descuides.

— Tenho outro vídeo do Kyle a cantar — disse Peterson, passando o dedo no ecrã, o rosto radiante de orgulho.

— James, mais tarde. Precisamos de nos concentrar.

As portas do elevador abriram-se e passaram pela caixa comprida destinada à morgue. Chegaram às portas duplas da ala de nefrologia, mas estavam trancadas. Moss espreitou pelas janelas.

— Não consigo ver ninguém. E não há campainha. — Ela bateu no vidro com a palma da mão. — Ei, ei!

— Bolas, Moss, vai com calma! — exclamou Peterson.

— Podemos estar aqui horas!

Uma enfermeira apareceu no corredor e veio na direção deles.

— Ou então descontraímos e tudo correrá bem — disse ele.

Ela respirou fundo e assentiu.

— Ficarei mais contente se o ADN dele for compatível. O Don Walpole é o nosso homem. Posso fechar este caso e regressar a um salário que me deixa mais feliz.

A enfermeira abriu a porta e eles identificaram-se. Ela levou-os para um quarto ao fundo do corredor.

— A senhora Walpole está aqui — disse ela, abrindo a porta.

Jeanette encontrava-se sentada na cama, ligada a uma máquina de diálise. Tinha a pele amarela e dificuldades respiratórias.

Don estava sentado ao lado dela, e olhou para Moss e Peterson.

— Sim?

— Podemos falar consigo, por favor? Seria melhor lá fora — pediu Moss.

Don beijou as costas da mão de Jeanette e saiu. Moss e Peterson mostraram-lhe a identificação.

— Andamos há dias a tentar contactar consigo, senhor Walpole — continuou Moss.

— Como podem ver, a minha mulher está muito doente.

— Precisamos de recolher uma amostra do seu ADN — interveio Peterson.

Don olhou-o de cima a baixo.

— Vai prender-me?

— Não.

— Então sou obrigado a fornecer-lhe o meu ADN, e não estou preparado.

— Senhor Walpole, legalmente podemos recolher uma amostra de ADN se tivermos motivos para suspeitar que esteve envolvido num crime. Agora, podemos fazer isso aqui ou ir até à esquadra — avisou-o Moss.

Don olhou para eles.

— Tenho aqui um documento a explicar os seus direitos — acrescentou Peterson. — Podemos dar-lhe tempo para o ler.

Don olhou através da faixa de vidro da janela para Jeanette, que jazia na cama de olhos fechados.

— Está bem — anuiu.

Peterson viu uma pequena cozinha ao lado do quarto de Jeanette. Entraram e fecharam a porta. Don sentou-se a uma pequena mesa. Peterson calçou um par de luvas e tirou um tubo de plástico com um cotonete comprido.

— Preciso de uma amostra das células da sua garganta — disse ele.

Don abriu a boca e Peterson passou com o cotonete na garganta e no interior da bochecha. Então guardou-o no tubo e fechou-o.

— Obrigada — agradeceu Moss, entregando a Don um formulário para preencher.

Ele leu a folha e depois assinou.

— Ela está a morrer — murmurou ele. — Os órgãos entraram em falência.

— Lamento muito — disse Moss. — Esperamos ter os resultados do ADN nas próximas vinte e quatro horas.

❁

O sol tentava romper através das nuvens quando saíram do hospital.

— Vou levar a amostra ao laboratório em Vauxhall — disse Peterson.

— Boa. Eu vou falar com a senhora Fryatt. Tenho de resolver o mistério em torno dos brincos. Também quero uma amostra de ADN do Charles Fryatt.

— Queres que passe por Hatton Garden? Tenho outro *kit*.

— Não. Leva isso ao laboratório. Preciso de fazer mais algumas perguntas à mulher, e quero ter mais do que apenas uma suspeita antes de irmos atrás do filho.

53

Não estava ninguém em casa da senhora Fryatt. Moss tocou à campainha várias vezes e espreitou pela janela. Voltou para o passeio e olhou para a enorme casa. As janelas refletiam o céu cinzento e não deixavam transparecer nada.

Moss apoiou-se ao gradeamento e sentiu uma onda de medo e ansiedade. Não eram emoções a que estivesse habituada. Recordou como saíra de casa naquela manhã, sem se despedir de Celia e Jacob. Quando pegou no telemóvel para lhes ligar, este começou a tocar. Não reconheceu o número.

— Bom dia, fala Lisa Hawthorne. Sou consultora no centro de emprego em Forest Hill. Um dos seus agentes pediu-me que a contactasse com informações sobre o emprego anterior de Joseph Pitkin.

— Ah, sim, mas…

— Desculpe a demora, estamos entulhados de trabalho. O Joseph Pitkin recebeu subsídio de desemprego de forma intermitente nos últimos quatro anos. Teve quatro períodos de emprego. Em três ocasiões, trabalhou num *pub* em Honor Oak Park, trabalho sazonal em dezembro de dois mil e catorze, dois mil e quinze e dois mil e dezasseis.

— Desculpe, será que podia ligar a um dos meus colegas em… — interveio Moss, tentando desligar, mas ela continuou:

— O quarto período foi num estúdio fotográfico em New Cross, chamado Camera Obscura. Ele esteve lá seis semanas no início de dois mil e dezasseis… — A ligação às fotografias fez Moss querer ouvi-la. Prendeu o telemóvel sob o queixo e tirou o caderno e a caneta. Lisa continuou: — O gerente é um homem chamado Taro Williams. É um estúdio fotográfico antigo.

— Sabe por que motivo o trabalho terminou?

— Não. Os registos do Joseph mostram que devia ser um contrato a tempo inteiro como assistente de fotografia, mas após seis semanas ele demitiu-se inesperadamente. Isso foi estranho, pois fizemos um

grande esforço para lhe arranjar aquele trabalho, e ele ficou muito entusiasmado.

— Não houve mais nada? Nenhuma queixa do empregador?

— Não. É uma pena o Joseph não ter tido a oportunidade de seguir a sua paixão pela fotografia.

— Conhecia bem o Joseph?

— Tinha o caso dele e costumava vê-lo duas vezes por semana quando recebia o subsídio, durante três anos.

— Lamento dizer-lhe que o Joseph se suicidou há pouco.

— E eu lamento ouvir isso — respondeu ela num tom cansado. Parecia ouvir frequentemente aquele tipo de notícia.

Moss agradeceu à mulher e desligou. Olhou para a casa escura da senhora Fryatt, avaliando as opções. New Cross ficava a curta distância de carro.

54

Taro Williams era um homem alto e corpulento perto dos quarenta, com testa larga e feições grandes. Herdara o Camera Obscura, e os aposentos por cima, do pai, que iniciara o negócio na década de 1960. Ficava na Amersham Road, uma rua residencial de enormes casas geminadas decrépitas, poucos minutos a pé da estação de New Cross. Aquelas estruturas de quatro andares haviam sido construídas por comerciantes que tinham feito fortuna durante a Revolução Industrial. Eram casas de famílias abastadas com alojamento para a criadagem. Além dos três andares que se erguiam acima da rua, cada edifício tinha uma grande cave. A montra da Camera Obscura, com uma janela de vidro, estava afastada da estrada e parcialmente oculta por um enorme espinheiro.

A loja funcionara durante muitos anos como estúdio, mas nos últimos tempos, com o advento das máquinas digitais e dos *smartphones*, o volume de negócios diminuíra. Isso não preocupava Taro. Era rico e gostava de ter tempo livre. Quando lhe apetecia, trabalhava como fotógrafo de casamentos. Só abria a loja algumas vezes por semana para fotografar essencialmente jovens que ficavam noivos, e casais com filhos pequenos que queriam documentar os rebentos de forma oficial.

Deprimia-o o facto de a maioria dos pais recusar as sólidas molduras de prata que ele tinha para venda e, em vez disso, querer as fotos impressas em almofadas ou quebra-cabeças ou, pior ainda, em bonés e canecas.

Taro estava a desmontar as luzes e o pano de fundo de uma sessão fotográfica que decorrera naquela manhã com um jovem casal japonês que fora tirar fotos para os convites de noivado. Espantava-o sempre o tamanho minúsculo dos japoneses. Eles tinham parecido bastante intimidados com a sua enorme estatura e o rosto sério, mas ele desanuviara o ambiente com uma piada e um grande sorriso, que o transformara num homem jovial. Os japoneses tinham-se rido com ele durante a sessão, mas não notaram que o sorriso nunca lhe chegara aos olhos.

Dedicava-se à arrumação quando uma mulher ruiva e baixa subiu o carreiro até à porta da frente. Tentou abri-la e, quando a encontrou trancada, bateu no vidro.

Ele aproximou-se e apontou para o cartaz apoiado na parte inferior da montra: «Por favor, toque à campainha.»

O seu rosto abriu-se num sorriso ao indicar que ela devia tocar. A mulher revirou os olhos e premiu a campainha. Ele sorriu e levantou os polegares, depois destrancou a porta.

— Olá, sou a inspetora-chefe Moss — disse ela, mostrando a identificação. — Posso dispor de alguns minutos do seu tempo?

— Claro — respondeu ele com um sorriso, afastando-se para a deixar entrar.

55

— Em que posso ajudá-la? — perguntou Taro, convidando Moss a sentar-se numa das cadeiras enormes que usava para as sessões fotográficas. Havia uma máquina num tripé, uma grande folha de papel refletor branco pendurada na parede, e várias luzes espalhadas.

Moss sentou-se e tirou uma pasta da mala.

— Estou aqui para lhe fazer algumas perguntas sobre um ex-funcionário seu. Joseph Pitkin. Ele trabalhou aqui seis semanas no início de dois mil e dezasseis.

— Sim, está correto.

— Posso perguntar por que motivo se foi embora?

Taro assentiu com ar triste.

— Tive de o despedir.

— Porquê?

— Era… desonesto. Roubou-me…

Moss assentiu.

— Quanto roubou ele?

— Acho que cinquenta libras.

Moss olhou em volta para a caixa registadora, que estava junto à parede, perto da montra.

— Informou a polícia?

— Não.

— E o centro de emprego?

— Não me lembro. Foi há quase dois anos.

— Ele recebia subsídio, e a orientadora encontrou-lhe esta colocação. Alguém entrou em contacto consigo para descobrir por que motivo o trabalho terminou tão depressa?

— Sim, creio que sim…

Calou-se. Sorriu de novo e aproximou-se, empoleirando-se no braço da poltrona à frente dela. Usava fato de três peças cor de chocolate. A corrente de um relógio de ouro pendia de um dos bolsos.

— Posso perguntar que tipo de fotografia faz?

— Retratos, principalmente. Casais jovens, criancinhas… — Apontou para uma série de retratos na parede. — Nove em cada dez vezes pomos um bebé diante de uma objetiva e ele desata aos gritos. Mas é verdade que tenho tendência para assustar as crianças.

— Tira outro tipo de fotografias?

— Casamentos.

— Algum trabalho erótico?

— Está a perguntar a nível pessoal? — perguntou ele com um grande sorriso.

— Não — respondeu Moss.

Ele era um homem bonito, mas tinha algo que a deixava pouco à vontade.

— Desculpe, piada de mau gosto.

Ela fez um gesto com a mão, a retirar importância ao assunto.

— Como avalia o Joseph como fotógrafo?

— Não posso dizer que tive grande oportunidade de o avaliar, ele esteve aqui pouco tempo.

— Tirou fotos para si?

— Sim.

— De quê?

— Deixei-o fazer uma sessão com um jovem casal que ficou noivo.

— Ele mostrou algum interesse em fotografar nus, ou algo mais… não sei como dizê-lo.

— Explícito? Não, não me dedico a esse tipo de negócio… Olhe, estou sedento depois de uma longa manhã, tem a certeza de que não posso oferecer-lhe um chá? Também posso verificar os apontamentos para ver se fiz outras anotações sobre o Joseph e o contacto que tive

com o centro de emprego.

— Está bem, obrigada — agradeceu Moss.

Taro levantou-se e saiu por uma porta nas traseiras, fechando-a atrás dele.

Moss deu uma vista de olhos ao estúdio fotográfico. Havia uma grande máquina na parte detrás usada para revelar fotografias. Estava coberta de pó e tralha, e tinha à frente um autocolante a dizer «relevação numa hora». Por cima havia um armário, exibindo todas as opções para aplicar a foto: copos, quebra-cabeças, ímanes, bonés e almofadas. Cada um tinha a imagem de uma menina a segurar um balão amarelo. Noutra parede havia exemplos das sessões anteriores que Taro mencionara: sobretudo fotos de bebés.

Moss foi até ao balcão com a caixa. Atrás havia prateleiras com um troféu e várias placas de 1991, quando a Camera Obscura ganhou o prémio de Empresa do Ano do sul de Londres. Uma versão mais antiga de Taro, presumivelmente o pai, aparecia com a mulher e os filhos na frente da loja.

— Encontrou as fotos de família embaraçosas — disse uma voz atrás dela.

Moss deu um salto, virou-se e viu Taro. Forçou-se a sorrir.

— Acabei de ligar a chaleira — disse ele.

Moss viu que se aproximava uma tempestade: as nuvens estavam grossas e escuras. As luzes de dentro refletiam o interior do estúdio na montra da loja.

— Encontrei os meus registos sobre o Joseph.

Moss voltou para a cadeira e Taro sentou-se à sua frente. Tirou um par de óculos do bolso de cima e colocou-os, depois abriu uma pasta.

— Não vem muita gente trabalhar para mim, mas tive alguns assistentes ao longo dos anos. Este é o Joseph? Conhecia-o como Joe — disse ele, mostrando uma foto tipo passe de Joseph, tirada numa cabina de fotos instantâneas.

— Sim, é ele — confirmou Moss. Joseph tinha uma expressão vaga, como a maioria das pessoas naquele tipo de fotos. — Queria perguntar-lhe mais algumas coisas: ele levou equipamento

emprestado? Conheceu algum amigo ou associado dele?

— Ele está sob investigação? — perguntou Taro, erguendo os olhos da pasta com uma expressão amável e plácida.

— Está morto, infelizmente.

— Oh, que horror. Como?

— Suicídio.

Taro tirou os óculos e enfiou uma haste na boca.

— Isso é terrível. Quando?

— No dia a seguir ao Natal.

— Tão recente… e logo durante a quadra festiva.

Taro começou a folhear a pasta. Encontrou outra foto, dessa vez impressa no formato 10 x 8.

— Eu tirei-lhe fotos.

— Pensei que ele trabalhava para si…

— É verdade. O Joseph posou para mim quando decidi mudar para o digital e tive de testar as novas câmaras. Acho que fiquei demasiado tempo com a tecnologia e os métodos de revelação antigos.

A fotografia de Joseph era de corpo inteiro, de pé contra um fundo claro, vestindo apenas calças de ganga. Parecia pouco à vontade.

— Porque está ele sem camisa?

— Queria algumas fotos para dar a uma rapariga em que estava interessado — respondeu Taro com uma gargalhada. — Aqui está outra. — Entregou-lhe uma foto de Joseph com cuecas enrugadas. Fletia os braços magros no que devia ser uma pose de macho, mas a expressão vazia nos olhos incomodou Moss. Já vira aquele olhar, há muito tempo, quando terminara a formação na academia de polícia e trabalhara em casos de abuso sexual. Nas vítimas que se tinham alheado do mundo.

— Disse que ele pediu para tirar estas fotos? — perguntou Moss. Sobressaltou-se quando a chaleira começou a apitar.

— Sim. Isto é um estúdio — respondeu Taro, levantando-se.

— Pedem-me muitas vezes fotos estranhas, embora sempre me tenha recusado a fotografar nus. — Olhou para ela por um momento, enquanto a chaleira continuava a apitar. — Volto já.

Assim que ele desapareceu. Moss tirou o telemóvel do bolso do casaco. Ligara para o número de Peterson quando Taro espreitou pela porta.

— Leite e açúcar?

— Sim.

— Esta rua tem zonas com pouca rede. Talvez seja culpa das árvores.

Moss tinha o telefone encostado à orelha quando percebeu que não havia rede. Taro sorriu-lhe de novo, amável, e desapareceu na direção da chaleira. Moss estava bastante intrigada com o comportamento dele.

Aproximou-se da porta e viu que do outro lado havia um longo corredor. Ouviu a chaleira e uma colher a bater num pires. Aproximou-se da caixa e levantou o auscultador do telefone fixo. Estava desligado. Então aproximou-se da porta da rua e descobriu que estava trancada. Não havia chave. Taro trancara-a quando entrara? E ela não notara?

Isto é ridículo, pensou, tentando acalmar-se. Estivera tão preocupada em fazer o melhor, em dirigir a investigação. Deu alguns passos pela sala com o telefone no ar, a tentar encontrar rede.

Ao passar por trás das duas cadeiras onde tinham estado sentados, notou que a pasta de Taro estava aberta no assento. Lá dentro havia um formulário do centro de emprego, preenchido a tinta azul com uma caligrafia irregular. Depois, reparou numa página em branco com anotações e filas de números. No canto inferior direito, na mesma tinta, havia um desenho. Com as mãos trémulas, Moss pegou na pasta. Era o esboço de um rosto com uma máscara de gás, minucioso e sombreado a esferográfica preta.

Moss tinha o telemóvel na outra mão e desceu as fotos do rolo de câmara até à imagem da máscara, desenhada acima do bilhete para Joseph. Tanto a caligrafia como a imagem combinavam: tinham sido feitas pela mesma mão.

Ouviu-se um leve tinir. Moss virou-se. Taro estava atrás dela com duas chávenas de chá de porcelana.

— O senhor desenhou isto? — perguntou Moss, virando-se e dando um passo para trás. A pasta tremia na sua mão.

— Sim. Sim, desenhei — respondeu Taro em voz baixa. As chávenas tiniram de novo enquanto as pousava com cuidado na pequena mesa.

Moss abriu a boca para falar, mas Taro dirigiu-se rapidamente até à porta e apagou as luzes, deixando a sala às escuras. Moss correu para a porta da rua, por onde uma luz ténue entrava pela janela de vidro escuro, mas sentiu algo duro bater na parte detrás da sua cabeça e depois tudo ficou preto.

56

Erika e Isaac tinham ido visitar Edward novamente, e ele melhorara bastante. A enfermeira levantara-o e pusera-o a andar, e ele disse que a perna parecia novinha em folha depois de anos a suportar dores na anca. Despedira-se de Isaac, que voltava a Londres para trabalhar na manhã seguinte.

No regresso a Slaithwaite, Erika pediu a Isaac que fizesse um desvio por uma série de avenidas agradáveis com vivendas.

— Podes parar aqui — disse ela.

Ele estacionou junto a uma casa de dois andares. O relvado estava todo branco e havia um boneco de neve perto da porta de entrada com um nariz de cenoura, dois olhos pretos e um cachecol vermelho. Tinham sido penduradas luzes de Natal nos beirais e, pela janela da frente, podiam ver uma árvore de Natal.

— É bonita — disse Isaac. — Porque parámos aqui?

— É a minha casa — respondeu Erika, olhando para ela com tristeza. — Onde o Mark e eu vivemos durante quinze anos.

— Oh!

Erika olhou para a casa. Formaram-se-lhe lágrimas nos olhos e ela limpou-as.

— Não voltei cá desde que ele morreu. Mandei levar as minhas coisas para um armazém, e pus uma agência a alugá-la.

— Conheces as pessoas que moram cá? Queres bater à porta?

— Não.

Isaac assentiu.

— Quanto tempo tencionas ficar por cá?

— Preciso de instalar o Edward em casa. Arranjar-lhe um cuidador.

O seu telemóvel tocou. Não reconheceu o número de Londres, mas atendeu.

— Erika? — perguntou uma voz de mulher, soando preocupada.

— Sim.

— É a Celia, a mulher da Kate. Da Moss.

— Olá, Celia, desculpe. Não tenho o seu número no meu telemóvel, não o reconheci.

— Teve notícias da Kate?

— Não. Deixei-lhe uma mensagem há um bocado, mas ela não respondeu.

— É que ela liga-me geralmente durante o dia. Tivemos uma discussão idiota esta manhã, nada sério, mas ela costuma ligar para amenizar as coisas. Telefonei ao James e ao John McGorry, mas não sabem onde ela está. Deixei-lhe seis mensagens.

— Ela está a dirigir um caso muito importante. Acredite, isso pode fazer uma pessoa perder a noção do tempo.

— Eu sei. A Kate anda bastante stressada por estar a substituí-la…

— Provavelmente apanhou os meus maus hábitos. Costumo perder a noção do tempo quando trabalho numa investigação… — Erika parou. Só perdia a noção do tempo porque não tinha ninguém à espera de um telefonema. — Provavelmente foi convocada para uma reunião. Tem de comparecer, agora que é inspetora-chefe interina, e essas reuniões às vezes arrastam-se.

— Está bem — disse Celia. — Desculpe, deve pensar que sou esquisita.

— Não. Acho que a Moss tem muita sorte. Quando discuto com uma pessoa, muitas vezes ela nunca mais volta a falar comigo! Se tiver notícias dela, mando-a ligar para si.

— Está bem.

— E é melhor ficar com o número direto da superintendente Hudson — disse Erika. Deu-o a Celia e desligou.

— Tudo bem? — perguntou Isaac.

Erika ligou para o número de Moss, mas foi logo para o *voicemail*.

— A Celia diz que a Moss não a contacta desde manhã.

— E isso é raro?

— Para elas, sim.

— Sinto a falta de ter alguém que espere que eu lhe ligue — comentou Isaac.

— Eu também — disse Erika, olhando para a casa. — A glicínia cresceu tão depressa — acrescentou, apontando para o ramo alto e grosso na parede lateral da casa que serpenteava quase até ao telhado. — Comprei-a num vasinho no dia em que nos mudámos para cá. Fomos comprar tinta ao B&Q e estava na mesa dos descontos. Custou-me setenta *pence*. O Mark disse: «Não desperdices dinheiro nesse pauzinho, parece morto.»

— Aposto que é bonita quando floresce — comentou Isaac.

Erika assentiu e limpou os olhos.

— Vá, vamos embora. Só queria vê-la, mas é apenas um sítio, uma casa. O que a tornava um lar eram as pessoas dentro dela, e nós já lá não estamos.

57

Taro, ou «T», como ele gostava de se chamar, atingiu Moss com força na nuca com um porrete de couro. Guardava-o na gaveta da cozinha, e enfiara-o no bolso detrás enquanto preparava o chá. A sua mente estava a mil à hora, mas não sentia medo nem pânico. Ela caiu no chão com força, mas estava longe da montra e nas sombras, com as luzes apagadas.

Ouviu o relógio bater. Um carro passou pela estrada. Ele agachou-se, segurando o porrete na mão direita para o caso de a mulher conseguir debater-se. Pegou-lhe no pulso com a mão livre e sentiu a pulsação. Era lenta, rítmica. Manteve o dedo ali, sentindo a vida a pulsar através dela, movendo-a sobre o nódulo firme e pulsante sob a pele. Deslocou a mão para a nuca dela. Tinha o cabelo cheio de sangue. Levantou-se e guardou o porrete no bolso. Passou por cima dela e foi até à montra. A rua estava em silêncio. Recuando para as sombras, virou-a.

— Gorducha — murmurou enquanto a acariciava, apalpando-lhe os seios e passando as mãos entre as pernas dela. Manteve-as ali um momento, saboreando o calor, depois fixou a atenção nos bolsos dela. Tirou-lhe as chaves do carro, o telemóvel, a carteira e a identificação. Pousou-os no balcão, ao lado da caixa, depois voltou para junto dela. Com força considerável, baixou-se e pegou-lhe num movimento fluido, atirando-a para cima do ombro. Carregou o corpo inerte pela porta, desaparecendo durante alguns minutos, depois voltou.

Acendeu as luzes. O tapete onde ela caíra estava limpo e não havia sinal de sangue. No entanto, seria minucioso, e iria limpá-lo. Regressou ao balcão e pegou no telemóvel e nas chaves do carro. Destrancando a porta, saiu e dirigiu-se ao passeio. Havia alguns carros ali estacionados. Apontou o comando para a direita, e nada aconteceu, então apontou-o para a esquerda, e viu piscar as luzes de um *Rover* escuro a cinquenta metros.

T hesitou por um momento. A pensar. Estava admirado com a sua calma. O coração batia mais depressa e ele sentia o sangue a ser bombeado através das pernas e dos pulsos, mas estava no comando

da situação. Não ia entrar em pânico.

Não sabia se ela dissera a alguém que ia ali. A tarde estava a começar. Os agentes da polícia nem sempre eram as criaturas mais sociáveis; talvez só dessem pela falta de Moss na manhã seguinte, mas, quando isso acontecesse, alguém viria interrogá-lo. Teria de admitir que ela passara por lá, mas diria que depois se fora embora. Olhou para as chaves e para a carteira. Como faria parecer que partira?

Uma carrinha de jardinagem da Câmara de Lewisham virou a esquina. Era de caixa aberta, usada para transportar cortes de relva e plantas. Ele aproximou-se da porta do condutor do carro de Moss e mexeu no puxador, depois limpou rapidamente o telemóvel ao casaco. Quando a carrinha passou, atirou o telemóvel para a caixa aberta, onde aterrou numa pilha de ramos e folhas secas. Entrou no carro e viu a carrinha parar no semáforo ao fundo, e seguir em frente. Esperava que virasse para a circular sul.

Taro ligou o motor e conduziu durante três quilómetros, subindo e descendo as ruas residenciais para evitar qualquer câmara de vigilância. Estacionou ao fundo da Tresillian Road, uma rua tranquila. Trancou o carro e, depois de limpar a chave, deixou-a cair numa sarjeta.

Voltou a pé para o estúdio de fotografia, a luz do dia a diminuir enquanto avançava, sem pressa. A calmaria entre o Natal e o Ano Novo era a cobertura perfeita para os seus movimentos. Não viu ninguém. Quase desejou ter levado a máscara de gás com ele, para se divertir um pouco, mas sabia que tinha de regressar ao estúdio e tratar da inspetora.

58

A senhora Fryatt estava sentada junto à lareira, a beber chá no seu serviço favorito de porcelana, quando a campainha tocou. Levou um momento a lembrar-se de que não havia ninguém em casa para abrir a porta, então levantou-se da sua poltrona preferida.

Levou algum tempo a chegar lá, pois a casa era grande e a rigidez das pernas por ter estado sentada várias horas abrandava a sua velocidade. Abriu a primeira porta e saiu para o alpendre frio. Através do vidro, viu um negro de fato, ladeado por cinco agentes da polícia fardados.

Um preto, pensou com desaprovação ao destrancar a porta e abri-la. Ele levantou a identificação.

— Senhora Elsa Fryatt? Sou o inspetor James Peterson.

— O que deseja? — retorquiu ela imperiosamente. Apesar da pequena estatura, como a porta da frente era subida, conseguia fitá-los ao nível dos olhos.

— Temos um mandado de busca para a sua casa, ligado ao homicídio de Marissa Lewis — disse ele, entregando-lho.

— Isto não me serve de nada; não tenho os óculos — barafustou ela, devolvendo-o.

— Não vou esperar que o leia — respondeu Peterson.

Subiu para o alpendre, ficando de repente mais alto do que ela. A mulher estendeu os braços para o deter, e ele desviou-os com delicadeza e entrou.

— Tire as suas mãos pretas de cima de mim! — exclamou ela. Os agentes rodearam-na e entraram em casa, começando a calçar luvas de látex. — O que estão a fazer? Porque vieram a minha casa?

Uma jovem agente começou a abrir as pequenas gavetas numa das mesas do corredor, e a senhora Fryatt tentou fechá-las.

— Minha senhora, tem de se afastar, ou prendemo-la.

— Com base em quê?

— Por obstruir o trabalho de um agente com um mandado.

Ela aproximou-se do corrimão e viu os polícias espalharem-se e começarem a revistar a casa. Foi até ao telefone e, com mãos trémulas, ligou para o telemóvel do filho.

— Charles? A polícia está aqui! — gritou, a sua voz a ficar mais aguda. — Dizem que têm um mandado de busca… Estão a mexer em tudo… — Ouviu enquanto o filho lhe fazia perguntas, vendo, pela porta da sala, os livros serem retirados das prateleiras, virados, sacudidos e lançados ao chão. — Não sei. Não tenho os óculos de leitura. Eles não me dizem o que estão a fazer. Um deles empurrou-me junto à porta… Está bem, vem depressa!

Desligou e tentou encontrar um sítio onde pudesse esperar, mas a polícia estava em toda parte. Parecia haver mais do que os seis agentes que vira inicialmente. Voltou para o alpendre gelado e sentou-se na pequena cadeira que usava para calçar os sapatos. As mãos tremiam-lhe e não era apenas do frio.

Uma hora depois, Charles Fryatt apareceu.

— Por que diabo demoraste tanto tempo? — sussurrou ela ao abrir a porta.

— Onde está o mandado? — perguntou Charles.

Tirou-lho das mãos, lendo a folha e a assinatura. Entraram no corredor quando Peterson descia as escadas.

— O senhor é Charles Fryatt? — perguntou ele.

— Sim. Acho isto ridículo, o que pode a minha mãe ter que ver com o homicídio da Marissa? — perguntou Charles. — Olhe para ela, tem noventa e sete anos!

Peterson ignorou-o.

— O quarto da frente é seu, senhora Fryatt?

— Sim! Esteve lá? Você? — bradou ela.

— Sim.

— Seria de esperar que fosse *uma* agente a fazer isso. Com certeza meteu essas mãos em todos os meus objetos pessoais!

Charles lançou um olhar à mãe.

— Mãe, é melhor teres tento na língua — avisou.

— Na minha casa, posso dizer o que me apetecer. Há liberdade de expressão por algum motivo!

— Queremos que abra o cofre no roupeiro — disse Peterson.

Charles olhou para a mãe com olhos arregalados e cheios de medo.

— Deduzo que não tenho escolha? — perguntou ela.

— Não tem. Ou o abre, ou abrimo-lo à força.

Seguiram-na pelos dois lanços de escada até ao quarto, com uma enorme cama de dossel, uma pesada cómoda de madeira frente à janela e um grande roupeiro embutido numa parede. A porta do meio estava aberta, mostrando um cofre de metal pesado com combinação.

— Sou a única pessoa que sabe a combinação — disse a senhora Fryatt imperiosamente.

— E se não conseguires lembrar-te? — perguntou Charles.

Algo na forma como ele disse aquilo indiciava que podia esquecer-se, mas ela dirigiu-se ao cofre e ajoelhou-se lentamente.

— Têm de se virar de costas — ordenou.

Peterson, Charles e dois dos agentes fardados desviaram o olhar. Ouviram-se alguns cliques suaves e, em seguida, a porta do cofre foi aberta. Charles tentou chamar a atenção da mãe, mas ela recusou-se a olhar para ele.

— Pronto — disse.

Peterson foi até ao cofre e baixou-se de modo a olhar lá para dentro. Havia três prateleiras. A primeira tinha uma pilha de notas de vinte libras e algumas obrigações bancárias antigas. A segunda estava cheia de caixas de joias forradas a veludo. Os dois agentes fardados juntaram-se a ele e calçaram luvas de látex para as retirar, pousando-as na carpete. A primeira caixa era larga e achatada e continha um colar de diamantes deslumbrante; na segunda e na terceira havia um relógio de diamantes *Cartier* e duas pulseiras. Peterson abriu as outras caixas dispostas na carpete, continham um

alfinete de peito de diamantes, brincos de ouro e outro colar com um pendente de ouro. As duas últimas caixas tinham um par de enormes diamantes com talhe redondo sobre ouro e um par de diamantes quadrados com talhe princesa.

A prateleira de baixo estava vazia.

— Tem outros diamantes com talhe princesa? — perguntou Peterson.

— Não — respondeu a senhora Fryatt. — Pode ver sob as obrigações na prateleira de cima que tenho toda a documentação da seguradora das minhas joias. Foi feita no fim de agosto passado. Encontra tudo aí.

Peterson passou vários minutos a verificar tudo. Então levantou-se e aproximou-se de Charles, que observava junto à janela. A sua pele cinzenta brilhava de suor, apesar da temperatura baixa.

— Pode confirmar que a Marissa Lewis foi à joalharia onde trabalha, com um par de brincos de diamante com talhe princesa iguais a estes? — perguntou ele, levantando a caixa.

— Hum. Sim… parece que sim — respondeu Charles.

A senhora Fryatt olhou para o filho com frieza.

— Porque não contou isso aos meus colegas quando o visitaram antes em relação ao assassínio da Marissa?

— Porque eu não sabia que ela tinha ido à loja até um dos seus colegas aparecer e falar com o meu sogro. Somos quatro membros da família a trabalhar lá — disse Charles. O seu olhar oscilava entre Peterson e o olhar de aço da mãe.

— Refere-se ao negócio da família da sua mulher?

— Sim, trabalho lá com dois irmãos dela.

— Preciso de levar estes brincos para análise — disse Peterson.

— O que tenciona analisar? — perguntou a senhora Fryatt.

— ADN.

— Bem, encontrará o meu ADN e, sem dúvida, pode haver até algum da minha nora, que os usa em certas ocasiões. E, claro, o da

Marissa.

Peterson olhou para ela.

— Porque diz isso?

— Porque a deixei experimentá-los, agente. Se não se importar de esperar, posso até ir buscar uma foto dela com eles. Fez aqui uma sessão fotográfica para o seu porta-fólio burlesco. A amiga dela, a Sharon, veio ajudar. — Estendeu a mão para os brincos.

— Ainda assim, gostaria de levar estes brincos para testes e análises.

— É só o que gostaria de levar? Quer uma amostra de sangue ou urina? Ou talvez queira procurar impressões digitais em todas as superfícies?

— Apenas os brincos — respondeu Peterson, fitando-a e recusando-se a desviar o olhar.

— Bem. Analise-os, mas está a perder tempo. E aviso-o já que, se vierem com algum dano, por menor que seja, vou processá-lo e à polícia. Tenho dinheiro para o fazer.

Peterson enfiou os brincos num saco de provas. Saiu do quarto, seguido pelos cinco agentes. Ninguém falou até saírem para os carros que os esperavam.

— Raios! — praguejou Peterson, batendo com o punho no capô. — Porra!

59

Moss recuperou lentamente a consciência, mas estava tudo negro. Não via nada. Encontrava-se deitada de barriga para cima, numa superfície dura, e tinha a cabeça a latejar. Inspirou. Havia um cheiro intenso a odor corporal e suor azedo. Sentiu náuseas; pensou que ia vomitar. Ficou em pânico ao perceber que tinha a boca tapada com fita adesiva. Quando despertou por completo, sentiu que as suas mãos estavam bem amarradas à frente do tronco, presas nos pulsos, e os tornozelos também tinham sido amarrados. Engoliu em seco e tentou manter a calma. Apurou o ouvido. Escutou um silvo fraco e, em seguida, um *uomp*! Depois um pequeno quadrado azul apareceu no canto da sua visão. Manteve-se ali alguns segundos e desapareceu.

Moss engoliu novamente. Tinha a garganta seca e pegajosa. Deslizou pelo chão. Moveu os braços amarrados para a direita e esbarrou numa grade de metal, e o mesmo aconteceu à esquerda. Arrastou-se para cima e para baixo, sentindo grades por cima da cabeça e sob os pés. O seu coração voltou a acelerar e o pânico ameaçou dominá-la. Estava numa espécie de jaula.

Fica calma, fica calma, calma, calma, disse a voz na sua cabeça. Pensou nas técnicas de *mindfulness* que Celia começara a fazer para controlar a preocupação. Ela gozara com Celia por andar sempre com o livro de *mindfulness*. Agora desejou tê-lo lido. Tentou lembrar-se do que tratava, do que Celia dissera. Qualquer coisa sobre concentrar-se no que acontecia, e não deixar que as emoções a controlassem. Concentrou-se no chão frio sob as costas. Tinha quase a certeza de que era de madeira.

O que era aquela luz azul? Uma chama; a pequena chama atrás do buraco quadrado numa caldeira de aquecimento central. Tinha de ver se conseguia sentar-se e descobrir o que iluminava, se voltasse a acender-se.

Moss inspirou e expirou lentamente. O seu nariz não parecia puxar ar suficiente. Começou a sentar-se, mas teve de parar a meio, porque o sangue que percorria as suas veias pareceu empurrar a dor para a cabeça, ameaçando fazê-la explodir. Sentiu de novo náuseas. Se

vomitasse, morreria asfixiada.

Deitou-se devagar e respirou fundo, inclinando a cabeça para encostar o rosto ao chão frio. Pensou no que acontecera, no desenho da máscara de gás, no momento em que tudo se encaixara — e, claro, ele também vira.

O pânico dominou-a de novo. Ele ia matá-la. A chama era de uma caldeira, o que talvez significasse que estava na cave. Amarrada. Amordaçada. Numa jaula. Então reapareceram o medo e o desespero. Mas o rosto de Jacob surgiu na sua mente. Os seus olhos lindos e o sorriso inocente. O seu cheiro divino. Como ele adorava pôr os braços em volta da sua cintura cada vez maior, e ficar em cima dos pés dela enquanto ela andava pela sala, dando-lhe boleia. E Celia, com o cabelo loiro e o lindo rosto meigo. Porque não os abraçara e dissera que os amava antes de sair de casa?

As lágrimas encheram os seus olhos, e isso deu-lhe energia para lutar. Respirou fundo e içou-se lentamente até ficar sentada, tentando lembrar-se de que lado a chama azul aparecera. Encostou a cabeça às grades à esquerda e subiu. A dor atravessou a sua cabeça, levando-a quase a desmaiar. Inspirou mais ar, com respirações profundas. Ele tirara-lhe o casaco e as mãos dela estavam amarradas à frente do tronco do pulso e do antebraço aos nós dos dedos. Sentia que era fita adesiva pela forma como se prendia aos pelos finos dos braços.

Ouviu-se um clique no canto distante à direita, e a chama azul apareceu. A sua visão estava desfocada, mas conseguiu ajustar os olhos e ver alguns contornos. A caldeira na parede. Havia várias formas entre ela e a caldeira, e percebeu que a jaula estava no chão. A chama apagou-se e ficou de novo mergulhada na escuridão.

Sentiu a náusea voltar e os músculos das costas doeram-lhe, assim como os da parte detrás das pernas. Ter as pernas amarradas já era mau, mas o modo como os seus braços estavam amarrados à frente do tronco, as mãos a apontar para a frente, tornava impossível sentar-se direita. A cãibra piorou e estremeceu de dor.

Respira, respira, respira. A dor vai passar. Soltou um grito abafado quando as cãibras se tornaram insuportáveis. Tinha os ombros curvados, os cotovelos unidos. Lembrou-se de um vídeo que vira na

Internet, um especialista em autodefesa americano que explicara o que fazer no caso de as mãos estarem presas com fita adesiva. Esse era outro dos passatempos de Celia, frequentar aulas de autodefesa. Quisera que Moss a acompanhasse, mas o trabalho metia-se sempre no meio. Celia mostrara-lhe o vídeo no YouTube… Um tipo levantava os braços amarrados acima da cabeça, e baixava-os para que batessem na barriga, libertando-os. Tinha algo que ver com a resistência à tração da fita adesiva; se tentássemos puxá-la para os lados, esticava como pastilha elástica, mas se a forçássemos de outra maneira, quebrava-se.

Moss respirou fundo e ia para erguer os braços, mas, no escuro, calculou mal o ângulo e os pulsos firmemente amarrados bateram-lhe no nariz. Soltou um soluço abafado e começou a entrar em pânico quando o seu nariz se inundou de sangue. Inclinou-se para a frente, mas ainda tinha os pulsos amarrados, e não conseguia respirar. No escuro, começou a engasgar-se no próprio sangue.

60

T apreciou o regresso lento. Dava-lhe tempo para meditar. Pensava na sua vida em termos de luz e escuridão. O trabalho com os retratos da família era tão castiço e básico que pensava nisso como luz. Depois, quando fechava a loja e ficava sozinho, movia-se para a escuridão.

Fora apresentado à escuridão por uma rapariga quinze anos antes — não, isso não era exatamente correto. A escuridão sempre lá estivera, mas Tabitha fizera-a surgir, trouxera-a à tona. Julgava-se a única pessoa no mundo com fantasias violentas, mas Tabitha, uma jovem estudante precoce, encorajara-o a experimentar brinquedos sexuais e encenações. Encorajara-o a contar-lhe os seus segredos na escuridão.

Tabitha adorava ser amarrada, e encenavam uma fantasia em que ele a raptava e violava. Na altura, parecera chocante e ousado, mas, olhando para trás, ele sabia que era coisa de crianças. Tabitha estivera a representar, mas a atuação não fora suficientemente boa; o seu medo era vazio. Fora o trampolim para lugares mais escuros.

Uma noite, foram a um clube de *bondage* no Soho. Foi aí que ele descobriu os capuzes e o controlo da respiração, e também viu o fim do seu relacionamento com Tabitha. Nessa noite, ele quase a sufocara. Vira medo real nos seus olhos e não fora capaz de parar. Conseguira dissuadi-la de apresentar queixa à polícia.

Ao longo dos anos seguintes, fez visitas a Amesterdão, onde frequentou clubes de *bondage* e comprou pornografia extrema, mas percebeu que até o tipo mais violento de pornografia não o satisfazia. Então descobriu as máscaras de gás e, em particular, a prática de atos sexuais a usar uma máscara de gás, com o filtro fechado para controlar a respiração, ou tapado com algodão embebido em nitrito de amilo.

Não se lembrava de quando lhe surgira a ideia de andar pelas ruas à noite. Apanhara uma moca com um tipo que convidara para o calabouço sexual que construíra na cave. De alguma forma, tinham acabado no jardim, e ele cambaleara pelo portão das traseiras para a

rua, onde se agachara num canto escuro, a observar as pessoas escondido. O poder que isso lhe dera era maior do que qualquer coisa que tivesse experimentado antes. Ficara mais ousado, a princípio expondo-se a homens e mulheres, e, daí, o seu primeiro ataque.

T abrandou ao aproximar-se da Camera Obscura. Precisava de tempo para pensar. O facto de ser uma agente do sexo feminino provocava-lhe um *frisson* extra. Apesar de todos os ataques ao longo dos anos, nunca fora apanhado. Não tinha cadastro, a polícia não dispunha do seu ADN e nem sequer levara uma multa de estacionamento ou perdera pontos na carta.

Ela estava ali na cave. Vira-o. Se a deixasse ir, seria o fim.

Ele gostava de correr riscos. Já os despistara. Teria de pensar em como desfazer-se do cadáver. Ela era corpulenta. Voltou para trás e decidiu dar de novo a volta ao quarteirão. Precisava de pensar e planear.

61

Moss levantou os braços na escuridão e baixou-os, atingindo o peito com os pulsos. Repetiu o movimento. O seu nariz escorria sangue e custava-lhe respirar. À terceira tentativa, os pulsos separaram-se e os cotovelos bateram nas grades. Ignorou a dor e levantou os dedos dormentes, arrancando a fita adesiva que lhe cobria a boca. Engasgou-se, cuspiu e por fim conseguiu engolir grandes golfadas de ar.

— Oh, meu Deus, oh, meu Deus! — exclamou, aliviada por poder usar as mãos e respirar pela boca. Começou a agir rapidamente, rasgando e puxando a fita em torno dos tornozelos até estarem livres. Rolou os ombros e, agachada, deslocou-se pela jaula. Começou a tatear o espaço. Por cima da sua cabeça havia grades grossas e não conseguia pôr-se de pé e esticar as pernas. Tinha um cadeado num dos lados e estava bem fechado.

— Merda — praguejou. Parecia uma gaiola para um cão grande. Ouviu-se um clique e a chama iluminou a cave. Os seus olhos já estavam ajustados ao escuro e viu uma série de objetos na parede do fundo. Distinguiu formas e contornos: algo longo e fino enrolado, e um capuz com buracos para os olhos e um filtro. Era uma máscara de gás. Tateou novamente o espaço. As grades eram de metal sólido e grosso, mas a base era de madeira. Agora que se livrara da fita adesiva, movia-se com mais facilidade. Engoliu e limpou o nariz, sentindo o sangue a coagular. Firmou os pés, agachada, e empurrou as costas contra a jaula. Balançou-se e deslocou-se no chão alguns centímetros. Não estava presa ao solo. Agitou-se com mais força, fazendo-a afastar-se da parede de tijolo. Foi preciso muito esforço e teve de parar algumas vezes para recuperar o fôlego. Estendeu o braço através das grades e já não sentiu a parede; então, achou ter espaço suficiente em ambos os lados. Apoiou as costas contra as grades e sacudiu a jaula, aproveitando o baixo centro de gravidade. Os lados da base começaram a levantar-se enquanto se balançava com mais força. De repente, caiu com um estrondo que ecoou pela cave. Moss gritou ao aterrar dolorosamente nas grades do lado esquerdo, que agora eram o chão da jaula.

Levou um momento a recuperar o fôlego e desatou a pontapear a base de madeira.

— Devias… ter-me… descalçado… as botas… seu… cabrão… estúpido. Foda-se! — silvou, pontuando cada palavra com um pontapé, batendo ritmicamente com as botas na madeira. A cada pontapé sentia dores nos ossos e as grades enterraram-se-lhe nas costas e nos ombros, mas continuou. Por fim, quando os seus pés pareciam prestes a explodir, a madeira partiu-se — e a sua perna atravessou-a. As lascas arranharam-lhe a pele e gritou de dor, mas nada a deteria. Libertou a perna e começou a ampliar o buraco, chutando e empurrando e partindo a tábua grossa. Pareceu demorar uma eternidade, mas conseguiu passar, mãos e pernas cheias de lascas. Estava livre. Tateou na escuridão, encontrou um interruptor e acendeu a luz.

62

Moss ainda mal recuperara o fôlego quando viu o horror do local onde estava. Havia outra jaula mais alta a um canto, um tronco e uma mesa com algemas de couro. Viu manchas de sangue no chão de cimento. As paredes estavam cobertas de pornografia: imagens violentas de nudez e tortura. E havia um televisor enorme com filas e filas de DVD empilhados numa prateleira.

Em ganchos ao longo da parede, estavam expostos chicotes e correntes, um arnês, dois fatos de látex de corpo inteiro e, no fim, uma máscara de gás preta com grandes orifícios de vidro para os olhos e um filtro alongado; a série de quadrados brancos fazia-a parecer um rosto com dentes.

Moss estacou quando ouviu passos. A tranca da porta foi corrida e esta abriu-se. Taro encontrava-se na ombreira, a tremer e pálido. Numa das mãos segurava uma seringa grande cheia de um líquido azul-escuro, e na outra sacos de plástico pretos. Viera matá-la da forma mais limpa possível, mas Moss complicara-lhe as coisas. Ela tinha a certeza de que ele quisera espetar-lhe a seringa através das grades, e isso fê-la recordar um filme terrível sobre animais vítimas de testes. A maneira como se afastavam das grades quando uma agulha era espetada na sua pele.

— Como saiu? — perguntou ele em voz baixa e calma.

— Pode ver como saí — respondeu Moss.

Taro manteve os olhos nela e entrou, fechando a porta com um pé. Deu outro passo em direção a ela.

— Não se aproxime — avisou Moss.

— Não devia ter vindo cá. Eu ia parar. Ia parar e desaparecer… Agora tenho de tratar de si. AGORA TENHO DE TRATAR DE SI!

Moss tentou não demonstrar medo. Recuou, pondo a gaiola tombada entre eles. O homem aproximou-se. Moss agarrou na gaiola e esforçou-se por a empurrar na direção dele como se fosse um aríete, mas esta não deslizou suavemente no chão, avançando apenas um pouco, e ela perdeu o equilíbrio e caiu para a frente.

Taro aproximou-se de imediato, contornando a jaula com rapidez e agarrando-a por trás. Ela debateu-se, e viu-o mudar a posição da seringa, de forma a segurá-la no punho fechado com o polegar no êmbolo. Levantou o braço, preparando-se para a espetar.

Ela inclinou-se para frente e depois lançou a cabeça para trás, batendo com a nuca na boca dele, partindo-lhe os dentes de cima e o nariz. Ele gritou e cambaleou. Moss correu para a porta, mas não conseguiu abri-la. Mexeu no puxador, mas este não se moveu.

Virou-se e viu Taro a cambalear, com sangue a jorrar do nariz. Cuspiu dois dentes para o chão e olhou para ela. A sua expressão parecia enlouquecida. Ela olhou em volta à procura de algo e viu uma mesa perto da porta com um grande cadeado aberto, ao lado de uma corrente. Rápida como um relâmpago, pegou no cadeado e atirou-o contra ele com toda a força, apontando para cima. O tempo pareceu abrandar enquanto Moss rodava o cadeado no ar uma vez, duas vezes, antes de o atingir na têmpora. Ele lançou-lhe um olhar de choque e surpresa e, em seguida, caiu no chão, a cabeça a bater no cimento com um estalido desagradável.

Moss voltou para a porta. Estava perra, mas lá conseguiu rodar o puxador e abri-la. Saiu para um corredor bem iluminado e bateu com a porta atrás dela.

Viu que o corredor tinha painéis de madeira antigos e que saíra por uma porta secreta. Quando fechada, não se via na parede. Havia uma mesa antiga de uma *Singer* no corredor, coberta de livros, plantas, além de uma taça para as chaves. Moss arrastou-a com esforço pelo chão de pedra, mantendo os olhos na porta, pensando que ela iria abrir-se. Encostou-a à porta, esperando que bastasse.

Correu pelo corredor até à parte da frente do estúdio fotográfico. Estava escuro lá fora e a porta continuava trancada, mas pegou num dos tripés para as luzes e, com um medo quase histérico, arremessou-o contra a montra. A janela explodiu para fora. Ela afastou os vidros com o pé, saiu e correu até ao passeio.

O seu carro desaparecera e não tinha telefone. Cambaleou rua abaixo, cheia de adrenalina, sentindo sangue a escorrer pela nuca. Procurou uma cabina telefónica, mas não havia nenhuma à vista.

Moss correu até ao fim da rua, onde esta se curvava para a

estação de New Cross. Havia vários adolescentes a sair da estação, vestidos para a noite. O barulho era ensurdecedor. Abriu caminho por entre as pessoas e viu uma cabina junto à estação. Levantou o auscultador e o primeiro impulso foi falar com Celia. Marcou 100, para a telefonista, e a seguir pediu uma chamada a cobrar no destino.

63

Erika teve pena de ver Isaac partir. Ele regressou a Londres ao fim do dia, e ela desejou que ele não apanhasse nenhuma tempestade. Acendeu o fogão a lenha e verificou o telemóvel, mas não havia notícias de Moss. Sentia-se inquieta e longe de tudo. Pensou na visita à velha casa. Nos últimos anos, pensara em Londres como temporária, um lugar para onde fora exilada depois do que acontecera em Manchester, mas percebia que Londres era agora o seu lar. A vida no Norte pertencia ao passado.

Fez avançar os canais de televisão, mas não viu nada que lhe agradasse. Vestiu o casaco, pôs um chapéu velho, calçou um par de luvas, e dirigiu-se ao cemitério, que ficava a curta distância pelos campos. Estava uma noite estrelada e, conforme subia a colina, via as casas espalhadas da aldeia, as luzes nas janelas. A Lua saiu de trás das nuvens quando chegou à entrada do cemitério, permitindo-lhe ver melhor o caminho enquanto atravessava as filas de sepulturas para encontrar a de Mark.

A lápide era de granito preto polido e brilhava ao luar:

EM MEMÓRIA DE MARK FOSTER

1 DE AGOSTO DE 1970 8 DE JULHO DE 2014

AMADO E LEMBRADO PARA SEMPRE

Erika tirou uma miniatura de *Jack Daniel's* do bolso, desenroscou a tampa, deu um pequeno gole e despejou o resto na terra.

— Nunca pensei que fôssemos acabar assim — disse ela. — Sinto a tua falta todos os dias… — Limpou uma lágrima com a mão enluvada. — Já te disse isto muitas vezes, mas tenho de viver a vida e continuar a vivê-la. Se fosse eu, não gostaria que ficasses aqui na Terra e fosses infeliz… decidi que vou vender a casa. Passei lá hoje e já não é o sítio que recordo. Não é a nossa casa. Vou comprar uma casa nova e transformá-la num lar… — Erika engoliu as lágrimas. — Porque não estás aqui, e não posso continuar a viver com um espaço ao meu lado que precisa de ser preenchido. Nunca serás esquecido e irei sempre amar-te, mas não posso continuar a ser meia pessoa.

As nuvens encobriram a Lua, mergulhando-a na escuridão.

— Às vezes procuro o Jerome Goodman. Pergunto-me onde está ele. Se pensa em todos nós. Procuro o nome dele nos computadores do trabalho, mas desapareceu. Se tivesse a oportunidade de passar algum tempo sozinha numa sala com ele… matava-o devagar, por causa do que te fez, e a mim e…

Soprou uma rajada de vento gelado e ela sentiu o frio penetrar nos sapatos, nas luvas e no fundo das costas.

— Vou olhar pelo teu pai. Contratei uma cuidadora, e irei estar mais de olho nele e visitá-lo mais vezes. — Levou os dedos aos lábios e encostou-os às letras douradas do nome dele.

❁

Quando Erika voltou para casa, o lume esmorecera. Limpou as cinzas e meteu mais uns toros. Assim que fechou o fogão, o telemóvel tocou. Era Melanie.

— Erika, houve um incidente com a Moss — disse ela, sem preâmbulos.

Erika ouviu Melanie explicar o que acontecera a Moss e que ela fora encontrada, quase inconsciente, numa cabina telefónica em New Cross.

— Ela está bem?

— Espero que sim. Encontra-se nas urgências a ser observada. Tem uma concussão. Prendemos um homem de trinta e cinco anos chamado Taro Williams, dono de um estúdio fotográfico em New Cross. A Moss tinha ido falar com ele por causa de uma pista que obteve no centro de emprego de Forest Hill. Parece que o Joseph Pitkin trabalhou como seu assistente no início de dois mil e dezasseis.

Erika sentiu-se empolgada e depois frustrada por não se encontrar lá.

— Estou no Norte; não posso deixar o meu sogro.

— Eu sei e, por favor, fique. Temos tudo controlado. Williams é um homem abastado e já contratou um advogado de gabarito, por isso, vamos ter de agir com muito cuidado e seguir todas as regras.

— A Moss devia ter dito aonde ia; colocou-se em perigo —

comentou Erika.

— Está a brincar comigo? Quantas vezes se colocou em perigo? Levou mais tareia do que o Jackie Chan. Parece a mulher biónica!

— Muito engraçado.

— Desculpe. Estou apenas contente por termos encerrado o caso tão depressa.

— Dependendo dos resultados do ADN — disse Erika.

— Claro… Agora, leve o tempo de que precisar com o seu sogro.

Erika ia dizer outra coisa, mas Melanie desligara.

Ficou ali sentada, vendo o fogo a arder através da portinhola do fogão, longe de tudo.

64

Eram três da manhã, mas na esquadra de Lewisham Row reinava uma grande animação. Peterson, McGorry, Crane e a superintendente Hudson tinham sido chamados ao trabalho quando chegou a notícia sobre Moss. Depois de ligar a Celia, pedira reforços e, finalmente, prestes a perder a consciência, telefonara a Peterson.

Vários agentes convergiram para a Camera Obscura, onde encontraram Taro Williams na cave. Ele recuperara os sentidos e, após examinado por um paramédico, fora preso e levado para Lewisham Row. Tinham recolhido as suas impressões digitais e uma amostra do seu ADN, que já iam a caminho do laboratório.

McGorry e Crane estavam com a superintendente Hudson na sala de observação de Lewisham Row, a ver Taro Williams ser interrogado por Peterson.

— O tipo não abriu a boca — disse McGorry, enquanto olhavam para o ecrã com as imagens em direto.

— É um estupor grande, não é? — comentou Crane.

— Um estupor grande e peludo. Os olhos dele metem medo — disse McGorry.

— Quando o trouxeram, lhe retiraram as impressões digitais e o ADN, ele estava impassível. Como se nada o incomodasse.

No ecrã, Peterson pediu a Taro que confirmasse que era dono da Camera Obscura e do edifício, e se trabalhava a tempo inteiro como fotógrafo.

Taro inclinou-se para a frente com expressão amigável.

— Sim. Herdei o negócio do meu pai quando ele morreu há doze anos — respondeu. A voz era calma, mas fluente.

O telemóvel da superintendente Hudson tocou.

— É a polícia científica — informou.

Os dois homens viram-na atender e McGorry fez figas.

— É igual! A amostra de ADN retirada do sangue no vidro partido

em West Norwood é igual à que lhe retirámos há pouco. Apanhámo-lo! — gritou Melanie. Brandiram os punhos, vitoriosos.

— Que tarado — disse McGorry.

— É suficiente para o acusar das seis agressões sexuais e do homicídio da Marissa Lewis? — perguntou Crane.

— Sim, especialmente do homicídio da Marissa. Não quero que ele volte para as ruas. Não tem cadastro, e não pretendo dar ao advogado finório a oportunidade de lhe conseguir uma caução por não o ter acusado de homicídio — disse Melanie. Inclinou-se para o microfone. — Peterson, preciso que suspenda a entrevista por um segundo. Já recebemos os resultados do ADN.

Peterson saiu. Melanie transmitiu-lhe os resultados e mandou-o acusar Taro Williams de homicídio.

Pelo ecrã, viram Peterson voltar à sala e prender formalmente Williams pelas agressões sexuais a Rachel Elder, Kelvin Price, Jenny Thorndike, Diana Crow e Jason Bates, e o homicídio de Marissa Lewis.

Taro permaneceu impassível, indo ao ponto de tirar um pedaço de cotão do casaco enquanto as acusações eram lidas. Então, olhou para a câmara, e os agentes na sala de observação sentiram um calafrio. Como se pudesse vê-los. Sorriu. Era um sorriso largo, mas não chegou aos olhos.

65

Erika ficou duas semanas no Norte. Visitou Edward todos os dias e mandou instalar uma cadeira elevatória. Também melhorou a decoração e domiciliou todas as despesas para poder verificar se as contas estavam a ser pagas.

Numa das últimas visitas ao hospital, antes de ter alta, Edward estava entusiasmado com essas ideias e mudanças. Até que ela lhe disse que contratara uma cuidadora que iria visitá-lo três vezes por semana.

— Não vou permitir que um estranho me limpe o traseiro! — exclamou ele.

Já conseguia sentar-se na cama e estava quase recuperado.

— Edward, não vai ser assim. Ela estará lá para ajudar no que precisares.

— Ela? — repetiu, semicerrando os olhos.

— Queres um homem?

— Credo, não!

— Vai ajudar-te com a roupa, a limpeza, as refeições ou marcar uma consulta. Irá fazer-te companhia. Prometo que não haverá traseiros limpos.

— Sou demasiado jovem para ter um cuidador!

— Está bem. Então que tal chamarmos-lhe assistente pessoal?

Ele riu-se.

— Quem é ela? Não posso ter uma conservadora na casa. E não quero uma miúda colada ao telemóvel o tempo todo.

— Claro que não.

— E quero alguém do Norte. Não desgosto das pessoas do Sul, mas ter uma em casa três vezes por semana seria demais.

— Ela é mais ou menos do Norte… do Norte da Eslováquia. Chama-se Lydia. Tem vinte e cinco anos, fala muito bem inglês e é

cuidadora, desculpa, assistente pessoal a meio tempo de uma senhora numa aldeia vizinha.

— Tens uma foto dela?

— Não. Vais conhecê-la quando voltares para casa, que espero seja amanhã.

❁

Edward teve alta no dia seguinte, e Erika esperava-o em casa com Lydia. Ele gostou dela, deram-se logo bem, e Erika sentiu que a última peça do quebra-cabeças fora posta no sítio.

Passou o resto do dia e o seguinte com Edward. No domingo, dia 14 de janeiro, regressou a Londres. Ele acompanhou-a ao táxi, andando com a ajuda de uma bengala, e abraçaram-se.

— Tens de continuar a fazer os exercícios — disse Erika.

— Sim, querida.

— E continuar a comer bem. A Lydia traz-te um *goulash* amanhã.

— Estou ansioso.

— E usa a cadeira elevatória. Não te exibas para ela a mostrar que consegues subir as escadas sozinho.

Ele assentiu.

— Pedi à Lydia para se certificar de que usas essas meias de compressão durante mais duas semanas. Elas impedem…

— Sim, a formação de coágulos — completou ele, levantando a bainha das calças para mostrar as meias verdes. — E vens ver-me mais vezes?

— Claro que sim.

Erika sentiu que ia chorar, então abraçou-o de novo e entrou no táxi. A viagem até Londres de comboio foi rápida. A neve derretera e, apesar de ter estado ocupada nas últimas duas semanas e meia, sentia-se descansada. A pausa fizera-lhe bem.

Quando entrou em casa, encontrou-a gelada, e havia uma pilha enorme de correio no tapete.

❁

Na manhã seguinte, acordou cedo e foi de carro para Lewisham Row. Atravessou a receção e cumprimentou o sargento Woolf, um grande agente de rosto vermelho que estava a poucas semanas da reforma.

— Feliz Ano Novo — desejou ela.

— Caramba, está um pouco atrasada — respondeu ele. — O Ano Novo parece já pertencer ao passado. Já se veem ovos de Páscoa nas lojas!

Erika foi buscar um café e subiu para o seu gabinete no quarto andar, começando a despachar o correio e os *e-mails* acumulados nas últimas duas semanas. Por volta do meio da manhã, bateram à porta e a superintendente Hudson espreitou lá para dentro.

— Seja bem-vinda. Como está o sogro?

— Quase recuperado… estou apenas a pôr a escrita em dia — respondeu ela, indicando uma pilha de pastas na mesa.

— Enviei-lhe um *e-mail* ontem e não queria que ele se perdesse no meio dos que tem aí. Estamos a preparar o material para enviar para o Ministério Público e para a equipa de defesa envolvida no caso do Taro Williams. Temos a correspondência oficial do ADN, ligando-o a dois dos ataques, com provas circunstanciais suficientes para o implicar nos outros ataques. As imagens das câmaras serão enviadas junto com uma declaração da senhora Fryatt em relação ao homicídio da Marissa Lewis.

— Declaração da senhora Fryatt?

— Sim, no seu depoimento, ela disse que o Taro Williams atacou a Marissa algumas semanas antes de a matar.

— Isso é um pouco vago, ela declarou que a Marissa disse…

— O caso está praticamente encerrado. Temos imagens dele a seguir a Marissa até casa. Quero que verifique tudo e envie o seu relatório antes. A Moss e o Peterson trabalharam nisso enquanto esteve fora, como com certeza sabe.

— Está confiante numa condenação pelo homicídio da Marissa?

— Tão confiante quanto se pode estar com imagens, uma amostra de ADN, uma história passada de violência… Não vai dizer-me que

acha que há um assassino imitador lá fora?

— Não. Estou apenas a fazer perguntas. Não há perguntas estúpidas quando se trata de uma investigação de homicídio — respondeu Erika.

Melanie assentiu.

— O Taro Williams tem dinheiro, tem os melhores dos melhores a trabalhar para ele, e sabe como eles podem ser bons a farejar um pequeno erro na investigação. Tem uma cópia de tudo aí em cima.

— Vou analisá-la agora.

O telemóvel de Melanie tocou e ela saiu. Erika tirou o dossiê da pilha e começou a lê-lo. Havia depoimentos de todas as vítimas de ataques, da mãe de Marissa, da senhora Fryatt e de alguns colegas de Marissa. O que transtornou Erika foi o depoimento de Moss a descrever a sua provação.

Erika estudou as fotos da detenção de Taro Williams. Era um homem grande, com rosto largo. Parecia impassível, com olhos mortiços. Entrou no programa Holmes e leu os interrogatórios da polícia que iam ser enviados para o Ministério Público. Fora interrogado três vezes em dois dias. Da primeira, Taro Williams estava impassível frente a Peterson, e nas outras, Peterson encontrava-se acompanhado de McGorry. Taro permanecera com algemas durante os três interrogatórios, apesar de o seu advogado pedir que fossem removidas. Sentava-se debruçado sobre a mesa. A *T-shirt* e as calças de fato de treino que usava pareciam pequenas, como se tivesse sido enfiado à força na roupa. Erika fez avançar o segundo interrogatório até ao fim e depois viu Taro levantar-se para sair. Ele era bem mais alto do que o advogado, McGorry e Peterson, que tinha um metro e oitenta.

Erika voltou a analisar as filmagens da câmara frente à casa de Marissa Lewis na noite em que ela fora morta. Viu Taro Williams chegar à casa antes de Marissa. A figura vestida de preto, usando máscara de gás, passou pelo portão, movendo-se cuidadosamente na neve, quase cambaleando na superfície escorregadia. Chegou ao portão e olhou para o jardim e para a casa. Então avançou para o beco ao lado, a fim de esperar nas sombras.

Erika olhou para as anotações com o carimbo da hora e fez avançar a filmagem. Marissa apareceu no portão. Era uma rapariga muito bonita, pensou, vendo-a mover-se graciosamente com o casaco comprido, o *nécessaire* preso no braço. Marissa abriu o portão e entrou, desaparecendo nas sombras do jardim. Dez segundos depois, a figura de preto, usando a máscara de gás, saiu das sombras no beco e aproximou-se do portão com uma faca comprida.

— Aí estás tu, Taro — murmurou Erika. No ecrã, ele entrou pelo portão e foi engolido pela escuridão.

Erika olhou para as imagens e sentiu o pânico subir no peito. Fez recuar as imagens para quando a figura na máscara de gás chegou ao portão, tornou a vê-las, e depois novamente. Com as mãos a tremer, voltou para a filmagem do terceiro interrogatório de Taro Williams, quando Peterson o levara para a sala. Fez uma pausa e comparou-o com a figura ao lado do portão. Pegou no telefone e ligou a Melanie.

— Tem de vir já aqui — disse ela.

66

— Qual é a altura do Taro Williams? — perguntou Erika.

Melanie estava sentada ao seu lado, a olhar para as imagens da casa de Marissa na véspera de Natal.

— Não sei. É alto… — começou Melanie.

— Tem um metro e noventa e três — disse Erika, mostrando a folha da detenção. — Olhe para as filmagens de novo. — Avançou a imagem para pouco antes de Marissa Lewis aparecer, regressando a casa. Parou o vídeo quando ela chegou ao portão. — A Marissa Lewis tinha um metro e cinquenta e sete. Pode ver que ela é apenas um pouco mais alta do que o pilar do portão.

— Certo — disse Melanie, parecendo desconfortável com o rumo da conversa.

Erika pegou num autocolante e fixou-o no cimo da cabeça de Marissa.

— Certo, vamos prosseguir com a imagem — disse Erika. — Tendo em conta o marcador no ecrã… — A figura com a máscara avançou pela neve com dificuldade, de cabeça baixa. Erika parou o vídeo quando ela chegou ao portão. — Pode ver aqui que a pessoa com a máscara de gás…

— Taro Williams — insistiu Melanie.

— A pessoa com a máscara de gás é pouco mais alta do que a Marissa. — Colou outro autocolante no ecrã, ligeiramente acima do primeiro. — O Taro Williams é trinta e cinco centímetros mais alto do que a Marissa Lewis. Aquela pessoa na máscara não é o Taro Williams. A menos que ele tenha encolhido.

Melanie inclinou-se e tornou a analisar as imagens, a sua expressão a toldar-se.

— Estamos a comparar a altura das duas pessoas com um objeto fixo, o pilar do portão — disse Erika.

— Merda.

— E a defesa iria aproveitar isto. Vi casos resolvidos por diferenças de altura de centímetros. Eles pediriam para analisar as filmagens e fariam testes mais rigorosos do que meros autocolantes no ecrã.

— Porra! — praguejou Melanie, batendo com a mão na mesa. — O nosso caso está lixado. Já não temos caso.

— Temos sim! — retorquiu Erika. — O Taro Williams atacou cinco pessoas e podemos ligá-lo graças ao ADN, mas estou mais preocupada em saber quem diabo matou a Marissa e usava aquela máscara de gás. Não foi o Taro Williams.

67

No início da manhã seguinte, Erika parou à porta da casa de Moss em Ladywell. Preparava-se para sair do carro, mas Moss entretanto apareceu e entrou.

— Bom dia. É bom ver que está inteira — disse ela, dando a Moss um abraço inesperado.

— Oh, já sabe como sou. Nunca caio, só abano — retorquiu Moss, corando.

Erika ligou o motor e seguiram em silêncio por um minuto. Lançou a Moss um olhar de esguelha. O seu silêncio era raro. Ela estava sempre otimista e tagarela.

— Está a chorar? — perguntou Erika.

— Não — respondeu Moss, limpando as lágrimas, furiosa.

— É muito cedo para alergias.

— Deixei escapar aquilo da altura nas câmaras. É um erro de novata. Sinto alguma vergonha…

— De quem é a culpa?

— Minha.

Erika assentiu.

— Ganha pontos por assumir a responsabilidade. Ficaria aborrecida se tentasse culpar outra pessoa.

— Não é o meu estilo, chefe.

— Eu sei.

— Quando apanhámos o Taro Williams, entrámos em modo de recolha de provas. A maior parte da equipa foi posta noutros casos, então, perdi mão de obra. Mais uma vez, isso não é desculpa. Não fui talhada para mandar. Percebi que prefiro estar em segundo plano.

— Mas apanhou o Taro Williams.

Moss abanou a cabeça.

— Acho que simplesmente esbarrei nele. E quase morri no processo.

— Mas não morreu. E ele teria continuado a atacar pessoas e agora está preso.

— Preso, e ainda a recusar-se a falar.

— Isso não é novidade. Ele pode falar ou ficar calado. De qualquer maneira, temos o ADN.

— A chefe é uma poetisa, e não sabia.

Erika sorriu.

— Como já disse fez um ótimo trabalho.

Moss gesticulou com a mão, corando novamente.

— Chega de falar de mim. Como correram as coisas no Norte?

— O Edward está bem. Durante muitos anos, foi o adulto responsável, e eu a miúda. Agora, que tenho de cuidar dele, percebi como envelheci.

— A chefe não é velha! Como é o ditado? A idade é um estado de espírito.

— Não há nada a acontecer nesse departamento, a menos que eu conte a do velho no supermercado que se esfregou em mim na caixa.

Moss sorriu.

— É bom tê-la de volta, Erika.

— Obrigada — agradeceu ela, sorrindo também. — É bom estar de volta. Agora, é ir em frente. Esperemos hoje descobrir alguma coisa.

Erika fez pisca e viraram para a Coniston Road, dirigindo-se à casa de Mandy Trent.

❋

Estacionaram a alguma distância. A neve derretera há muito e na escola em frente os alunos estavam no intervalo. O recreio encontrava-se repleto e o barulho que faziam enchia a rua. Erika e Moss saíram do carro e juntaram-se à pequena equipa da polícia científica que montava o equipamento do lado de fora do portão. Metade do recreio em frente fora isolado para poderem efetuar o teste

usando a câmara fixa na parede da escola. Um dos técnicos posicionava um retângulo de plástico, semelhante a uma régua gigante, ao lado do portão. Tinha dois metros de altura e marcas vermelhas a cada cinco centímetros. Mais acima, na rua, uma técnica instalava um tripé à mesma altura. Algumas das crianças mais curiosas observavam-nos do gradeamento.

Erika e Moss apresentaram-se à equipa e entraram pelo portão. A sebe fora cortada, deixando apenas o muro baixo que rodeava o minúsculo jardim, que sem neve não passava de um quadrado de terra. A mãe de Marissa, Mandy, também observava tudo da porta. Tinha um ar desgrenhado e fumava um cigarro. Cumprimentaram-na e perguntaram como se sentia. Ela respondeu que começara os preparativos para o funeral de Marissa, que se realizaria dali a uns dias.

— Quero que toquem o «All Things Bright and Beautiful», porque adorava cantar esse hino quando andava na escola — disse ela, puxando uma baforada no cigarro. — Acham bem?

— Sim, adoro esse hino — respondeu Moss.

— E muitas flores. Vou ter lírios, pois a Marissa adorava-os. O ex-marido de Joan tem uma florista em Honor Oak Park… vai arranjar-me alguns abertos. Detesto lírios quando estão fechados — disse ela. — Fui ao funeral do Joseph Pitkin no outro dia, fiquei sentada atrás. Puseram lírios em cima do caixão e estavam todos fechados. Foi a enterrar, e eu só pensava que eles nunca abririam com este tempo frio. Iriam murchar antes de terem a oportunidade de florescer… E isso fez-me pensar na Marissa. Ela foi morta antes de ter a oportunidade de florescer. Como chamam a isso?

Erika e Moss entreolharam-se.

— Foi uma tragédia — respondeu Erika.

— Não — disse Mandy, atirando, impaciente, a beata para a cerca. — O nome daquilo? Metáfora. Os lírios fechados são uma metáfora para a Marissa e para o Joseph.

Erika e Moss assentiram em concordância.

— Então porque estão a medir o meu portão?

— É para as câmaras. É um procedimento normal; ajuda-nos a fornecer mais pormenores em tribunal.

— Faz diferença que eu tenha cortado a cerca? Não me sentia segura com ela ali. Assim ninguém tem onde se esconder.

— Não há problema — respondeu Erika. Viam bem a rua e Don Walpole saiu de casa com um saco de lixo. Viu-as, assentiu com a cabeça e voltou para dentro. Mandy acendeu outro cigarro.

— A Jeanette já veio do hospital. Puseram-lhe um implante no estômago, para a impedir de beber. Um gole de álcool e ela vomita tudo… só espero que ele tenha um bom fornecimento de champô para alcatifas.

— Já encaixotou as coisas da Marissa? — perguntou Erika.

— Não. Ainda não fui capaz. Não até ela ser enterrada. A Joan é boa nas limpezas; disse que vinha ajudar-me. Depois decidimos o que guardar e o que dar a uma instituição de caridade. Muita da roupa dela de trabalho pode ser vendida no eBay.

— Leve o seu tempo, nunca há pressa com essas coisas.

— Ainda bem que apanharam o estupor que lhe fez aquilo… Vi as notícias, sei que ele andava pelas ruas à noite. Esta é uma zona menos boa, mas nunca esperamos que esse tipo de coisa aconteça à nossa porta.

— Importa-se se dermos uma última olhadela ao quarto da Marissa, só para ter a certeza absoluta de que temos tudo para o tribunal? — perguntou Erika.

— Ora essa, subam. Já sabem onde é — respondeu Mandy.

O sol apareceu e ela encostou a cabeça à parede de tijolo, fechando os olhos e levantando o rosto pálido.

Entraram e subiram as escadas até ao quarto da frente. Parecia exatamente na mesma: os cartazes na parede e todo o equipamento burlesco estava intacto. Erika foi até à janela e olhou para a rua. Vários vizinhos tinham saído para observar a equipa de técnicos. A campainha tocou em frente, assinalando o fim do intervalo, e as crianças correram para a parte de cima do recreio. Mandy atravessara a rua, ainda de chinelos, camisa de dormir e sobretudo, e conversava

com Joan, que fumava um cigarro à porta.

— Os brincos de diamante ainda me incomodam — disse Erika. — Sinto que são a chave. Por que motivo foi a Marissa ao joalheiro onde o Charles Fryatt trabalhava? Ele sabia que ela foi lá? Li os relatórios, e ele diz que só soube quando o McGorry voltou com a amiga da Marissa, Ella. E negam que os brincos eram os da senhora Fryatt.

— O Charles Fryatt tem um álibi, a mulher, e também é muito alto — disse Moss, pegando no atiçador junto à pequena lareira e examinando a ponta.

— Segundo o Martin do Matrix Club e a Ella, uma das bailarinas, a Marissa disse que roubou os brincos de diamante à senhora Fryatt, mas quem fala verdade? Não sabemos de onde vieram esses brincos, ou onde estão agora.

— A Mandy podia tê-los tirado do cadáver? — sugeriu Moss, juntando-se a ela à janela.

Joan e Mandy estavam a acender novos cigarros.

— Ainda não sabemos ao certo onde a Mandy dormiu na noite em que a Marissa morreu. Ela disse-nos que dormia no quarto das traseiras, mas havia vestígios de que dormira no sofá.

— Estava um edredão no sofá lá em baixo — disse Erika. — Mas isso dificilmente é uma prova. Ela pode ter dormido lá a sesta.

— Erika. Este caso resume-se à altura do assassino. Não gira tudo à volta dos diamantes, ou melhor dizendo, dos brincos de diamante.

— O que acabou de dizer?

— Este processo vai ser solucionado quando determinarmos a altura da pessoa que a matou; sabemos que não foi o Taro Williams…

— Não, depois disso.

— Não gira tudo à volta dos brincos. Pelo menos, não acho que gire.

Erika começara a andar de um lado para o outro.

— Quando eu e o Peterson fomos ao Matrix Club, o homem que faz a roupa disse-nos que a Marissa passava a vida a falar na importância «do diamante» e não «diamantes». Que seria «o diamante» a deixá-la

rica… Ele disse mais ou menos o seguinte: «Sei que a Marissa era estúpida, mas sabia a diferença entre singular e plural.» Se ela não falava dos brincos de diamante, falava de quê?

— Agora estou confusa — disse Moss. — Há um diamante bordado nos trajes dela. — Foi até aos três manequins junto à parede com os trajes de Marissa, com o logótipo do diamante bordado. — Ela planeava ir para Nova Iorque e apresentar-se como Honey Diamond. Talvez achasse que faria fortuna lá?

Erika abanou a cabeça e olhou pela janela. Mandy e Joan continuavam a conversar. Joan disse qualquer coisa pelo canto da boca e Mandy soltou uma gargalhada, expelindo uma longa pluma de fumo. As últimas crianças entravam na escola, e um dos técnicos dirigia-se a um grupo de vizinhos.

— Recuem, por favor! — pediu, acenando-lhes com as mãos enluvadas. Começaram a recuar, duas idosas e um rapaz, lembrando ovelhas a ser conduzidas.

Erika olhou para o quarto e viu uma grande foto emoldurada na parede, entre as fotos publicitárias de Marissa. Era de um diamante enorme, engastado num anel, a refulgir. Aproximou-se e tirou cuidadosamente a foto da parede. Começou a examiná-la. Havia um papel na parte detrás.

— Tem aí luvas de látex? — perguntou.

Moss procurou nos bolsos e entregou-lhe um par.

68

Erika pousou a moldura voltada para baixo na cama e ficaram a olhar para o papel.

— A moldura é velha e de fraca qualidade — comentou Erika. — E a imagem do diamante está desvanecida, como se tivesse apanhado sol, mas este papel aqui atrás parece novo.

Erika tirou uma tesoura de unhas de um caneteiro na secretária perto da janela, e Moss segurou a moldura enquanto ela cortava com cuidado o papel e, em seguida, o retirava com cuidado. Observaram-no. Não havia nada lá dentro além de um pedaço de cartão. Erika soltou-o delicadamente da moldura. Parecia grosso e ergueu-o contra a luz.

— Está desbotado de um lado, mas a parte detrás é branca — disse Moss. — Apenas o lado voltado para a janela se desvaneceria.

Erika examinou as extremidades do cartão.

— Há uma pequena sobreposição aqui, olhe, com este lado branco, e o outro que tem um tom mais amarelado.

— São duas folhas, e foram coladas — disse Moss.

Erika passou os dedos enluvados sobre a imagem do diamante. Parou no centro.

— Há aqui um alto; parece que está qualquer coisa lá dentro. Pode ser papel dobrado ou um envelope colado entre os dois cartões.

❁

Erika e Moss guardaram tudo num saco de provas e levaram-no para Lewisham Row, para uma das salas de exames. Calçaram luvas e máscaras e, com a ajuda de um bisturi, Erika separou cuidadosamente os dois cartões colados.

— Cuidado — disse Moss, vendo Erika empurrar devagar o bisturi entre os dois bocados de cartão.

Erika conseguiu por fim separá-los.

Lá dentro havia um pequeno envelope castanho.

— Devíamos levar isso para análise — disse Moss.

— Eu sei. Não vou tocar onde o envelope está colado. Talvez se encontre ali saliva…

Cortou cuidadosamente a parte de cima do envelope com o bisturi, e tirou dois papéis dobrados. O primeiro era uma imagem digitalizada de documentos de identidade alemães, datados de outubro de 1942. Pertenciam a uma jovem chamada Elsa Neubukov.

A mulher na foto em sépia tinha vinte e dois anos, tendo nascido em janeiro de 1920. Havia três impressões digitais nos documentos: um polegar e os indicadores direito e esquerdo. O que fez gelar Erika foi o carimbo do Terceiro Reich, a Alemanha nazi: a águia de asas abertas e, por baixo, a suástica. A mulher da foto em sépia tinha cabelo curto e loiro, testa alta e rosto bonito, e olhava quase desafiadoramente para a objetiva.

— Esta Elsa nasceu em mil novecentos e vinte. Teria noventa e sete, quase noventa e oito anos — observou Moss.

Voltaram a atenção para o segundo papel. Era outra imagem digitalizada, desta vez de um passaporte austríaco. Datava de seis anos depois, três anos após o final da Segunda Guerra Mundial. A foto era diferente, mas era a mesma mulher. O nome dizia Elsa Becher. Tinha a mesma data de nascimento e as mesmas impressões digitais.

Moss e Erika entreolharam-se.

— Qual é a data de nascimento e o nome de solteira da Elsa Fryatt?

— Podemos descobrir em breve — respondeu Erika. Tirou o telemóvel do bolso e procurou a morada de Elsa Fryatt e os registos camarários. — A data de nascimento é a mesma. Precisamos de verificar o seu nome de solteira.

— A Elsa Fryatt tem uma identidade falsa? — admirou-se Moss.

— Isto são cópias, onde estão os originais? — questionou-se Erika.

Observou o primeiro papel e viu que no verso havia um número de telefone escrito a caneta. Era grande, e Erika não reconheceu o indicativo. Havia também um endereço de Internet que terminava em

.de, de Alemanha.

— Acha que é a letra da Marissa? — perguntou Moss.

— Em breve descobriremos — respondeu Erika, já a marcar o número.

69

Dois dias mais tarde, depois de seguirem várias pistas, Erika e Moss chegaram à casa de Elsa Fryatt. Era uma manhã cinzenta e a rua lá fora estava vazia e silenciosa. Moss olhou com nervosismo para Erika quando abriram o portão e começaram a dirigir-se à porta da frente. Estavam prestes a tocar à campainha quando a senhora Fryatt apareceu no portão atrás delas, trazendo sacos de compras.

— Bom dia. Posso ajudá-las? — perguntou ela, tirando uma chave do bolso do casaco.

Enquanto se aproximava, Erika reparou como ela era ágil para uma mulher de noventa e sete anos.

— Bom dia, senhora Fryatt. Viemos devolver os brincos de diamante que o meu colega levou para análise — disse Erika, mostrando um pequeno saco de provas com a caixa de veludo.

— E são precisas duas pessoas para fazer isso? — questionou a senhora Fryatt, pousando os sacos e abrindo a porta.

Erika esboçou um sorriso desarmante.

— Sabemos que são muito valiosos, e só precisamos que assine alguns formulários para confirmar que lhos devolvemos e que está tudo em ordem. — Por momentos, pensou que a senhora Fryatt não as convidaria a entrar, mas ela cedeu.

— Muito bem — disse. Moss fez menção de pegar nos sacos de compras, mas a senhora Fryatt afastou-a com um gesto. — Eu desenvencilho-me.

Seguiram-na e percorreram o longo corredor até à cozinha. Charles enchia a chaleira de água e empalideceu ao ver Erika e Moss.

— Charles, importas-te de fazer chá para as senhoras agentes? Vieram devolver os meus brincos. — Lançou-lhe um olhar e ele assentiu. Despiu o casaco e pendurou-o nas costas de uma cadeira. — E arruma as minhas compras.

Deixaram Charles na cozinha e seguiram-na até à grande sala de estar. A senhora Fryatt indicou-lhes o sofá e instalou-se na poltrona

em frente.

— Certo. Aqui estão os seus brincos — disse Erika, pousando o pequeno saco de provas na mesa de centro à sua frente. — Confirme, por favor.

A senhora Fryatt colocou os óculos, tirou a caixa do saco e abriu-a. Os brincos cintilavam na pequena almofada azul.

— Sim, os meus bebés — disse ela, segurando-os contra a luz.

— Também precisamos que assine um formulário a declarar que os brincos lhe foram devolvidos — acrescentou Erika. — Confirme que está tudo em ordem e que são de facto os seus brincos.

Ouviram um tilintar quando Charles trouxe uma pilha de chávenas de chá numa bandeja. As mãos tremiam-lhe quando as tirou e pousou na mesa.

— Charles, preciso que os analises com o teu olhar de especialista — pediu a senhora Fryatt, entregando-lhe os brincos na caixa. — Tenho de confirmar que são os meus. Sei a diferença entre um diamante e um zircão, mas preciso de ter a certeza de que as senhoras agentes não estão a enganar-me. — Sorriu a Erika e Moss, mas o sorriso não chegou aos olhos.

Charles tirou uma lupa de joalheiro do bolso e analisou os brincos.

— Ele anda sempre preparado. — A senhora Fryatt sorriu com indulgência.

Charles olhou para elas, a respirar pesadamente, e então foi até à janela vê-los à luz. Só se ouvia o tiquetaque do relógio.

— Está tudo bem? — perguntou Erika.

— Sim — respondeu ele, voltando e colocando a caixa na mesa.

Moss abriu a pasta que trazia e tirou um formulário pré-preenchido, pousando-o diante da senhora Fryatt.

— Confirme se o seu nome e endereço estão corretos e assine por baixo — disse ela.

A senhora Fryatt pegou numa caneta a um canto da mesa, leu o formulário e assinou.

Erika inclinou-se e pousou a identificação digitalizada de Elsa Neubukov em cima do formulário. Em choque, a Sra. Fryatt olhou para a fotografia em sépia e para o carimbo com a suástica do Terceiro Reich durante um longo momento. Então fitou Erika. Os seus olhos deslocaram-se para Moss e depois para Charles, cuja boca também estava aberta. Ela recostou-se e levou a mão trémula à boca.

— Encontrámos esses papéis escondidos num quadro no quarto da Marissa Lewis — explicou Erika. — Juntamente com isto… — Pousou uma cópia do passaporte austríaco de Elsa Becher, com data de seis anos depois, ao lado dos documentos. Em seguida, fez aparecer a cópia da certidão de casamento de Elsa Fryatt e Arnold Fryatt, e colocou-a ao lado do passaporte austríaco. — Como vê, podemos provar que a Elsa Neubukov se tornou Elsa Becher e depois Elsa Fryatt. Todas elas são a senhora.

— Isto é um absurdo — disse a senhora Fryatt. A cor abandonara o seu rosto e as mãos tremiam-lhe. Inclinou-se e pegou na digitalização dos documentos alemães. — Isto não é original. Não passa de uma piada de mau gosto. Aquela rapariga era mentirosa, e hoje em dia podem fazer-se todo tipo de coisas nos computadores…

— Pode ver que há um número de telefone escrito no verso — disse Erika. — A mãe da Marissa confirmou que é a letra da filha. É o número de telefone do doutor Arnold Schmidt, que trabalha em Hamburgo num gabinete responsável pela investigação de crimes de guerra nazis.

Charles encostara-se à parede ao lado da porta, pálido e parecendo maldisposto.

— Devia sentar-se, Charles — sugeriu Erika. Ele avançou para o sofá e sentou-se frente à mãe. — O doutor Schmidt não estava a par da sua identidade, senhora Fryatt; mas a Marissa, sim. Ou juntou as peças quando encontrou estes documentos. Ligou para ele algumas semanas antes do Natal, a fazer perguntas vagas. Afirmou ter visto um artigo num dos tabloides a dizer que esses alegados caçadores de nazis ofereciam uma recompensa por informações sobre qualquer pessoa que tivesse trabalhado em campos de concentração durante a guerra. Ele afirma que lhe disse que a recompensa era de dois mil euros… acho que a Marissa percebeu que poderia ganhar mais

dinheiro a chantageá-la.

— Mentiras! — sussurrou ela. — Aquela cabra inventou isso. Onde estão os originais? Diga-me! Onde?

Moss abriu a pasta novamente e entregou a Erika uma folha de papel.

— Senhora Fryatt, ou posso tratá-la por Elsa Neubukov? A Elsa trabalhou no campo de concentração de Mauthausen-Gusen, na Alta Áustria.

— Mentira! A Áustria nunca foi um participante voluntário da guerra. Fomos anexados ao Terceiro Reich alemão. As pessoas não tinham escolha, acabámos por nos tornar parte de tudo devido aos caprichos dos políticos.

— O doutor Schmidt acedeu rapidamente aos registos do campo de Mauthausen-Gusen. A Elsa trabalhou lá — disse Erika.

— Não me chame isso! — gritou ela, pondo as mãos nos ouvidos.

— A senhora participou no extermínio de pessoas, puramente com base na raça. Foram usadas para trabalho escravo, alvo de experiências e torturadas.

Elsa bateu com a mão na mesinha de centro.

— Acha que fomos responsáveis por isso? Acha que era o que o povo austríaco queria? Não tivemos escolha! — exclamou, com os olhos a brilhar.

— Mauthausen foi um dos maiores complexos de campos de concentração na parte da Europa controlada pela Alemanha — disse Erika.

— Não preciso de uma maldita lição de história! — gritou Elsa.

Charles olhava fixamente para a papelada na mesa.

— Os prisioneiros de Mauthausen-Gusen foram obrigados a trabalhar na montagen de armas, na extração de pedras — prosseguiu Erika. — As condições eram horríveis. O que fazia a senhora exatamente? Os registos indicam que era guarda, o que é muito amplo, mas era sua função controlar os prisioneiros, não é verdade? Deslocá-los de um lado para o outro, disciplinar, executar

ordens. E de quem eram essas ordens? De Hitler e do Terceiro Reich. Ordens para remodelar a Europa segundo os seus ideais arianos. Considera-se parte de uma raça superior? O que pensa de mim, Elsa? Sou eslava e fomos considerados pelo Terceiro Reich uma raça subumana inferior.

— Senhoras agentes, isto é demais. A minha mãe é uma senhora de idade, olhem para ela! — interveio Charles.

— Demais? — repetiu Erika, começando a perder a paciência. — Devemos esquecer só porque ela é de idade? Ou talvez eu esteja a ser demasiado política? Ou a tentar forçar as minhas ideias liberais? — Charles abanou a cabeça. — Fico doente só de pensar que qualquer coisa relacionada com o Holocausto e com os campos de concentração seja de alguma forma diminuída pelo tempo.

O assassínio sistemático de milhões de pessoas com base na composição genética ou na cor da pele é algo que nunca deve ser esquecido ou desculpado. Ainda continua. A sua mãe é tão culpada hoje como há todos aqueles anos. — Olhou para Elsa e em volta para a opulenta casa, para as roupas finas de Elsa e para os brincos de diamante que estavam na caixa aberta ao lado das chávenas de chá.

— Doutor Schmidt, doutor Schmidt — resmungou Elsa. — Que idade tem ele?

— Não sei — respondeu Erika.

— Tem a mesma idade que eu? — insistiu Elsa, batendo no peito com os dedos.

— Está em idade de trabalhar. Na casa dos cinquenta.

— Então como pode ele saber como foi? — bradou Elsa.

— A Elsa era guarda num campo de concentração. Não num acampamento de férias! — interveio Moss.

— Se eu tivesse recusado o trabalho, tinham-me internado naquele campo! — insistiu Elsa em voz baixa, os olhos a refulgir. — Os soldados alemães foram a todas as quintas… Vivíamos numa zona rural, tínhamos uma quinta. O meu pai era um dos melhores agricultores da região e percorreram todas as casas a exigir que os jovens adultos fossem trabalhar nos campos. Disseram-nos que, se

não o fizéssemos, seríamos mandados para lá com a família. Nunca passaram por isso, não podem imaginar como foi!

— Ainda assim, sobreviveu e deve ter visto morrer centenas, até milhares — disse Erika.

— Tem família? — perguntou Elsa.

— Não.

— Você? — apontou para Moss.

— Sim — respondeu Moss.

— Tem filhos?

— Um rapazinho.

— Então, se o exército alemão lhe batesse à porta e lhe dissesse que, se não fosse trabalhar no campo, o seu filho morreria numa câmara de gás, o que faria?

— Lutaria. Lutaria pelo meu filho e contra eles — respondeu Moss, corada e a tremer.

— Toda a gente tem valores morais até a sua vida estar em risco.

Erika resistiu ao impulso de dar um soco na cara da velha e, quando olhou para o outro lado, viu Moss a lutar contra o mesmo impulso.

— Então, saíam todos os dias para trabalhar e brutalizavam os prisioneiros, enviavam pessoas para a morte e colaboravam no extermínio de milhões de pessoas. Assobiava a caminho do trabalho, achando que estava segura?

— Claro que não!

— O campo de concentração onde foi guarda era de nível três, os mais difíceis para os «incorrigíveis inimigos políticos do Reich». E também um dos mais lucrativos.

— Quantas vezes tenho de lhe dizer? Eu não concordava com o Hitler! Trabalhei lá porque fui obrigada!

Ficaram em silêncio por um momento, e Erika ouviu de novo o relógio.

— Elsa. O seu filho casou-se com uma judia — disse Erika. — Não

percebo.

— Nós não sabíamos — interveio Charles, falando pela primeira vez. — O meu pai foi para o túmulo sem saber. A minha mãe mudou de nome quando emigrou para Inglaterra. Arranjou documentos falsos. O meu pai sabia que ela era austríaca e filha de um agricultor. Sabia que a Áustria fora ocupada, mas nenhum de nós sabia… — Enterrou a cabeça nas mãos.

— Quando é que a Marissa descobriu a sua identidade? — perguntou Erika.

— Algumas semanas antes do Natal. Guardei este segredo durante anos e bastou o cofre não estar bem trancado. — Elsa abanou a cabeça. — Um erro, um pequeno erro e tudo… tudo desaba.

— Guardava os documentos naquele cofre e o seu marido não sabia?

— Eu tinha um cofre num banco em Londres… abri-o quando cheguei ao Reino Unido na década de cinquenta. Guardei esses documentos, porque eu era essa pessoa. O meu apelido não tinha nada que ver com o partido nazi. Era um bom nome. Devia ter queimado os papéis, mas não consegui. Então, o banco mudou de instalações e contactaram-me há alguns anos, logo depois de o meu marido morrer, e guardei-os no cofre aqui em casa.

Elsa recostou-se e fechou os olhos.

— Quando começou a Marissa a chantageá-la? — perguntou Moss.

— Para começar, dei-lhe aqueles brincos de diamante. Achei que seria o suficiente para a manter calada, mas não foi. Ela percebeu quais seriam as consequências para a minha família, para o Charles e a família, se as pessoas descobrissem. Os Litman têm uma joalharia lucrativa em Hatton Garden, que é historicamente um negócio judeu. Pensem no que aconteceria se fosse divulgado que a mãe dele… — Calou-se. Parecia cansada, resignada com o destino.

— Disse-nos que a Marissa fora atacada por um homem com uma máscara de gás algumas semanas antes do Natal — interveio Erika.

— Sim.

— Queria fazer-nos pensar que ela tinha sido um dos alvos dele antes?

— Era a oportunidade perfeita. O homem da máscara de gás aparecia nas primeiras páginas dos jornais; o público andava com medo… Foi mais ou menos na altura em que ouvi na mercearia alguém falar de uma jovem que ele atacara, à noite, ao sair da estação de comboios rumo a casa.

— Era possível que ele pudesse ter atacado a Marissa — disse Moss.

Elsa assentiu.

— Para cometer o homicídio perfeito, é precisa a cobertura perfeita — observou Erika. — E essa encontrava-se no Taro Williams.

— Levámos algum tempo a aceder aos registos do telemóvel da Marissa. Agora sabemos que ela lhe ligou, Charles, pouco antes de entrar no comboio para Brockley na véspera de Natal.

Ele olhou para cima, no sofá.

— Ela ligou-me a dizer que queria mais dinheiro, ou joias, o que quer que fosse mais rápido — disse Charles, pondo a cabeça entre as mãos. — Disse que ia para fora, precisava disso depressa… Já lhe tínhamos dado os brincos e dinheiro. Não tive escolha. Aquilo nunca pararia; ela continuaria a chantagear-nos e a ameaçar-nos.

— Onde arranjou a máscara de gás? — perguntou Erika.

— Numa loja de coisas em segunda mão no Soho — respondeu Charles. Baixou a cabeça e começou a chorar.

— O único problema é que o Charles tem álibi para a véspera de Natal — disse Erika. Ele fitou-a. — Temos imagens suas numa estação de serviço no norte de Londres, onze minutos antes do homicídio da Marissa. Era impossível ter chegado lá.

Olharam para Elsa.

— Ninguém acredita que uma mulher de noventa e sete anos tivesse forças para matar uma jovem robusta de vinte e dois anos — disse Elsa com um sorriso malicioso e astuto.

O ambiente na sala pareceu gelar.

— Está a admitir que o fez? — perguntou Erika.

Elsa abanou a cabeça, ainda a sorrir.

— A autópsia revelou que a Marissa foi morta por um tipo particular de faca. Uma lâmina de vinte centímetros, com rebordo serrilhado em cima — prosseguiu Erika. — Quando a polícia revistou a sua casa com o mandado, um dos meus agentes levou uma faca idêntica… Não era considerada um bem valioso; portanto, a senhora não foi informada. Tenho a certeza de que a lavou, mas ficaria surpreendida ao saber as quantidades ínfimas com que a ciência moderna consegue trabalhar. Encontrámos quantidades microscópicas de osso e sangue da Marissa Lewis nessa faca…

O sorriso desapareceu do rosto de Elsa e a sua boca estava aberta, horrorizada.

— Não só isso, também fizemos corresponder a faca aos cortes no corpo da Marissa — continuou Erika. — A sua faca é a arma do crime. E usámos a mais recente tecnologia para analisar a câmara frente à casa da Marissa, que filmou o crime. Podemos fazer corresponder a sua altura à da figura com a máscara de gás.

— Não… não! — gritou Elsa.

— E a última peça do quebra-cabeças… bem, é a melhor até agora. Na véspera de Natal, quando a Marissa desceu do comboio em Brockley, levava postos os brincos de diamante — disse Erika, indicando a caixa ainda aberta na mesa. — A Jeanette Walpole confirmou que a Marissa os usava, e também vimos na gravação das câmaras da estação de Brockley que a Marissa falou com dois jovens bêbedos nos degraus da ponte pedonal. Esses tipos reles tentavam engatá-la, e pediram-lhe que tirasse uma *selfie* com eles, sem dúvida para mostrarem aos amigos.

Moss tirou outra foto da pasta. Era a *selfie*, em alta definição, de Marissa com os dois jovens. Ela usava os brincos.

— Foi tirada cerca de quinze minutos antes da sua morte — disse Erika. — Analisámos os brincos à procura de ADN, como a senhora sugeriu. Além de pequenas quantidades de suor e óleo, estavam cobertos de sangue. A olho nu, pareciam limpos, mas usámos uma substância química chamada luminol, que mostra vestígios de sangue

em objetos. Provavelmente já viu isso em séries policiais. Adquire uma cor azul sob a luz certa. Descobrimos que ambos os brincos estavam saturados de sangue. Demasiado para ter sido provocado por um corte simples. A Elsa matou a Marissa. Cortou-lhe a garganta com a faca e, enquanto ela morria, tirou-lhe os brincos de diamante.

A campainha da porta tocou e depois esta abriu-se. Peterson entrou na sala de estar com McGorry e três agentes fardados.

Erika olhou para eles e assentiu. Elsa recostou-se. Tinha uma expressão abatida e estava muito pálida.

— Não… não… — balbuciou, mas a sua bravata e confiança tinham-se evaporado.

— Elsa Fryatt, vou prendê-la pelo homicídio de Marissa Lewis. Não precisa de dizer nada, mas pode prejudicar a sua defesa se não mencionar, quando interrogada, algo que mais tarde refira em tribunal. Tudo o que disser pode ser usado como prova contra si. Também a informo de que um advogado do tribunal internacional de crimes de guerra e o Governo alemão pediram para falar consigo acerca do seu tempo como guarda no campo de concentração de Mauthhausen-Gusen, e dos crimes que cometeu contra a humanidade durante a Segunda Guerra Mundial.

A senhora Fryatt olhou para ela. Então agarrou num abre-cartas dourado que estava na mesinha e lançou-se a Erika, segurando-o pelo punho. Peterson correu para a frente e pegou-lhe no pulso, a ponta da lâmina a centímetros do rosto de Erika.

— Mãos pretas. Tire essas mãos pretas imundas de cima de mim — sibilou Elsa, com os olhos a brilhar de ódio.

Peterson tirou-lhe o abre-cartas da mão. Prendeu-lhe os braços junto ao flanco, e McGorry algemou-lhe as mãos atrás das costas.

Elsa olhou para Erika.

— Nunca vão entender. Se eu voltasse atrás, faria o mesmo.

— Levem-na — disse Erika.

Peterson levou Elsa da sala de estar para o carro-patrulha que os aguardava.

EPÍLOGO

Erika, Moss, Peterson e McGorry viram Elsa e Charles serem levados para dois carros. Quando o carro com Elsa se afastou, ela ia muito direita, cabeça erguida, a olhar em frente. Quando o segundo carro o seguiu, Charles estava curvado, de cabeça baixa e chorava.

Do outro lado da rua, os vizinhos tinham surgido nos portões e nas portas, e outros espreitavam pelas cortinas.

— Pergunto-me o que pensarão quando souberem que viviam ao lado de uma assassina e criminosa de guerra nazi — disse McGorry.

— Ficarão chocados, tenho a certeza. Ela estava sempre muito bem vestida — disse Moss. — Isso oculta uma série de pecados.

Erika sorriu.

— O que vai acontecer-lhe agora? — perguntou McGorry.

— Mesmo sendo velha, vamos tentar que seja julgada pelo homicídio da Marissa — respondeu Erika. — E o Charles será acusado de cumplicidade. Estou apenas preocupada com as outras acusações. Os crimes de guerra históricos. Quero que ela viva o suficiente para pagar pelo que fez durante a guerra.

— Espero que viva muito tempo e apodreça na prisão — comentou Peterson.

Uma carrinha preta parou junto ao passeio e uma equipa da polícia científica saiu e foi examinar a casa. Erika pegou num cigarro e acendeu-o. Peterson lançou um olhar a Moss.

— Anda, John — disse ela. — Vamos beber um café.

— Já bebi dois… — começou ele, mas Moss abriu-lhe os olhos e ele seguiu-a pelo portão.

Peterson mudou de posição e olhou para Erika.

— Estás bem? — perguntou ela.

— O quê?

— Por causa da Elsa e do que ela disse.

— Nunca nos habituamos ao racismo. Existe sempre. Todos os dias, de alguma forma ou feitio…

Erika assentiu e não soube o que dizer.

— Queria falar contigo sobre outra coisa. Não trabalho — disse ele.

— O quê?

— Devia ter-te falado logo do Kyle e da Fran… tentei dizer-te na noite em que fomos ao clube, mas… acobardei-me.

— Depois de todas estas revelações, o facto de seres pai já não parece tão chocante.

— Se vês as coisas assim…

— Não posso dizer que estou radiante por ti, James, mas hei de lá chegar — disse Erika.

— Está bem.

— Sempre quiseste ter filhos, e escapaste à fase da mudança das fraldas…

Ele abanou a cabeça.

— Desculpa, isto saiu mal — acrescentou ela.

— Tudo bem. Sei o que queres dizer. — Ele sorriu. — Estamos bem? Podemos ser amigos?

— Sim, podemos — respondeu ela.

Ficou contente quando o telemóvel de Peterson tocou e ele fez sinal que tinha de atender.

— Vejo-te no café?

Ela assentiu e viu-o afastar-se e atender o telefone com um grande sorriso.

❋

Ficou junto ao portão, a fumar. Saboreou a sensação de alívio e euforia por ter concluído mais um caso. Não soube quanto tempo ali ficou, até que olhou para baixo e viu quatro beatas no chão.

— Que se lixe — murmurou. — Não é todos os dias que se apanha uma assassina e criminosa de guerra nazi antes do almoço. — Pegou

no maço e acendeu outro cigarro. Um dos agentes fardados saiu da casa e aproximou-se dela.

— Desculpe interromper, inspetora. Acho que descobrimos o casaco que a assassina usou, enfiado nas tábuas do soalho. E uma máscara de gás. Ambos parecem cobertos de sangue.

— Entro já — respondeu ela.

O agente voltou para dentro e Erika ficou um momento a saborear o seu êxito. Um pássaro cantava no cimo de uma árvore, e ela olhou para o céu claro, a desfrutar do som. Deu uma passa no cigarro recém-aceso antes de o apagar na sola da bota e voltar a guardá-lo no maço.

Então entrou na casa.

UMA NOTA DO ROB

Em primeiro lugar, quero agradecer-vos muito por terem decidido ler *Segredos Mortais*. Se estão a pegar num dos meus livros pela primeira vez, ou se voltaram para ler mais sobre Erika Foster, ficaria grato se pudessem escrever um breve comentário. Não precisa de ser longo, apenas algumas palavras, mas faz muita diferença e ajuda os novos leitores a descobrirem um dos meus livros pela primeira vez.

Adoro ouvir as vossas ideias e ler as vossas mensagens. Obrigado a todos os leitores que me escreveram, li e apreciei cada mensagem. Podem entrar em contacto pela minha página do Facebook, através do Twitter, do Goodreads ou do meu *site*, que encontram em www.robertbryndza.com. Há mais livros na calha: portanto, espero que me acompanhem durante a viagem!

Robert Bryndza

P.S. Se quiserem receber um *e-mail* a informar quando será lançado o meu próximo livro, podem inscrever-se na minha *mailing list* usando o *link* abaixo. O vosso endereço de *e-mail* nunca será partilhado e podem cancelar a inscrição a qualquer momento.

www.bookouture.com/robert-bryndza

@RobertBryndza

@bryndzarobert

www.robertbryndza.com.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Oliver Rhodes, Claire Bord e à maravilhosa equipa da Bookouture. Agradeço também a Rebecca Bradley, pelo *feedback* e pelos conselhos sobre os procedimentos policiais. Todas as liberdades tomadas são minhas.

Agradeço à minha incrível agente, Amy Tannenbaum Gottlieb, por me guiar nos últimos meses com tanta graciosidade e inteligência. Agradeço também à igualmente incrível Danielle Sickles, e a todos na agência Jane Rotrosen. Agradeço a Jan Cramer pela maravilhosa narração em audiolivro da série Erika Foster.

Agradeço à minha sogra, Vierka, por todo o amor e apoio, e pelo desenho da máscara de gás. Deixaste-me orgulhoso e criaste algo arrepiante. Um grande obrigado ao meu marido, Ján, por ler intermináveis rascunhos e aturar o meu comportamento de escritor maluco. Se houvesse uma categoria de prémios literários para os cônjuges do escritor, ganharias todos os anos. E agradeço a *Riky* e *Lola*, pelo amor incondicional e por tornarem os nossos dias tão alegres e divertidos.

E, finalmente, aos meus maravilhosos leitores, a todos os incríveis grupos de leitura, *bloggers* e críticos no mundo inteiro. Um escritor não é nada sem os leitores. Obrigado.